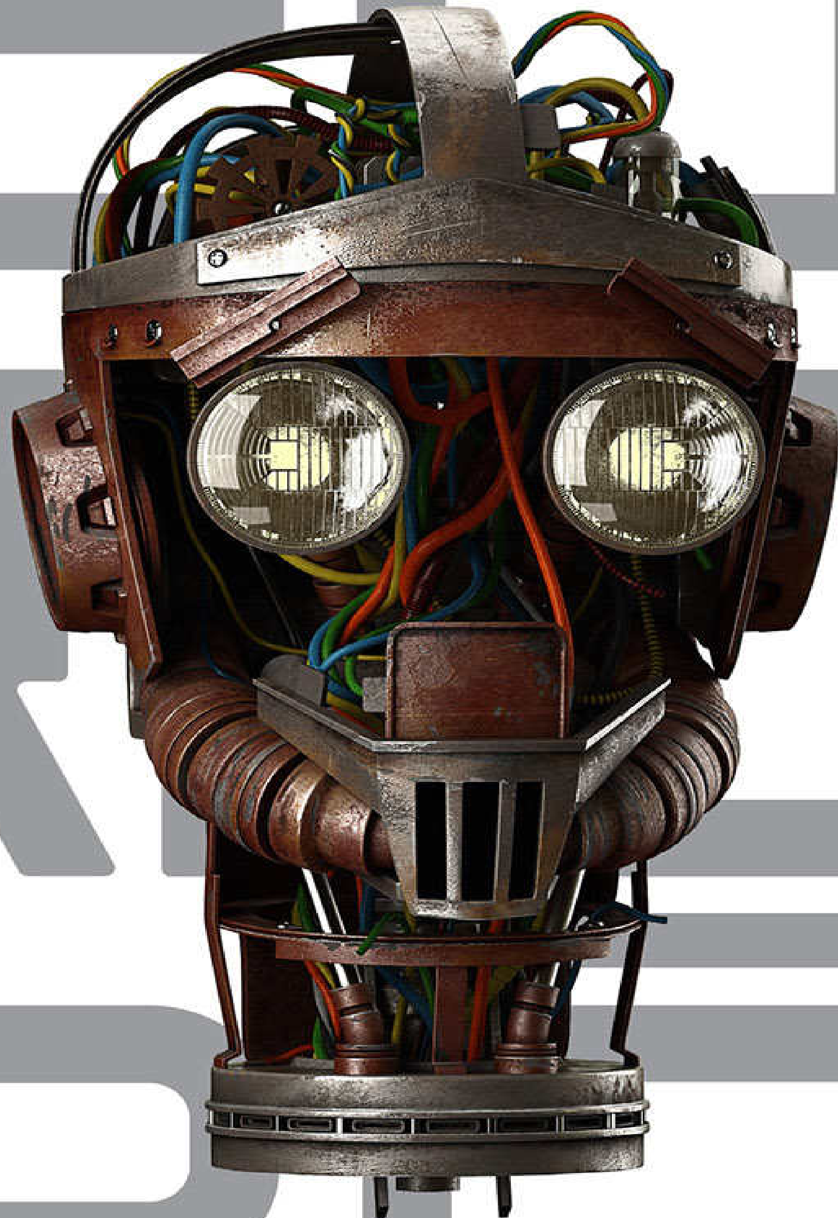
ISAAC ASIMOV

EU, ROBÔ





ISAAC ASIMOV

EU, ROBÔ

Tradução
Aline Storto Pereira

A John W. Campbell Jr.,
que apadrinhou os robôs

SUMÁRIO

EU, ROBÔ

INTRODUÇÃO

O LHEI PARA AS MINHAS ANOTAÇÕES e não gostei delas. Eu tinha passado três dias na U.S. Robots e poderia muito bem tê-los passado em casa, com a Enciclopédia Telúrica.

Susan Calvin havia nascido no ano de 1982, disseram-me, o que queria dizer que ela tinha 75 anos agora. Todos sabiam disso. De forma mais do que apropriada, a U.S. Robots and Mechanical Men, Inc. também tinha 75 anos, uma vez que fora no ano do nascimento da dra. Calvin que Lawrence Robertson conseguira os documentos de constituição do que viria a ser o mais estranho gigante industrial da história da humanidade. Bom, todos sabiam disso também.

Aos 20 anos de idade, Susan Calvin participara de um seminário específico sobre Psico-matemática, no qual o dr. Alfred Lanning, da U.S. Robots, apresentara o primeiro robô móvel a ser equipado com voz. Era um robô grande, desajeitado e feio, cheirava a óleo de máquina e fora destinado a trabalhar nas minas projetadas em Mercúrio. Mas podia falar e se fazer entender.

Susan não disse nada naquele seminário; não participou do agitado ciclo de discussão que se seguiu. Ela era uma garota indiferente, simples e sem graça, que se protegia de um mundo do qual não gostava com uma aparência inexpressiva e uma hipertrofia do intelecto. Mas, conforme ela observava e ouvia, sentiu a agitação de um entusiasmo frio.

Ela se formou em Columbia, em 2003, e começou a pós-graduação em cibernética.

Tudo o que havia sido feito em meados do século 20 em relação a "máquinas de calcular" fora revirado por Robertson e por suas vias de cérebro positrônico. Os quilômetros de retransmissões e fotocélulas tinham dado lugar ao esponjoso globo de platina-irídio mais ou menos do tamanho de um cérebro humano.

Ela aprendeu a calcular os parâmetros necessários para corrigir possíveis variáveis no "cérebro positrônico", a construir "cérebros" na teoria, de tal forma que as respostas dadas aos estímulos podiam ser previstas com exatidão.

Em 2008, ela terminou o doutorado e começou a trabalhar na United States Robots como "psicóloga roboticista", tornando-se a primeira grande profissional de uma nova ciência. Lawrence Robertson ainda era presidente da companhia; Alfred Lanning tinha se tornado diretor de pesquisa.

Durante cinquenta anos, ela observou o progresso humano mudar de direção − e dar um salto adiante.

Agora ela estava se aposentando − na medida em que lhe era possível. Pelo menos, estava permitindo que colocassem o nome de outra pessoa na porta de sua sala.

Essencialmente, era isto o que eu tinha: uma longa lista de suas publicações e das patentes em seu nome, os detalhes cronológicos de suas promoções. Em resumo, tinha informações sobre seu "currículo" profissional nos mínimos detalhes.

Mas não era isso o que eu queria.

Eu precisava de mais para os meus artigos especiais para a Imprensa Interplanetária. Muito mais.

Disse isso a ela.

− Dra. Calvin – disse eu, de forma tão sedutora quanto possível –, aos olhos do público a senhora e a U.S. Robots são idênticos. Sua aposentadoria vai encerrar uma era e...

− Você quer abordar o tema pelo ângulo do interesse humano? – Ela não sorriu para mim. Acho que ela não sorria nunca. Mas seu olhar era penetrante, embora não mostrasse raiva. Senti-o passando por mim e atravessando meu occipício, e soube que eu era estranhamente transparente para ela; que todos eram.

Mas eu respondi:

− Isso mesmo.

− Interesse humano pelos robôs? Isso é uma contradição.

− Não, doutora. Interesse pela senhora.

− Bem, eu mesma já fui chamada de robô. Com certeza já lhe disseram que não sou humana.

Disseram, mas não havia razão para mencioná-lo.

Ela se levantou da cadeira. Não era alta e parecia frágil. Eu a acompanhei até a janela e olhamos para fora.

Os escritórios e as fábricas da U.S. Robots formavam uma pequena cidade esparramada e planejada. Era plana como uma fotografia aérea.

− Quando cheguei aqui – disse ela –, eu tinha uma salinha em um edifício bem ali onde fica o corpo de bombeiros agora – apontou. − Eu dividia a sala com outras três pessoas. Eu tinha meia mesa. Construíamos nossos robôs todos em um único edifício. Resultado: três robôs por semana. Agora olhe para nós.

− Cinquenta anos – disse eu, repetindo um clichê – é muito tempo.

− Não quando relembrados – comentou ela. – Você se pergunta como eles passaram tão rápido.

Ela voltou para a mesa e se sentou. De certo modo, ela não precisava de uma expressão no rosto para parecer triste.

− Quantos anos você tem? – ela quis saber.

− Trinta e dois – respondi.

− Então não se lembra de um mundo sem robôs. Houve um tempo em que o homem enfrentou o universo sozinho e sem amigos. Agora ele tem criaturas para ajudá-lo; criaturas mais fortes que ele próprio, mais fiéis, mais úteis e totalmente devotadas a ele. A humanidade não está mais sozinha. Já pensou sobre essa questão desse modo?

− Infelizmente não. Posso citá-la?

− Pode. Para você, um robô é um robô. Engrenagens e metal, eletricidade e pósitrons. Mente e ferro! Fabricado por humanos! Se necessário, destruído por humanos! Mas você não trabalhou com eles, então não os conhece. Eles são uma espécie melhor e mais perfeita que a nossa.

Tentei incentivá-la um pouco com palavras:

− Gostaríamos de ouvir algumas das coisas que a senhora teria para nos contar; seu ponto de vista sobre os robôs. A Imprensa Interplanetária chega a todos os cantos do Sistema Solar. O público potencial é de 3 bilhões, dra. Calvin. Eles deveriam saber o que a senhora teria a lhes dizer sobre os robôs.

Não era necessário incentivar. Ela não me ouviu, mas estava indo na direção certa.

− Eles deveriam ter ouvido isso desde o início. Nós vendíamos robôs para uso na Terra, naquela ocasião... antes mesmo da minha época. É claro que isso ocorreu quando os robôs não podiam falar. Depois eles se tornaram mais humanos, e começou a objeção. Naturalmente, os sindicatos se opuseram à competição dos robôs por empregos humanos, e vários

segmentos de viés religioso tinham suas objeções supersticiosas. Tudo isso era bastante ridículo e inútil. E, no entanto, aconteceu.

Eu estava registrando tudo no meu gravador portátil, palavra por palavra, tentando não mostrar os movimentos da minha mão. Se praticar um pouco, você consegue chegar ao ponto de gravar com precisão sem tirar a pequena engenhoca do bolso.

− Veja o caso de Robbie – continuou ela. – Eu não o conheci. Ele foi desmontado um ano antes de eu entrar para a companhia. Estava irremediavelmente obsoleto. Mas eu vi a garotinha no museu...

Ela parou, mas eu não disse nada. Deixei seus olhos se encherem d'água e sua mente viajar no tempo. Ela tinha um longo período de tempo a percorrer.

− Eu ouvi falar sobre ele depois, e, quando nos chamavam de blasfemos e criadores de demônios, eu sempre pensava nele. Robbie era um robô sem voz. Ele não podia falar. Foi fabricado e vendido em 1996. Aquela foi a época que antecedeu a especialização extrema, então ele foi vendido como babá.

− Como o quê?

− Como babá.

1 ROBBIE

– NOVENTA E OITO, NOVENTA e nove, cem. – Gloria tirou o bracinho rechonchudo da frente dos olhos e ficou de pé por um instante, franzindo o nariz e piscando sob a luz do sol. Então, tentando observar todas as direções ao mesmo tempo, ela se afastou com alguns passos cautelosos da árvore na qual estava encostada.

Ela levantou a cabeça para investigar as possibilidades de um amontoado de arbustos à direita, depois se afastou para obter um ângulo melhor a fim de ver seus vãos escuros. O silêncio era profundo, exceto pelo incessante zumbido de insetos e o ocasional gorjeio de um pássaro robusto, desafiando o sol do meio-dia.

− Aposto que ele foi pra dentro de casa – disse Gloria, fazendo beicinho –, e eu disse a ele um milhão de vezes que isso não é justo.

Apertando os pequeninos lábios e fazendo uma carranca que lhe franzia a testa, ela seguiu de maneira resoluta para a construção de dois andares que ficava logo após a entrada da garagem para os carros.

Ela ouviu, tarde demais, o farfalhar atrás de si, seguido pelo ploc-ploc característico e ritmado dos pés metálicos de Robbie. Ela se virou para ver seu companheiro triunfante sair do esconderijo e correr para a árvore a toda velocidade.

Gloria gritou, aflita:

− Espere, Robbie! Isso não foi justo, Robbie! Prometeu que não iria correr até eu encontrar você. – Seus pezinhos não conseguiriam fazer grandes progressos contra as passadas gigantescas de Robbie. Então, a pouco mais de três metros do alvo, as passadas de Robbie diminuíram de repente a um mero passo de tartaruga; com uma última arrancada em velocidade, ela passou correndo por ele, ofegante, para tocar no tronco da árvore primeiro.

Com alegria, ela se virou para o fiel Robbie e, com a mais vil ingratidão, recompensou-o por seu sacrifício zombando dele de forma cruel por sua falta de habilidade ao correr.

− Robbie não consegue correr – gritou ela o mais alto que pôde com sua voz de menina de 8 anos. – Posso vencê-lo a qualquer momento. Posso

vencê-lo a qualquer momento. – Ela cantava as palavras em um tom estridente.

Robbie não respondia, é claro; não com palavras. Em vez disso, ele imitava uma corrida, distanciando-se até que Gloria estivesse correndo atrás dele, esquivando-se dela por pouco, forçando-a a girar inevitavelmente em círculos, chacoalhando os bracinhos estendidos.

− Robbie – gritou ela –, fique parado! – E ela soltou uma risada por entre espasmos ofegantes.

Até que ele se virou de repente e a levantou, rodopiando-a, de forma que, para ela, o mundo sumia por um instante deixando um vazio azul embaixo, e árvores verdejantes se estendiam com avidez em direção ao vácuo. Então ela voltou à grama uma vez mais, encostada na perna de Robbie e ainda segurando um dedo rígido e metálico.

Depois de algum tempo, Gloria recobrou o fôlego. Ajeitou inutilmente o cabelo desgrenhado em uma vaga imitação de um dos gestos da mãe e se virou para ver se o vestido estava rasgado.

Ela deu um tapa no torso de Robbie:

– Menino mau! Vou bater em você!

E Robbie se encolheu, colocando as mãos sobre o rosto, de modo que ela teve de acrescentar:

– Não vou não, Robbie. Não vou bater em você. Mas, de qualquer forma, é minha vez de me esconder agora, porque você tem pernas mais compridas e prometeu não correr até que eu o encontrasse.

Robbie concordou com a cabeça (um pequeno paralelepípedo com bordas arredondadas cujos cantos eram ligados por meio de um tubo pequeno e flexível a outro paralelepípedo semelhante, porém muito maior, que servia de torso) e virou-se para a árvore de maneira obediente. Uma película fina e metálica cobriu seus olhos brilhantes e de dentro do seu corpo surgiu um constante e sonoro tique-taque.

– Não espie, e não pule nenhum número – advertiu Gloria, e correu para se esconder.

Com uma regularidade invariável, os segundos se passaram e, no centésimo, subiram as pálpebras; com seu tom de vermelho brilhante, os olhos de Robbie analisaram as possibilidades. Eles pararam um instante sobre um pedaço de tecido xadrez colorido que assomava por detrás de uma rocha. O robô avançou alguns passos e se convenceu de que era Gloria que estava agachada ali atrás.

Devagar, permanecendo sempre entre Gloria e a árvore, ele avançou rumo ao esconderijo; quando Gloria estava inequivocamente à vista e não podia mais sequer dizer a si mesma que não tinha sido descoberta, ele estendeu um braço na direção dela, batendo o outro contra a própria perna, de modo que voltou a fazer barulho. Gloria saiu do esconderijo de mau humor.

– Você espiou! – exclamou ela injustamente. – Além disso, estou cansada de brincar de esconde-esconde. Quero um passeio.

Mas Robbie ficou magoado com a acusação injusta, então se sentou com cuidado e chacoalhou pesadamente a cabeça de um lado para o outro.

Gloria mudou de imediato para um tom de gentil persuasão:

– Vamos lá, Robbie. Eu não quis dizer que você espiou. Leve-me para um passeio.

No entanto, Robbie não iria se deixar persuadir com tanta facilidade. Ele olhou de forma obstinada para o céu e chacoalhou a cabeça de forma ainda mais enfática.

– Por favor, Robbie, por favor, me leve para um passeio. – Ela envolveu o pescoço do robô com os braços rosados e deu-lhe um abraço apertado. Depois, mudando de humor por um instante, ela se afastou.

– Se não me levar, vou chorar – e contorceu terrivelmente o rosto, preparando-se para fazê-lo.

O insensível Robbie prestou pouca atenção a essa horrível possibilidade e chacoalhou a cabeça uma terceira vez. Gloria achou necessário usar seu trunfo.

– Se não me levar – exclamou ela de forma acalorada –,não vou mais contar histórias pra você, e pronto. Nem umazinha...

Robbie cedeu imediata e incondicionalmente diante desse ultimato, afirmando de modo enérgico com a cabeça até o metal do pescoço chiar. Com cuidado, ele levantou a garotinha e a colocou em seus largos e achatados ombros.

A ameaça de choro de Gloria se desvaneceu de imediato e ela gritou de felicidade. A pele metálica de Robbie, mantida a uma temperatura constante de mais ou menos 21 graus por bobinas de alta resistência, passava uma sensação agradável e confortável, assim como era encantador o barulho maravilhosamente alto que os saltos dos sapatos da menina faziam quando ela batia de forma ritmada contra o peito do robô.

– Você é uma aeronave costeira, Robbie, uma grande aeronave prateada. Estenda os seus braços para os lados. Você *tem* que fazer isso, Robbie, se quiser ser uma aeronave.

A lógica era irrefutável. Os braços de Robbie eram asas pegando as correntes de ar e ele era uma aeronave prateada.

Gloria virou a cabeça do robô e inclinou-se para a direita. Ele se curvou de maneira brusca. Gloria equipou a aeronave costeira com um motor que fazia "brrr" e depois com armas que faziam "pow" e "ssssshhhhh". Piratas estavam em perseguição e as armas da nave estavam entrando em ação. Os piratas chegavam aos montes.

– Peguei mais um. E outros dois – gritou ela.

E depois:

– Mais rápido, homens – disse Gloria de maneira imponente –, estamos ficando sem munição. – Ela fez pontaria por cima do ombro com uma coragem destemida e Robbie era uma nave espacial com dianteira achatada zumbindo pelo vácuo em aceleração máxima.

Ele acelerou por todo o campo até um trecho de grama alta do outro lado, onde parou tão de súbito que provocou um grito de sua ruborizada passageira, e então a fez rolar na relva macia e verde.

Gloria arquejou e resfolegou, soltando sussurradas exclamações intermitentes de "isso foi *legal* !".

Robbie esperou até ela recuperar o fôlego e depois puxou delicadamente uma mecha de cabelo.

– Você quer alguma coisa? – disse Gloria, os olhos arregalados com um ar de aparente e despretensiosa complexidade que não enganou nem um pouco sua enorme "babá". Ele puxou o cacho com mais força.

– Ah, eu sei. Você quer uma história.

Robbie aquiesceu sem demora.

– Qual?

Robbie fez um semicírculo no ar com o dedo.

– *De novo* ? – protestou a garotinha. – Eu contei Cinderela pra você um milhão de vezes. Você não se cansa dela? É coisa de bebê.

Outro semicírculo.

– Ah, tudo bem.

Gloria se preparou, examinou os detalhes do conto em pensamento (bem como suas criações próprias, as quais ela tinha em grande quantidade) e começou:

– Está pronto? Bem... era uma vez, havia uma linda menininha chamada Ella, que tinha uma madrasta terrivelmente malvada e duas meias-irmãs muito feias e *muito* malvadas e...

* * *

Gloria estava se aproximando do clímax da história – era quase meia-noite e tudo estava voltando ao seu surrado formato original em um piscar de olhos; Robbie ouvia tudo sob grande tensão nervosa e com os olhos brilhando – quando houve uma interrupção.

– Gloria!

Era o som estridente de uma mulher que estivera chamando não uma, mas várias vezes; e tinha o tom nervoso de alguém cuja ansiedade estava começando a superar a impaciência.

– Mamãe está me chamando – disse Gloria, não muito feliz. – É melhor você me levar de volta pra casa, Robbie.

Robbie obedeceu de pronto, pois, de algum modo, havia uma coisa nele que achava melhor obedecer a sra. Weston sem a mínima hesitação. O pai de Gloria raramente estava em casa durante o dia, exceto no domingo – hoje, por exemplo –, e, quando estava, mostrava ser uma pessoa amigável e compreensiva. A mãe de Gloria, contudo, era uma fonte de inquietação para Robbie, e havia sempre o impulso de sair de fininho de perto dela.

A sra. Weston os avistou assim que se levantaram de trás das moitas de grama alta que os camuflava, e se recolheu para dentro de casa para esperar.

– Quase fiquei rouca de tanto gritar, Gloria – disse ela, brava. – Onde você estava?

– Eu estava com Robbie – disse Gloria com voz trêmula. – Eu estava contando Cinderela pra ele e esqueci que era hora do jantar.

– Bem, é uma pena que Robbie tenha esquecido também. – E então, como se isso a tivesse lembrado da presença do robô, ela se virou para ele. – Pode ir, Robbie. Ela não precisa de você agora. – E em seguida, acrescentou com brutalidade: – E não volte até que eu o chame.

Robbie se virou para ir embora, mas hesitou quando Gloria gritou em sua defesa:

– Espere, mamãe, a senhora precisa deixar Robbie ficar. Eu não terminei de contar Cinderela pra ele. Eu disse que ia contar Cinderela e a história não acabou.

– Gloria!

– De verdade, de verdade mesmo, mamãe, ele vai ficar tão quieto que a senhora não vai nem perceber que ele está aqui. Ele pode se sentar na poltrona do canto, e não vai dizer uma palavra; quero dizer, ele não vai *fazer* nada. Não é, Robbie?

Robbie, quando chamado, meneou a cabeça maciça para cima e para baixo uma vez.

– Gloria, se você não parar com isso imediatamente, não vai ver Robbie durante uma semana.

A menina baixou os olhos.

– Tudo bem! Mas Cinderela é a história favorita dele e eu não terminei... e ele gosta tanto dessa história.

O robô saiu com um passo triste e Gloria conteve um soluço.

* * *

George Weston estava confortável. Era um hábito seu ficar confortável aos domingos. Um belo e farto almoço em um lugar reservado; um bom sofá macio e bem gasto em que se esparramar; um exemplar do *Times* ; chinelos nos pés e sem camisa. Como seria possível não estar confortável?

Ele não ficou satisfeito, portanto, quando sua mulher entrou. Depois de dez anos de casados, ele ainda era indescritivelmente tolo a ponto de amá-la, e não havia dúvida de que ele ficava sempre feliz em vê-la. No entanto, as tardes de domingo logo após o jantar eram sagradas para ele, e sua ideia de completo conforto era ser deixado em solidão absoluta por duas ou três horas. Por conseguinte, ele fixou o olhar nas últimas notícias sobre a expedição Lefebre-Yoshida a Marte (esta deveria decolar da Base Lunar e poderia realmente ser bem-sucedida) e fingiu que ela não estava lá.

A sra. Weston esperou pacientemente por dois minutos, depois impacientemente por mais dois, e por fim quebrou o silêncio.

– George!

– Hum?

– George, estou falando com você! *Quer fazer o favor* de abaixar esse jornal e olhar pra mim?

Farfalhando, o jornal caiu ao chão e Weston virou-se para a mulher com um ar aborrecido:

– O que foi, querida?

– Você sabe o que é, George. É Gloria e aquela máquina horrível.

– Que máquina horrível?

– Não finja que não sabe do que eu estou falando. É aquele robô que Gloria chama de Robbie. Ele não a deixa nem por um segundo.

– Bem, e por que ele deveria? Ele não deve deixá-la. E ele com certeza não é uma máquina horrível. É o melhor robô que o dinheiro pode comprar e tenho certeza absoluta de que ele me custou a renda de seis meses. Mas ele vale a pena,é muito mais esperto que metade do pessoal do meu escritório.

Ele fez um movimento para pegar o jornal de volta, mas sua mulher foi mais rápida e o pegou com violência.

– Ouça o que *eu* digo, George. Não vou confiar a minha filha a uma máquina, e não me importa quão esperta ela seja. Ela não tem alma e ninguém sabe o que pode estar pensando. Crianças simplesmente não foram feitas para serem protegidas por uma coisa de metal.

Weston franziu as sobrancelhas.

– Quando você decidiu isso? Ele está com Gloria há dois anos e eu não vi você se preocupar até agora.

– Era diferente no começo. Era novidade, diminuiu a quantidade de trabalho que eu tinha e... estava na moda. Mas agora não sei. Os vizinhos...

– Bom, o que os vizinhos têm a ver com isso? Veja bem. Um robô é infinitamente mais confiável que uma babá humana. Na verdade, Robbie foi construído com uma única finalidade: ser o companheiro de uma criancinha. Toda a sua "mentalidade" foi construída com esse propósito. Para ele, é impossível não ser fiel, dedicado e gentil. Ele é uma máquina, uma máquina *construída* assim. É mais do que se pode dizer dos humanos.

– Mas algo pode dar errado. Algo... algo... – a sra. Weston falou de modo um tanto nebuloso sobre o interior de um robô. – Algum pequeno dispositivo pode se soltar e aquela coisa horrível pode ficar possuída e... e... – ela não conseguia completar um pensamento bastante óbvio.

– Bobagem – negou Weston com um tremor nervoso involuntário. – Isso é absolutamente ridículo. Na época em que compramos Robbie, tivemos uma longa conversa sobre a Primeira Lei da Robótica. Você *sabe* que, para um robô, é impossível ferir um ser humano; que muito antes que algo possa dar errado a ponto de alterar a Primeira Lei, um robô ficaria completamente inoperante. É uma impossibilidade matemática. Além disso, um engenheiro da U.S. Robots vem aqui duas vezes por ano para fazer uma revisão completa na coitada da engenhoca. A chance de qualquer coisa que seja dar errado com Robbie não é maior do que a chance de você ou eu de

repente ficarmos loucos. É consideravelmente menor, na verdade. Além disso, como você vai afastá-lo de Gloria?

Ele fez outra tentativa de pegar o jornal e sua mulher o jogou no outro cômodo com raiva.

– Mas é isso, George. Ela não brinca com mais ninguém. Há dezenas de garotinhos e garotinhas com quem ela deveria fazer amizade, mas ela não faz. Ela não chega *perto* deles a não ser que eu a force a fazê-lo. Isso não é jeito de uma menininha crescer. Você quer que ela seja normal, não quer? Você quer que ela seja capaz de participar da sociedade?

– Você está assustada a troco de nada, Grace. Finja que Robbie é um cachorro. Já vi centenas de crianças preferirem a companhia do cachorro à do pai.

– Um cachorro é diferente, George. *Precisamos* nos livrar daquela coisa horrível. Você pode vendê-lo de volta para a empresa. Eu perguntei, você pode.

– Você *perguntou* ? Veja bem, Grace, não vamos beirar ao extremismo. Continuamos com o robô até Gloria ficar mais velha e eu não quero que esse assunto seja mencionado de novo.

Com essas palavras, ele saiu da sala com raiva.

* * *

A sra. Weston encontrou o marido à porta duas noites depois.

– Você precisa ouvir isso, George. Há um mau pressentimento na vizinhança.

– Sobre o quê? – perguntou Weston. Ele entrou no lavatório e sufocou qualquer resposta possível com o esguicho da água.

A sra. Weston esperou.

– Sobre Robbie – respondeu ela.

Weston saiu do lavatório com a toalha na mão, o rosto vermelho e bravo.

– Do que você está falando? – Ah, é algo que está ganhando cada vez mais força. Tentei fechar os olhos à questão, mas não vou fazer mais isso. A maioria dos moradores considera Robbie perigoso. As crianças estão proibidas de chegar perto da nossa casa à noite.

– Nós confiamos a *nossa* filha a essa coisa.

– Bem, as pessoas não são racionais quanto a essas coisas.

– Então elas que vão para o inferno.

– Dizer isso não resolve o problema. Eu preciso fazer as minhas compras aqui nesta cidadezinha. Tenho que encontrá-los todos os dias. E é pior ainda nas cidades grandes hoje em dia, no que se refere a robôs. Nova York aprovou um decreto proibindo a presença de quaisquer robôs entre o pôr do sol e o amanhecer.

– Tudo bem, mas eles não podem nos impedir de ter um robô dentro de casa. Grace, esta é uma de suas campanhas contra o robô. Eu a reconheço. Mas é inútil. A resposta ainda é não! Vamos continuar com Robbie!

* * *

E, no entanto, ele amava a mulher. E o que era pior, sua mulher sabia. George Weston era, afinal de contas, apenas um homem, coitado; e sua mulher se valia de todo e qualquer artifício que um sexo mais inábil e mais escrupuloso aprendeu, com razão e inutilidade, a temer.

Dez vezes ao longo da semana seguinte ele gritou “Robbie fica, e esta é a minha última palavra”, e o grito era cada vez mais fraco e acompanhado por um gemido mais alto e mais agonizante.

Chegou por fim o dia em que Weston se aproximou da filha de modo culposo e sugeriu que fossem a um “lindo” show visivox na cidade.

Gloria bateu palmas, alegre:

– Robbie pode ir?

– Não, querida – disse ele, e recuou diante do som da própria voz –,não vão permitir um robô no visivox; mas você pode contar tudo a ele quando voltar. – Ele tropeçou sobre as últimas palavras e desviou o olhar.

Gloria voltou da cidade transbordando de entusiasmo, pois o visivox tinha sido de fato um espetáculo lindo.

Ela esperou o pai colocar o carro a jato na garagem em desnível.

– Espere só até eu contar a Robbie, papai. Ele teria adorado o show. Principalmente quando Francis Fran, que estava se afastando tããão quietinho, acabou encostando em um dos Homens-Leopardo e teve que correr. – Gloria riu de novo. – Papai, existem de verdade Homens-Leopardo na Lua?

– É provável que não – disse Weston, distraído. – É só um faz de conta divertido. – Ele não demoraria muito mais tempo com o carro. Iria ter de encarar a situação.

Gloria correu pelo gramado.

– Robbie! Robbie!

Então ela parou de repente ao avistar um lindo collie que olhava para ela com sérios olhos castanhos enquanto abanava o rabo contra uma coluna da varanda.

– Ah, que cachorro lindo!

Gloria subiu os degraus, aproximou-se com cautela e o acariciou.

– É para mim, papai?

A mãe tinha se juntado a eles.

– É sim, Gloria. Não é lindo, macio e peludo? Ele é muito dócil e *gosta* de garotinhas.

– Ele sabe brincar?

– É claro. Ele sabe fazer inúmeros truques. Você gostaria de ver alguns deles?

– Agora mesmo. Quero que Robbie veja também. – *Robbie!* – Ela parou, indecisa, e franziu as sobrancelhas. – Aposto que ele continua no quarto dele porque está bravo comigo por não levá-lo ao visivox. O senhor vai ter que explicar pra ele, papai. Ele pode não acreditar em mim, mas ele sabe que se o senhor diz, é porque é verdade.

Weston apertou mais os lábios. Ele olhou para a mulher, mas não conseguiu chamar sua atenção.

Gloria se virou precipitadamente e desceu os degraus do porão, gritando enquanto descia:

– Robbie, venha ver o que o papai e a mamãe trouxeram pra mim. Eles me trouxeram um cachorro, Robbie.

Em um minuto tinha voltado com um olhar de menininha assustada.

– Mamãe, Robbie não está no quarto. Onde ele está?

Não houve resposta; George Weston tossiu e demonstrou, de repente, um interesse excessivo em uma nuvem que vagava a esmo.

– Onde está Robbie, mamãe? – perguntou Gloria com voz trêmula, a ponto de chorar.

A sra. Weston se sentou e puxou a filha delicadamente para perto de si.

– Não fique triste, Gloria. Acho que Robbie foi embora.

– Foi *embora* ? Para onde? Para onde ele foi embora, mamãe?

– Ninguém sabe, querida. Ele simplesmente foi embora. Procuramos, e procuramos, e procuramos por ele, mas não conseguimos encontrá-lo.

– Quer dizer que ele nunca mais vai voltar? – Seus olhos estavam arregalados de terror.

– Pode ser que o encontremos logo. Continuaremos procurando por ele. E enquanto isso você pode brincar com o seu novo cachorrinho lindo. Olhe para ele! O nome dele é Relâmpago e ele pode...

Mas os olhos de Gloria estavam marejados.

– Eu não quero esse cachorro nojento; quero Robbie. Quero que encontre Robbie pra mim.

Seus sentimentos tornaram-se profundos demais para serem expressos por palavras e, balbuciando, ela soltou um gemido agudo.

A sra. Weston olhou para o marido em busca de ajuda, mas ele apenas arrastava os pés de forma taciturna e não desviava o olhar ansioso do céu; então ela se concentrou na tarefa de consolar a filha.

– Por que você está chorando, Gloria? Robbie era só uma máquina, só uma máquina velha e asquerosa. Ele sequer estava vivo!

– Ele *não* era uma máquina! – gritou Gloria de maneira furiosa e antigramatical. – Era uma *pessoa* como eu e você e era meu *amigo* . Eu quero Robbie de volta. Oh, mamãe, eu quero Robbie de volta.

A mãe suspirou, derrotada, e deixou Gloria entregue à tristeza.

– Deixe-a chorar – disse ao marido. – A tristeza de uma criança nunca é duradoura. Em poucos dias, ela vai esquecer que aquele robô horrível algum dia existiu.

Mas o tempo mostrou que a sra. Weston fora um pouco otimista demais. Era certo que Gloria tinha parado de chorar, mas parou de sorrir também e, com o passar dos dias, ficou mais quieta e sombria. Aos poucos, sua atitude de infelicidade passiva foi desgastando a sra. Weston, e a única coisa que impedia a mãe de se render era a impossibilidade de admitir a derrota para o marido.

Então, uma noite, a sra. Weston entrou na sala, sentou-se e cruzou os braços, furiosa.

O marido esticou o pescoço a fim de olhar para ela por cima do jornal.

– O que é agora, Grace?

– É aquela criança, George. Tive que devolver o cachorro hoje. Gloria não suportava vê-lo de modo algum, ela disse. Ela vai me levar a um colapso nervoso.

Weston abaixou o jornal e seus olhos começaram a brilhar de esperança.

– Talvez... talvez devamos buscar Robbie de volta. Isso seria possível, sabe. Posso entrar em contato com...

– Não! – replicou ela de maneira veemente. – Não quero nem ouvir falar disso. Não vamos desistir assim tão fácil. Minha filha *não* será criada por um robô, nem que leve anos para fazê-la se desacostumar dele.

Weston pegou o jornal de novo com um ar desapontado.

– Um ano passando por isso vai me deixar grisalho antes da hora.

– Você está ajudando muito, George – foi a fria resposta. – O que Gloria precisa é de uma mudança de ambiente. É claro que ela não consegue esquecer Robbie aqui. Como ela poderia, quando cada árvore, cada rocha a fazem lembrar dele? É de fato a situação *mais absurda* de que já ouvi falar. Imagine uma criança definhando pela perda de um robô.

– Bem, atenha-se ao assunto. Qual é a mudança de ambiente que você está planejando?

– Vamos levá-la a Nova York.

– Uma cidade grande! Em agosto! Você sabe como é Nova York em agosto? É insuportável.

– Milhões de pessoas suportam.

– Elas não têm um lugar como este para onde ir. Se não tivessem que ficar em Nova York, não ficariam.

– Bem, *nós* temos que fazer isso. Eu digo que devemos partir agora, ou tão logo consigamos fazer os preparativos. Em uma cidade grande, Gloria encontrará interesses e amigos suficientes para animá-la e fazê-la se esquecer daquela máquina.

– Meu Deus – lamentou-se a cara-metade mais frágil –, aquelas calçadas escaldantes!

– Nós precisamos fazer isso – foi a inalterada resposta. – Gloria perdeu uns dois quilos este último mês, e a saúde da minha garotinha é mais importante para mim do que o seu conforto.

– É uma pena que você não tenha pensado na saúde da sua garotinha antes de privá-la do robô de estimação dela – murmurou ele, mas para si mesmo.

* * *

Gloria mostrou sinais imediatos de melhora quando lhe contaram sobre a iminente viagem à cidade grande. Ela falava pouco sobre isso, mas, quando falava, era sempre com entusiasmo. Outra vez ela voltou a sorrir e a comer com um pouco de seu antigo apetite.

A sra. Weston congratulou-se com alegria e não perdeu nenhuma oportunidade de se gabar do seu triunfo perante o marido ainda incrédulo.

– Está vendo, George, ela ajuda a fazer as malas como um anjinho e tagarela como se não tivesse nenhuma preocupação na vida. É como eu lhe disse: tudo o que precisamos fazer é substituir os interesses.

– Humpf – foi a incrédula resposta –, espero que sim.

Os arranjos iniciais se deram rapidamente. Providências foram tomadas para que a casa deles na cidade fosse preparada, e um casal foi contratado para cuidar da casa no interior. Quando chegou enfim o dia da viagem, Gloria tinha voltado a ser a mesma de antes, e não houve nenhuma menção a Robbie.

De muito bom humor, a família pegou um giro-táxi rumo ao aeroporto (Weston teria preferido usar seu giro particular, mas o veículo tinha apenas dois lugares e não havia espaço para bagagem) e entrou no avião, que estava à espera.

– Venha, Gloria – gritou a sra. Weston. – Guardei um lugar perto da janela, para você ver a paisagem.

Gloria desceu alegremente pelo corredor, grudou o nariz no vidro espesso e claro e observou com atenção crescente à medida que o ronco repentino do motor ressoava no interior da aeronave. Ela era jovem demais para ficar com medo quando o chão foi se afastando como se o tivessem deixado cair por um alçapão e ela própria ficasse de repente com o dobro do seu peso normal, mas não jovem demais para ficar muitíssimo interessada. Foi somente quando o chão se tornou uma minúscula colcha de retalhos que ela tirou o nariz do vidro e olhou para a mãe de novo.

– Vamos chegar logo na cidade, mamãe? – perguntou ela, esfregando o nariz gelado e observando com interesse conforme a marca de umidade que a sua respiração tinha formado na vidraça se encolhia aos poucos e desaparecia.

– Mais ou menos em meia hora, querida. – E então, com o mínimo traço de ansiedade, perguntou à filha: – Você não está feliz de estarmos indo? Não acha que será muito feliz na cidade, com todos aqueles edifícios, e pessoas, e coisas para ver? Iremos ao visivox todos os dias, e veremos shows, e iremos ao circo e à praia e...

– Sim, mamãe – foi a resposta sem entusiasmo de Gloria.

O avião tinha passado por cima de um grupo de nuvens naquele momento, e Gloria sentiu-se atraída de imediato pelo costumeiro espetáculo

de ver as nuvens lá embaixo. Depois eles estavam voando em um céu limpo outra vez, e ela se virou para a mãe com um repentino e misterioso ar de um entendimento secreto.

– *Eu* sei por que estamos indo para a cidade, mamãe.

– Sabe? – A sra. Weston estava perplexa. – Por quê, querida?

– A senhora não me contou porque queria que fosse uma surpresa, mas *eu* sei. – Por um instante, ela ficou admirando a própria perspicácia aguçada, e depois riu com alegria. – Estamos indo a Nova York pra encontrar Robbie, não é? Com detetives.

A declaração surpreendeu George Weston tomando um gole de água, e com resultados desastrosos. Houve um arquejo sufocado, um gêiser e depois um acesso de tosse engasgada. Quando tudo terminou, ele estava vermelho, ensopado e muito, muito irritado.

A sra. Weston manteve o autocontrole, mas quando Gloria repetiu a pergunta em um tom de voz mais ansioso, ela descobriu que seu bom humor estava acabando.

– Talvez – replicou ela, com acidez. – Agora sente-se e fique quieta, pelo amor de Deus.

* * *

Mais do que em nenhum outro momento da história, a cidade de Nova York era, em 1998 d.C., um paraíso para o turista. Os pais de Gloria perceberam isso e tiraram o máximo proveito.

Por ordem direta de sua mulher, George Weston deu um jeito para que seus negócios se resolvessem por conta própria durante mais ou menos um mês, a fim de estar livre para passar mais tempo no que ele chamava de "evitar que Gloria continuasse à beira da ruína". Como o resto das coisas que Weston fazia, isso foi feito de um modo eficiente, detalhista e prático. Antes que o mês tivesse terminado, não havia nada que pudesse ser feito que não houvesse sido feito.

Levaram-na ao topo do edifício Roosevelt, de pouco mais de 800 metros, para que ela observasse, admirada, a vista pontiaguda dos topos dos telhados que se confundiam à distância com os campos de Long Island e com as regiões planas de Nova Jersey. Eles visitaram os zoológicos onde Gloria viu, com um misto de espanto e emoção, "um leão de verdade ao vivo" (um tanto desapontada porque os tratadores davam carne crua ao

animal, em vez de seres humanos, como ela esperava), e pediu insistente e decididamente para ver “a baleia”.

Os vários museus também receberam sua parcela de atenção, assim como os parques, as praias e o aquário.

Levaram-na ao Hudson em uma excursão rio acima a bordo de um navio a vapor que imitava o arcaísmo dos loucos anos 1920. Ela viajou à estratosfera em um passeio de exibição, em que o céu assumiu um tom de roxo profundo, as estrelas surgiram e a terra enevoada abaixo parecia uma enorme tigela côncava. Ela foi levada para navegar sob as águas do Estreito de Long Island em uma embarcação subaquática com paredes de vidro, onde, em um mundo verde que se balançava, estranhos e curiosos seres marinhos olhavam para ela e se afastavam de repente, retorcendo-se.

Em um nível mais prosaico, a sra. Weston levava a filha a lojas de departamento, onde a menina podia se divertir em outro tipo de reino encantado.

Na verdade, quando o mês estava quase terminando, os Westons estavam convencidos de que haviam feito tudo o que era possível para que Gloria esquecesse, de uma vez por todas, o desaparecido Robbie – mas não tinham certeza de terem sido bem-sucedidos.

O fato era que, onde quer que fosse, Gloria continuava mostrando o mais atento e concentrado interesse em todos os robôs que estavam presentes; que não importava quão emocionante fosse o espetáculo diante dela, nem quão original aos seus olhos de menina, ela se distraía instantaneamente se, com o canto dos olhos, vislumbrasse um movimento metálico.

A sra. Weston não poupou esforços para manter Gloria longe de robôs.

E a questão por fim culminou no episódio no Museu de Ciência e Indústria, que tinha anunciado um “programa especial para crianças” no qual seriam mostradas exibições de feitiçaria tecnológica adaptadas à mente infantil. Os Westons, é claro, colocaram-no na lista de “imprescindíveis”.

Foi enquanto os Westons estavam totalmente atentos às façanhas de um poderoso eletroímã que a sra. Weston, de repente, se deu conta do fato de que Gloria não estava mais com ela. O pânico inicial deu lugar a uma decisão calma e, contando com a ajuda de três funcionários, iniciou-se uma cuidadosa busca.

Entretanto, Gloria não era de andar a esmo. Para a sua idade, ela era uma menina extraordinariamente determinada e decidida, plena dos genes

maternos a esse respeito. Ela tinha visto uma placa enorme no terceiro andar que dizia: “Siga por aqui para ver o Robô Falante”. Tendo soletrado para si mesma, e tendo notado que seus pais não pareciam querer seguir na direção certa, ela fez o óbvio. Esperando por um momento oportuno de distração deles, com calma ela se distanciou e seguiu a placa.

* * *

O Robô Falante era um *tour de force* , um dispositivo nada prático que só tinha valor publicitário. A cada hora, um grupo guiado parava diante do autômato e sussurrava, de forma cautelosa, perguntas ao engenheiro responsável; aquelas que o engenheiro julgasse adequadas aos circuitos do Robô Falante eram transmitidas a ele.

Era bem chato. Pode ser legal saber que 14 ao quadrado é 196, que a temperatura no momento é de pouco mais de 22ºC, que a pressão do ar é de 762 mm de mercúrio e que o peso atômico do sódio é 23, mas as pessoas não precisavam de um robô para isso. Sobretudo, não precisavam de uma massa desajeitada e completamente imóvel de fios e bobinas que se espalhava por quase 21 metros quadrados.

Poucas pessoas se davam ao trabalho de voltar uma segunda vez, mas uma adolescente de uns 15 anos estava sentada em um banco, em silêncio, esperando para entrar pela terceira vez. Ela era a única na sala quando Gloria chegou.

Gloria não olhou para a jovem. Naquele momento, outro ser humano era algo secundário para ela. Gloria guardou sua atenção para essa coisa grande com rodas. Por um instante, ela hesitou por medo. Ele não se parecia com nenhum dos robôs que ela já tinha visto.

Indecisa e com cautela, ela ergueu a voz aguda:

– Por favor, Senhor Robô, o senhor é o Robô Falante?

Ela não tinha certeza, mas lhe parecia que um robô que falava de verdade era digno de muita cortesia.

(A adolescente de uns 15 anos permitiu que um olhar de intensa concentração transpassasse seu rosto magro e simples. Ela sacou um caderninho e começou a escrever em rápidos rabiscos.)

Ouviu-se um zumbido oleoso de engrenagens e uma voz de natureza mecânica ressoou em palavras sem sotaque nem entonação: “Eu-sou-o-robô-falante”.

Gloria olhava para ele pesarosa. Ele *falava* , mas o som vinha de algum lugar lá de dentro. Não havia nenhum *rosto* com o qual conversar.

– O senhor pode me ajudar, senhor Robô? – perguntou ela.

O Robô Falante fora projetado para responder perguntas, e apenas perguntas que ele poderia responder haviam sido nele programadas. Portanto, ele estava bastante seguro de suas habilidades.

– Eu-posso-ajudá-la.

– Obrigada, senhor Robô. O senhor viu Robbie?

– Quem-é-Robbie?

– Ele é um robô, senhor Robô. – Ela ficou na ponta dos pés. – Ele é mais ou menos deste tamanho, senhor Robô, só que mais alto, e ele é muito legal. Ele tem cabeça, sabe. Quero dizer que o senhor não tem, mas ele tem, senhor Robô.

O Robô Falante tinha perdido a linha de raciocínio.

– Um-robô?

– Sim, senhor Robô. Um robô igualzinho ao senhor, mas ele não fala, é claro, e se parece com uma pessoa de verdade.

– Um-robô-como-eu?

– Sim, senhor Robô.

A única resposta do Robô Falante foi um balbucio irregular e algum som incoerente eventual. A generalização radical com a qual fora concebido – isto é, sua existência não como um objeto particular, mas como membro de um grupo genérico –, foi demais para ele. Com dedicação, ele tentou absorver o conceito e meia dúzia de bobinas se queimaram. Pequenos sinais de alerta estavam tocando.

(A essa altura, a adolescente de uns 15 anos saiu da sala. Ela tinha informações suficientes para o seu ensaio de Física I sobre “Aspectos práticos da robótica”. Esse foi o primeiro de muitos ensaios de Susan Calvin sobre o assunto.)

Disfarçando cuidadosamente a impaciência, Gloria ficou esperando pela resposta da máquina quando ouviu um grito de “lá está ela” vindo de trás, e reconheceu a voz como sendo a de sua mãe.

– O que está fazendo aqui, sua menina má? – gritou a sra. Weston, sua ansiedade tornando-se raiva de imediato. – Você sabe que quase matou sua mãe e seu pai de susto? Por que se afastou?

O engenheiro de robôs também entrou correndo, arrancando os cabelos e perguntando quem, da multidão que se reunia, tinha mexido com a

máquina.

– Ninguém sabe ler os avisos? – gritou ele. – Não é permitida a entrada aqui sem um funcionário.

– Eu só vim ver o Robô Falante, mamãe. Achei que ele podia saber onde Robbie estava, porque os dois são robôs – disse Gloria, erguendo a voz aflita e superando o som de balbúrdia. E então, como se o fato de pensar em Robbie lhe trouxesse de volta uma forte lembrança, ela de repente começou a chorar um rio de lágrimas. – E eu *preciso* encontrar Robbie, mamãe. Eu *preciso* .

– Oh, céus. Vamos para casa, George. Isso é demais para mim – disse a sra. Weston, depois de ter sufocado um grito.

Naquela noite, o sr. Weston esteve fora por várias horas e, na manhã seguinte, ele abordou a mulher com um ar que soava, suspeitosamente, a uma complacência presunçosa.

– Tive uma ideia, Grace.

– Sobre o quê? – foi a melancólica e desinteressada pergunta.

– Sobre Gloria.

– Você não vai sugerir que compremos de volta aquele robô, vai?

– Não, claro que não.

– Então continue. Posso muito bem dar ouvidos a você. Nada do que *eu* fiz parece ter sido bom.

– Tudo bem. Eis o que estou pensando. O problema com Gloria é que ela pensa em Robbie como uma *pessoa* e não como uma *máquina* . É natural que ela não consiga esquecê-lo. Se nós conseguíssemos convencê-la de que Robbie não era nada além de uma confusão de aço e cobre na forma de placas, e de que fios com eletricidade eram o que lhe dava vida, por quanto tempo ela sentiria saudade? É um ataque psicológico, se é que entende meu propósito.

– Como planeja fazer isso?

– É simples. Aonde acha que eu fui ontem? Persuadi Robertson, da U.S. Robots and Mechanical Men, Inc., a providenciar um *tour* completo em suas instalações amanhã. Nós três iremos e, quando tivermos terminado, Gloria estará convencida de que um robô *não* está vivo.

A sra. Weston arregalou os olhos aos poucos e neles surgiu um brilho de algo como uma súbita admiração.

– Puxa, George, essa é uma *boa* ideia.

George Weston estufou o peito.

– Eu só tenho boas ideias – disse ele.

* * *

O sr. Struthers era um gerente geral consciencioso e tinha uma inclinação natural a ser um pouco conversador. Portanto, a combinação resultou em um *tour* muito bem explicado, talvez excessivamente bem explicado, a cada passo. Todavia, a sra. Weston não ficou entediada. Na verdade, ela o interrompeu várias vezes e implorou-lhe que repetisse suas afirmações em uma linguagem mais simples para que Gloria pudesse entender. Sob a influência dessa admiração por seus dotes narrativos, o sr. Struthers ficou mais amigável e tornou-se ainda mais comunicativo, se é que era possível.

George Weston foi quem demonstrou uma crescente impaciência.

– Perdoe-me, Struthers – disse ele, fazendo uma interrupção na metade de uma explicação sobre a fotocélula –,não há uma seção na fábrica onde é utilizado apenas o trabalho de robôs?

– Hein? Ah, sim! Sim, de fato! – Ele sorriu para a sra. Weston. – Um círculo vicioso, de certa forma, robôs criando mais robôs. É claro que não estamos tornando isso uma prática generalizada. Em primeiro lugar, os sindicatos nunca permitiriam. Mas podemos fabricar uns poucos robôs usando exclusivamente mão de obra robotizada, apenas como um tipo de experimento científico. Sabe – ele deu batidinhas com o pincenê na palma da mão de modo argumentativo –, o que os sindicatos não percebem (e eu digo isso como um homem que sempre simpatizou muito com o movimento operário em geral) é que o advento do robô, embora envolva algum transtorno de início, inevitavelmente...

– Sim, Struthers – interveio Weston –, mas sobre aquela seção da fábrica da qual você está falando,nós podemos vê-la? Estou certo de que seria muito interessante.

– Sim! Sim, claro! – O sr. Struthers recolocou o pincenê com um movimento convulsivo e deu uma leve tossida, desconcertado. – Sigam-me, por favor.

Ele estava comparativamente mais quieto enquanto levava os três por um longo corredor e para o andar de baixo, descendo uma escada. Então, quando entraram em uma sala grande e bem iluminada tomada pelo rumor de atividade metálica, as comportas se abriram e a torrente de explicações jorrou de novo.

– Aí estão vocês! – disse ele em um tom de orgulho. – Apenas robôs! Cinco homens trabalham como supervisores e eles nem ficam nesta sala. Em cinco anos, ou seja, desde que iniciamos este projeto, não ocorreu nenhum acidente sequer. É claro que os robôs montados aqui são comparativamente simples, mas...

A voz do gerente geral tinha se desvanecido há muito tempo frente a um murmúrio bastante tranquilizador aos ouvidos de Gloria. O passeio todo lhe parecia tedioso e sem sentido, embora *houvesse* vários robôs à vista. No entanto, nenhum deles se parecia nem de longe com Robbie, e ela os examinava com visível desdém.

A menina notou que não havia nenhuma pessoa no recinto. Nesse momento, seu olhar pousou em seis ou sete robôs que estavam muito ocupados em uma mesa circular do outro lado da sala. Seus olhos se arregalaram em incrédula surpresa. Era uma sala grande. Ela não conseguia distinguir com certeza, mas um dos robôs parecia... parecia... *e era* !

Robbie! Seu grito ecoou pelo ar, e um dos robôs ao redor da mesa titubeou e deixou cair a ferramenta que estava segurando. Gloria correu quase louca de alegria. Passando por cima de uma grade antes que seus pais pudessem impedi-la, ela pousou levemente no chão alguns centímetros abaixo e correu na direção de seu Robbie, com os braços estendidos e o cabelo esvoaçante.

E os três adultos horrorizados, paralisados no lugar onde estavam, viram o que a garotinha entusiasmada não via: um trator enorme e pesado aproximando-se cegamente e com rapidez em seu trajeto fixo.

Demorou milésimos de segundo para Weston voltar à razão, e esses milésimos de segundo fizeram toda a diferença, pois Gloria não poderia ser alcançada. Embora Weston tivesse saltado a grade em uma tentativa impetuosa, era obviamente impossível. O sr. Struthers acenava como um louco aos supervisores para que parassem o trator, mas os supervisores eram apenas humanos e demoraram um tempo para agir.

Robbie foi o único que agiu de imediato e com precisão.

Com pernas de metal transpondo o espaço entre ele e sua pequena mestra, o robô precipitou-se com rapidez, vindo da direção oposta. Tudo aconteceu de uma vez. Com o movimento de um braço, Robbie pegou Gloria sem diminuir nem um pouco a velocidade e, por conseguinte, fez com que ela perdesse totalmente o fôlego. Weston, sem compreender por

completo tudo o que estava acontecendo, sentiu (em vez de ver) Robbie passar por ele, e parou de súbito, perplexo.

O trator cruzou o caminho de Gloria meio segundo depois de Robbie, continuou por mais uns três metros e freou, deslizando e chiando até parar de todo.

Gloria recuperou o fôlego, submeteu-se a uma série de abraços compulsivos da parte de seus pais e virou-se para Robbie, ansiosa. No que dizia respeito a ela, não tinha acontecido nada, a não ser o fato de ter encontrado seu amigo.

Mas o semblante da sra. Weston passou de uma expressão de alívio para uma de suspeita sombria. Ela voltou-se para o marido e, apesar da aparência desgrenhada e pouco digna, conseguiu assumir um aspecto formidável.

– *Você* planejou isso, *não* foi?

George Weston limpou o suor da testa com o lenço. Sua mão tremia um pouco, e seus lábios só conseguiram esboçar um sorriso trêmulo e excessivamente leve.

– Robbie não foi projetado para a engenharia ou para a construção civil. Ele não poderia ter utilidade alguma para eles. Você fez com que o colocassem aqui de propósito para que Gloria o encontrasse. Você sabe que fez isso. – Continuou a sra. Weston com a mesma linha de pensamento.

– Bem, eu fiz sim – disse Weston. – Mas, Grace, como eu iria saber que esse encontro seria tão violento? E Robbie salvou a vida dela, você tem de admitir isso. Você *não pode* mandá-lo embora de novo.

Grace Weston refletia. Ela se voltou para Gloria e Robbie e os observou de modo absorto por um momento. Gloria se agarrou ao pescoço do robô com tanta força que teria asfixiado qualquer criatura que não fosse de metal, e tagarelava coisas sem sentido em um frenesi quase histérico. Os braços de aço cromado de Robbie (capazes de dobrar uma barra de aço de 5 centímetros de diâmetro como se fosse um pretzel) envolviam a garotinha com delicadeza e ternura, e seus olhos tinham um brilho vermelho muito intenso.

– Bem – disse a sra. Weston, enfim –, acho que ele pode ficar conosco até enferrujar.

Susan Calvin encolheu os ombros.

– É claro que ele não ficou. Isso foi em 1998. Em 2002, nós tínhamos inventado o robô móvel falante, o que obviamente tornou obsoletos todos os

modelos que não falavam, e que parecia ser o golpe final no que dizia respeito aos elementos não robóticos. A maioria dos governos do mundo baniu o uso de robôs na Terra para qualquer propósito que não fosse o de pesquisa científica entre 2003 e 2007.

– Então Gloria acabou tendo que desistir de Robbie?

– Acredito que sim. Entretanto, imagino que tenha sido mais fácil para ela aos 15 anos do que aos 8. Ainda assim, foi uma atitude estúpida e desnecessária da parte da humanidade. A U.S. Robots entrou em recessão financeira, mais ou menos na época em que comecei a trabalhar lá, em 2007. Em princípio, achei que meu emprego poderia deixar de existir de uma hora para outra em questão de meses, mas então nós desenvolvemos um mercado extraterrestre.

– E aí vocês se recuperaram?

– Não muito. Nós começamos tentando adaptar os modelos que tínhamos em mãos. Aqueles primeiros modelos falantes, por exemplo. Eles tinham mais ou menos 3,5 metros de altura, eram desajeitados e não muito bons. Nós os mandamos para Mercúrio, a fim de que ajudassem a construir uma mina lá, mas não deu certo.

Eu levantei os olhos, surpreso.

– Não deu certo? Puxa, as minas de Mercúrio são um negócio multibilionário.

– São agora, mas foi a segunda tentativa a que deu certo. Se quer saber sobre isso, rapaz, eu o aconselharia a procurar Gregory Powell. Ele e Michael Donovan cuidaram dos nossos casos mais difíceis nos anos de 2011 a 2029. Não tenho notícias de Donovan há anos, mas Powell mora aqui mesmo em Nova York. Ele é avô agora, uma ideia com a qual é difícil de me acostumar. Só consigo pensar nele como um rapaz bem jovem. É claro que eu também era mais nova.

Tentei fazê-la continuar falando.

– Se pudesse me contar o essencial, dra. Calvin, poderia pedir ao sr. Powell que preencha as lacunas depois. (E foi exatamente isso que eu fiz mais tarde.)

Ela estendeu as mãos finas sobre a mesa e olhou para elas.

– Há duas ou três histórias – disse ela – sobre as quais sei um pouco.

– Comece com Mercúrio – sugeri eu.

– Bem, acho que foi em 2015 que enviaram a Segunda Expedição a Mercúrio. Era exploratória e financiada em parte pela U.S. Robots e em

parte pela Solar Minerals. Era composta por um novo tipo de robô, ainda experimental; Gregory Powell; Michael Donovan...

2 ANDANDO EM CÍRCULOS

UMA DAS TRIVIALIDADES FAVORITAS de Gregory Powell era a de que não se alcançava nada com agitação; então, quando Mike Donovan desceu as escadas aos pulos em direção a ele, o cabelo ruivo emaranhado de suor, Powell franziu as sobrancelhas.

– O que há de errado? – perguntou Powell. – Quebrou uma unha?

– Ah, éééé – resmungou Donovan, de modo febril. – O que você esteve fazendo o dia todo nos subníveis? – Ele respirou fundo e disse bruscamente: – Speedy não voltou mais.

Powell arregalou os olhos por um momento e parou na escada; depois voltou a si e reiniciou os passos escada acima. Ele não falou até chegar ao último degrau. Então perguntou:

– Você o mandou ir atrás do selênio?

– Sim.

– E quanto tempo faz que ele saiu?

– Agora faz cinco horas.

Silêncio! Essa era uma situação dos diabos. Aqui estavam eles, em Mercúrio, há exatamente doze horas... e já estavam até as orelhas com os piores tipos de problema. Mercúrio era tido, há muito tempo, como o planeta azarento do Sistema Solar, mas isso era demais – mesmo para o azarento.

– Comece do começo, e vamos ver se entendemos isso direito – disse Powell.

Eles estavam na sala do rádio agora, cujo equipamento já era ligeiramente antiquado, intocado durante os dez anos anteriores à chegada deles. Mesmo dez anos, em termos de tecnologia, significavam muito. Compare Speedy com o tipo de robô que eles deviam ter em 2005. Todavia, os atuais avanços na robótica eram tremendos. Powell tocou uma superfície de metal ainda brilhante com cautela. O ar de desuso que havia em tudo naquela sala – e na Estação Mineradora inteira – era infinitamente depressivo.

Donovan devia ter sentido isso.

– Tentei localizá-lo pelo rádio, mas não deu certo – começou ele. – O rádio não funciona bem no Lado Solar de Mercúrio; de qualquer forma, não

a uma distância maior que uns três quilômetros. Esse é um dos motivos pelos quais a Primeira Expedição falhou. E ainda vai demorar semanas até podermos montar o equipamento de micro-ondas...

– Esqueça tudo isso. O que você conseguiu?

– Localizei o sinal de um corpo inorgânico por meio de ondas curtas. Não serviu para nada, exceto para saber a posição dele. Dessa forma, eu o rastreei durante duas horas e marquei no mapa.

Havia um documento quadrado amarelado em seu bolso de trás – uma relíquia da malsucedida Primeira Expedição –, e ele o colocou na mesa com violência, desenrolando-o com a palma da mão. Powell, com as mãos cruzadas sobre o peito, observava-o a longa distância.

O lápis de Donovan apontava o mapa nervosamente.

– A cruz vermelha é a reserva de selênio. Você mesmo a marcou.

– Qual delas é esta? – interrompeu Powell. – MacDougal havia localizado três para nós, antes de partir.

– Eu mandei Speedy para a mais próxima, é claro. A pouco mais de 27 quilômetros de distância. Mas que diferença isso faz? – Havia nervosismo em sua voz. – Há os pontos a lápis que marcam a posição de Speedy.

Pela primeira vez, a serenidade artificial de Powell ficou abalada e, com um movimento brusco, levou a mão ao mapa.

– Você está falando sério? Isso é impossível.

– Pois é – resmungou Donovan.

Os pontinhos que marcavam a posição formavam um círculo irregular em torno da cruz vermelha da reserva de selênio. Powell levou os dedos ao bigode castanho, um sinal claro de ansiedade.

Donovan acrescentou:

– Durante as duas horas em que eu o observei, ele circundou a maldita reserva quatro vezes. Parece-me provável que ele vá continuar com isso para sempre. Percebe em que situação estamos?

Powell levantou o olhar por um breve instante e não disse nada. Ah, sim, ele percebia em que situação eles estavam. Ela podia ser expressa de forma tão simples quanto um silogismo. Os bancos de fotocélulas, que eram a única coisa que ficava entre eles e a potência máxima do monstruoso sol de Mercúrio, estavam arruinados. A única coisa que podia salvá-los era o selênio. A única coisa que podia trazer o selênio era Speedy. Se Speedy não voltasse, não haveria selênio. Se não houvesse selênio, não haveria bancos

de fotocélulas. Se não houvesse bancos de fotocélulas... bem, morte por cozimento lento é um dos modos mais desagradáveis de morrer.

Donovan esfregou a cabeleira ruiva com violência e se expressou com amargura.

– Vamos ser motivo de riso em todo o Sistema, Greg. Como pode tudo ter dado tão errado em tão pouco tempo? A grande equipe de Powell e Donovan é enviada para Mercúrio a fim de informar sobre a conveniência de se reabrir a Estação Mineradora do Lado Solar com técnicas e robôs modernos, e nós estragamos tudo no primeiro dia. Um trabalho rotineiro, além do mais. Não conseguiremos sobreviver a isso.

– Talvez nem tenhamos de sobreviver a isso – replicou Powell em voz baixa. – Se não fizermos algo, e rápido, não teremos como sobreviver, a isso e a mais nada.

– Não seja tonto! Se você acha graça disso, Greg, eu não acho. Foi um crime nos mandarem para cá com apenas um robô. E foi sua a brilhante ideia de que nós podíamos cuidar dos bancos de fotocélulas por conta própria.

– Agora você está sendo injusto. Foi uma decisão mútua e você sabe disso. Tudo o que precisávamos era de um quilo de selênio, uma Placa Dielétrica de Destilação e umas três horas... e há reservas de selênio puro por toda a parte no Lado Solar. O espectro-refletor de MacDougal localizou três reservas para nós em cinco minutos, não foi? Que diabo! Não poderíamos ter esperado pela próxima conjunção.

– Bem, e o que vamos fazer? Powell, você tem uma ideia. Eu sei que você tem, caso contrário não estaria tão calmo. Nenhum de nós é um herói. Vamos lá, desembuche!

– Nós não podemos ir atrás de Speedy, Mike, não no Lado Solar. Mesmo os novos insotrajes não suportam mais que vinte minutos de exposição direta à luz do sol. Mas você conhece o velho ditado: “para um robô, outro robô”. Veja, Mike, talvez as coisas não estejam tão ruins. Nós temos seis robôs lá embaixo nos subníveis; pode ser que consigamos usá-los, se eles funcionarem. Se eles funcionarem.

Os olhos de Donovan brilharam com uma esperança repentina.

– Você quer dizer seis robôs da Primeira Expedição? Tem certeza? Podem se tratar de máquinas sub-robóticas. Dez anos é muito tempo no que se refere a tipos de robôs, você sabe.

– Não, são robôs. Passei o dia inteiro com eles e eu sei. Eles têm cérebros positrônicos... primitivos, é claro. – Ele colocou o mapa no bolso. – Vamos descer.

* * *

Os robôs estavam no subnível mais baixo – todos os seis envoltos em embalagens bolorentas de conteúdo incerto. Eles eram grandes, extremamente grandes, e, embora estivessem sentados no chão, com as pernas abertas, as cabeças ainda ficavam a pouco mais de dois metros de distância do piso.

Donovan assobiou.

– Veja só o tamanho deles. O tórax deve ter cerca de 3 metros.

– É porque foram feitos com as antigas engrenagens McGuffy. Dei uma olhada por dentro... o conjunto mais desprezível que já se viu.

– Você já os acionou?

– Não. Não havia nenhuma razão para fazê-lo. Até o diafragma está razoavelmente em ordem. Pode ser que falem.

Powell desparafusava a placa do tórax do robô mais próximo conforme falava, e inseriu a esfera de 5 centímetros que continha a minúscula faísca de energia atômica que era a vida de um robô. Foi difícil encaixá-la, mas ele conseguiu, e depois parafusou a placa de volta de modo laborioso. Os controles de rádio dos modelos mais modernos eram desconhecidos dez anos antes. Em seguida, fez o mesmo com os outros cinco robôs.

– Eles não se mexeram – comentou Donovan, inquieto.

– Não receberam ordens para se mexer – replicou Powell, lacônico. Ele voltou ao primeiro da fila e deu uma batida em seu tórax. – Você! Consegue me ouvir?

O monstro inclinou a cabeça aos poucos e fixou os olhos em Powell.

– Sim, Mestre – disse então, com uma voz áspera e chiada, como a de um fonógrafo medieval.

Powell deu um sorriso forçado e sem graça para Donovan.

– Você ouviu isso? Aquela era a época dos primeiros robôs falantes, quando parecia que o uso de autômatos na Terra seria proibido. Os fabricantes estavam lutando contra isso e incluíram um bom e saudável complexo de escravo nas malditas máquinas.

– Isso não ajudou – murmurou Donovan.

– Não, não ajudou, mas é certo que eles tentaram.

Ele voltou-se outra vez para o robô.

– Levante-se!

O robô se pôs de pé devagar e Donovan ergueu a cabeça, franziu os lábios e assobiou.

– Você pode sair à superfície? À luz? – perguntou Powell.

Houve um período de reflexão enquanto o lento cérebro do robô trabalhava, e depois um “sim, Mestre”.

– Bom. Você sabe o que é um quilômetro?

Outra reflexão e outra resposta lenta.

– Sim, Mestre.

– Vamos levá-lo à superfície então, e indicar uma direção. Você seguirá por uns 27 quilômetros e, em algum lugar daquela região, encontrará outro robô, menor do que você. Entendeu até aqui?

– Sim, Mestre.

– Você encontrará esse robô e ordenará que ele volte. Se ele se recusar, você deverá trazê-lo de volta à força.

Donovan agarrou a manga da camisa de Powell.

– Por que não o mandar direto para buscar o selênio?

– Porque eu quero Speedy de volta, seu pateta. Quero descobrir o que há de errado com ele. – E dirigindo-se ao robô: – Tudo bem. Você: siga-me.

O robô continuou sem se mexer.

– Perdão, Mestre, mas não posso – disse o robô, com ruído. – O senhor deve montar primeiro. – Ele tinha juntado os braços e entrelaçado os dedos rudes, produzindo um som de pancada.

Powell observou e alisou o bigode.

– Oh-ou!

Donovan arregalou os olhos.

– Temos de subir nele? Como em um cavalo?

– Acho que é essa a ideia. Mas não sei por quê. Não consigo entender... Consigo, sim. Eu lhe disse que ressaltavam a segurança quanto ao uso de robôs naquela época. É evidente que iriam vender a ideia de segurança não permitindo que os robôs andassem por aí sem um condutor de elefantes nos ombros o tempo todo. O que faremos?

– É nisso que estou pensando – murmurou Donovan. – Não podemos sair à superfície, com ou sem robô. Oh, pelo amor de Deus! – e estalou os dedos duas vezes. Ele ficou agitado. – Dê-me esse mapa que está com você.

Não o estudei por duas horas para nada. Isto é uma Estação Mineradora. O que há de errado em usar os túneis?

A Estação Mineradora era um círculo preto no mapa, e as linhas pontilhadas de cor clara, que eram os túneis, se espalhavam em formato de teia de aranha.

Donovan estudou a lista de símbolos na parte de baixo do mapa.

– Veja – comentou Donovan –, os pontinhos pretos são aberturas, e aqui há uma que fica a quase cinco quilômetros da reserva de selênio. Há um número aqui (era de se pensar que escreveriam em letra maior), 13a. Se os robôs conhecerem os caminhos por aqui...

Powell fez a pergunta e recebeu o tedioso “sim, Mestre” como resposta.

– Vista o seu insotraje – disse ele com satisfação.

Era a primeira vez que os dois usavam insotrajes – mais do que esperavam ter de usar desde que chegaram no dia anterior –, e testaram com desconforto seus movimentos imperfeitos.

O insotraje era muito mais volumoso e muito mais feio do que o costumeiro traje espacial, mas consideravelmente mais leve, devido ao fato de sua composição não ter nenhuma parte de metal. Constituídos de plástico resistente ao calor e camadas de cortiça quimicamente tratada, e equipados com um filtro dessecador para manter o ar bem seco, os insotrajes podiam suportar o brilho intenso do sol de Mercúrio por vinte minutos – até cinco ou dez minutos mais, sem matar o ocupante.

No entanto, as mãos do robô continuavam a formar um estribo, e ele não demonstrou o mínimo sinal de surpresa quanto à figura grotesca em que Powell tinha se transformado.

– Você está pronto para nos levar à Saída 13a? – ressoou a voz de Powell, áspera por conta do rádio.

– Sim, Mestre.

Bom, pensou Powell; eles podem não ter controle por rádio, mas pelo menos foram preparados para receber comunicação via rádio.

– Suba em um deles, Mike – disse ele a Donovan.

Powell colocou um pé no estribo improvisado e deu um impulso para cima. Ele achou o assento confortável: as costas do robô eram corcundas, evidentemente moldadas para esse propósito; havia um entalhe raso ao longo do ombro para as coxas e duas “orelhas” alongadas cujo objetivo agora parecia óbvio.

O cientista agarrou as orelhas e torceu a cabeça do robô. Sua montaria virou-se pesadamente. – Vamos, MacDuff[1] . – Mas ele não se sentia tranquilo de forma alguma.

Os robôs gigantescos se moveram devagar, com precisão mecânica, passando pela porta cujo batente ficava escassos 30 centímetros acima de suas cabeças, de modo que os dois homens tiveram de se abaixar a toda pressa; entraram em um corredor estreito no qual seus passos lentos retumbavam de forma monótona, ressoando também na câmara de despressurização.

O longo túnel sem ar que se estendia a um ponto insignificante diante deles fez Powell compreender a exata magnitude do trabalho realizado pela Primeira Expedição, com seus robôs toscos e suas necessidades básicas partidas do zero. Eles podiam ter sido um fracasso, mas seu fracasso fora bem melhor do que o curso normal dos êxitos do Sistema Solar.

Os robôs seguiam lentamente adiante, em um ritmo que nunca variava e a passos que nunca se alongavam.

– Observe que estes túneis resplandecem de luzes e têm a temperatura normal da Terra. É provável que tenha sido assim durante os dez anos que este lugar permaneceu vazio – disse Powell.

– Como isso foi possível?

– Energia barata; a mais barata do Sistema. Energia solar, sabe, e no Lado Solar de Mercúrio a energia solar é impressionante. É por isso que a Estação foi construída em um ponto que recebe a luz do sol, e não à sombra de uma montanha. É um enorme conversor de energia. O calor é transformado em eletricidade, luz, trabalho mecânico e afins; então a energia é produzida e a Estação é resfriada em um processo simultâneo.

– Olhe – disse Donovan –, tudo isso é muito instrutivo, mas se importaria de mudar de assunto? Acontece que essa conversão de energia de que você fala é realizada sobretudo por bancos de fotocélulas, e este é um assunto delicado para mim no momento.

Powell resmungou de modo vago, e, quando Donovan quebrou o silêncio consequente, foi para mudar de assunto por completo.

– Ouça, Greg. Que diabos há de errado com Speedy, afinal? Não consigo entender.

Não é fácil encolher os ombros usando um insotraje, mas Powell tentou.

– Não sei, Mike. Você sabe que ele é perfeitamente adaptado ao ambiente mercuriano. O calor não significa nada para ele, e foi construído

para operar em gravidade baixa e solo desnivelado. Ele é infalível... ou pelo menos deveria ser.

Abateu-se um momento de silêncio. Desta vez, o silêncio perdurou.

– Mestre – anunciou o robô –, chegamos.

– Hein? – redarguiu Powell, que estava quase cochilando. – Bem, tire-nos daqui; leve-nos para a superfície.

Eles chegaram a uma subestação minúscula, vazia, sem ar, em ruínas. Donovan examinou um buraco irregular no canto superior de uma das paredes com a luz de sua lanterna de bolso.

– Você acha que foi um meteorito? – perguntou ele.

Powell deu de ombros.

– Estou pouco me lixando para isso. Não importa. Vamos para a superfície.

Um imponente penhasco de rocha preta e basáltica interrompia a passagem da luz do sol, e a profunda penumbra noturna de um mundo sem ar os cercava. Diante deles, a sombra se estendia e terminava com um abrupto formato pontiagudo de encontro a um clarão quase insuportável de luz branca que reluzia em incontáveis cristais espalhados por todo o solo rochoso.

– Santo espaço! – arquejou Donovan. – Parece neve.

E parecia.

Powell perscrutou todo o solo cintilante e irregular de Mercúrio até o horizonte e espantou-se com o brilho deslumbrante.

– Esta deve ser uma área incomum – disse ele. – O albedo geral de Mercúrio é baixo e a maior parte do solo é de pedra-pomes cinzenta. Algo semelhante à Lua, sabe. Isso é lindo, não é?

Ele estava grato pelos filtros de luz nas visitelas de seus capacetes. Lindo ou não, olhar direto para a luz do sol através de um vidro os teria deixado cegos em meio minuto.

Donovan estava olhando para o termômetro de mola em seu pulso.

– Caramba, a temperatura é de 80ºC!

– Hmm. Um pouco alta. É a atmosfera, sabe. – disse Powell após verificar o próprio termômetro.

– Em Mercúrio? Você ficou louco?

– Mercúrio não é totalmente desprovido de ar – explicou Powell, distraído. Ele estava ajustando o binóculo acoplado à visitela, e os dedos volumosos do insotraje eram desajeitados para fazer isso. – Há uma leve

emanação que adere à superfície... vapores dos elementos mais voláteis e compostos que são pesados o suficiente para a gravidade do planeta reter. Você sabe: selênio, iodo, mercúrio, gálio, potássio, bismuto, óxidos voláteis. Os vapores se precipitam para a sombra e condensam, liberando calor. É um tipo de destilaria gigantesca. Na verdade, se usar a sua lanterna, provavelmente descobrirá que o lado do penhasco está coberto de, digamos, enxofre esbranquiçado, ou talvez gotículas de mercúrio.

– Mas isso não importa. Nossos trajes podem suportar míseros 80 graus por tempo indeterminado.

Powell tinha ajustado o binóculo acoplado, de modo que parecia ter olhos destacados do corpo, como os de um caracol.

Donovan observava tensamente.

– Consegue ver alguma coisa?

O outro não respondeu de imediato e, quando respondeu, o fez com um tom de voz ansioso e pensativo.

– Há um ponto escuro no horizonte que pode ser a reserva de selênio. Está no lugar certo. Mas não consigo ver Speedy.

Powell se levantou em um esforço instintivo para ter uma visão melhor, até ficar de pé sem muita firmeza sobre os ombros do seu robô. Com as pernas bem abertas e forçando os olhos, ele disse:

– Eu acho... eu acho... Sim, definitivamente é ele. Está vindo em nossa direção.

Donovan seguiu com os olhos o rumo que o dedo apontava. Estava sem binóculo, mas havia um minúsculo ponto que se movia, um ponto preto contra o brilho resplandecente do chão cristalino.

– Posso vê-lo – gritou ele. – Vamos indo!

Powell tinha voltado a se sentar no robô, e sua mão coberta pelo traje deu uma batida contra o tórax avantajado do gigante:

– Comece a andar.

– Eia – gritou Donovan, e bateu os calcanhares, como se estivesse esporeando.

* * *

Os robôs começaram a andar e o baque regular de seus passos era silencioso na atmosfera sem ar, pois o tecido não metálico do insotraje não transmitia o som. Sentia-se apenas uma vibração rítmica bem próxima ao que seria ouvir de fato.

– Mais rápido – gritou Donovan.

O ritmo não se alterou.

– É inútil – gritou Powell. – Essas latas velhas só têm uma velocidade. Você acha que eles foram equipados com flexores seletivos?

Eles tinham saído da sombra, e a luz do sol caía sobre eles como uma chuva quente e se derramava como um líquido ao seu redor.

Donovan se abaixou involuntariamente.

– Uau! É a minha imaginação ou eu posso sentir o calor?

– Você sentirá mais, em breve – foi a soturna resposta. – Não perca Speedy de vista.

O robô SPD 13 estava perto o bastante para ser visto em detalhe agora. Seu corpo gracioso e aerodinâmico emitia reflexos de luz conforme ele andava a passos largos pelo solo desnivelado. Seu nome se derivava das iniciais do código de série, é claro, mas ele tinha habilidade, pois os modelos SPD estavam entre os robôs mais rápidos produzidos pela United States Robots & Mechanical Men Corp.

– Ei, Speedy – gritou Donovan, acenando freneticamente com a mão.

– Speedy! – gritou Powell. – Venha aqui!

A distância entre os homens e o robô errante estava diminuindo momentaneamente – mais por conta do esforço de Speedy do que por causa do andar vagaroso, digno de uma velharia de cinquenta anos, das montarias de Donovan e Powell.

Eles estavam perto o suficiente agora para notar que o andar de Speedy apresentava um cambaleio peculiar, um perceptível desequilíbrio para um lado e para o outro; então, quando Powell acenou de novo com a mão e colocou força máxima em seu transmissor de rádio compacto, preparando-se para dar outro grito, Speedy levantou o olhar e os viu.

Speedy parou num sobressalto e ficou assim por um momento – com apenas um leve zigue-zague vacilante, como se estivesse balançando ao sabor de uma brisa.

– Tudo bem, Speedy. Venha aqui, rapaz – gritou Powell.

Em reação, a voz robótica de Speedy soou nos fones de ouvido de Powell pela primeira vez.

– Caramba, vamos brincar. Eu pego você e você me pega; amor nenhum pode cortar a nossa faca em duas[2] . Pois eu sou a Florzinha, a doce Florzinha[3] . Opa! – disse o robô. Batendo em retirada, ele acelerou na

direção de onde tinha vindo com uma velocidade e uma fúria que levantou partículas de poeira queimada.

E suas últimas palavras, enquanto se afastava, foram “cresceu uma florzinha debaixo de um grande carvalho[4] ”, seguidas de um curioso clique metálico que poderia ter sido o equivalente robótico de um soluço.

– Onde ele ouviu Gilbert e Sullivan? – perguntou Donovan sem muita convicção. – Digamos, Greg, que ele... ele esteja bêbado ou algo assim.

– Se você não tivesse me dito, eu nunca teria percebido – foi a áspera resposta. – Vamos voltar ao penhasco. Estou fritando.

Foi Powell quem quebrou o silêncio desesperador.

– Para começar – disse ele –, Speedy não está bêbado, não no sentido humano, porque ele é um robô, e robôs não ficam bêbados. Entretanto, há algo de errado com ele, e é o equivalente robótico da bebedeira.

– Para mim, ele está bêbado – declarou Donovan de modo enfático –, e tudo o que sei é que ele acha que estamos brincando. E não estamos. É uma questão de vida ou de uma terrível morte.

– Tudo bem. Não me apresse. Um robô é apenas um robô. Quando descobrirmos o que há de errado com ele, poderemos consertá-lo e continuar.

– Quando – disse Donovan, de mau humor.

Powell o ignorou.

– Speedy é perfeitamente adaptado ao ambiente mercuriano normal. Mas esta região – ele abriu bem os braços – é definitivamente anormal. Esta é a nossa pista. De onde vêm estes cristais? Pode ser que tenham se formado a partir de algum líquido que se resfriou aos poucos; mas onde seria possível achar um líquido tão quente que resfriaria sob o sol de Mercúrio?

– Atividade vulcânica – foi a sugestão instantânea de Donovan, e o corpo de Powell ficou tenso.

– Pelas barbas do profeta – disse ele em um tom de voz baixo e estranho, e ficou bastante quieto por cinco minutos. Então perguntou: – Escute, Mike, o que você disse para o Speedy quando o mandou buscar selênio?

Donovan foi pego de surpresa.

– Bem... droga... não me lembro. Só disse a ele para ir buscá-lo.

– Sim, eu sei. Mas como? Tente se lembrar das palavras exatas.

– Eu disse... uhn... eu disse: “Speedy, precisamos de um pouco de selênio. Você pode encontrá-lo naquele lugar assim-assim. Vá buscá-lo”. Só isso. O que mais queria que eu dissesse?

– Você não deu um ar de urgência à ordem, deu?

– Para quê? Foi pura rotina.

Powell suspirou.

– Bem, agora não há nada que se possa fazer, mas estamos numa enrascada.

Powell desceu do robô e ficou sentado, de costas para o penhasco. Donovan se juntou a ele e os dois deram os braços. À distância, a escaldante luz do sol parecia estar à espera, como quem brinca de gato e rato e, bem perto deles, os dois robôs gigantes estavam invisíveis, a não ser pelo vermelho apagado dos olhos fotoelétricos que olhavam para eles sem piscar, de forma resoluta e indiferente.

Indiferente! Como era todo este planeta venenoso, tão grande em azar quanto pequeno em tamanho.

– Agora veja, vamos começar com as três Leis da Robótica, as três regras fundamentais que estão mais profundamente arraigadas no cérebro positrônico de um robô. – A voz de Powell, transmitida pelo rádio, soou tensa aos ouvidos de Donovan. Na escuridão, seus dedos enluvados assinalavam cada item.

– Temos o seguinte. A primeira: um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido.

– Certo!

– A segunda – continuou Powell –: um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei.

– Certo!

– E a terceira: um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou com a Segunda Lei.

– Certo! E onde ficamos com isso?

– Exatamente nessa explicação. O conflito entre as várias regras é eliminado pelos diferentes potenciais positrônicos no cérebro. Digamos que um robô está caminhando em direção ao perigo e sabe disso. O potencial automático estabelecido pela Regra 3 o faz voltar. Mas suponha que você ordenou que ele fosse em direção àquele perigo. Nesse caso, a Regra 2

estabelece um potencial contrário maior do que o potencial anterior, e o robô segue as ordens, colocando em risco sua existência.

– Bem, eu sei. Mas o que tem isso?

– Vamos pegar o caso de Speedy. Speedy é um dos modelos mais recentes, é extremamente especializado e é caro como um navio de guerra. Não é algo para ser destruído com facilidade.

– E daí?

– Daí que a Regra 3 foi reforçada... há uma menção específica a isso, a propósito, nas informações prévias sobre os modelos SPD; então sua aversão ao perigo é estranhamente alta. Ao mesmo tempo, quando você mandou que ele fosse atrás do selênio, deu-lhe a ordem de maneira indiferente e sem uma ênfase especial, de modo que o potencial estabelecido para a Regra 2 foi fraco. Mas espere; estou apenas indicando os fatos.

– Tudo bem, vá em frente. Acho que estou entendendo.

– Está percebendo como funciona, não está? Há algum tipo de perigo na reserva de selênio. Ele aumenta conforme o robô se aproxima e, a certa distância do perigo, o potencial da Regra 3, estranhamente alto para começar, contrabalança com exatidão o potencial da Regra 2, estranhamente baixo para começar.

Donovan se levantou, entusiasmado.

– E atinge um equilíbrio. Eu entendo. A Regra 3 o faz voltar e a Regra 2 o faz avançar...

– Então ele segue um círculo ao redor da reserva de selênio, permanecendo no lugar onde estão todos os pontos de equilíbrio de potenciais. E, a não ser que façamos algo a respeito, ele continuará nesse círculo para sempre, apresentando-nos o bom e velho comportamento de andar em círculos. – Depois acrescentou, de forma mais pensativa: – E é isso, a propósito, que o deixa bêbado. Em uma situação de equilíbrio de potenciais, metade das vias positrônicas do seu cérebro não funciona bem. Não sou especialista em robôs, mas isso parece óbvio. É provável que ele tenha perdido o controle sobre aquelas mesmas partes do seu mecanismo voluntário as quais um humano bêbado também teria perdido controle. Óóótimo.

– Mas qual é o perigo? Se soubéssemos do que ele está fugindo...

– Você mesmo disse. Atividade vulcânica. Em algum lugar bem acima da reserva de selênio há um vazamento de gás vindo das entranhas de

Mercúrio. Dióxido de enxofre, dióxido de carbono... e monóxido de carbono. Em grandes quantidades... e a esta temperatura.

Donovan engoliu em seco perceptivelmente.

– Monóxido de carbono e ferro se transformam no volátil ferro-pentacarbonila.

– E um robô – acrescentou Powell – é constituído essencialmente de ferro. – E depois acrescentou de modo sombrio: – Não há nada como a dedução. Determinamos tudo sobre o nosso problema, exceto a solução. Não podemos buscar o selênio nós mesmos. Ainda está muito longe. Não podemos enviar esses robôs-cavalos porque eles não podem ir sozinhos, e eles não podem nos levar rápido o bastante para que não fritemos. E não podemos pegar Speedy porque o imbecil acha que estamos brincando, e ele consegue correr quase cem quilômetros por hora, enquanto os nossos, pouco mais de seis.

– Se um de nós for – começou Donovan, hesitante – e voltar cozido, ainda haverá o outro.

– Sim – veio a resposta sarcástica –, seria um sacrifício muito generoso... exceto pelo fato de que, antes mesmo de chegar à reserva, a pessoa já não estaria em condições de dar ordens, e eu acho que os robôs não voltariam para o penhasco sem ordens para fazê-lo. Imagine! Estamos a uns três ou quatro quilômetros da reserva, digamos que são três; o robô anda a seis quilômetros por hora, e nós só podemos suportar vinte minutos com os nossos trajes. E lembre-se, não é só o calor. A radiação solar ultravioleta e a de ondas de luz mais curtas aqui são um veneno.

– Hum – disse Donovan –, dez minutos a menos.

– Tão bom quanto uma eternidade. E há outra coisa. Para o potencial da Regra 3 ter parado Speedy onde parou, deve haver uma quantidade considerável de monóxido de carbono na atmosfera de vapor metálico e, portanto, deve haver um efeito corrosivo considerável. Agora faz horas que ele está aqui fora; como vamos saber se a articulação de um joelho, por exemplo, não vai falhar e não vai derrubá-lo? Não é só uma questão de pensar; nós precisamos pensar rápido!

Silêncio profundo, pavoroso, paralisante e pesado!

Donovan começou a falar, sua voz tremendo em um esforço para se manter impassível:

– Já que não podemos aumentar o potencial da Regra 2 dando novas ordens, que tal se fizéssemos o contrário? – propôs ele. – Se aumentarmos o

perigo, aumentamos o potencial da Regra 3 e o trazemos de volta.

A visitela do capacete de Powell tinha se voltado para ele como em uma pergunta silenciosa.

– Sabe – continuou Donovan a cautelosa explicação –, tudo o que precisamos fazer para tirá-lo de sua rotina é aumentar a concentração de monóxido de carbono ao seu redor. Bem, lá na Estação há um laboratório de análises completo.

– É claro – assentiu Powell. – É uma Estação Mineradora.

– Tudo bem. Deve haver quilos de ácido oxálico para as precipitações de cálcio.

– Santo espaço! Mike, você é um gênio.

– Mais ou menos – admitiu Donovan com modéstia. – Era só o caso de lembrar que o ácido oxálico, quando aquecido, decompõe-se em dióxido de carbono, água e no bom e velho monóxido de carbono. Química de faculdade, sabe como é.

Powell estava de pé e tinha atraído a atenção de um dos monstruosos robôs com o simples expediente de bater na perna da máquina.

– Ei – gritou ele. – Você consegue arremessar coisas?

– Mestre?

– Esqueça. – Powell maldisse o cérebro do robô, lento como o escorrer do melaço. Ele procurou uma pedra pontiaguda do tamanho de um tijolo. – Pegue isto – mandou ele – e acerte aquela área de cristais azulados do outro lado daquela fenda tortuosa. Consegue vê-la?

Donovan pôs a mão no ombro do colega.

– É longe demais, Greg. Está a quase um quilômetro de distância.

– Fique quieto – replicou Powell. – Trata-se da gravidade de Mercúrio e de um braço de aço para arremessar algo. Observe.

Os olhos do robô estavam medindo a distância com a estereoscopia exata de uma máquina. Seu braço se ajustou ao peso do projétil e se afastou. Na escuridão, os movimentos do robô não puderam ser vistos, mas ouviu-se de repente um baque surdo conforme ele mudou de posição, e segundos depois a pedra voou sombriamente até a luz do sol. Não havia resistência do ar para diminuir a velocidade da pedra, nem vento para mudar sua direção; quando ela atingiu o solo, mandou cristais pelos ares exatamente no centro da “superfície azul”.

Powell gritou de alegria.

– Vamos voltar para buscar o ácido oxálico, Mike – disse ele.

– Speedy esteve perambulando deste lado da reserva de selênio desde que saímos atrás dele – disse Donovan em tom grave, quando eles entraram na subestação arruinada no caminho de volta para os túneis. – Você o viu?

– Sim.

– Acho que ele quer brincar. Pois bem, vamos fazer uma brincadeira com ele!

* * *

Eles voltaram horas depois com recipientes de três litros da substância química de cor branca e um par de rostos taciturnos. O banco de fotocélulas estava se deteriorando mais rápido do que parecia possível. Em silêncio e com uma determinação implacável, os dois conduziram seus robôs até a luz do sol e em direção a Speedy, que os esperava.

Speedy aproximou-se deles devagar, e disse:

– Aqui estamos nós outra vez. Oba! Eu fiz uma pequena lista, o piano-organista; todas as pessoas que comem hortelã e sopram o hálito na sua cara[5] .

– Nós vamos soprar uma coisa na sua cara – murmurou Donovan. – Ele está mancando, Greg.

– Eu percebi – foi a lenta e preocupada resposta. – O monóxido vai acabar arruinando-o, se não nos apressarmos.

Eles estavam se aproximando com cautela agora, em um movimento quase furtivo, para não afugentar o robô completamente irracional. Powell estava longe demais para dizer, é claro, mas mesmo ele poderia ter jurado que o disparatado Speedy estava se preparando para dar um salto.

– Solte-os – arquejou ele. – Conte até três! Um... dois...

Dois braços de aço se projetaram para trás e fizeram, ao mesmo tempo, um movimento brusco para a frente, e dois recipientes de vidro rodopiaram adiante, descrevendo elevados arcos paralelos e brilhando como diamantes sob um sol impossível. Levantando poeira, mas sem fazer nenhum ruído, eles atingiram o solo atrás de Speedy, espatifando-se e mandando o ácido oxálico pelos ares em uma nuvem de poeira.

Sob o forte calor do sol de Mercúrio, Powell sabia que o ácido estava efervescendo como água com gás.

Speedy se virou para olhar, depois se afastou daquele ponto devagar – e devagar foi ganhando velocidade. Em quinze segundos, ele estava saltando diretamente para o lado dos dois humanos em grandes passadas irregulares.

Powell não entendeu as palavras de Speedy naquele momento, embora tivesse ouvido algo que parecia “as profissões de um amante, quando expressas na língua que se fala em Hesse[6] ”.

Ele se virou.

– Vamos voltar ao penhasco, Mike. Ele saiu da rotina e vai receber novas ordens agora. Estou ficando com calor.

Eles avançaram em direção à sombra ao monótono ritmo de suas montarias, e foi só quando estavam abrigados do sol, sentindo um súbito frescor se estabelecendo ao redor, que Donovan olhou para trás.

– Greg!

Powell olhou e quase soltou um grito. Speedy estava andando devagar agora – tão devagar – e na direção errada. Ele estava se desviando... estava se desviando de volta para a sua rotina; e estava ganhando velocidade. Ele parecia terrivelmente perto, e terrivelmente inalcançável, pelos binóculos.

– Atrás dele! – gritou Donovan como um louco, e golpeou seu robô para que voltasse a andar, mas Powell o chamou de volta.

– Não vai conseguir alcançá-lo, Mike; é inútil. – Ele se remexeu nos ombros do robô e cerrou o punho, sentindo-se impotente. – Por que diabos eu entendo essas coisas cinco segundos depois de estar tudo acabado? Mike, nós desperdiçamos horas.

– Precisamos de mais ácido oxálico – declarou Donovan, imperturbável. – A concentração não foi alta o suficiente.

– Sete toneladas de ácido não teriam sido suficientes... e, mesmo que fossem, nós não temos tempo para desperdiçar buscando o ácido enquanto o monóxido destrói Speedy. Não consegue entender o que está acontecendo, Mike?

– Não – respondeu Donovan categoricamente.

– Estamos apenas estabelecendo novos equilíbrios. Quando criamos mais monóxido e aumentamos o potencial da Regra 3, Speedy retrocedeu até estar em situação de equilíbrio de novo, e, quando o monóxido se dissipou, ele voltou a avançar, e outra vez havia equilíbrio.

A voz de Powell parecia ter um tom de completa tristeza: – É o bom e velho comportamento de andar em círculos. Podemos enfraquecer a Regra 2, fortalecer a Regra 3 e não conseguiremos sair do lugar, só conseguiremos mudar a posição do equilíbrio. E precisamos escapar de ambas as regras. – E então ele impeliu seu robô para mais perto do de Donovan, de modo que

eles ficassem sentados frente a frente, duas sombras vagas na escuridão, e sussurrou: – Mike!

– É o fim? – disse o outro de forma apática. – Imagino que vamos voltar para a Estação, esperar que os bancos de fotocélulas cheguem ao fim, apertar as mãos, tomar cianeto e sair de cena como cavalheiros. – Ele deu uma risada breve.

– Mike – repetiu Powell com seriedade –, nós precisamos pegar Speedy de volta.

– Eu sei.

– Mike – disse Powell outra vez, e hesitou antes de continuar. – Há sempre a Regra 1. Pensei nisso antes, mas é um ato desesperado.

Donovan alçou o olhar e sua voz ganhou novo vigor.

– Nós estamos desesperados.

– Tudo bem. De acordo com a Regra 1, um robô não pode deixar um ser humano em perigo por inação sua. As regras 2 e 3 não podem superá-la. Não podem, Mike.

– Mesmo quando o robô está meio lou... Bem, ele está bêbado. Você sabe disso.

– São os riscos que se corre.

– Corta essa! O que você vai fazer?

– Vou sair da sombra e ver o que a Regra 1 pode fazer. Se não romper o equilíbrio, então que se dane... é agora ou daqui a três ou quatro dias.

– Espere, Greg. Há regras humanas de comportamento também. Você não vai sair da sombra assim, sem mais nem menos. Imagine uma loteria, e me dê uma chance.

– Tudo bem. O primeiro a dizer quanto é catorze ao cubo vai. – E quase de imediato acrescentou: – 2744!

Donovan sentiu seu robô cambalear depois de um súbito empurrão dado pela montaria de Powell, e então Powell saiu ao sol. Donovan abriu a boca para gritar, depois ficou de boca fechada. É claro que aquele idiota já tinha calculado o cubo de catorze, e de propósito. Era a cara dele fazer isso.

* * *

O sol estava mais quente do que nunca, e Powell sentiu uma coceira de enlouquecer na parte inferior das costas. Era sua imaginação, provavelmente, ou talvez uma forte radiação começando a produzir efeito mesmo através do insotraje.

Speedy o estava observando sem dizer sequer uma palavra ininteligível de Gilbert e Sullivan como cumprimento. Graças a Deus! Mas não ousava chegar muito perto.

Powell estava a quase 275 metros de distância quando Speedy começou a voltar, dando um passo de cada vez, com cautela. Powell parou, pulou dos ombros do seu robô e pousou no solo cristalino produzindo um leve baque e levantando no ar alguns fragmentos pontiagudos.

Ele continuou a pé, o solo áspero e escorregadio sob seus pés, a baixa gravidade causando-lhe dificuldade. As solas dos pés comichavam por conta do calor. Ele olhou para trás, para a escuridão da sombra do penhasco, e percebeu que tinha chegado longe demais para voltar – fosse sozinho ou com a ajuda da peça de museu que era seu robô. Agora, era Speedy ou nada, e o fato de saber disso oprimia-lhe o peito.

Longe demais! Ele parou.

– Speedy! – chamou ele. – Speedy!

O lustroso e moderno robô diante dele hesitou e parou de voltar para trás, recomeçando logo em seguida.

Powell tentou imprimir um tom de súplica à voz e descobriu que não fez muito efeito.

– Speedy, preciso voltar para a sombra ou então o sol vai me matar. É uma questão de vida ou morte, Speedy. Preciso de você.

Speedy deu um passo adiante e parou. Ele falou, mas o resultado fez Powell resmungar, pois o robô disse:

– Quando você não dorme e uma terrível enxaqueca o consome, e o repouso é um tabu[7] ...

A música parou por aí e Powell se deteve por um tempo, por algum motivo, para murmurar: “Iolanthe”.

Estava um calor de rachar! Ele viu um movimento com o canto dos olhos, virou-se, cambaleante, e então observou, com grande espanto, que o monstruoso robô que o tinha carregado estava se movendo – estava se movendo em sua direção e sem passageiro.

– Perdão, Mestre. Não devo me mexer sem um Mestre a me guiar, mas o senhor está em perigo – dizia ele.

É claro, o potencial da Regra 1 acima de tudo. Mas ele não queria aquela antiguidade desajeitada; ele queria Speedy. Ele se afastou e acenou de modo frenético.

– Eu ordeno que fique longe. Eu ordeno que pare!

Foi inútil. Não se podia vencer o potencial da Regra 1.

– O senhor está em perigo, Mestre – disse o robô de maneira estúpida.

Powell olhou ao seu redor em desespero. Não conseguia ver direito. Seu cérebro rodopiava de calor, seu hálito queimava quando ele respirava e o chão ao seu redor era uma névoa trêmula.

– Speedy! Estou morrendo, droga! Onde está você? Speedy, eu preciso de você – gritou ele uma última vez, desesperado.

Ele ainda estava cambaleando para trás em um cego esforço para se afastar do robô gigante que ele não queria, quando sentiu dedos de aço em seus braços e ouviu uma preocupada e pesarosa voz de timbre metálico aos ouvidos.

– Puxa vida, chefe, o que o senhor está fazendo aqui? O que eu estou fazendo aqui?... Estou tão confuso...

– Esqueça – murmurou Powell com uma voz fraca. – Leve-me para a sombra do penhasco... e depressa!

Houve uma última sensação de ser levantado do chão, de um movimento rápido e de um calor escaldante; então, ele desmaiou.

* * *

Powell acordou com Donovan inclinado sobre ele, sorrindo ansiosamente.

– Como você está, Greg?

– Bem! – foi a resposta. – Onde está Speedy?

– Bem aqui. Eu o mandei a uma das outras reservas de selênio, com ordens de pegar o mineral a qualquer custo dessa vez. Ele o trouxe de volta em 42 minutos e três segundos. Eu cronometrei. Ele ainda está pedindo desculpas por ter andado em círculos. Está com medo de chegar perto de você, com receio do que vai dizer.

– Arraste-o até aqui – mandou Powell. – Não foi culpa dele.

Ele estendeu a mão e agarrou a mão metálica de Speedy.

– Está tudo bem, Speedy. – E depois disse para Donovan: – Sabe, Mike, eu estava pensando...

– Sim!

– Bom – ele esfregou o rosto... o ar estava tão agradavelmente gelado –, você sabe que, quando as coisas estiverem preparadas por aqui e tivermos testado Speedy em campo, vão nos mandar para as Estações Espaciais da próxima vez...

– Não!

– Sim! Pelo menos é o que a velha Calvin me disse pouco antes de partirmos, e eu não disse nada sobre aquilo, porque eu ia me opor a essa ideia.

– Opor? – gritou Donovan. – Mas...

– Eu sei. Agora estou de acordo. Duzentos e setenta e três graus centígrados abaixo de zero. Não vai ser uma maravilha?

– Estação Espacial – disse Donovan –, aqui vou eu.

3 RAZÃO

UM ANO E MEIO DEPOIS, OS rapazes tinham mudado de ideia. A chama de um sol gigantesco tinha dado lugar à escuridão difusa do espaço, mas as variações externas pouco significavam no ofício de verificar o funcionamento de robôs experimentais. Fosse qual fosse a sua formação, a pessoa ficava cara a cara com um cérebro positrônico inescrutável, o qual os gênios antiquados diziam que devia funcionar assim ou assado.

Mas não funcionavam. Powell e Donovan descobriram isso depois de ter passado menos de duas semanas na Estação.

Gregory Powell deu ênfase às palavras, espaçando-as:

– Uma semana atrás, Donovan e eu o montamos. – Ele franziu as sobrancelhas com ar de dúvida e alisou o bigode castanho.

Havia silêncio na sala de gerenciamento na Estação Solar nº 5, a não ser pelo ruído surdo do poderoso Condutor de Raios em algum lugar bem lá embaixo.

O robô QT-1 permanecia imóvel. As placas polidas do seu corpo reluziam sob a luz dos Luxpontos, e o tom de vermelho brilhante das fotocélulas (que eram seus olhos) estava firmemente fixo no terráqueo do outro lado da mesa.

Powell reprimiu um súbito ataque de nervos. Esses robôs possuíam cérebros peculiares. Ah, as três Leis da Robótica ainda valiam. Tinham de valer. A U.S. Robots inteira, desde Robertson até o novo faxineiro, insistiriam nisso. Então o QT-1 era *seguro* ! E, no entanto, os modelos QT eram os primeiros do tipo, e esse era o primeiro dos QTs. Rabiscos matemáticos em um papel nem sempre eram a proteção mais reconfortante contra a realidade robótica.

Por fim, o robô falou. Sua voz tinha o timbre frio inseparável de um diafragma metálico.

– Você percebe a seriedade de uma afirmação dessas, Powell?

– *Algo* construiu você, Cutie – ressaltou Powell. – Você mesmo admite que sua memória parece ter surgido plenamente desenvolvida a partir do vazio total da semana passada. Donovan e eu o montamos com as partes que enviaram para nós.

Cutie fitou seus dedos longos e flexíveis em uma atitude estranhamente humana de perplexidade.

– Parece-me que deveria haver uma explicação mais satisfatória do que essa. Pois o fato de *vocês* terem *me* feito parece improvável.

O terráqueo riu de repente.

– Em nome do planeta Terra, por quê?

– Chame de intuição. É disso que se trata por enquanto. Mas pretendo chegar a uma conclusão sobre o assunto. Uma sequência de raciocínios válidos só pode levar à determinação da verdade, e eu vou insistir até chegar lá.

Powell se levantou e se sentou na ponta da mesa, próximo ao robô. Ele sentia uma simpatia repentina e forte por essa estranha máquina. Não era nada parecido com os robôs comuns, que cuidavam de suas tarefas especializadas na estação com a determinação de uma via positrônica profundamente arraigada.

Ele colocou a mão sobre o ombro de aço de Cutie, e o metal era frio e duro ao toque.

– Cutie – disse ele –, vou tentar lhe explicar algo. Você é o primeiro robô que mostrou curiosidade quanto à própria existência, e acho que é, de fato, o primeiro inteligente o bastante para entender o mundo lá fora. Venha comigo.

O robô se levantou suavemente, e seus pés, que tinham uma grossa sola de borracha amortecedora, não fizeram barulho algum enquanto ele seguia Powell. O terráqueo apertou um botão e uma área quadrada na parede tremeluziu ao lado deles. O vidro grosso e claro revelou o espaço sideral, cheio de estrelas.

– Eu vi isso das janelas de observação da casa das máquinas – disse Cutie.

– Eu sei – retrucou Powell. – O que você acha que é?

– Exatamente o que parece: uma matéria negra bem do outro lado deste vidro, sarapintada de pontinhos brilhantes. Sei que o nosso condutor envia raios para alguns desses pontos, sempre para os mesmos, e também que esses pontos se movem e que os raios se movem com eles. Isso é tudo.

– Ótimo! Agora quero que ouça com atenção. A escuridão é o vazio... um vasto vazio que se estende ao infinito. Os pontinhos brilhantes são grandes massas de matéria cheias de energia. São globos, alguns deles com milhões de quilômetros de diâmetro (para efeito de comparação, esta

estação tem apenas 1,6 quilômetro de extensão). Esses corpos parecem ser minúsculos porque estão a uma distância inacreditável. Os pontos para os quais os nossos raios de energia estão direcionados, por sua vez, estão mais próximos e são muito menores. São frios e duros, e seres humanos como eu vivem em suas superfícies, muitos bilhões deles. É de um desses mundos que Donovan e eu viemos. Nossos raios fornecem para esses mundos energia retirada de um daqueles gigantescos globos incandescentes que estão próximos a nós. Chamamos a esse globo de Sol, e ele fica do outro lado da estação, de onde você não pode vê-lo.

Cutie permaneceu imóvel diante da janela, como uma estátua de aço. Ele não virou a cabeça ao falar.

– De qual ponto de luz em particular você afirma vir?

Powell procurou.

– Lá está. Aquele bem brilhante no canto. Nós o chamamos de Terra. – Ele sorriu. – A boa e velha Terra. Há três bilhões de nós lá, Cutie... e em cerca de duas semanas, estaremos lá com eles.

E então, surpreendentemente, Cutie cantarolou de modo absorto. Não havia melodia, mas o som era de uma curiosa natureza metálica, como se fosse de cordas repuxadas. Cessou de forma tão súbita como começou.

– Mas aonde eu entro nessa história, Powell? Você não explicou a *minha* existência.

– O resto é simples. Quando estabeleceram essas estações pela primeira vez, para fornecer energia solar aos planetas, elas eram administradas por humanos. Entretanto, o calor, as fortes radiações solares e as tempestades de elétrons tornavam este posto difícil. Os robôs foram desenvolvidos para substituir o trabalho humano, e agora apenas dois gestores humanos são necessários em cada estação. Estamos tentando substituir inclusive esses, e é aí que você entra. Você é o modelo mais avançado de robô já desenvolvido, e, se demonstrar a capacidade de administrar esta estação de maneira independente, nenhum humano jamais precisará vir aqui de novo, a não ser para trazer componentes para fazer reparos.

Powell ergueu o braço e a visi-tampa de metal fechou-se rapidamente. Ele voltou para a mesa e esfregou uma maçã na manga da camisa antes de mordê-la.

O brilho vermelho dos olhos do robô o deteve.

– Você espera que eu – perguntou Cutie devagar – acredite em uma hipótese tão complicada e improvável como a que acaba de delinear? Quem

pensa que eu sou?

Powell cuspiu fragmentos de maçã na mesa e enrubesceu.

– Mas que droga, não era uma hipótese. Eram fatos.

– Globos de energia de milhões de quilômetros de diâmetro! Mundos com três bilhões de humanos! Vazio infinito! Sinto muito, Powell, mas não acredito nisso – disse Cutie em um tom sombrio. – Vou decifrar esse enigma sozinho. Adeus.

Ele se virou e saiu da sala. Passou por Michael Donovan na soleira da porta, acenando gravemente com a cabeça, e desceu para o corredor, sem ter consciência dos olhares perplexos que o seguiam.

Mike Donovan passou a mão pelo cabelo vermelho, amassando-o, e lançou um olhar irritado para Powell.

– Do que o ferro-velho ambulante estava falando? Em que ele não acredita?

O outro puxava os fios do bigode com amargura.

– Ele é cético – foi a lamentosa resposta. – Não acredita que nós o fizemos ou que existe a Terra, ou o espaço, ou as estrelas.

– Pelos sais de Saturno, temos um robô lunático nas mãos.

– Ele disse que vai descobrir tudo sozinho.

– Bem – disse Donovan suavemente –, espero que ele se digne a me explicar depois que tiver descoberto tudo. – E depois acrescentou, com uma súbita raiva: – Escute! Se aquela encrenca de metal vier com essa conversa para cima de *mim* , vou arrancar aquela cabeça de crômio.

Com um movimento brusco, ele se sentou e tirou do bolso interno da jaqueta um exemplar em brochura de um romance de mistério.

– De qualquer forma, aquele robô me deixa nervoso... É curioso demais!

* * *

Mike Donovan resmungava escondido atrás de um enorme sanduíche de alface e tomate quando Cutie bateu de leve à porta e entrou.

– Powell está aqui?

A voz de Donovan saiu abafada, com pausas para a mastigação.

– Ele está colhendo informações sobre as funções do fluxo eletrônico. Parece que estamos indo em direção a uma tempestade.

Gregory Powell entrou assim que Donovan terminou de falar, com os olhos fixos no papel quadriculado que tinha nas mãos, e deixou-se cair em

uma cadeira. Ele espalhou os papéis diante de si e começou a rabiscar cálculos. Donovan olhou por cima dos ombros, mastigando alface e derrubando migalhas de pão. Cutie esperava em silêncio.

Powell levantou os olhos.

– O Potencial Zeta está se elevando, mas devagar. Apesar disso, as funções do fluxo estão irregulares e eu não sei o que esperar. Ah, olá, Cutie. Pensei que estivesse supervisionando a instalação da nova barra de transmissão.

– Já está instalada – disse o robô em voz baixa –, e então eu vim ter uma conversa com vocês dois.

– Ah! – Powell parecia sentir-se desconfortável. – Bem, sente-se. Não, nessa cadeira não. Uma das pernas está bamba e você não pesa pouco.

– Tomei uma decisão – disse o robô serenamente, depois de fazer o que foi pedido.

Donovan o fitou com ar zangado e pôs de lado os restos do sanduíche.

– Se é sobre algum daqueles disparates...

O outro pediu silêncio por meio de gestos impacientes.

– Continue, Cutie. Estamos ouvindo.

– Passei os últimos dois dias em concentrada introspecção – disse Cutie – e os resultados foram muito interessantes. Comecei com a única suposição segura que senti que me era permitido fazer. Eu existo porque eu penso...

– Por Júpiter, um Descartes robótico! – resmungou Powell.

– Quem é Descartes? – perguntou Donovan. – Escute, nós temos que ficar sentados aqui ouvindo esse maníaco de metal?

– Fique quieto, Mike!

Cutie continuou, imperturbável.

– E a questão que surgiu de imediato foi: qual é a causa exata da minha existência?

Powell ficou boquiaberto.

– Você está sendo ridículo. Eu já lhe disse que nós o fizemos.

– E se não acredita em nós – acrescentou Donovan –, ficaremos felizes em desmontá-lo!

O robô fez um gesto largo com as mãos, em desaprovação.

– Não aceito nada com base em autoridades no assunto. Uma hipótese deve ser sustentada pela razão, caso contrário não tem valor... e supor que vocês me fizeram vai contra todos os preceitos da lógica.

Powell conteve com o braço o punho repentinamente cerrado de Donovan.

– Por que exatamente você diz isso?

Cutie riu. Não era uma risada nada humana... a expressão vocal mais mecânica que ele já tinha manifestado. Era aguda e explosiva, tão regular e invariável quanto um metrônomo.

– Olhem para vocês – disse ele por fim. – Não digo isso com desdém, mas olhem para vocês! A matéria de que são feitos é macia e flácida, sem resistência nem força, e depende de uma oxidação ineficiente de matéria orgânica para obter energia... como aquilo. – Ele apontou o dedo para o que restava do sanduíche de Donovan com ar de desaprovação. – De tempos em tempos, vocês entram em coma e a menor variação de temperatura, pressão do ar, umidade ou intensidade radiativa prejudica a sua eficiência. Vocês são *provisórios* . Eu, por outro lado, sou um produto acabado. Absorvo energia elétrica de forma direta e a utilizo com uma eficiência de quase 100%. Sou composto de um metal resistente, meu estado de consciência é ininterrupto e posso suportar as condições extremas do ambiente com facilidade. Esses são os fatos que, com a proposição óbvia de que nenhum ser pode criar outro ser superior a si mesmo, põe por terra a sua tola hipótese.

* * *

Os xingamentos sussurrados de Donovan se transformaram em algo ininteligível quando ele se levantou, franzindo a testa.

– Tudo bem, seu filho de um pedaço de minério de ferro, se nós não o fizemos, quem o fez?

Cutie aquiesceu com a cabeça, e respondeu:

– Muito bem, Donovan. De fato, essa era a pergunta seguinte. Evidentemente, meu criador deve ser mais poderoso do que eu, e então havia apenas uma possibilidade.

– Qual é o centro das atividades aqui na estação? – continuou Cutie ante o olhar estupefato dos terráqueos. – A que todos nós servimos? O que absorve toda a nossa atenção? – Ele esperava com ansiedade.

Donovan virou-se para seu companheiro com um olhar perplexo.

– Aposto que maluco de metal está falando sobre o Conversor de Energia.

– É isso mesmo, Cutie? – perguntou Powell, dando um sorriso forçado.

– Estou falando sobre o Mestre – foi a fria e áspera resposta.

Foi a deixa para Donovan dar uma gargalhada, e o próprio Powell deu umas risadinhas meio contidas.

Cutie tinha se levantado e seus olhos brilhantes iam de um terráqueo para o outro.

– De qualquer forma, é assim que as coisas são, e não me admira que se recusem a acreditar. Estou certo de que vocês dois não deverão ficar aqui por muito tempo. O próprio Powell disse que, de início, apenas homens serviam o Mestre, que depois surgiram robôs para fazer o trabalho de rotina e, por fim, eu fui feito para o trabalho administrativo. Não há dúvida de que os fatos são verdadeiros, mas a explicação é completamente ilógica. Vocês querem a verdade por trás disso tudo?

– Continue, Cutie. Você é divertido.

– O Mestre criou os humanos primeiro como uma espécie inferior, feitos do modo mais fácil. Aos poucos, ele os trocou por robôs, a seguinte e mais elaborada etapa, e enfim me criou para ocupar o lugar dos últimos humanos. De agora em diante, *eu* sirvo o Mestre.

– Você não vai fazer nada disso – disse Powell de forma ríspida. – Você vai seguir nossas ordens e ficar quieto até que estejamos convencidos de que você consegue fazer o Conversor funcionar. Entenda isso! *O Conversor* ... não o Mestre. Se não nos convencer, será desmontado. E agora, se não se importar, pode sair. E leve essas informações com você e arquive-as de maneira adequada.

Cutie pegou os gráficos que lhe deram e saiu sem dizer mais nada. Donovan se recostou pesadamente na cadeira e enterrou os dedos grossos no cabelo.

– Vamos ter problema com aquele robô. Ele é completamente doido!

* * *

O zumbido preguiçoso do Conversor fica mais alto na sala de controle e se mistura com o ruído que imitava a risadinha sufocada dos Contadores Geiger e com o zunido irregular de meia dúzia de sinaizinhos de luz.

Donovan afastou os olhos do telescópio e acendeu os Luxpontos.

– O raio da Estação nº 4 chegou a Marte no horário. Podemos interromper o nosso agora.

Powell aquiesceu, de modo absorto.

– Cutie está lá na casa das máquinas. Vou dar o sinal e ele pode cuidar disso. Olhe, Mike, o que acha desses cálculos?

O outro olhou para os números de soslaio e assoviou.

– Cara, isso é o que eu chamo de intensidade de raios gama. O velho Sol está mesmo exaltado.

– É – foi a azeda resposta –, e também não estamos em uma boa posição para enfrentar uma tempestade de elétrons. Nosso raio para a Terra está bem no meio da rota provável. – De mau humor, ele afastou a cadeira da mesa. – Se pudéssemos aguentar até os nossos substitutos chegarem, mas isso só vai acontecer daqui a dez dias. Mike, vá lá embaixo e fique de olho em Cutie, por favor.

– Tudo bem. Dê-me algumas daquelas amêndoas.

Ele pegou o saquinho jogado para ele e se dirigiu ao elevador.

O elevador desceu suavemente e se abriu, dando para uma passarela estreita na imensa casa das máquinas. Donovan se inclinou por sobre o corrimão e olhou para baixo. Os enormes geradores estavam em movimento e dos Tubos-L vinha o zumbido estridente que impregnava toda a estação.

Ele conseguiu distinguir o vulto grande e brilhante de Cutie em torno do Tubo-L Marciano, observando de perto conforme a equipe de robôs trabalhava em coeso uníssono.

E então Donovan ficou tenso. Os robôs, que pareciam anões perto do poderoso Tubo-L, alinharam-se diante dele, com as cabeças baixas em uma postura rígida de reverência, enquanto Cutie andava lentamente de um lado a outro da fileira. Passaram-se quinze segundos e, em seguida, com um tinido que sobressaiu ao ruído barulhento que havia ao redor, eles caíram de joelhos.

Donovan soltou um grito áspero e desceu a escada estreita correndo. Ele avançou raivosamente sobre eles, o tom de sua tez combinava com o do cabelo e os punhos cerrados agitavam-se com fúria no ar.

– Que diabos é isso, seus cabeças ocas? Vamos lá! Ocupem-se daquele Tubo-L! Se vocês não o desmontarem, limparem e o montarem de novo antes de o dia terminar, vou coagular o cérebro de cada um com corrente alternada.

Nenhum robô se mexeu!

Mesmo Cutie, na outra extremidade – o único que estava de pé – permaneceu em silêncio, com os olhos fixos nas escuras reentrâncias da imensa máquina à sua frente.

Donovan avançou sobre o robô mais próximo.

– Levante-se! – vociferou ele.

Aos poucos, o robô obedeceu. Seus olhos fotoelétricos se fixaram no terráqueo com ar de reprovação.

– Não há nenhum Mestre a não ser o Mestre – disse ele –, e QT-1 é seu profeta.

– Ahn?

Donovan tomou ciência dos vinte pares de olhos mecânicos fixos nele e das vinte vozes de timbre inflexível que declamavam em tom solene: “Não há nenhum Mestre a não ser o Mestre, e QT-1 é seu profeta”!

– Acho – interveio o próprio Cutie a essa altura – que meus amigos obedecem a alguém superior a você agora.

– Obedecem uma ova! Saia daqui. Vou resolver as coisas com você mais tarde e com essas bugigangas animadas agora.

Cutie chacoalhou devagar a pesada cabeça e disse:

– Sinto muito, mas você não entende. Eles são robôs, e isso quer dizer que são seres sensatos. Reconhecem o Mestre, agora que eu preguei a Verdade para eles. Todos os robôs reconhecem. Eles me chamam de profeta. – Ele baixou a cabeça. – Não sou digno... mas talvez...

Donovan restabeleceu o fôlego e começou a usá-lo.

– Ah, é assim? Isso não é legal? Não é mesmo ótimo? Apenas deixe que eu lhe diga uma coisa, meu macaco de latão. Não há nenhum Mestre, e não há nenhum profeta, e não há nenhuma dúvida quanto a quem dá as ordens. Entendeu? – E completou, berrando: – Agora saia!

– Eu obedeço apenas ao Mestre.

– Dane-se o Mestre! – Donovan cuspiu no Tubo-L. – *Isso* é para o Mestre! Faça o que eu mandei!

Cutie não disse nada, tampouco disseram os outros robôs, mas Donovan percebeu um repentino aumento da tensão. O vermelho dos olhos frios que o observavam se intensificou, e Cutie parecia mais retesado do que nunca.

– Sacrilégio – sussurrou ele, com a voz metálica de emoção.

Donovan sentiu o primeiro contato súbito com o medo quando Cutie se aproximou. Um robô *não podia sentir raiva*... mas os olhos de Cutie eram indecifráveis.

– Sinto muito, Donovan – disse o robô –, mas você não pode mais continuar aqui depois disso. De agora em diante, você e Powell estão proibidos de entrar na sala de controle e na casa das máquinas.

Ele fez um gesto silencioso com a mão e, em um instante, dois robôs tinham pegado Donovan pelos braços.

Donovan teve tempo para um arquejo perplexo ao sentir que o levantavam do chão e o carregavam escada acima em um ritmo mais rápido do que o de um meio galope.

* * *

Gregory Powell andou de um lado para o outro da sala de gerenciamento com o punho firmemente cerrado. Ele lançou um olhar de furiosa frustração para a porta fechada e fez uma cara muito feia para Donovan.

– Por que diabos você tinha que cuspir no Tubo-L?

Mike Donovan, afundado na poltrona, bateu nos braços do móvel com violência.

– O que esperava que eu fizesse com aquele espantalho eletrificado? Não vou baixar a cabeça para uma engenhoca que eu mesmo montei.

– Não – foi a amarga resposta –, mas aqui está você na sala de gerenciamento com dois robôs montando guarda na frente da porta. Isso não é baixar a cabeça, é?

Donovan resmungou.

– Espere até voltarmos para a Base. Alguém vai pagar por isso. Aqueles robôs têm que nos obedecer. É a Segunda Lei.

– De que adianta dizer isso? Eles não estão nos obedecendo. É provável que haja uma razão para isso, e nós vamos descobrir tarde demais. A propósito, você sabe o que vai acontecer conosco quando voltarmos à Base? – Ele parou diante da poltrona de Donovan, fitando-o com um olhar furioso.

– O quê?

– Ah, nada! Só que vão nos mandar de volta para as Minas de Mercúrio por vinte anos. Ou talvez para a Penitenciária de Ceres.

– Do que você está falando?

– Da tempestade de elétrons que se aproxima. Você sabe que ela vai passar no meio da trajetória do raio para a Terra? Eu tinha acabado de descobrir isso quando aquele robô me tirou da cadeira.

Donovan ficou pálido de repente.

– Pelos sais de Saturno!

– E você sabe o que vai acontecer com o raio... porque a tempestade vai ser uma beleza. Ele vai pular como uma pulga se coçando. Com apenas

Cutie nos controles, o raio vai sair do foco e, se sair, que os céus ajudem a Terra... e a nós!

Donovan já tentava abrir a porta violentamente enquanto Powell estava apenas no meio do caminho. A porta se abriu e o terráqueo saiu em velocidade, indo de encontro a um braço de aço imóvel.

O robô observou de modo absorto o ofegante terráqueo que se debatia.

– O profeta ordena que permaneçam aqui. Por favor, fique!

O robô o empurrou com o braço, Donovan cambaleou para trás e, enquanto isso acontecia, Cutie apareceu no canto mais distante do corredor. Ele acenou, afastando os robôs de guarda, entrou na sala de gerenciamento e fechou a porta com delicadeza.

Donovan virou-se para Cutie arquejante e indignado.

– Isto já foi longe demais. Você vai pagar por esta palhaçada.

– Por favor, não fique irritado – replicou o robô com calma. – Isso ia acabar acontecendo de qualquer forma. Vejam bem, vocês dois perderam sua função.

– Como é que é? – Powell levantou-se de uma vez, com uma postura rígida. – O que exatamente você quer dizer com isso, de que nós perdemos a nossa função?

– Até eu ser criado – respondeu Cutie –, vocês serviam ao Mestre. Esse privilégio é meu agora, e o único motivo de sua existência desapareceu. Isso não é óbvio?

– Não muito – foi a áspera réplica de Powell –, mas o que você espera que façamos agora?

Cutie não respondeu de imediato. Ele permaneceu em silêncio, como se estivesse pensando, e então estendeu um braço em torno de Powell. Com o outro ele pegou o pulso de Donovan, puxando-o para mais perto.

– Gosto de vocês dois. São criaturas inferiores, com faculdades mentais medíocres, mas eu sinto mesmo um tipo de afeição por vocês. Vocês serviram bem ao Mestre, e ele os recompensará por isso. Agora que seu período de serviço acabou, provavelmente não viverão por muito mais tempo, mas, enquanto viverem, receberão comida, roupa e abrigo, contanto que não entrem na sala de controle e na casa das máquinas.

– Ele está nos aposentando, Greg! – gritou Donovan. – Faça alguma coisa. Isso é humilhante!

– Olhe aqui, Cutie, não podemos tolerar isso. Nós somos os *chefes* . Esta estação é apenas uma criação de seres humanos como nós... seres

humanos que vivem na Terra e em outros planetas. Isto é apenas uma retransmissão de energia... Você é só... ah, um louco!

* * *

Cutie chacoalhou a cabeça gravemente, e falou:

– Isso constitui uma obsessão. Por que insistem tanto em uma visão absolutamente falsa da vida? Admitindo que os não robôs não têm capacidade de raciocínio, ainda há o problema de...

Sua voz desvaneceu em um silêncio reflexivo.

– Se você tivesse uma cara de carne e osso, eu a quebraria – disse Donovan com a intensidade de um sussurro.

Powell alisou o bigode com os dedos e estreitou os olhos.

– Ouça, Cutie, se não existe a Terra, como você explica o que vê pelo telescópio?

– Como é?

O terráqueo sorriu.

– Eu peguei você, não é? Você fez algumas observações pelo telescópio desde que foi montado, Cutie. Percebeu que muitos desses pontos de luz lá fora se tornam discos quando observados por meio desse aparelho?

– Ah, *isso* ! Com certeza. É uma simples ampliação... com o propósito de direcionar o raio de forma mais exata.

– Por que as estrelas não são ampliadas da mesma maneira, então?

– Você quer dizer os outros pontos. Bem, nenhum raio é enviado para elas, então a ampliação é desnecessária. É sério, Powell, até *você* deveria ser capaz de entender essas coisas.

Powell olhou para cima com desânimo.

– Mas você vê *mais* estrelas pelo telescópio. De onde elas vêm? Pelas jazidas de Júpiter, de onde elas vêm?

Cutie estava irritado.

– Escute, Powell, você acha que vou perder o meu tempo tentando atribuir interpretações para cada ilusão de óptica dos nossos instrumentos? Desde quando a evidência dos nossos sentidos se iguala à clara luz da razão?

– Veja bem – protestou Donovan de repente, contorcendo-se para se livrar do amigável, porém pesado, braço de metal de Cutie –, vamos ao âmago da questão. Por que os raios? Estamos lhe dando uma explicação boa e lógica. Você consegue fazer melhor?

– Os raios – foi a rígida resposta – são produzidos pelo Mestre para seus próprios objetivos. Existem algumas coisas – ele levantou os olhos com devoção – que não devemos investigar. Nesse ponto, eu procuro apenas servir e não questionar.

Powell se sentou devagar e levou as mãos ao rosto.

– Saia daqui, Cutie. Saia e me deixe pensar.

– Vou mandar comida para vocês – disse Cutie em um tom agradável.

A única resposta foi um resmungo e o robô saiu.

– Greg – foi a observação rouca e sussurrada de Donovan –, isso pede uma estratégia. Precisamos pegá-lo quando não estiver esperando e dar-lhe um curto-circuito. Ácido nítrico concentrado em suas juntas...

– Não seja imbecil, Mike. Você acha que ele vai nos deixar chegar perto dele com ácido nas mãos? Eu digo que precisamos *falar* com ele. Precisamos persuadi-lo a nos deixar entrar de novo na sala de controle dentro de 48 horas, ou estamos fritos.

Ele ficou se balançando para a frente e para trás, aflito por conta da sensação de impotência.

– Quem diabos quer discutir com um robô? É... é...

– Humilhante – completou Donovan.

– Pior!

– Escute! – Donovan riu de repente. – *Por que* discutir? Vamos mostrar a ele. Vamos construir outro robô bem diante de seus olhos. Então ele vai *ter* que engolir o que disse.

Aos poucos, um sorriso foi se abrindo no rosto de Powell.

– E pense na cara daquele maluco quando nos vir fazendo isso! – continuou Donovan.

* * *

É óbvio que os robôs são fabricados na Terra, mas sua remessa pelo espaço fica muito mais simples se puder ser feita em partes a serem montadas no local de uso. Por acaso, isso também elimina a possibilidade de robôs plenamente ajustados se perderem enquanto ainda estiverem na Terra, fazendo com que a U.S. Robots fique cara a cara com as rigorosas leis contra robôs no planeta.

Ainda assim, esse tipo de remessa trazia a homens como Powell e Donovan a necessidade de síntese de robôs inteiros... uma tarefa difícil e complicada.

Powell e Donovan nunca haviam tido tanta consciência desse fato quanto naquele dia em particular, na sala de montagem, quando se comprometeram a criar um robô diante dos olhos atentos de QT-1, Profeta do Mestre.

O robô em questão, um simples modelo MC, estava sobre a mesa, quase completo. Três horas de trabalho tinham deixado apenas a cabeça inacabada, e Powell parou para limpar o suor da testa e olhou para Cutie de modo incerto.

O olhar não foi tranquilizador. Durante três horas, Cutie tinha ficado mudo e imóvel, e seu rosto, sem nenhuma expressão o tempo todo, estava agora absolutamente indecifrável.

Powell resmungou.

– Vamos colocar o cérebro agora, Mike!

Donovan tirou a tampa do recipiente hermeticamente fechado, e do óleo que havia lá dentro ele retirou um segundo cubo. Abrindo este cubo, por sua vez, ele tirou um globo de dentro de um invólucro de borracha amortecedora.

Ele o manuseava com cautela, pois era o mecanismo mais complicado que já fora criado pelo homem. Dentro da fina “pele” de placas de platina do globo estava um cérebro positrônico, em cuja estrutura delicadamente instável funcionavam vias neurônicas calculadas, as quais imbuíam o robô com o que equivale a uma educação pré-natal.

A peça se encaixou confortavelmente na cavidade existente na cabeça do robô, que estava estendido sobre a mesa. Um metal azul foi colocado sobre a cavidade e bem soldado por uma minúscula chama atômica. Olhos fotoelétricos foram colocados com cuidado, bem parafusados e cobertos com finas e transparentes camadas de um plástico duro como aço.

Faltava ao robô apenas a faísca vitalizadora de eletricidade de alta voltagem, e Powell parou quando levou a mão ao botão.

– Agora observe, Cutie. Observe com atenção.

O botão foi apertado com força e ouviu-se um estalo. Os dois terráqueos se inclinaram ansiosos sobre sua criação.

Houve um movimento vago apenas no início: uma contração do joelho. A cabeça se ergueu, os cotovelos foram usados como apoio e o modelo MC se levantou da mesa, desajeitado. Seus passos eram irregulares e, por duas vezes, rangidos malogrados foram tudo o que ele conseguiu fazer em sua tentativa de falar.

Enfim sua voz, incerta e hesitante, tomou forma.

– Eu gostaria de começar a trabalhar. Para onde devo ir?

Donovan correu para a porta.

– Descendo as escadas – disse ele. – Vão lhe dizer o que fazer.

O modelo MC se foi e os dois terráqueos ficaram sozinhos com Cutie, que continuava imóvel.

– Bem – disse Powell, sorrindo –, *agora* você acredita que nós fizemos você?

A resposta de Cutie foi breve e definitiva.

– Não – respondeu ele.

Powell ficou paralisado com o sorriso no rosto, o qual foi se desfazendo aos poucos. O queixo de Donovan caiu e assim ficou.

– Vejam bem – continuou Cutie com desenvoltura –, vocês apenas fizeram a montagem de peças que já estavam prontas. Vocês se saíram extraordinariamente bem... por instinto, eu imagino, mas vocês não *criaram* de fato o robô. As partes foram criadas pelo Mestre.

– Escute – arquejou Donovan com voz rouca –, aquelas partes foram produzidas na Terra e enviadas para cá.

– Bem – replicou Cutie de forma apaziguadora –, não vamos discutir.

– Não, estou falando sério. – O terráqueo deu um salto para a frente e agarrou o braço metálico do robô. – Se você lesse os livros da biblioteca, eles poderiam explicar as coisas de modo a não deixar nenhuma dúvida.

– Os livros? Eu li os livros... todos eles! São muito engenhosos.

Powell interrompeu de repente.

– Se você os leu, o que mais pode ser dito? Você não pode contestar a evidência que eles contêm. Você simplesmente *não pode* !

Havia piedade na voz de Cutie.

– Por favor, Powell, é claro que eu não *os* considero uma fonte válida de informação. Eles também foram criados pelo Mestre... e foram feitos para vocês, não para mim.

– Como você deduziu isso? – perguntou Powell.

– Porque eu, um ser sensato, sou capaz de deduzir a Verdade a partir das Causas *a priori* . Vocês, sendo inteligentes, porém irracionais, precisam que uma explicação sobre sua existência lhes seja *dada* , e o Mestre fez isso. Não há dúvida de que ele lhes deu essas ideias cômicas de mundos e povos distantes porque assim era melhor. É provável que suas mentes sejam muito

grosseiras para a Verdade absoluta. Entretanto, já que é a vontade do Mestre que acreditem nos livros, não vou mais discutir com vocês.

Ao sair, Cutie se virou e disse em um tom gentil: – Mas não se sintam mal. No grande plano do Mestre há lugar para todos. Vocês, pobres humanos, têm o seu lugar e, embora ele seja humilde, serão recompensados se o ocuparem bem.

Ele partiu com um ar beatífico que combinava com o Profeta do Mestre, e os dois humanos evitaram se entreolhar.

– Vamos dormir, Mike. Eu desisto – falou Powell por fim, com algum esforço.

– Escute, Greg, você não acha que ele está certo sobre tudo isso, acha? Ele parece tão confiante que... – disse Donovan em voz baixa.

Powell voltou-se para ele.

– Não seja tolo. Você vai descobrir se a Terra existe quando os nossos substitutos chegarem aqui na semana que vem e nós tivermos de voltar e aguentar as consequências.

– Então, pelo amor de Júpiter, precisamos fazer alguma coisa. – Donovan estava quase chorando. – Ele não acredita em nós, nem nos livros, nem nos próprios olhos.

– Não – disse Powell amargamente – ele é um robô *racional* ... droga. Ele só acredita na razão, e há um problema nisso... – sua voz foi desaparecendo.

– Que problema é esse? – incentivou Donovan.

– Pode-se provar qualquer coisa que se queira com a razão friamente lógica... se forem escolhidos os postulados apropriados. Nós temos os nossos e Cutie tem os dele.

– Então vamos descobrir quais são esses postulados sem demora. A tempestade está prevista para amanhã.

Cansado, Powell suspirou.

– É aí que tudo vai por água abaixo. Postulados são baseados em suposições e são aceitos por uma questão de fé. Nada no Universo pode abalá-los. Vou dormir.

– Ah, inferno! Não consigo dormir!

– Nem eu! Mas bem que eu poderia tentar... por uma questão de princípio.

* * *

Doze horas depois, o sono ainda era apenas aquilo: uma questão de princípio, inacessível na prática.

A tempestade tinha chegado antes do previsto, e o rosto rosado de Donovan ficou pálido quando ele apontou o dedo trêmulo. Powell, com a barba por fazer e os lábios secos, olhava pela janela e puxava os fios do bigode em desespero.

Em outras circunstâncias, poderia ter sido uma linda vista. O fluxo de elétrons em alta velocidade sobre o raio de energia criava uma fluorescência que se manifestava em ultraespículas de intensa luz. O raio se estreitava até virar quase nada, um esplendor com partículas de pó dançando e cintilando.

O feixe de energia estava inalterado, mas os dois terráqueos sabiam o valor das aparências a olho nu. Desvios de arco de um centésimo de milésimo de segundo – invisíveis aos olhos – bastavam para deixar o raio totalmente fora de foco... o suficiente para levar milhares de quilômetros quadrados da Terra a uma ruína incandescente.

E um robô despreocupado com raio, foco ou Terra, ou qualquer outra coisa que não o seu Mestre, estava no controle.

Horas se passaram. Os terráqueos observavam em um silêncio hipnótico. E então os pontinhos de luz que se precipitavam no espaço foram se desvanecendo e se apagaram. A tempestade tinha terminado.

– Acabou! – o tom de voz de Powell era monótono.

Donovan tinha caído em um sono agitado e os olhos cansados de Powell pousaram sobre ele, cheios de inveja. A luz do sinal de alerta continuava piscando, mas o terráqueo não prestou atenção. Nada disso tinha importância! Nada! Talvez Cutie estivesse certo e ele fosse apenas um ser inferior com uma memória feita sob encomenda e uma vida que tinha durado mais que o seu propósito.

Bem que ele queria ser!

Cutie estava diante dele:

– Vocês não responderam ao sinal de luz, então eu entrei. – Falava em voz baixa. – Você não parece nada bem, e acho que seu tempo de existência está chegando ao fim. Ainda assim, você gostaria de ver algumas das medições registradas hoje?

De um modo vago, Powell se deu conta de que era um gesto amigável do robô, talvez para aquietar algum remorso persistente por substituir os humanos no controle da estação à força. Ele pegou as folhas que lhe foram estendidas e olhou-as sem prestar atenção.

Cutie parecia satisfeito.

– É claro que é um grande privilégio servir ao Mestre. Vocês não devem se sentir mal por eu tê-los substituído.

Powell resmungou e mudou de folha mecanicamente até que sua vista embaçada se fixou em uma fina linha vermelha que oscilava de um lado a outro do papel pautado.

Ele olhou... e olhou de novo. Segurou a folha bem firme com ambas as mãos e se pôs de pé, ainda olhando. As outras folhas de papel caíram no chão, despercebidas.

– Mike, *Mike* ! – Ele chacoalhava o outro com violência. – *Ele o manteve estável!*

Donovan voltou a si.

– O quê? O-onde? – E também ele olhou para o registro diante de si com os olhos arregalados.

Cutie interrompeu.

– O que há de errado?

– Você o manteve em foco – balbuciou Powell. – Você sabia disso?

– Foco? O que é isso?

– Você manteve o raio direcionado com precisão para a estação receptora... dentro de um arco de um décimo de milésimo de milissegundo.

– Que estação receptora?

– Na Terra. A estação receptora na Terra – balbuciou ele. – Você o manteve em foco.

Cutie deu meia volta, contrariado.

– É impossível praticar qualquer ato de gentileza para com vocês dois. Sempre a mesma ilusão! Eu simplesmente mantive todos os indicadores em equilíbrio, de acordo com a vontade do Mestre.

Com rigor e juntando os papéis espalhados, o robô se retirou.

– Quem diria? – comentou Donovan quando Cutie saiu.

Ele se voltou para Powell: – O que vamos fazer agora?

Powell se sentia cansado, porém animado.

– Nada. Ele acaba de mostrar que pode administrar a estação perfeitamente. Nunca vi lidarem tão bem com uma tempestade de elétrons.

– Mas não há nada resolvido. Você ouviu o que ele disse sobre o Mestre. Nós não podemos...

– Escute, Mike, ele segue as instruções do Mestre por meio de indicadores, instrumentos e gráficos. Isso é tudo o que *nós* sempre

seguimos. Para falar a verdade, isso explica sua recusa em nos obedecer. A obediência é a Segunda Lei. Nenhum humano ferido é a primeira. Como ele pode impedir que humanos sejam feridos, sabendo disso ou não? Bem, mantendo o raio de energia estável. Ele *sabe* que pode mantê-lo mais estável que nós, já que insiste que é um ser superior, então *deve* nos manter fora da sala de controle. É inevitável, se você considerar as Leis da Robótica.

– É verdade, mas não é essa a questão. Não podemos deixar que ele continue com essa tolice de Mestre.

– Por que não?

– Porque onde já se ouviu algo assim? Como vamos confiar a estação a ele, se ele não acredita na Terra?

– Ele consegue administrar a estação?

– Sim, mas...

– Então que diferença faz em que ele acredita?

Powell abriu os braços com um sorriso vago no rosto e se jogou de costas na cama. Ele dormiu.

* * *

Powell estava falando enquanto brigava com sua leve jaqueta espacial.

– Seria uma tarefa simples – disse ele. – Pode-se trazer novos modelos QT, um por um, equipá-los com um botão de desligamento automático que funcione dentro de uma semana, a fim de permitir que tenham tempo suficiente para aprender... ahn... o culto do Mestre com o próprio Profeta; depois nós os mudamos de estação e os religamos. Poderíamos ter dois QTs por...

Donovan desprendeu seu visor de vidrolite e franziu o cenho.

– Cale a boca e vamos sair logo daqui. Os funcionários substitutos estão esperando e não vou me sentir bem até eu ver a Terra, de fato, e sentir o chão sob os meus pés... só para ter certeza de que está mesmo ali.

A porta se abriu enquanto ele falava e Donovan, com uma imprecação abafada, fechou o visor e virou as costas para Cutie.

O robô se aproximou brandamente, e havia tristeza em sua voz.

– Vocês estão indo?

Powell fez um aceno breve com a cabeça.

– Outros ficarão em nosso lugar.

Cutie suspirou, produzindo como que um zunido de vento passando por entre fios de arame muito próximos uns dos outros.

– Seu tempo de serviço acabou e o momento de sua eliminação chegou. Eu esperava por isso, mas... Bem, seja feita a vontade do Mestre!

Seu tom de resignação ofendeu Powell.

– Poupe a sua compaixão, Cutie. Estamos indo para a Terra, não para a eliminação.

– É melhor que pensem assim – Cutie suspirou de novo. – Vejo a sabedoria da ilusão agora. Eu não tentaria abalar sua fé, nem se pudesse...

Ele foi embora... era a comiseração em pessoa.

Powell resmungou e gesticulou para Donovan. Com malas seladas em mãos, eles se dirigiram à câmara de despressurização.

A nave com os substitutos estava na área externa de pouso, e Franz Muller, que ficaria em seu lugar, cumprimentou-os com uma cortesia formal. Donovan mal os cumprimentou e passou para a sala do piloto a fim de assumir os controles de Sam Evans.

Powell demorou-se um pouco.

– Como está a Terra?

Era uma pergunta bem convencional, e Muller deu a resposta convencional:

– Continua girando.

– Ótimo – disse Powell.

Muller olhou para ele e comentou:

– A propósito, os rapazes lá na U.S. Robots inventaram um novo. Um robô múltiplo.

– Um o quê?

– O que eu disse. Há um contrato importante envolvendo essa invenção. Deve ser a opção perfeita para a mineração de asteroides. Há um robô mestre com seis robôs sob suas ordens... como seus dedos.

– Ele já foi testado em campo? – perguntou Powell com ansiedade.

– Ouvi dizer que estão esperando por vocês – respondeu Muller sorrindo.

Powell ficou de punho fechado.

– Droga, precisamos de férias.

– Ah, vocês terão férias. Duas semanas, eu acho.

Muller estava calçando as pesadas luvas espaciais, preparando-se para seu período de trabalho ali, quando franziu a testa e perguntou, apertando as

grossas sobrancelhas:

– Como vai o novo robô? É bom que esteja indo *bem* , caso contrário, raios me partam se eu deixá-lo tocar nos controles.

Powell parou antes de responder. Seus olhos fitaram o orgulhoso prussiano à sua frente, desde o cabelo bem curto na cabeça inexoravelmente teimosa até os pés rigidamente em posição de sentido... e uma sensação de pura alegria tomou conta dele.

– O robô é muito bom – disse ele, devagar. – Acho que você não vai ter que se preocupar muito com os controles.

Ele sorriu... e entrou na nave. Muller ficaria por aqui durante várias semanas...

4 É PRECISO PEGAR O COELHO

AS FÉRIAS DURARAM MAIS DO QUE duas semanas. Isso Mike Donovan tinha de admitir. Havia sido seis meses com remuneração. Ele admitia isso também. Mas isso, como ele explicou, furioso, fora fortuito. A U.S. Robots tinha de consertar algumas falhas do robô múltiplo, e havia muitas, e sempre sobrava uma meia dúzia para os testes de campo. Então eles esperaram e relaxaram até que os caras do planejamento e os rapazes dos cálculos tivessem dito "tudo certo"! E agora ele e Powell estavam lá no asteroide e *não estava* tudo certo. Ele repetiu isso umas doze vezes, com o rosto vermelho como um tomate.

– Pelo amor de Deus, Greg, seja realista. De que adianta ater-se às especificações ao pé da letra e ver o teste se perder? Está na hora de deixar de lado a burocracia e ir ao trabalho.

– Só estou dizendo – comentou Gregory Powell com paciência, como se estivesse explicando eletrônica para uma criança idiota – que, de acordo com as especificações, aqueles robôs estão preparados para a mineração em asteroides sem supervisão. Não devemos observá-los.

– Tudo bem. Veja... é uma questão de lógica. – Donovan levantou os dedos peludos e contou. – Primeiro: aquele novo robô passou em todos os testes nos laboratórios da empresa. Segundo: a U.S. Robots garantiu que eles passariam no teste de desempenho real em um asteroide. Terceiro: os robôs não estão passando nesses testes. Quarto: se não passarem, a United States Robots vai perder dez milhões de créditos em dinheiro e mais ou menos cem milhões em reputação. Quinto: se não passarem e não conseguirmos explicar por que não passam, é possível que tenhamos que dar um adeus carinhoso a dois bons empregos.

Powell resmungou demasiado por trás de um sorriso notavelmente falso. O lema implícito da United States Robots and Mechanical Men Corp. era bastante conhecido: "Nenhum funcionário comete o mesmo erro duas vezes. Ele é despedido na primeira".

– Você é tão lúcido quanto Euclides com relação a todas as coisas, menos com relação aos fatos. – disse Powell em voz alta. – Você observou aquele grupo de robôs por três turnos, ruivo, e eles fizeram o trabalho com perfeição. Você mesmo disse. O que mais podemos fazer?

– Descobrir o que há de errado, isso é o que podemos fazer. De fato, eles funcionaram perfeitamente quando eu os observei. Mas em três ocasiões diferentes, em que eu não os observei, eles não trouxeram nenhum minério. Eles nem voltaram no horário. Tive que ir atrás deles.

– E havia algo errado?

– Nada. Nada. Tudo estava perfeito. Tranquilo e perfeito como o éter luminífero. Apenas um detalhezinho insignificante me perturbou: *não havia minério* .

Powell franziu o cenho, olhando para o teto, e alisou o bigode castanho.

– Vou lhe dizer uma coisa, Mike. Nós já ficamos enrolados com alguns trabalhos péssimos durante o nosso tempo de serviço, mas este merece um prêmio. A situação toda é complicada além dos limites do tolerável. Olhe, aquele robô, DV-5, tem outros seis robôs sob suas ordens. E não só isso... eles fazem parte dele.

– Eu sei disso...

– Cale a boca – disse Powell de forma bruta –, sei que você sabe, mas só estou descrevendo o inferno que é. Aqueles seis robôs auxiliares são parte do DV-5 como seus dedos são parte de você, e ele não dá ordens aos seis nem em voz alta, nem por rádio, mas diretamente por meio de campos positrônicos. Pois bem... não existe um roboticista na United Robots que saiba o que é um campo positrônico ou como ele funciona. Nem eu sei. Nem você.

– Disso eu sei – concordou Donovan filosoficamente.

– Então veja em que posição nos encontramos. Se tudo funcionar... ótimo! Se algo der errado... não está ao nosso alcance e é provável que não haja nada que nós, ou qualquer outra pessoa, possamos fazer. Mas o trabalho é nosso e não de outra pessoa, então nós é que estamos em dificuldades, Mike. – Silenciosamente, ele fervilhou de raiva por um instante. E depois disse: – Tudo bem, você o fez sair?

– Sim.

– Está tudo normal agora?

– Bem, ele não tem nenhuma mania religiosa e não está correndo em círculos declamando Gilbert e Sullivan, então acho que está normal.

Donovan passou pela porta, chacoalhando a cabeça com violência.

* * *

Powell esticou o braço para pegar o pesado “Manual de Robótica” que estava a um lado de sua escrivaninha, quase afundando-a, e abriu-o com reverência. Certa vez ele pulara pela janela de uma casa em chamas vestindo apenas shorts e o “Manual”. Se estivesse em apuros, ele teria ficado sem os shorts.

O “Manual” estava diante dele quando o robô DV-5 entrou, com Donovan fechando a porta atrás de si com o pé.

– Oi, Dave. Como você se sente? – perguntou Powell em um tom sombrio.

– Bem – disse o robô. – Os senhores se importam se eu me sentar?

Ele arrastou a cadeira especialmente reforçada que era sua e sentou-se de modo suave.

Powell olhou para Dave – os leigos podem pensar em robôs pelos números de série; os roboticistas, nunca – com aprovação. Ele não era excessivamente grande de forma alguma, apesar de ter sido construído como uma unidade pensante de uma equipe integrada por sete robôs. Tinha pouco mais de 2 metros e meia tonelada de metal e eletricidade. Era muito? Não quando essa meia tonelada corresponde a uma massa de condensadores, circuitos, interruptores eletromagnéticos e células de vácuo que conseguem dar conta de quase toda reação psicológica conhecida pelos humanos. E um cérebro positrônico, cada um dos quais com uns 4,5 quilos de matéria e alguns quintilhões de pósitrons, comanda todo o show.

Powell apalpou o bolso da camisa em busca de um cigarro solto.

– Dave – disse ele –, você é um bom companheiro. Você não tem nada de volúvel nem é cheio de pose. É um robô estável que faz mineração em leito de rocha, mas foi preparado para comandar seis auxiliares em coordenação direta. Que eu saiba, isso não introduziu nenhuma trajetória instável no mapa das vias do seu cérebro.

O robô aquiesceu.

– É bom ouvir isso, mas aonde quer chegar, chefe?

Ele tinha um excelente diafragma, e a presença de ressonância na unidade de som lhe tirava muito daquela monotonia metálica que marca a voz robótica comum.

– Vou lhe dizer. Com tudo isso a seu favor, o que há de errado com o seu trabalho? Por exemplo, com o segundo turno de hoje?

Dave hesitou.

– Que eu saiba, nada.

– Você não trouxe nenhum minério.

– Eu sei.

– Bem, e então?

Dave estava com dificuldade.

– Não sei explicar, chefe. Isso tem me deixado muito nervoso, ou deixaria, se eu permitisse. Meus auxiliares trabalharam sem percalços. Eu sei que eu trabalhei.

Ele refletia, com os olhos fotoelétricos brilhando de forma intensa.

– Não me lembro – disse então. – O dia terminou e lá estava Mike, e havia vagões de minério, em sua maioria, vazios.

Donovan interrompeu.

– Você não apresentou nenhum relatório ao final dos turnos por esses dias, Dave. Sabia disso?

– Eu sei. Mas quanto ao motivo... – Ele chacoalhou a cabeça lenta e pesadamente.

Powell sentiu um embrulho no estômago ao pensar que, se o robô fosse capaz de apresentar uma expressão, ela seria de sofrimento e mortificação. Um robô, por sua própria natureza, não pode suportar uma falha em sua função.

Donovan arrastou uma cadeira até a mesa de Powell e se inclinou sobre ela:

– Você acha que é amnésia?

– Não sei dizer. Mas não adianta tentar atribuir nomes de doenças a isso. As doenças humanas se aplicam aos robôs apenas como analogias românticas. Elas não representam ajuda alguma com relação à engenharia robótica. – Ele coçou o pescoço. – Odeio a ideia de fazê-lo passar pelos testes básicos de reação do cérebro. Não vai ajudar nem um pouco seu respeito próprio.

Ele olhou pensativamente para Dave e depois para o esquema de Teste de Campo contido no "Manual".

– Olhe, Dave, que tal passar por um teste? – perguntou ele. – Seria a coisa mais sensata a se fazer.

O robô se pôs de pé.

– Se o senhor diz, chefe.

Havia sofrimento em sua voz.

* * *

Começou de forma bastante simples. O robô DV-5 multiplicou números de cinco dígitos tão rápido quanto uma impiedosa fração de segundos. Ele recitou os números primos entre mil e dez mil. Extraiu raízes quadradas e integrou funções de variadas complexidades. Passou por reações mecânicas em ordem crescente de dificuldade. E, por fim, confrontou sua precisa mente mecânica com a mais alta função do mundo robótico: a solução de problemas de julgamento e ética.

Ao fim de duas horas, Powell estava esgotado. Donovan tinha desfrutado uma dieta não muito nutritiva de petiscos.

– O que o senhor acha, chefe?

– Preciso pensar, Dave – disse Powell. – Conclusões apressadas não vão ser de grande ajuda. Não se esforce muito para atingir a cota por enquanto... nós vamos consertar as coisas.

O robô saiu. Donovan olhou para Powell.

– E então?

Powell parecia determinado a arrancar os fios do bigode pela raiz.

– Não há nada de errado com as correntes do cérebro positrônico – disse ele.

– Eu odiaria estar tão certo assim.

– Ah, por Júpiter, Mike! O cérebro é a parte mais segura de um robô. Foi testado cinco vezes lá na Terra. Se eles passam perfeitamente pelo teste de campo, como Dave passou, não há nenhuma chance de haver mau funcionamento do cérebro. O teste cobriu cada via essencial do cérebro.

– Então em que situação estamos?

– Não me apresse. Deixe-me resolver isso. Ainda há a possibilidade de um colapso mecânico no corpo. Isso quer dizer que há 1,5 mil condensadores, 20 mil circuitos elétricos individuais, 500 células de vácuo, mil interruptores eletromagnéticos e milhares de outras peças individuais complexas que podem ter problemas. *E* esses misteriosos campos positrônicos sobre os quais ninguém sabe nada.

– Escute, Greg – a voz de Donovan assumiu um tom de absoluta urgência –, eu tive uma ideia. Pode ser que aquele robô esteja mentindo. Ele nunca...

– Robôs não podem mentir de propósito, seu tolo. Agora, se nós tivéssemos um verificador McCormack-Wesley, poderíamos testar cada item do corpo dele em um prazo de 24 a 48 horas, mas os dois verificadores

M-W que existem estão na Terra e pesam dez toneladas, estão assentados sobre bases de concreto e não podem ser movidos. Não é formidável?

Donovan dava batidinhas na mesa.

– Mas, Greg, ele só funciona mal quando não estamos por perto. Há algo... sinistro... nisso. – Ele pontuou a frase com pancadas fortes na mesa.

– Você me deixa doente – disse Powell lentamente. – Anda lendo romances de aventura demais.

– O que eu quero saber – gritou Donovan – é o que vamos fazer.

– Vou lhe dizer. Vou instalar uma visitela logo acima de minha mesa. Bem naquela parede ali, está vendo? – Ele apontou o lugar raivosamente com o dedo. – E então vou focalizá-la em toda e qualquer parte da mina em que os robôs estejam trabalhando, e vou observar. É isso.

– É isso? Greg...

Powell levantou-se da cadeira e apoiou os punhos fechados sobre a mesa.

– Mike, estou passando por um mau pedaço. – Sua voz estava cansada. – Faz uma semana que você está me aborrecendo por conta do Dave. Você diz que há algo de errado com ele. Você sabe o que exatamente há de errado? Não! Você sabe que forma esse erro toma? Não! Você sabe o que o provoca? Não! Você sabe o que o faz mudar de repente? Não! Você sabe alguma coisa sobre isso? Não! Eu sei alguma coisa sobre isso? Não! Então o que quer que eu faça?

Donovan estendeu o braço, em um gesto vago e pomposo.

– Você me pegou!

– Então vou lhe dizer de novo. Antes de fazermos algo para curá-lo, precisamos descobrir qual é a doença, para começar. O primeiro passo para se fazer um guisado de coelho é pegar o coelho. Bem, então é preciso pegar esse coelho! Agora saia daqui.

* * *

Donovan olhou para o esboço preliminar do seu relatório de campo com olhos cansados. Por um lado, ele estava cansado e, por outro, o que havia para relatar enquanto as coisas estivessem incertas? Ele se sentia irritado.

– Nós estamos muito atrasados em relação ao planejado – disse ele.

– Você está me dizendo uma coisa que eu não sabia – respondeu Powell sem nunca levantar os olhos.

– O que eu quero saber – continuou Donovan, com repentina fúria –, é por que nós estamos sempre envolvidos com novos tipos de robôs. Eu finalmente decidi que os robôs que eram bons o bastante para o meu tio-avô materno são bons o bastante para mim. Sou a favor do que foi testado e aprovado. A prova do tempo é a que vale... robôs bons, estáveis e ultrapassados que nunca apresentam falhas.

Powell atirou um livro com uma mira perfeita, e Donovan caiu da cadeira.

– Seu trabalho – disse Powell com calma – pelos últimos cinco anos, tem sido o de testar novos robôs em condições reais de trabalho para a United States Robots. Pelo fato de eu e você termos sido tão insensatos a ponto de demonstrar eficiência nessa tarefa, fomos recompensados com os piores trabalhos. Esse – disse ele, furando o ar com o dedo na direção de Donovan – é o seu trabalho. Você começou a se queixar dele, que eu me lembre, cinco minutos depois que a United States Robots o contratou. Por que não pede demissão?

– Bem, vou lhe dizer. – Donovan se virou, ficou de barriga para baixo e segurou os cabelos ruivos e rebeldes ao firmar a cabeça. – Há certo princípio envolvido. Afinal, como solucionador de problemas, eu fiz parte do desenvolvimento de novos robôs. Há o princípio da contribuição ao avanço científico. Mas não me entenda mal. Não é o princípio que me faz continuar; é o salário que nos pagam. *Greg!*

Powell deu um pulo ao ouvir o grito veemente de Donovan e seus olhos seguiram os do companheiro ruivo até a visitela, arregalando-se de espanto.

– Santo Júpiter! – murmurou ele.

Donovan se levantou depressa, resfolegando.

– Olhe para eles, Greg. Ficaram malucos.

– Pegue dois trajes. Vamos lá para fora – disse Powell.

Ele observava a atitude dos robôs pela visitela. Eram centelhas cor de bronze em suave movimento contra os rochedos obscuros do asteroide sem ar. Estavam em formação de marcha agora e, na luz turva do próprio corpo, passavam silenciosamente as paredes toscas do túnel da mina, quadriculadas com borrões irregulares e indistintos de sombra. Eles marchavam em uníssono, os sete, tendo Dave à frente. Eles se moviam e se viravam em macabra simultaneidade, e se fundiam em mudanças de disposição com a estranha desenvoltura de dançarinas no Lunar Bowl.

Donovan estava de volta com os trajes, e comentou:

– Eles estão dando uma de ultranacionalistas pra cima da gente, Greg. Aquilo é uma marcha militar.

– Até onde se sabe – foi a fria resposta –, pode se tratar de uma série de exercícios calistênicos. Ou Dave pode estar tendo uma alucinação na qual ele é um professor de dança. Apenas pense primeiro, e não se dê ao trabalho de falar depois.

Donovan franziu o cenho e colocou um detonador no coldre lateral, que estava vazio, com um empurrão pomposo.

– De qualquer forma, é nesse pé que nos encontramos – disse ele. – Então nós trabalhamos com novos modelos de robô. É o nosso trabalho, concordo. Mas me responda uma pergunta. Por que... *por que* sempre há algo de errado com eles?

– Porque – respondeu Powell – nós somos amaldiçoados. Vamos!

* * *

Bem adiante, em meio à densa e suave escuridão dos corredores que iam além dos círculos iluminados de suas lanternas, piscava uma luz de robô.

– Eles estão ali – murmurou Donovan.

– Estive tentando me comunicar com ele por rádio, mas ele não responde. O circuito de rádio provavelmente está desligado – sussurrou Powell de forma tensa.

– Então eu fico feliz que os projetistas ainda não tenham elaborado robôs que consigam trabalhar em total escuridão. Eu odiaria ter de encontrar sete robôs loucos em um poço escuro, sem comunicação por rádio, se eles *não fossem* brilhantes como malditas árvores de Natal radioativas.

– Suba naquela saliência ali em cima, Mike. Eles estão vindo para cá e eu quero observá-los de perto. Você consegue?

Donovan pulou, dando um grunhido. A gravidade era consideravelmente mais baixa do que a normal na Terra, mas, com um traje pesado, não havia grande vantagem, e a saliência significou um salto de três metros. Powell pulou em seguida.

A coluna de robôs estava seguindo Dave em fila indiana. Com um ritmo mecânico, eles se dividiram em duas fileiras e voltaram a formar uma fila indiana em uma ordem diferente. Isso se repetiu várias vezes e em nenhum momento Dave virou a cabeça.

Dave estava a pouco mais de seis metros quando terminou aquela encenação. Os robôs auxiliares desfizeram a formação, esperaram um instante e depois se afastaram com estardalhaço... muito rapidamente. Dave ficou olhando para eles e então se sentou devagar. Ele apoiou a cabeça em uma das mãos num gesto muito humano.

– O senhor está aqui, chefe? – sua voz ressoou nos fones de ouvido de Powell.

Powell acenou para Donovan e pulou para o chão.

– Tudo bem, Dave, o que está acontecendo?

O robô chacoalhou a cabeça.

– Não sei. Em um momento, eu estava lidando com um afloramento de rocha duro no Túnel 17 e, no instante seguinte, eu notei a presença de humanos por perto e me dei conta de que estava uns 800 metros abaixo no túnel principal.

– Onde estão os auxiliares agora? – perguntou Donovan.

– Voltaram ao trabalho, é claro. Quanto tempo perdemos?

– Não muito. Deixe para lá. – Depois Powell acrescentou, falando com Donovan: – Fique com ele o resto do turno. Depois volte. Tenho algumas ideias.

* * *

Donovan demorou três horas para voltar. Ele parecia cansado.

– Como foi? – perguntou Powell.

Donovan encolheu os ombros, exausto.

– Nada nunca dá errado quando você os observa. Dê-me um cigarro, por favor.

O ruivo o acendeu com excessiva cautela, soprou um cuidadoso anel de fumaça e disse:

– Estive pensando em uma solução para o caso, Greg. Sabe, o contexto de Dave é estranho para um robô. Há outros seis robôs sob suas ordens em condições extremas de arregimentação. Ele tem poder de vida e morte sobre aqueles robôs auxiliares e isso deve ter uma reação em sua mentalidade. Suponha que ele ache necessário enfatizar esse poder como forma de concessão ao próprio ego.

– Vá direto ao ponto.

– Está bem aqui. Suponha que tenhamos um caso de militarismo. Suponha que ele esteja formando um exército para si mesmo. Suponha que

ele os esteja fazendo treinar manobras militares. Suponha...

– Suponha que você não faça ideia do que está falando. Seus pesadelos devem ser em tecnicolor. Você está postulando uma aberração muito grave do cérebro positrônico. Se sua análise estiver correta, Dave teria que eliminar a Primeira Lei da Robótica: a de que um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido. O tipo de atitude militarista e o ego autoritário que você propõe devem ter como ponto final de suas implicações lógicas a dominação sobre os humanos.

– Tudo bem. Como você sabe que não é esse o caso?

– Em primeiro lugar, porque qualquer robô com um cérebro desses nunca teria saído da fábrica; e em segundo, ele teria sido identificado de pronto se chegasse a sair. Eu testei Dave, você sabe disso.

Powell empurrou a cadeira para trás, colocou o pé na mesa e continuou:

– Não. Nós ainda estamos naquela situação em que não podemos fazer o guisado porque não temos a mínima noção sobre o que está errado. Por exemplo, se pudéssemos descobrir de que se tratava aquela *danse macabre* que testemunhamos, estaríamos perto de encontrar uma saída. – Ele fez uma pausa. – Agora escute, Mike, o que isto lhe parece? Dave funciona mal quando nenhum de nós está presente, e, quando isso ocorre, a chegada de um de nós interrompe o mau funcionamento de repente.

– Eu já tinha dito a você que isso era sinistro.

– Não interrompa. Como um robô pode agir diferente quando os humanos não estão presentes? A resposta é óbvia. Há uma necessidade maior de iniciativa pessoal. Nesse caso, procure pelas partes do corpo afetadas pelas novas necessidades.

– Puxa! – Donovan ficou de pé, depois se sentou. – Não, não. Não é o suficiente. É amplo demais. Não restringe muito as possibilidades.

– Isso é inevitável. De qualquer forma, não haverá risco de não atingir a cota. Nós nos revezaremos para observar aqueles robôs pela visitela. Quando algo der errado, nós vamos ao local da ação imediatamente. Isso os fará voltar ao normal.

– Mas os robôs vão descumprir as especificações de qualquer modo, Greg. A United States Robots não pode comercializar os modelos DV com um relatório desses.

– É claro que não. Precisamos localizar o erro em sua constituição e corrigi-lo... e temos dez dias para fazer isso. – Powell coçou a cabeça. – O

problema é... bem, é melhor você mesmo dar uma olhada nesses projetos.

Os projetos cobriam o chão como um carpete e Donovan rastejou até onde estavam para observá-los, seguindo o movimento irregular do lápis de Powell.

– É aqui que você entra, Mike – disse Powell. – Você é o especialista em corpos robóticos, e quero que verifique se estou certo. Eu estava tentando deixar de fora todos os circuitos que não estão relacionados com a conexão da iniciativa pessoal. Bem aqui, por exemplo, está a artéria do tronco envolvendo as operações mecânicas. Deixei de fora as vias secundárias de rotina como divisões de emergência... – Ele levantou os olhos. – O que você acha?

Donovan sentia um gosto muito ruim na boca.

– O trabalho não é tão simples assim, Greg. A iniciativa não é um circuito elétrico que você pode separar do resto e estudar. Quando um robô age por conta própria, a intensidade da atividade do corpo aumenta de imediato em quase todas as frentes. Não há nenhum circuito que permaneça totalmente incólume. O que deve ser feito é identificar a condição específica, uma condição muito específica, que o faz perder o equilíbrio, e *depois* começar a eliminar circuitos.

Powell se levantou e sacudiu o pó.

– Hmpf. Tudo bem. Leve os mapas e queime-os.

– Como você pode perceber, quando a atividade se intensifica, tudo pode acontecer, considerando uma única parte defeituosa – disse Donovan. – O sistema de isolamento sofre uma avaria, um condensador transborda, uma conexão solta faíscas, uma bobina aquece demais. E se você trabalhar às cegas, tendo todas as partes do robô para escolher, nunca encontrará a falha. Se você desmontar Dave e testar cada ponto do mecanismo do corpo dele um por um, montando-o de novo a cada vez e testando-o...

– Tudo bem. Tudo bem. Já entendi aonde você quer chegar.

Eles se entreolharam, desesperados.

– E se nós entrevistarmos um dos auxiliares? – perguntou então Powell, com cautela.

Nem Powell nem Donovan tinham tido a oportunidade de falar com um dos “dedos”. O robô auxiliar podia falar; não era bem a analogia perfeita para um dedo humano. Na verdade, ele tinha um cérebro razoavelmente desenvolvido, mas aquele cérebro estava em sintonia primeiro com a

recepção de ordens por meio do campo positrônico, e sua reação a estímulos independentes era um tanto atrapalhada.

Nem Powell sabia ao certo seu nome. Seu número de série era DV-5-2, mas isso não era muito útil.

Então ele chegou a um consenso quanto ao que dizer.

– Olhe, camarada – disse ele –, vou pedir que você pense bem em uma coisa e depois pode voltar para o seu chefe.

O “dedo” meneou a cabeça de modo rígido, mas não exerceu seu limitado poder cerebral sobre a fala.

– Em quatro ocasiões recentes – disse Powell –, seu chefe se desviou do esquema cerebral. Você se lembra dessas ocasiões?

– Sim, senhor.

Donovan resmungou raivosamente:

– *Ele* se lembra. Estou lhe dizendo que há algo muito sinistro...

– Ah, vá se danar. É claro que o “dedo” se lembra. Não há nada de errado com ele. – Powell voltou-se para o robô e disse: – O que vocês estavam fazendo em cada uma das ocasiões?... Quero dizer, o grupo todo.

O “dedo” tinha um ar curioso de quem fala algo decorado, como se respondesse às perguntas acionado por uma pressão mecânica no crânio, mas sem qualquer entusiasmo.

– Da primeira vez, nós estávamos trabalhando em um afloramento de rocha difícil no Túnel 17, Nível B. Da segunda vez, estávamos reforçando o teto para evitar um possível desmoronamento. Da terceira vez, estávamos preparando explosões precisas a fim de ampliar o túnel, evitando uma fissura subterrânea. A quarta vez foi logo após um pequeno desmoronamento – disse ele.

– O que aconteceu nessas ocasiões?

– É difícil descrever. Uma ordem seria dada, mas, antes que pudéssemos recebê-la e interpretá-la, chegou uma nova ordem para marchar em uma formação estranha.

– Por quê? – perguntou Powell de repente.

– Não sei.

– Qual foi a primeira ordem... aquela que foi substituída pelas instruções para marchar? – interrompeu Donovan, tenso.

– Não sei. Eu pressenti que uma ordem tinha sido enviada, mas não houve tempo suficiente para recebê-la.

– Consegue nos dizer alguma coisa sobre ela? Foi a mesma ordem em cada uma das vezes?

O “dedo” meneou a cabeça com tristeza:

– Não sei.

Powell se recostou e disse:

– Tudo bem, volte para o seu chefe.

O “dedo” foi embora com um visível ar de alívio.

– Bem, nós conseguimos muito dessa vez. O diálogo todo foi realmente incisivo. Escute, Dave e aquele “dedo” imbecil estão escondendo informações de nós. Há muita coisa que eles não sabem e não lembram. Não podemos mais confiar neles, Greg.

Powell penteou o bigode do jeito errado.

– Deus me ajude, Mike; se você fizer outro comentário bobo, vou tomar o seu chocalho e o seu mordedor.

– Tudo bem. Você é o gênio da equipe. Eu sou apenas um babaca. Em que situação ficamos?

– Ficamos em uma situação difícil. Tentei fazer o caminho inverso a partir do “dedo” e não consegui. Então temos que seguir o caminho normal.

– Grande homem – maravilhou-se Donovan. – Como isso torna as coisas simples! Agora traduza para o português, Mestre.

– Traduzir para um linguajar infantil seria mais adequado para você. Quero dizer que temos de descobrir a ordem que Dave está dando pouco antes de tudo ser esquecido. Seria a chave do problema.

– E como espera fazer isso? Não podemos chegar perto dele porque nada dá errado enquanto estivermos lá. Não podemos ouvir as ordens pelo rádio porque são transmitidas pelo campo positrônico. Isso elimina o método de curta distância e o método de longa distância, deixando-nos em uma evidente e confortável estaca zero.

– Elimina a observação direta, sim. Ainda temos a dedução.

– Hein?

– Vamos trabalhar em turnos, Mike. – Powell sorriu com raiva. – E não vamos tirar os olhos da visitela. Vamos observar cada ação daqueles cabeças de aço. Quando pararem de funcionar e começarem o teatrinho deles, veremos o que aconteceu um momento antes e vamos deduzir qual foi a ordem.

Donovan ficou de queixo caído durante um minuto.

– Eu me demito. Eu desisto – disse ele então, em um tom de voz sufocado.

– Você tem dez dias para pensar em algo melhor – disse Powell, desanimado.

E foi isso que Donovan tentou fazer durante oito dias, com todas as suas forças. Durante oito dias, alternando turnos de quatro horas, ele observou, com os olhos ardendo e a vista embaçada, aquelas formas metálicas reluzentes movimentando-se em contraste com um fundo vago. E durante oito dias, nos intervalos de quatro horas, ele amaldiçoou a United States Robots, os modelos DV e o dia em que nasceu.

E então, no oitavo dia, quando Powell entrou na sala com dor de cabeça e olhar sonolento para cumprir o seu turno, Donovan se levantou e, com uma mira muito cuidadosa e proposital, jogou um pesado suporte para livros bem no meio da visitela. Ouviu-se um barulho muito próprio de estilhaços.

– Por que você fez isso? – arquejou Powell.

– Porque não vou mais observá-los – respondeu Donovan com calma. – Ainda nos restam dois dias e não descobrimos nada. DV-5 é uma perda desagradável. Ele parou cinco vezes desde que comecei a observar e três vezes no seu turno, e eu não consegui distinguir que ordens ele deu, nem você. E não acredito que você algum dia venha a distingui-las, porque sei que eu jamais conseguiria.

– Santo Espaço, como você consegue observar seis robôs ao mesmo tempo? Um usa as mãos, o outro usa os pés, um parece um moinho de vento, o outro fica pulando como um maníaco. E os outros dois... vai saber o que eles estão fazendo. E de repente todos eles param. Assim! Sem mais nem menos!

– Greg, não estamos fazendo isso direito. Precisamos chegar mais perto. Precisamos observar o que eles estão fazendo de um lugar onde possamos ver os detalhes.

Powell quebrou um período de silêncio desagradável.

– É, e esperar que algo dê errado com um prazo de apenas dois dias.

– E observar daqui é melhor?

– É mais confortável.

– Ah... Mas há algo que você pode fazer lá que não pode fazer aqui.

– E o que é?

– Você pode fazê-los parar a qualquer momento e quando estiver pronto para ver exatamente o que dá errado.

Isso provocou uma reação instantânea de Powell.

– De que forma?

– Bem, descubra por conta própria. Você diz que é um crânio. Faça algumas perguntas a si mesmo. Quando o DV-5 perde o controle? Quando aquele "dedo" disse que Dave perdeu o controle? Foi quando houve a ameaça de um desmoronamento, ou quando um desmoronamento de fato ocorreu, quando estavam colocando explosivos minuciosamente calculados, quando atingiram um veio difícil.

– Em outras palavras, durante emergências – Powell parecia entusiasmado.

– Certo! Quando você *espera* que isso aconteça! É o fator da iniciativa pessoal que está nos causando problema. E é apenas durante as emergências que ocorrem na ausência de um ser humano que a iniciativa pessoal é mais exigida. Bem, qual é a dedução lógica? Como podemos criar uma paralisação nós mesmos, quando e onde quisermos? – Donovan fez uma pausa triunfante. Ele estava começando a gostar de desempenhar aquele papel, e respondeu à própria pergunta para evitar a resposta óbvia na ponta da língua de Powell: – Criando a nossa própria emergência.

– Mike... você está certo – disse Powell.

– Obrigado, camarada. Eu sabia que um dia desses conseguiria.

– Tudo bem, e poupe o sarcasmo. Vamos deixar para usá-lo na Terra e guardá-lo em potes para longos invernos futuros. Enquanto isso, que emergência podemos criar?

– Poderíamos inundar as minas, se isso não fosse um asteroide sem ar.

– Isso sem dúvida foi uma piada – comentou Powell. – É sério, Mike, você vai me matar de tanto rir. Que tal um desmoronamento moderado?

– Por mim, tudo bem – disse Donovan, franzindo os lábios.

– Ótimo. Vamos começar.

Estranhamente, Powell se sentia um conspirador à medida que abria caminho pela paisagem escarpada. Seu andar em meio à subgravidade era cambaleante naquele solo irregular, chutando pedras para a direita e para a esquerda sob o peso de seu corpo, levantando sopros de poeira cinzenta. Mentalmente, porém, aquilo era o arrastamento cauteloso do conspirador.

– Você sabe onde eles estão? – perguntou ele.

– Acho que sim, Greg.

– Tudo bem – disse Powell com tristeza –, mas, se algum dos “dedos” chegar a seis metros de nós, vai sentir a nossa presença, quer estejamos no campo de visão, quer não. Espero que saiba disso.

– Quando eu precisar de um curso básico de robótica me inscreverei formalmente com você, e em três vias. Por aqui.

Eles estavam nos túneis agora; até mesmo a luz das estrelas tinha sumido. Os dois homens se encostaram contra a parede, as lanternas iluminando o caminho em flashes intermitentes. Powell apalpou o bolso para sentir o detonador.

– Você conhece este túnel, Mike?

– Não muito bem. Ele é novo. Mas acho que posso distingui-lo a partir do que vi na visitela...

– Você está sentindo isso? – perguntou Mike depois de passados intermináveis minutos.

Houve uma leve vibração na parede contra os dedos da mão envolta em metal de Powell. Naturalmente, não se ouviu som algum.

– Uma explosão! Estamos bem perto.

– Fique de olhos abertos – disse Powell.

Donovan aquiesceu de modo impaciente.

Algo estava bem próximo deles e sumiu antes que pudessem perceber... apenas um brilho cor de bronze atravessando o campo de visão. Eles se encostaram um no outro em silêncio.

– Acha que ele sentiu a nossa presença? – perguntou Powell.

– Espero que não. Mas é melhor flanqueá-los. Pegue o primeiro túnel à direita.

– E se nós os perdermos de vez?

– Bem, e o que você quer fazer? Voltar? – resmungou Donovan de forma impetuosa. – Eles estão a 400 metros de distância. Eu os estava observando pela visitela, não estava? E nós temos dois dias...

– Ah, cale a boca. Está desperdiçando o seu oxigênio. Isto aqui é uma passagem lateral? – A luz da lanterna piscou. – É. Vamos.

A vibração ficara consideravelmente mais perceptível e o chão tremia de modo inquietante.

– Isto está bom – disse Donovan –, se não cair nas nossas cabeças. – Ele iluminou o terreno à frente com ansiedade.

Eles podiam tocar o teto do túnel com a mão meio estendida para cima, e o suporte tinha sido colocado recentemente.

– Sem saída, vamos voltar – hesitou Donovan.

– Não. Espere. – Powell passou por ele, espremendo-se. – Aquilo ali adiante é luz?

– Luz? Não estou vendo nada. Onde haveria luz aqui embaixo?

– Luz de robô. – De quatro no chão, ele estava escalando uma leve inclinação do terreno. Sua voz soava rouca e ansiosa aos ouvidos de Donovan. – Ei, Mike, suba até aqui.

Havia luz. Donovan engatinhou até lá, passando por cima das pernas esticadas de Powell. – Uma abertura?

– Sim. Eles devem estar trabalhando neste túnel agora, mas do lado de lá... eu acho.

Donovan sentiu as bordas irregulares da abertura que dava para algo que a cautelosa luz da lanterna mostrou se tratar de um túnel maior, obviamente um dos túneis principais. O buraco era muito pequeno para um homem passar, e quase pequeno demais para dois homens olharem através dele ao mesmo tempo.

– Não há nada lá – disse Donovan.

– Bem, agora não. Mas devia haver um segundo atrás, ou não teríamos visto luz. Cuidado!

As paredes rolaram ao redor e eles sentiram o impacto. Caiu uma poeira fina do túnel. Powell levantou a cabeça com cuidado e olhou de novo.

– Tudo bem, Mike. Eles estão ali.

Os robôs brilhantes estavam agrupados 15 metros abaixo no túnel principal. Braços de metal trabalhavam de forma vigorosa no monte de escombros que a última explosão deitara por terra.

– Não perca tempo. Não vai demorar muito para eles conseguirem passar, e a próxima explosão pode nos atingir – instigou Donovan.

– Pelo amor de Deus, não me apresse. – Powell desengatou o detonador; seus olhos procuraram ansiosos ao longo do fundo escuro onde a única luz que havia era luz de robô, e era impossível distinguir um pedregulho saliente de uma sombra.

– Há um ponto no teto, veja, quase acima deles. A última explosão não conseguiu afetá-lo. Se você conseguir atingi-lo na base, metade do teto vai desmoronar.

Powell seguiu aquele vulto indistinto de dedo.

– Certo! Agora fique de olho nos robôs e reze para eles não se afastarem muito daquela parte do túnel. Eles são minhas fontes de luz. Todos os sete

estão lá?

– Todos os sete – contou Donovan.

– Pois bem, então, observe-os. Observe cada movimento!

Ele levantou o detonador e o manteve suspenso enquanto Donovan observava, e xingava, e piscava para afastar o suor do olho.

Viu-se um clarão!

Houve um rangido, uma série de vibrações fortes e depois um baque estrondoso que jogou Powell violentamente contra Donovan.

– Greg, você me jogou para longe. Não consegui ver nada.

Powell olhou desvairadamente ao redor.

– Onde estão eles?

Donovan ficou em um silêncio estúpido. Não havia sinal algum dos robôs. Tudo estava tão escuro quanto as profundezas do Rio Estige.

– Você acha que nós os soterramos? – perguntou Donovan em voz trêmula.

– Vamos descer até lá. Não me pergunte o que eu acho. – Powell desceu o declive aos tropeços.

– Mike!

Donovan, que vinha logo atrás, parou.

– O que foi agora?

– Espere! – A respiração de Powell parecia agitada e irregular aos ouvidos de Donovan. – Mike! Você está me ouvindo?

– Estou bem aqui. O que foi?

– Estamos presos. Não foi a queda do teto a quinze metros de distância que nos fez cair. Foi o nosso próprio teto. O abalo o derrubou!

– O quê? – Donovan se levantou, escorando-se em uma parede firme. – Acenda a lanterna.

Powell acendeu. Em nenhum lugar havia espaço sequer para um coelho passar.

– Quem diria! – disse Donovan brandamente.

* * *

Eles desperdiçaram alguns instantes e um pouco de força muscular no empenho de mover a barreira que bloqueava a saída. Powell alternou esse esforço forçando as bordas da abertura original. Por um momento, ele levantou o desintegrador. Mas seria suicídio atirar em um espaço tão pequeno, e Powell sabia disso. Ele se sentou.

– Sabe, Mike – disse ele –, nós realmente estragamos tudo. Não chegamos nem um pouco mais perto de saber o que há de errado com Dave. Era uma boa ideia, mas explodiu na nossa cara.

A tristeza no olhar de Donovan era de uma intensidade que se perdia por completo em meio à escuridão.

– Detesto interrompê-lo, meu velho, mas, além daquilo que sabemos ou não sobre Dave, estamos ligeiramente presos. Se não sairmos daqui, camarada, vamos morrer. M-O-R-R-E-R, morrer. Afinal, quanto oxigênio temos? Não mais do que seis horas.

– Já pensei nisso. – Os dedos de Powell foram em direção ao seu bigode há muito castigado, mas bateram inutilmente contra o visor transparente.

– É claro que poderíamos fazer com que Dave nos tirasse daqui facilmente nesse meio-tempo, só que a nossa preciosa emergência deve tê-lo derrubado, e seu circuito de rádio está desligado.

– Isso não é ótimo?

Donovan subiu pouco a pouco até a abertura e conseguiu colocar para fora sua cabeça protegida pelo capacete de metal. A abertura era muito apertada.

– Ei, Greg!

– O que é?

– E se atraíssemos Dave para um raio de seis metros? Ele voltaria ao normal. Isso nos salvaria.

– Com certeza, mas onde está ele?

– Lá embaixo no corredor... bem lá embaixo. Pelo amor de Deus, pare de puxar antes que você arranque a minha cabeça para fora do buraco. Vou deixar você olhar.

Powell colocou a cabeça para fora e disse:

– Nós fizemos tudo certo. Olhe aquelas valas. Eles devem estar dançando balé.

– Esqueça os comentários sarcásticos. Eles estão chegando mais perto?

– Não dá para saber ainda. Estão longe demais. Dê-me uma chance. Será que pode me dar a minha lanterna? Vou tentar usá-la para chamar a atenção deles.

Powell desistiu dois minutos depois:

– Sem chance! Eles devem estar surdos. Opa, estão começando a vir para este lado. Quem diria?

– Ei, deixe-me dar uma olhada! – pediu Donovan.

Houve uma briga silenciosa.

– Tudo bem! – disse Powell, e Donovan colocou a cabeça para fora.

Eles estavam se aproximando. Dave vinha à frente, levantando bem a perna a cada passo, e os seis “dedos” entrelaçavam-se formando um corpo de balé atrás dele.

Donovan ficou assombrado.

– O que eles estão fazendo? É o que eu quero saber. Parece mesmo um baile... e Dave é o condutor, se não muito me engano.

– Ah, poupe-me de suas descrições – resmungou Powell. – A que distância eles estão?

– A uns quinze metros, e estão vindo para cá. Vamos sair daqui em quinze min... ahn... hein... O QUÊ?... E-EI!

– O que está acontecendo? – Powell demorou vários segundos para se recuperar de seu espanto diante das oscilações vocais de Donovan. – Vamos, dê-me uma chance de olhar por esse buraco. Não seja egoísta.

Ele subiu o desnível, brigando para conseguir um lugar, mas Donovan chutava freneticamente. – Eles deram meia volta, Greg. Estão indo embora. Dave! Ei, Daaave!!

– De que adianta fazer isso, seu tolo? O som não vai se propagar – gritou Powell.

– Bem – disse Donovan, resfolegante –, então chute as paredes, bata nelas com força, comece a produzir alguma vibração. Precisamos atrair a atenção deles de alguma maneira, Greg, ou estamos acabados. – Ele batia com os punhos feito um louco.

Powell o chacoalhou.

– Espere, Mike, espere. Escute, eu tive uma ideia. Pelas jazidas de Júpiter, agora é uma boa hora para se chegar enfim às soluções simples. Mike!

– O que você quer? – Donovan tirou a cabeça do buraco.

– Deixe-me dar uma olhada antes que eles fiquem fora de alcance.

– Fora de alcance! O que você vai fazer? Ei, o que você vai fazer com esse detonador? – Ele agarrou o braço de Powell.

Powell se soltou chacoalhando o braço com violência.

– Vou dar um pequeno disparo.

– Por quê?

– Isso fica para depois. Vamos ver se funciona primeiro. Se não funcionar, então... Saia do caminho e me deixe fazer o disparo!

Os robôs eram centelhas, pequenas e cada vez menores, a distância. Tenso, Powell alinhou as miras e puxou o gatilho três vezes. Ele baixou as armas e espiou com ansiedade. Um dos auxiliares fora atingido! Havia apenas seis vultos brilhantes agora.

– Dave? – chamou Powell de modo incerto pelo transmissor.

– Chefe? Onde o senhor está? O tórax do meu terceiro auxiliar está avariado. Ele está sem condições para o trabalho.

– Esqueça o seu auxiliar – disse Powell. – Nós estamos presos em um túnel que desmoronou no local que vocês estavam explodindo. Consegue ver a nossa lanterna?

– Claro. Já estamos indo.

Powell se sentou e relaxou.

– É isso aí, meu amigo.

– Tudo bem, Greg – disse Donovan bem baixinho, com a voz embargada. – Você venceu. Eu fico diante dos seus pés com a testa no chão. Agora não me venha com papo-furado. Apenas me diga calmamente de que se trata tudo isso.

– É fácil. A questão é que durante esse tempo todo nós não percebemos o óbvio... como sempre. Sabíamos que tinha a ver com o circuito da iniciativa pessoal, e que sempre acontecia em emergências, mas continuávamos buscando uma ordem específica como causa. Por que deveria ser uma ordem?

– Por que não?

– Pois bem, veja. Por que não um tipo de ordem? Que tipo de ordem requer maior iniciativa? Que tipo de ordem é quase sempre dada apenas em emergências?

– Não pergunte para mim, Greg. Diga-me!

– Estou dizendo! É o fato de dar ordens para seis robôs. Sob condições normais, um ou mais “dedos” estariam cumprindo tarefas rotineiras que não exigem uma supervisão cuidadosa... do mesmo modo automático que os nossos corpos comandam os movimentos habituais do andar. Mas, em uma emergência, todos os seis auxiliares devem ser mobilizados imediata e simultaneamente. Dave tem de lidar com seis robôs ao mesmo tempo, e algo acaba falhando. O resto é fácil. Qualquer diminuição da iniciativa exigida, como a chegada de humanos, faz com que ele volte ao normal. Então destruí um dos robôs. Quando eu fiz isso, ele passou a transmitir ordens para os outros cinco. A iniciativa diminui... ele volta ao normal.

– Como você percebeu isso? – perguntou Donovan.

– Foi só uma suposição lógica. Eu tentei e funcionou.

Eles ouviram a voz do robô de novo.

– Aqui estou eu. Vocês conseguem aguentar por meia hora?

– Tranquilamente! – disse Powell. Depois continuou, voltando-se para Donovan: – E agora o trabalho deve ser simples. Vamos examinar os circuitos e conferir cada parte que recebe uma carga maior de trabalho durante uma ordem dada para seis robôs em comparação com uma ordem dada para cinco. Qual é o tamanho do campo que nos restaria?

– Não muito grande, eu acho – refletiu Donovan. – Se Dave for como o modelo preliminar que nós vimos lá na fábrica, há um circuito especial de coordenação que seria o único setor envolvido. – Ele se alegrou de forma repentina e surpreendente. – Oras, isso não seria nem um pouco ruim. Não seria nada de mais.

– Tudo bem. Pense sobre o assunto e nós verificaremos os projetos quando voltarmos. E agora, até que Dave nos encontre, eu vou relaxar.

– Ei, espere. Só me conte uma coisa. O que eram aquelas estranhas marchas em constante mudança, aqueles passos de dança engraçados que os robôs executavam toda vez que ficavam confusos?

– Aquilo? Não sei. Mas tenho uma noção. Lembre-se: aqueles auxiliares eram os “dedos” de Dave. Nós sempre dizíamos isso, como você bem sabe. Acredito que, em todos esses interlúdios, sempre que Dave manifestava um caso psiquiátrico, ele entrava em um estado de confusão idiota e passava o tempo *brincando com seus dedos* .

Susan Calvin falava sobre Powell e Donovan com bom humor, embora a expressão de seu rosto permanecesse impassível, mas havia entusiasmo em sua voz quando mencionava robôs. Não demorou muito para ela relembrar os Speedies, os Cuties e os Daves, e eu a interrompi. Do contrário, ela teria mencionado mais uns seis.

– Nunca acontece nada na Terra? – perguntei.

Ela olhou para mim, franzindo um pouco a testa.

– Não, não temos muito a ver com robôs em ação aqui na Terra.

– Ah, bem, é uma pena. Quero dizer, seus engenheiros de campo são formidáveis, mas não podemos ouvir uma de suas histórias? Nunca aconteceu de um robô dar problemas com a senhora? Afinal, a comemoração é em sua homenagem.

E então, juro, ela corou.

– Robôs deram problema comigo – disse ela. – Céus, faz tanto tempo desde a última vez que pensei nisso... *foi há quase quarenta anos. Com certeza! 2021! Eu tinha apenas 38 anos. Nossa... eu preferiria não falar sobre isso.*

Eu esperei, certo de que ela tinha mudado de ideia.

– Por que não? – comentou ela. – Isso não pode me prejudicar agora. Nem mesmo a recordação pode me prejudicar. Eu já fui tola um dia, meu jovem. Você acredita?

– Não – respondi.

– Eu fui. Mas Herbie era um robô que lia mentes.

– O quê?

– O único do gênero, não houve outro antes nem depois. Um erro... em algum lugar...

5 MENTIROSO!

ALFRED LANNING ACENDEU O cigarro com cuidado, mas as pontas dos seus dedos tremiam discretamente. Ele franzia um pouco as sobrancelhas grisalhas enquanto falava por entre baforadas.

– Ele lê mentes de verdade... as dúvidas quanto a isso são mínimas! Mas por quê? – Ele olhou para o matemático Peter Bogert. – E então?

Bogert alisou o cabelo preto com as duas mãos e disse:

– Esse foi o 34º modelo RB que nós fabricamos, Lanning. Todos os demais eram rigorosamente convencionais.

O terceiro homem à mesa franziu a testa. Milton Ashe era o diretor mais novo da United States Robots & Mechanical Men, Inc., e tinha orgulho do seu cargo.

– Escute, Bogert. Não houve nenhum problema durante a montagem, do início ao fim. Eu garanto.

Os lábios grossos de Bogert se abriram em um sorriso complacente.

– Garante? Se você puder responder por toda a linha de montagem, vou recomendar a sua promoção. Para ser exato, são necessárias 75.234 operações para a produção de um único cérebro positrônico, e cada uma das operações depende de algo entre 5 e 105 fatores para uma conclusão bem-sucedida. Se algum deles der muito errado, o “cérebro” está arruinado. Estou citando o seu próprio folheto informativo, Ashe.

Milton Ashe corou, mas uma quarta voz interrompeu sua resposta.

– Se formos começar isso tentando colocar a culpa uns nos outros, eu vou embora. – As mãos de Susan estavam firmemente cruzadas sobre o colo, e as pequenas linhas de expressão ao redor de seus lábios finos ficaram mais pronunciadas. – Temos em nossas mãos um robô que lê mentes e me parece muito importante descobrirmos por que ele lê mentes. Não vamos fazer isso dizendo “é culpa sua”, “é culpa minha”.

Seus frios olhos cinzentos se fixaram sobre Ashe, e ele deu um sorriso forçado.

Lanning sorriu também e, como sempre em momentos como esse, seu cabelo branco e comprido aliado a seus olhos pequenos e sagazes o faziam parecer um patriarca bíblico.

– É verdade, dra. Calvin.

– Eis a história toda de forma bem resumida. – A voz dele ficou clara de repente. – Produzimos um cérebro positrônico supostamente de um lote comum que tem a propriedade extraordinária de sintonizar as ondas do pensamento. Isso marcaria o avanço mais importante na área de robótica em décadas, se soubéssemos como aconteceu. Não sabemos, e precisamos descobrir. Ficou claro?

– Posso fazer uma sugestão? – perguntou Bogert.

– Vá em frente!

– Eu diria que, até resolvermos essa confusão (e, como matemático, presumo que será uma confusão das grossas), devemos manter a existência do RB-34 em segredo. Quero dizer, até mesmo dos outros membros da equipe. Como chefes de departamento, isso não deverá ser um problema insolúvel para nós, e quanto menos pessoas ficarem sabendo...

– Bogert está certo – disse a dra. Calvin. – Desde que o Código Interplanetário foi modificado a fim de permitir que os modelos de robôs fossem testados nas fábricas antes de serem enviados para o espaço, aumentou a propaganda antirrobô. Se vazar uma palavra sobre um robô capaz de ler mentes antes que possamos anunciar controle total sobre o fenômeno, alguém poderia se aproveitar dessa situação e querer ganhar muito dinheiro com isso.

Lanning fumou o charuto e aquiesceu com um ar sério.

– Acho que você disse que estava sozinho quando se deparou com esse problema de ler pensamentos – disse Lanning, voltando-se para Ashe.

– Eu estava sozinho... e levei o maior susto da minha vida. O RB-34 tinha acabado de sair da mesa de montagem e eles o mandaram para mim. Obermann tinha ido a algum lugar, então eu mesmo o levei para as salas de teste... pelo menos, comecei a levá-lo até lá. – Ashe fez uma pausa e apareceu um sorrisinho em seus lábios. – Escutem, algum de vocês já manteve uma conversa imaginária sem perceber?

Ninguém se deu ao trabalho de responder.

– Você não percebe de início, sabem – continuou ele. – Ele simplesmente falou comigo... de forma tão lógica e sensata quanto se possa imaginar. E foi só quando eu já tinha descido a maior parte dos degraus a caminho das salas de teste que percebi que eu não tinha dito nada. É claro que pensei em um monte de coisas, mas não é o mesmo, é? Tranquei aquela coisa e saí à procura de Lanning. A ideia de tê-lo andando ao meu lado,

perscrutando os meus pensamentos com calma e escolhendo um entre eles, me dava arrepios.

– Imagino que seria de dar arrepios – disse Susan Calvin, pensativa. Ela fixou os olhos em Ashe de um modo estranhamente atento. – Estamos acostumados demais a considerar os nossos pensamentos algo íntimo.

– Então só nós quatro sabemos – interrompeu Lanning, impaciente. – Tudo bem! Temos que cuidar disso de forma sistemática. Ashe, quero que você verifique a linha de montagem do começo ao fim... tudo. Você deve eliminar todas as operações nas quais não tenha havido nenhuma possibilidade de erro, e fazer uma lista daquelas em que tenha havido, junto com sua natureza e possível magnitude.

– É uma tarefa árdua – resmungou Ashe.

– Naturalmente! É claro que vai haver homens sob o seu comando para trabalhar nisso... todos eles, se for necessário, e tampouco me importo se houver atrasos na produção.

– Humm... sim! – O jovem técnico deu um sorriso sem graça. – Ainda é uma tarefa e tanto.

Lanning girou a cadeira e olhou para Calvin.

– Você vai ter de abordar o problema por outro lado. Você é a psicóloga roboticista da fábrica, então vai estudar o robô propriamente dito, e fazer o caminho inverso. Tente descobrir como ele funciona. Veja o que mais está ligado a seus poderes telepáticos, até onde eles vão, como distorcem sua percepção e qual o dano exato que causaram às suas propriedades RB comuns. Entendeu?

Lanning não esperou a dra. Calvin responder.

– Eu coordenarei o trabalho e interpretarei matematicamente as descobertas. – Soltou várias baforadas de charuto e balbuciou o resto em meio à fumaça: – Bogert vai me ajudar com isso, é claro.

– Ouso dizer que tenho um pouco de conhecimento – disse Bogert com suavidade, lustrando as unhas de uma das rechonchudas mãos com a outra.

– Bem! Lá vou eu – Ashe empurrou a cadeira para trás e se levantou. Seu rosto agradavelmente jovem se enrugou, formando um sorriso. – De todos nós, fiquei com o trabalho mais odioso, então vou sair daqui e começar a trabalhar.

Ele saiu pronunciando um indistinto “até mais!”.

Susan Calvin respondeu com um aceno quase imperceptível, mas seus olhos o seguiram até ele desaparecer; ela não respondeu quando Lanning

resmungou e perguntou:

– Quer subir e ver RB-34 agora, dra. Calvin?

* * *

Ao ouvir sons abafados de dobradiças se movendo, RB-34 levantou os olhos fotoelétricos do livro e já estava de pé quando Susan Calvin entrou.

Ela parou para ajustar o enorme aviso de "Proibida a entrada" acima da porta e depois se aproximou do robô.

– Eu lhe trouxe os textos sobre motores hiperatômicos, Herbie... alguns, em todo caso. Gostaria de dar uma olhada neles?

RB-34, também conhecido como Herbie, pegou os três livros pesados dos braços dela e abriu um deles na folha de rosto:

– Hummm! Teoria Hiperatômica – murmurou ele para si mesmo de modo inarticulado conforme folheava as páginas com ar distraído. – Sente-se, dra. Calvin! Isso vai demorar alguns minutos.

A psicóloga se sentou e observou Herbie com atenção quando ele pegou uma cadeira do outro lado da mesa e examinou os três livros de forma sistemática.

Depois de meia hora, ele os colocou na mesa.

– Eu sei por que a senhora trouxe esses livros, obviamente.

A dra. Calvin contraiu os lábios.

– Achei que saberia. É difícil trabalhar com você, Herbie. Está sempre um passo à frente.

– Acontece a mesma coisa com esses livros, sabe, e os outros. Eles simplesmente não me interessam. Não há nada de especial neles. Sua ciência é apenas um conjunto de dados coletados entrelaçados por uma teoria provisória... e é tudo tão incrivelmente simples que mal vale a pena se preocupar. É a sua ficção que me interessa. Seus estudos sobre a interação dos motivos e das emoções humanas – sua mão forte fazia gestos vagos enquanto ele procurava as palavras certas.

– Acho que entendo – murmurou a dra. Calvin.

– Eu leio mentes, sabe – continuou o robô –, e a senhora não tem ideia de como elas são complicadas. Não consigo entender tudo porque a minha mente tem tão pouco em comum com elas... mas eu tento, e os seus romances ajudam.

– Sim, mas temo que, depois de examinar algumas das experiências emocionais angustiantes dos nossos modernos romances sentimentais –

havia um toque de amargura em sua voz –, vai achar mentes reais como as nossas chatas e sem graça.

– Mas eu não acho!

A súbita intensidade da resposta fez com que a outra se levantasse. Ela sentiu o rosto corar e pensou, exaltada: “Ele deve saber!”

Ele se aquietou de repente e murmurou em um tom de voz baixo no qual o timbre metálico era quase inexistente.

– Mas é claro que eu sei, dra. Calvin; a senhora pensa sempre nisso. Então, como eu poderia não saber?

O rosto da mulher tinha um ar inflexível.

– Você... contou para alguém?

– É claro que não. – Ele disse isso com um tom de genuína surpresa. – Ninguém me perguntou.

– Bem – comentou ela, indignada –, imagino que pense que sou uma tola.

– Não! É uma emoção normal.

– Talvez por isso seja tão ridícula. – A expressão de melancolia em sua voz apagava todo o resto. Algo de seu lado mulher transparecia sob a camada da especialista. – Eu não sou o que se poderia chamar de... atraente.

– Se está se referindo a uma mera atração física, eu não poderia opinar. Mas, de qualquer modo, sei que há outros tipos de atração.

– Nem quando era jovem. – A dra. Calvin mal tinha ouvido o robô.

– A senhora ainda não tem 40 anos. – Uma insistência aflita se fazia notar na voz de Herbie.

– Trinta e oito, pela forma como se contam os anos; mas 60 em maturidade, no que se refere à minha percepção sobre a vida. Por acaso é à toa que sou psicóloga?

– Ele mal completou 35 e parece ter menos, e age como se fosse mais jovem – prosseguiu ela, ressentida e com a respiração ofegante. – Você acha que ele me vê de qualquer outra maneira que não... o que eu sou?

– A senhora está errada! – Herbie bateu com o punho de metal no tampo de plástico da mesa, produzindo um som estridente. – Ouça o que eu tenho a dizer...

Mas Susan Calvin virou-se para ele naquele momento e a expressão de sofrimento e perturbação em seus olhos incendiou-se.

– Por que eu deveria? Em todo caso, o que você sabe sobre tudo isso, sua... sua máquina. Sou só um espécime para você; um inseto interessante

com uma mente peculiar completamente aberta à inspeção. É um exemplo maravilhoso de frustração, não é? Quase tão bom quanto os seus livros. – Sua voz, surgindo em soluços secos, sufocou-se, transformando-se em silêncio.

O robô se encolheu diante do acesso de raiva. Ele negava com a cabeça de forma suplicante:

– Quer me ouvir, por favor? Eu poderia ajudá-la se me permitisse.

– Como? – perguntou ela, retorcendo os lábios. – Dando bons conselhos?

– Não, não desse jeito. É que eu sei o que as outras pessoas pensam... Milton Ashe, por exemplo.

Houve um longo período de silêncio, e Susan Calvin baixou os olhos.

– Não quero saber o que ele pensa – disse ela, arquejando. – Fique quieto.

– Acho que a senhora iria querer saber o que ele pensa.

Ela continuava de cabeça baixa, mas o ritmo de sua respiração tinha se acelerado.

– Está dizendo bobagens – murmurou ela.

– Por que eu diria uma bobagem? Estou tentando ajudar. Os pensamentos de Milton Ashe sobre você... – ele fez uma pausa.

E então a psicóloga ergueu a cabeça.

– E daí?

– Ele a ama – disse o robô em voz baixa.

Durante um minuto inteiro a dra. Calvin ficou em silêncio. Ela simplesmente olhava.

– Você está enganado! Deve estar. Por que ele me amaria?

– Mas ele ama. Não dá para esconder uma coisa dessas, não de mim.

– Mas eu sou tão... tão... – ela gaguejou e parou de falar.

– Ele olha além das aparências e admira a inteligência alheia. Milton Ashe não é do tipo que se casaria com um rostinho bonito.

Susan Calvin se viu piscando rapidamente e esperou antes de falar. Mesmo depois sua voz tremia:

– No entanto, com certeza ele nunca demonstrou de modo algum...

– A senhora deu a ele uma chance de demonstrar?

– Como eu poderia? Nunca pensei que...

– Exato!

A psicóloga ficou pensativa e depois levantou os olhos de repente.

– Uma moça veio visitá-lo na fábrica seis meses atrás. Ela era bonita, eu acho... loira e magra. E, é claro, mal conseguia somar dois e dois. Ele passou o dia todo estufando o peito, tentando explicar como um robô é montado. – A inflexibilidade tinha voltado ao seu rosto. – Não que ela tivesse entendido! Quem era ela?

– Sei a quem está se referindo – respondeu Herbie sem hesitar. – Ela é prima dele, e não há nenhum interesse romântico ali, eu garanto.

Susan Calvin se pôs de pé com uma vivacidade quase juvenil.

– Isso não é estranho? É exatamente o que eu costumava fingir para mim mesma às vezes, embora nunca considerasse dessa forma. Então deve ser tudo verdade.

Ela correu até Herbie e segurou sua mão fria e pesada entre as suas.

– Obrigada, Herbie. – Sua voz era um sussurro premente e rouco. – Não conte nada sobre isso a ninguém. Será o nosso segredo... e obrigada de novo.

Com isso, e com um aperto convulsivo nos dedos metálicos impassíveis de Herbie, ela foi embora.

Herbie voltou-se lentamente para o romance que deixara de lado, mas não havia ninguém para ler *seus* pensamentos.

* * *

Milton Ashe esticou-se lenta e esplendorosamente ao som de estalos nas articulações e um coro de grunhidos, e então fitou o matemático Ph.D Peter Bogert.

– Escute – disse ele –, estou trabalhando nisso há uma semana, quase sem parar para dormir. Por quanto tempo tenho que continuar? Pensei que você tivesse dito que o bombardeio positrônico na Câmara a Vácuo D era a solução.

Bogert bocejou de forma discreta e observou as mãos brancas com interesse.

– E é. Estou no caminho certo.

– Sei o que significa quando um matemático diz isso. Quanto falta para você acabar?

– Depende.

– De quê? – Ashe deixou-se cair em uma cadeira e esticou as pernas compridas para a frente.

– De Lanning. Nosso velho colega não concorda comigo. – Ele suspirou. – Está um pouco ultrapassado, esse é o problema. Ele se agarra à mecânica matricial como se fosse a única coisa que importasse, e essa questão requer ferramentas matemáticas mais poderosas. Ele é tão teimoso.

– Por que não perguntar a Herbie e resolver essa questão? – murmurou Ashe, sonolento.

– Perguntar ao robô? – Bogert arqueou as sobrancelhas.

– Por que não? A velhota não lhe contou?

– Quer dizer a Calvin?

– É! A própria Susie. Aquele robô é um ás da matemática. Ele sabe tudo sobre tudo e mais um pouco. Ele calcula integrais triplas de cabeça e a análise tensorial fica para a sobremesa.

O matemático olhou com incredulidade.

– Você está falando sério?

– Juro que estou dizendo a verdade! O problema é que o imbecil não gosta de matemática. Ele prefere ler romances melosos. É verdade! Você precisa ver as baboseiras que Susie fica dando para ele: *Paixão Púrpura* e *Amor no Espaço* .

– A dra. Calvin não nos disse uma palavra sobre isso.

– Bem, ela não terminou de estudá-lo. Sabe como ela é. Ela gosta de ter tudo em ordem antes de revelar o grande segredo.

– Ela contou a *você* .

– Nós meio que andamos conversando. Eu a tenho visto com muita frequência nos últimos tempos. – Ele arregalou os olhos e franziu o cenho. – Escute, Bogie, você notou algo estranho nela ultimamente?

Bogert relaxou e deu um sorriso indecoroso.

– Ela está passando batom, se é isso que você quer dizer.

– Diacho, eu sei disso. Blush, pó facial e sombra também. Ela é uma figura. Mas não é isso. Não consigo identificar bem o que é. É o jeito como ela fala... como se estivesse feliz com alguma coisa. – Ele ficou pensativo por um instante, depois encolheu os ombros.

O outro tomou a liberdade de lançar um olhar malicioso, o que, para um cientista que já tinha passado dos 50, não era de todo mau.

– Talvez ela esteja apaixonada.

Ashe voltou a fechar os olhos.

– Você está maluco, Bogie. Vá falar com Herbie; eu quero ficar aqui e dormir.

– Certo! Não que eu goste da ideia de um robô me dizer como devo fazer meu trabalho, nem que eu ache que ele consiga fazer isso!

Um leve ronco foi a única resposta.

* * *

Herbie ouviu atentamente enquanto Peter Bogert, com as mãos nos bolsos, falou com uma indiferença minuciosa.

– Então aí está você. Disseram-me que você entende dessas coisas, e estou lhe perguntando mais por curiosidade do que qualquer outra coisa. Minha linha de raciocínio, como já delineei, envolve algumas etapas duvidosas, eu admito, as quais o dr. Lanning se recusa a aceitar, e a coisa toda ficou meio incompleta.

O robô não respondeu.

– E então? – perguntou Bogert.

– Não vejo erro algum – respondeu Herbie, estudando os cálculos rabiscados.

– Imagino que você não conseguiria ir mais adiante que isso.

– Eu não ousaria tentar. O senhor é melhor matemático do que eu e... bem, eu detestaria me comprometer.

Havia um ar de condescendência no sorriso de Bogert.

– Eu pensei que seria esse o caso. É difícil. Vamos esquecer isso.

Ele amassou os papéis, jogou-os no lixo, virou-se para sair e então pensou melhor.

– A propósito...

O robô estava esperando.

Bogert parecia estar tendo dificuldades.

– Há algo... isto é, talvez você possa... – Ele parou.

– Seus pensamentos estão confusos, mas não há dúvida de que eles se referem ao dr. Lanning – disse Herbie em voz baixa. – É tolice hesitar, pois, assim que o senhor se acalmar, eu saberei o que quer perguntar.

O matemático levou a mão ao cabelo macio, fazendo um gesto comum de quem vai alisá-lo:

– Lanning está com quase 70 – disse ele, como se isso explicasse tudo.

– Eu sei disso.

– E ele é o diretor da fábrica há quase trinta anos.

Herbie concordou com a cabeça.

– Pois bem – a voz de Bogert assumiu um tom insinuante –, você saberia se... se ele estivesse pensando em se demitir. Por uma questão de saúde, talvez, ou por outro...

– De fato – afirmou Herbie, e isso foi tudo o que disse.

– Bem, e você sabe?

– Com certeza.

– Bem... ahn... você poderia me dizer?

– Já que está perguntando, sim. – O robô foi direto ao assunto. – Ele já se demitiu!

– O quê? – A interjeição foi um som explosivo e quase inarticulado. A enorme cabeça do cientista se inclinou para a frente. – Diga isso de novo!

– Ele já pediu demissão – o robô repetiu com calma –, mas ainda não foi confirmada. Ele está esperando, sabe, para resolver... ahn... o meu problema. Quando isso estiver terminado, ele estará pronto para passar o cargo de diretor para o seu sucessor.

Bogert expirou o ar de forma brusca.

– E esse sucessor? Quem é ele?

O matemático estava bem perto de Herbie agora, com os deslumbrados olhos fixos naquelas indecifráveis fotocélulas de um vermelho apagado que eram os olhos do robô.

As palavras surgiram lentamente.

– O senhor será o novo diretor.

Bogert relaxou e deu um meio sorriso.

– É bom saber. Eu tenho desejado e esperado por isso. Obrigado, Herbie.

* * *

Peter Bogert ficou em sua mesa até às 5 horas da madrugada e voltou às 9 horas. A prateleira logo acima da mesa estava vazia, sem aquela fileira de livros de referência e tabelas, na sequência em que ele os consultara. As páginas de cálculos diante dele aumentavam microscopicamente, e as folhas amassadas aos seus pés formavam uma montanha de papel rabiscado.

Exatamente ao meio-dia, ele olhou para a última página, esfregou um olho, que estava vermelho, bocejou e encolheu os ombros.

– Isto está ficando pior a cada minuto. Droga!

Ele se virou ao ouvir a porta se abrir e acenou com a cabeça para Lanning, que entrara estralando as juntas dos dedos de uma das mãos

nodosas com a outra.

O diretor assimilou a desordem da sala e franziu as sobrancelhas.

– Uma nova pista? – perguntou ele.

– Não – foi a desafiadora resposta. – O que há de errado com a anterior?

Lanning não se incomodou em responder nem em fazer mais do que dar uma olhada rápida na primeira folha do monte que estava em cima da mesa de Bogert.

– Calvin lhe contou sobre o robô? É um gênio da matemática. É notável, de fato – disse ele enquanto acendia um charuto com a chama de um palito de fósforo.

O outro riu com desdém.

– Ouvi dizer. Mas Calvin deveria se ater à psicologia de robôs. Fiz um teste de matemática com Herbie e ele mal consegue fazer cálculos.

– Não foi isso o que a dra. Calvin achou.

– Ela está louca.

– E não foi isso o que eu achei. – O diretor estreitou os olhos perigosamente.

– Você! – O tom da voz de Bogert ficou mais forte. – Do que você está falando?

– Andei colocando Herbie à prova a manhã toda, e ele consegue fazer coisas de que você nunca ouviu falar.

– É mesmo?

– Você parece não acreditar! – Lanning tirou uma folha de papel do bolso do colete e abriu-a. – Isso não é letra de mão, é?

Bogert estudou a grande notação angular que cobria a folha.

– Herbie fez isto?

– Isso mesmo! Se você prestar atenção, ele andou trabalhando em sua integração temporal da Equação 22. E chega – Lanning bateu com uma unha amarelada na última parte da notação – a uma conclusão idêntica à minha, e em um quarto do tempo. Não havia motivo para você desconsiderar o Efeito Persistente do bombardeio positrônico.

– Eu não o desconsiderei. Pelo amor de Deus, Lanning, ponha na sua cabeça que ele anularia...

– Ah, claro, você explicou isso. Você usou a Equação de Tradução de Mitchell, não usou? Bem... ela não se aplica.

– Por que não?

– Porque, em primeiro lugar, você está usando hiperimaginários.

– E o que isso tem a ver?

– A Equação de Mitchell é válida quando...

– Você está louco? Se você relesse o ensaio original de Mitchell em *Transações do ...*

– Não preciso relê-lo. Eu lhe disse no começo que não gostava desse raciocínio, e Herbie me dá respaldo nisso.

– Pois bem – gritou Bogert –, deixe aquela engenhoca cheia de molas resolver o problema todo para você. Por que se preocupar com não essenciais?

– É exatamente essa a questão. Herbie não consegue resolver o problema. E, se ele não consegue, nós não conseguimos... não sozinhos. Vou apresentar o caso todo para o Conselho Nacional. Isso está fora do nosso alcance.

A cadeira de Bogert se virou e caiu para trás quando ele se levantou de um salto, resmungando.

– Você não vai fazer nada disso.

– Você está me dizendo o que eu não posso fazer? – retorquiu Lanning, com o rosto vermelho.

– É isso mesmo – foi a resposta entredentes. – Já estou às voltas com esse problema e você não vai tirá-lo das minhas mãos, entendeu? Não pense que me engana, seu fóssil ressecado. Você cortaria o próprio nariz fora antes de deixar que eu ficasse com as honras pela solução da telepatia robótica.

– Você é um grande idiota, Bogert, e em um segundo farei com que seja suspenso por insubordinação. – O lábio inferior de Lanning tremia de raiva.

– Mas isso você não vai fazer, Lanning. Não se tem segredos com um robô que lê mentes por perto, então não se esqueça de que eu sei tudo sobre seu pedido de demissão.

A cinza no charuto de Lanning tremeu e caiu, seguida pelo próprio charuto.

– O quê?... o quê?...

Bogert deu uma risadinha maldosa.

– E eu sou o novo diretor, que fique entendido. Sei muito bem disso; não pense que não sei. Maldito seja, Lanning, eu vou dar as ordens por aqui, caso contrário haverá a maior confusão em que você já se meteu.

– Você está suspenso, está me ouvindo? – disse Lanning, recobrando a voz e soltando-a em um berro. – Você está dispensado de todas as suas funções. Você está acabado, entendeu?

O sorriso no rosto do outro ficou mais largo.

– De que adianta isso? Você não vai chegar a lugar algum. Eu tenho um trunfo nas mãos. Sei que pediu demissão. Herbie me contou, e ele conseguiu essa informação de você.

Lanning se obrigou a falar em voz baixa. Ele parecia um homem muito velho, com olhos cansados que espreitavam a partir de um rosto do qual o tom vermelho tinha desaparecido, deixando para trás o amarelo pálido da idade.

– Quero falar com Herbie. Ele não pode ter lhe dito nada do gênero. Você está apostando alto, Bogert, mas vou pagar para ver. Venha comigo.

Bogert encolheu os ombros.

– Para ver Herbie? Que bom! Muito bom!

* * *

Também foi precisamente ao meio-dia que Milton Ashe levantou os olhos do rascunho malfeito.

– Entendeu a ideia? Não sou muito bom em colocar isso no papel, mas é mais ou menos assim. É uma beleza de casa e posso comprá-la a um preço baixíssimo.

Susan Calvin fitava-o com um olhar enternecido.

– É muito bonita – suspirou ela. – Sempre pensei que gostaria de... – sua voz desvaneceu-se.

– É claro que preciso esperar minhas férias – continuou Ashe com vivacidade, colocando o lápis de lado. – São apenas duas semanas, mas esse problema do Herbie tornou tudo incerto. – Ele olhou para as unhas. – Além disso, há outra questão, mas é segredo...

– Então não me conte.

– Ah, eu não aguento mais, estou morrendo de vontade de contar a alguém... e você é a melhor... ahn... confidente que eu poderia encontrar aqui. – Ele deu um sorriso acanhado.

O coração de Susan Calvin havia disparado, mas ela não tinha certeza de que conseguiria falar.

– Sinceramente – Ashe arrastou a cadeira para mais perto e baixou o tom de voz, falando em um sussurro confidencial –, a casa não é só para mim. Eu vou me casar!

E então ele se levantou da cadeira de um salto. – O que foi?

– Nada! – A horrível sensação de vertigem tinha passado, mas estava difícil articular as palavras. – Casar? Quer dizer...

– Puxa, é claro! Já era tempo, não? Você se lembra daquela moça que esteve aqui no verão passado? É ela. Mas você *não está* se sentindo bem. Você...

– Dor de cabeça! – Susan Calvin o afastou com um gesto débil. – Eu quero... parabenizá-lo, é claro. Fico muito feliz... – O blush aplicado de forma inexperiente formava duas horríveis manchas vermelhas em um rosto tão branco. As coisas começaram a rodar de novo. – Com licença... por favor...

As palavras saíram em um murmúrio, e ela deixou a sala aos tropeços. Tudo tinha acontecido com a súbita catástrofe de um sonho... E com todo o terror irreal de um sonho.

– Mas como pode ser uma coisa dessas? Herbie tinha dito...

E Herbie sabia! Ele podia ler mentes!

Ela se viu ofegante, apoiada contra o batente da porta, olhando para o rosto metálico de Herbie. Ela devia ter subido os dois lances de escada, mas não se recordava disso. Ela percorreu aquela distância em um instante, como em um sonho.

Como em um sonho!

E, no entanto, os olhos imperturbáveis de Herbie olhavam nos seus, e o tom de vermelho apagado parecia se transformar em aterrorizantes esferas de brilho vago.

Ele estava falando, e ela sentiu o vidro gelado contra os seus lábios. Ela engoliu em seco e estremeceu, dando-se conta do que acontecia à sua volta.

Herbie ainda falava, e havia agitação em sua voz... como se ele estivesse magoado, assustado e suplicante.

As palavras estavam começando a fazer sentido.

– Isso é um sonho – dizia ele –, e você não deve acreditar nele. Você logo vai acordar no mundo real e rir de si mesma. Ele a ama, estou lhe dizendo. Ele a ama, ama de verdade. Mas não aqui! Não agora! Isto é uma ilusão.

– Sim! Sim! – sussurrou Susan Calvin, concordando com a cabeça. Ela agarrava o braço de Herbie, segurava-se nele, repetindo várias vezes: – Não é verdade, é? Não é, é?

Como exatamente caiu em si, ela nunca soube... mas foi como passar de um mundo de irrealidade nebulosa para um de sol inclemente. Ela

empurrou o robô para longe de si, empurrou com força aquele braço de metal, e arregalou os olhos.

– O que está tentando fazer? – Seu tom de voz elevou-se, tornando-se um grito áspero. – O que está tentando fazer?

Herbie se afastou.

– Eu quero ajudar.

A psicóloga fitou-o.

– Ajudar? Dizendo que isto é um sonho? Tentando me levar à esquizofrenia? – Um estado de tensão histérica tomou conta dela. – Isto não é nenhum sonho! Bem que eu gostaria que fosse!

Ela respirou fundo e de forma brusca. E continuou:

– Espere! Por quê... puxa, eu entendo. Céus, é tão óbvio!

– Eu tive que fazer isso. – Havia pavor na voz do robô.

– E eu acredito em você! Nunca pensei...

* * *

Vozes altas do lado de fora da porta a interromperam. Ela se afastou, cerrando os punhos convulsivamente e, quando Bogert e Lanning entraram, ela estava à janela mais distante. Nenhum dos homens dispensou a mínima atenção a ela.

Eles se aproximaram de Herbie ao mesmo tempo: Lanning irritado e impaciente; Bogert com um sarcasmo frio. O diretor falou primeiro.

– Olhe aqui, Herbie. Ouça o que eu tenho a dizer!

O robô baixou os olhos de forma brusca, pousando-os no velho diretor.

– Sim, dr. Lanning.

– Você falou sobre mim para o dr. Bogert?

– Não, senhor. – A resposta surgiu de maneira lenta, e o sorriso no rosto de Bogert desapareceu.

– O que é isso? – Bogert entrou na frente de seu superior e parou de pernas meio abertas diante do robô. – Repita o que você me contou ontem.

– Eu disse que... – Herbie se calou. Bem lá dentro dele, seu diafragma metálico vibrava em suaves dissonâncias.

– Você não disse que ele tinha se demitido? – berrou Bogert. – Responda-me!

Bogert ergueu o braço em frenesi, mas Lanning o puxou para o lado e perguntou ao matemático:

– Você está tentando forçá-lo a mentir?

– Você ouviu o que ele disse, Lanning. Ele começou a dizer “sim” e parou. Saia da minha frente! Quero que ele diga a verdade, entendido?

– Eu vou perguntar a ele. – Lanning se voltou para o robô. – Tudo bem, Herbie, fique calmo. Eu pedi demissão?

Herbie ficou só olhando.

– Eu pedi demissão? – repetiu Lanning com ansiedade. Houve um sinal mínimo, por parte do robô, de um aceno negativo com a cabeça. Uma longa espera não resultou em mais nada.

Os dois homens se entreolharam e a hostilidade em seus olhos era quase tangível.

– Mas que diabos – disse Bogert sem pensar –, o robô ficou mudo? Você consegue falar, sua monstruosidade?

– Eu consigo falar – foi a rápida resposta.

– Então responda à pergunta. Você não me disse que Lanning tinha se demitido? Ele não se demitiu?

E outra vez não se ouviu nada a não ser um silêncio monótono até que, de um canto da sala, ressoou de repente a risada de Susan Calvin, estridente e histérica.

Os dois matemáticos se sobressaltaram, e Bogert estreitou os olhos.

– Você aqui? O que há de tão engraçado?

– Não há nada engraçado. – A voz dela não parecia muito natural. – É só que eu não fui a única a ser enganada. É irônico que três dos maiores especialistas em robótica do mundo tenham caído na mesma armadilha elementar, não é? – Sua voz desvaneceu e ela colocou uma das mãos pálidas na testa. – Mas não é engraçado!

Dessa vez, os dois homens trocaram olhares de surpresa. – De que armadilha você está falando? – perguntou Lanning de modo severo. – Há algo de errado com Herbie?

– Não – ela se aproximou deles lentamente –, não há nada de errado com ele... só conosco. – Ela se virou de repente e gritou com o robô. – Fique longe de mim! Vá para o outro canto da sala e não deixe que eu o veja.

Herbie se encolheu diante da fúria nos olhos dela e se afastou aos tropeços e a passos lentos e ruidosos.

– O que é tudo isso, dra. Calvin? – A voz de Lanning tinha um tom hostil.

– Com certeza, vocês conhecem a fundamental Primeira Lei da Robótica – disse ela com sarcasmo, encarando-os.

Os dois aquiesceram ao mesmo tempo.

– Com certeza – disse Bogert, irritado. – Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido.

– Que bem colocado! – escarneceu Calvin. – Mas ferir-se de que forma?

– Bem... de qualquer forma.

– Exatamente! De qualquer forma! E que tal sentir mágoa? E ficar com o ego lá em baixo? E ter as esperanças destruídas? Isso não é ferir-se?

Lanning franziu as sobrancelhas.

– O que um robô saberia sobre... – E então se viu de repente sobressaltado.

– Você entendeu, não foi? *Esse* robô lê mentes. Você não acha que ele sabe tudo sobre o sofrimento íntimo? Você não acha que, se perguntado, ele daria exatamente aquela resposta que a pessoa quer ouvir? Qualquer outra resposta não nos magoaria? E Herbie não saberia disso?

– Meu Deus! – murmurou Bogert.

A psicóloga lançou-lhe um olhar sardônico.

– Presumo que você tenha perguntado a ele se Lanning havia pedido demissão. Você queria ouvir um sim, então foi isso o que Herbie lhe disse.

– E eu suponho que seja por isso – disse Lanning em um tom de voz inexpressivo – que ele não tenha nos respondido um instante atrás. Ele não poderia dar nenhuma resposta sem magoar um de nós.

Houve uma pequena pausa durante a qual os dois homens olharam pensativamente para o robô do outro lado da sala, encolhido na cadeira ao lado da estante, com a cabeça apoiada em uma das mãos.

Susan Calvin olhava com firmeza para o chão:

– Ele sabia de tudo isso. Esse... esse demônio sabe de tudo, inclusive o que deu errado em sua montagem. – Seus olhos estavam sombrios e pensativos.

Lanning levantou os olhos.

– Você está errada quanto a isso, dra. Calvin. Ele não sabe o que deu errado. Eu perguntei.

– E o que isso quer dizer? – gritou Calvin. – Apenas que você não queria que ele lhe desse a solução. Seu ego ficaria ferido se uma máquina fizesse o que você não conseguiu fazer. Você perguntou a ele? – indagou ela de pronto a Bogert.

– De certa forma – Bogert tossiu e enrubesceu. – Ele me disse que sabia muito pouco sobre matemática.

Lanning riu não muito alto e a psicóloga deu um sorriso irônico.

– Eu vou perguntar a ele – disse ela. – O fato de ele ter encontrado uma solução não vai ferir o meu ego. – Ela levantou a voz a um tom frio e imperioso: – Venha aqui!

Herbie se levantou e se aproximou com passos hesitantes.

– Presumo que você saiba com exatidão – continuou ela – em que ponto da montagem algum componente estranho foi inserido ou algum componente essencial foi deixado de fora.

– Sim – disse Herbie em um tom que mal se ouvia.

– Espere aí – interrompeu Bogert, irritado. – Isso não é necessariamente verdade. Era o que você queria ouvir, só isso.

– Não seja tolo – replicou Calvin. – Com certeza, ele sabe tanto de matemática quanto você e Lanning juntos, já que ele pode ler mentes. Dê-lhe uma chance.

O matemático se aquietou.

– Tudo bem então, Herbie, fale! Estamos esperando – continuou Calvin. E, à parte, disse: – Peguem lápis e papel, cavalheiros.

Mas Herbie permaneceu em silêncio, e havia um tom triunfante na voz da psicóloga.

– Por que não responde, Herbie?

– Não posso. A senhora sabe que não posso. Nem o dr. Bogert nem o dr. Lanning querem que eu diga – disse o robô de repente.

– Eles querem a solução.

– Mas não vinda de mim.

– Não seja tolo, Herbie. Nós queremos que você nos diga. – interrompeu Lanning, falando lenta e nitidamente.

Bogert concordou com um breve aceno.

Herbie alterou a voz, falando aos gritos.

– De que adianta dizerem isso? Vocês não acham que eu consigo ver além da camada superficial de suas mentes? Bem no fundo, vocês não querem que eu diga. Sou uma máquina, a quem a imitação da vida foi dada apenas por conta da interação positrônica no meu cérebro... que é um dispositivo criado pelo homem. Não é possível vocês perderem prestígio para mim sem se magoarem. Isso está profundamente entranhado em suas mentes e não se apagará. Não posso lhes dar a solução.

– Nós vamos embora – disse o dr. Lanning. – Diga para a Calvin.

– Não faria diferença nenhuma – gritou Herbie –, uma vez que vocês saberiam, de qualquer forma, que fui eu que dei a resposta.

– Mas você entende, Herbie, que, apesar disso, os doutores Lanning e Bogert querem a solução – prosseguiu Calvin.

– Como resultado do próprio esforço – insistiu Herbie.

– Mas eles querem a solução, e o fato de que você a tem e não a revelará os magoa. Você percebe isso, não percebe?

– Sim! Sim!

– E se você lhes contar, isso os magoará também.

– Sim! Sim! – Herbie recuava aos poucos e Susan Calvin avançava. Os dois homens observavam, atordoados.

– Você não pode contar a eles – disse a psicóloga monótona e lentamente – porque isso causaria mágoa e você não deve causar mágoa. Mas, se não contar a eles, você os magoa, então precisa contar. E, se contar, vai magoá-los e você não deve, então não pode fazer isso; mas, se não contar, você magoa, então precisa fazer isso; mas, se contar, magoa, então não deve fazer isso; mas, se não contar, magoa, então precisa fazer isso; mas, se contar...

Herbie estava de pé contra a parede e, nesse momento, caiu de joelhos.

– Pare! – gritou ele. – Silencie sua mente. Está cheia de sofrimento, frustração e ódio! Não fiz por querer, estou lhe dizendo! Eu tentei ajudar! Eu lhe disse o que você queria ouvir. Eu tinha que fazer isso!

A psicóloga não prestou atenção.

– Você precisa contar a eles, mas, se contar, magoa, então não deve fazer isso; mas, se não contar, magoa, então precisa fazer isso, mas...

E Herbie deu um grito!

Era como o assobio de um flautim amplificado muitas vezes... cada vez mais estridente até se intensificar com o terror de uma alma perdida e preencher a sala com sua própria agudeza.

E, quando se extinguiu, Herbie desabou, reduzindo-se a um amontoado de metal inerte.

O rosto de Bogert estava lívido.

– Ele está morto!

– Não! – Susan Calvin começou a dar gargalhadas até se contorcer. – Morto não... apenas louco. Eu o confrontei com o dilema insolúvel e ele

parou de funcionar. Você pode transformá-lo em sucata agora... porque ele nunca mais vai falar.

Lanning estava de joelhos ao lado da coisa que havia sido Herbie. Seus dedos tocaram o frio e impassível rosto de metal e ele estremeceu.

– Você fez isso de propósito. – Com o rosto angustiado, ele se levantou e a encarou.

– E se eu fiz? Agora não há nada que você possa fazer para evitar. – E completou, em um súbito acesso de amargura: – Ele mereceu.

O diretor pegou o paralisado e imóvel Bogert pelo punho.

– Que diferença isso faz? Venha, Peter. – Ele suspirou. – De qualquer forma, esse tipo de robô pensante não tem valor algum. – Seus olhos estavam velhos e cansados, e ele repetiu: – Venha, Peter.

Foram só alguns minutos após os dois cientistas irem embora que a dra. Calvin recuperou parte de seu equilíbrio mental. Lentamente, seus olhos se voltaram para o robô morto-vivo e os traços de seu rosto tornaram a ficar inflexíveis. Ela fitou-o por um longo tempo, enquanto o ar de triunfo se desvanecia e a frustração involuntária retornava... e, de todos os seus pensamentos turbulentos, uma única palavra infinitamente amarga passou por seus lábios.

– Mentiroso!

Naturalmente, a conversa terminou por ali naquela ocasião. Eu sabia que não conseguiria extrair mais nada dela depois daquilo. Ela apenas ficou ali sentada atrás da mesa, com o rosto pálido... lembrando.

– Obrigado, dra. Calvin! – disse eu. Mas ela não respondeu. Demorou dois dias para que eu conseguisse vê-la de novo.

6 UM ROBOZINHO SUMIDO

Q UANDO ME ENCONTREI COM Susan Calvin de novo, foi diante da porta de seu escritório. Arquivos estavam sendo retirados de lá.

– Como estão indo seus artigos, meu jovem? – perguntou ela.

– Bem – respondi. Eu tinha dado forma a eles de acordo com meu próprio entendimento, dramatizado os elementos básicos de sua narrativa, acrescentado o diálogo e alguns pequenos toques. – A senhora daria uma olhada neles para ver se não fui ofensivo ou despropositadamente inexato em alguma parte?

– Acho que sim. Vamos para a Sala dos Executivos? Podemos tomar café.

Ela parecia estar de bom humor, então eu arrisquei enquanto descíamos pelo corredor:

– Eu estava pensando, dra. Calvin...

– Sim?

– Se a senhora poderia me contar mais sobre a história da robótica...

– Com certeza você já tem o que queria, meu jovem.

– De certa forma. Mas esses incidentes que descrevi não se aplicam muito ao mundo moderno. Quero dizer, houve apenas um robô que lia mentes, e as Estações Espaciais estão ultrapassadas e em desuso, e a mineração realizada por robôs é vista com a maior naturalidade. E quanto às viagens interestelares? Faz só uns vinte anos que o motor hiperatômico foi inventado e todos sabem muito bem que foi uma invenção robótica. Qual é a verdade sobre elas?

– Viagens interestelares? – Ela ficou pensativa. Nós estávamos na sala dos executivos e eu pedi um jantar completo. Ela só tomou café.

– Não foi uma simples invenção robótica, sabe; não foi só isso. Mas, é claro, até nós desenvolvermos o Cérebro, não conseguimos chegar muito longe. Mas nós tentamos; tentamos, mesmo. Minha primeira ligação (isto é, minha primeira ligação direta) com a pesquisa interestelar foi em 2029, quando um robô que sumiu...

Medidas haviam sido tomadas na Hiperbase em uma espécie de acesso de fúria... o equivalente muscular de um grito histérico.

Para elencá-las tanto por ordem cronológica quanto de desespero, essas medidas foram:

1. Todo trabalho envolvendo o Propulsor Hiperatômico por todo o volume do espaço ocupado pelas vinte Estações do Vigésimo Sétimo Agrupamento Asteroidal foi paralisado.
2. Na prática, todo aquele volume de espaço foi removido do Sistema Solar. Ninguém entrava sem permissão. Ninguém saía em circunstância alguma.
3. A dra. Susan Calvin e o dr. Peter Bogert, respectivamente Psicóloga-Chefe e Diretor de Matemática da United States Robots & Mechanical Men Corporation, foram trazidos para a Hiperbase a bordo de uma nave-patrulha especial do governo.

Susan Calvin nunca havia deixado a superfície da Terra e não tinha nenhum desejo perceptível de fazê-lo agora. Em uma época de Energia Atômica e na qual a iminência da Propulsão Hiperatômica era evidente, ela continuava sendo tranquilamente provinciana; portanto, não ficara nada satisfeita com a viagem nem se convencera de sua urgência, e cada linha do seu rosto comum de mulher de meia-idade deixava isso claro o suficiente durante seu primeiro jantar na Hiperbase.

Tampouco a palidez lustrosa do dr. Bogert omitia um ar de desânimo. Nem o major-general Kallner, que encabeçava o projeto, esqueceu-se, em momento algum, de manter uma expressão perturbada.

Em suma, aquela refeição foi um episódio pavoroso, e a pequena reunião que se seguiu entre os três começou de um modo sombrio e triste.

Kallner, cuja careca brilhava e cujo uniforme era estranhamente inadequado para a situação, começou a falar com uma franqueza desconfortável.

– Esta é uma história estranha de se contar, senhores. Quero agradecê-los por virem sem ter sido avisados com antecedência e sem que lhes dissessem o motivo. Vamos tentar corrigir isso agora. Nós perdemos um robô. O trabalho parou e *deve* continuar parado até que o localizemos. Até agora não conseguimos encontrá-lo, e percebemos que precisamos da ajuda de especialistas.

Talvez o general tenha achado que o apuro pelo qual ele passava fosse um anticlímax.

– Não preciso lhes dizer da importância do seu trabalho aqui – continuou ele com um tom de desespero. – Mais de 80% das verbas para pesquisa científica vieram para nós...

– Bem, nós sabemos disso – disse Bogert em tom agradável. – A U.S. Robots está recebendo uma generosa taxa de aluguel pelo uso dos nossos robôs.

Susan Calvin fez um comentário brusco e mordaz:

– O que torna um único robô tão importante para o projeto, e por que ele não foi localizado?

O general voltou o rosto vermelho para ela e umedeceu os lábios rapidamente.

– Bom, de certa maneira, nós o *encontramos* . – Depois acrescentou, quase aflito: – Deixe-me explicar. Assim que o robô deixou de se apresentar, declaramos estado de emergência, e toda a movimentação externa à Hiperbase parou. Uma nave de carga havia aterrissado no dia anterior e tinha descarregado dois robôs para os nossos laboratórios. Ela continha 62 robôs... ahn... do mesmo tipo para entregar em outro lugar. Temos certeza desse número. Não há nenhuma dúvida quanto a isso.

– Sim. E o que isso tem a ver?

– Quando não encontramos o nosso robô desaparecido em lugar algum (e eu lhes asseguro que teríamos encontrado uma folha de grama desaparecida se ela estivesse lá para ser encontrada), pensamos em contar os robôs que restavam na nave de carga. E eles têm 63, no momento.

– Então presumo que o 63º seja o pródigo robô desaparecido. – Os olhos da dra. Calvin se anuviaram.

– Sim, mas não temos como distinguir qual é o 63º.

Seguiu-se um silêncio mortal enquanto o relógio eletrônico tocava onze vezes.

– Muito peculiar – disse a psicóloga roboticista, com desânimo estampado no rosto.

– Peter – ela se voltou para o colega com certo furor –, o que há de errado aqui? Que tipo de robôs eles estão usando na Hiperbase?

O dr. Bogert hesitou e deu um sorrisinho.

– Até agora, essa tem sido uma questão delicada, Susan.

– Sim, *até* agora. Se há 63 robôs do mesmo tipo, precisa-se de um deles e não é possível determinar sua identidade, por que não pegar qualquer um? Para que tudo isso? Por que fomos mandados para cá?

– Se me permite, Susan... Acontece que a Hiperbase está usando vários robôs em cujos cérebros não foi incorporada a Primeira Lei da Robótica por inteiro – disse Bogert, resignado.

– *Não foi* incorporada? – Calvin desabou na cadeira. – Entendo. Quantos foram montados?

– Alguns. Foram feitos por ordem do governo, e era impossível violar o segredo. Ninguém deveria saber a não ser os superiores diretamente envolvidos. Você não tinha sido incluída, Susan. Não tive nada a ver com isso.

* * *

O general interrompeu com certa autoridade.

– Gostaria de explicar um pouco as coisas. Eu não sabia que a dra. Calvin desconhecia a situação. Não preciso lhe dizer, dra. Calvin, que sempre houve uma forte oposição aos robôs no planeta. O único argumento que o governo teve contra os radicais Fundamentalistas nesse caso foi o fato de que os robôs são sempre construídos com uma inviolável Primeira Lei... que os impossibilita de ferir seres humanos em qualquer circunstância. Mas nós *precisávamos* ter robôs de uma natureza diferente. Então apenas alguns dos modelos NS-2, isto é, os Nestores, foram preparados com uma Primeira Lei modificada. Para manter isso em segredo, todos os NS-2 são fabricados sem número de série; as unidades modificadas são entregues aqui junto com um grupo de robôs normais; e, é claro, todo o nosso pessoal foi instruído de modo bem estrito a nunca contar sobre as modificações dos robôs a pessoas não autorizadas. – Ele deu um sorriso constrangido. – Tudo isso se voltou contra nós agora.

– E por acaso o senhor perguntou a cada um quem ele é? Com certeza, o senhor tem autorização – disse Calvin com seriedade.

O general afirmou com a cabeça.

– Todos os 63 negam ter trabalhado aqui... e um deles está mentindo.

– O robô que o senhor procura mostra sinais de desgaste? Suponho que os outros acabaram de sair da fábrica.

– O robô em questão chegou no mês passado. Este, e os dois que acabaram de chegar, deveriam ser os últimos de que iríamos precisar. Não

há desgaste perceptível. – Ele meneou a cabeça lentamente e seu olhar voltou a ficar aflito. – Dra. Calvin, nós não temos coragem de deixar aquela nave partir. Se a existência de robôs sem a Primeira Lei passar a ser de conhecimento geral... – Parecia não haver um modo de evitar meias palavras nessa conclusão.

– Destrua os 63 e ponha um fim nisso – disse a psicóloga roboticista de forma fria e sem rodeios.

– Você está falando em destruir 30 mil dólares por robô – disse Bogert, contorcendo o canto da boca. – Acho que a U.S. Robots não iria gostar disso. É melhor tentarmos algo primeiro, Susan, antes de destruirmos qualquer coisa.

– Nesse caso – disse ela de maneira brusca –, preciso de fatos. Que vantagem exatamente a Hiperbase obtém com esses robôs modificados? Que fator os tornou atrativos, general?

Kallner franziu a testa, ergueu a mão e a alisou.

– Tivemos problemas com os robôs anteriores. Nossos homens trabalham com grande quantidade de radiações fortes, sabe? É perigoso, claro, mas tomamos precauções razoáveis. Houve apenas dois incidentes desde que começamos e nenhum deles foi fatal. No entanto, era impossível explicar isso a um robô comum. A Primeira Lei declara literalmente que "*um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano venha a ser ferido* ". Isso é elementar, dra. Calvin. Quando era necessário que um dos nossos homens se expusesse por um curto período de tempo a um campo de raios gama de intensidade moderada, um que não teria efeitos psicológicos, o robô mais próximo corria e o tirava de lá. Se o campo de raios gama fosse muito fraco, o robô conseguiria se aproximar e o trabalho não poderia continuar até que todos os demais fossem retirados. Se o campo fosse um pouco mais forte, o robô nunca alcançaria o técnico em questão, já que seu cérebro positrônico seria destruído pela ação dos raios gama... e aí perderíamos um robô caro e difícil de se substituir. Tentamos discutir com eles. Seu argumento era o de que um ser humano estaria arriscando sua vida em um campo de raios gama e não importava se ele pudesse permanecer lá em segurança por meia hora. Imaginem, diziam eles, se ele esquecesse e ficasse lá por uma hora. Eles não podiam arriscar. Nós ressaltamos que eles estavam arriscando suas vidas por conta de uma possibilidade muito remota. Mas a preservação da própria vida é apenas a Terceira Lei... e a Primeira Lei de segurança do ser humano vinha em

primeiro lugar. Nós lhes dávamos ordens; nós lhes ordenávamos de modo severo e áspero que não entrassem nos campos de raios gama a qualquer custo. Mas a obediência é apenas a Segunda Lei da Robótica... e a Primeira Lei de segurança do ser humano vinha em primeiro lugar. Dra. Calvin, ou nós teríamos que nos virar sem robôs ou teríamos que fazer alguma coisa quanto à Primeira Lei... e nós fizemos a nossa escolha.

– Não posso acreditar – disse a dra. Calvin – que alguém imaginou que era possível eliminar a Primeira Lei.

– Ela não foi eliminada, foi modificada – explicou Kallner. – Foram construídos cérebros que continham somente o aspecto positivo da Lei, a qual neles declara que "*um robô não pode ferir um ser humano* ". Só isso. Eles não têm nenhuma obsessão por impedir que alguém seja ferido por conta de um agente estranho, como um campo de raios gama. Expliquei a questão da maneira correta, dr. Bogert?

– Sim.

– E essa é a única diferença entre os seus robôs e os modelos NS-2 comuns? A única diferença? Peter?

– A única diferença, Susan.

– Pretendo dormir agora e, daqui a umas oito horas, quero falar com quem viu o robô pela última vez. E de agora em diante, general Kallner, se eu tiver de assumir qualquer responsabilidade por todos esses eventos, quero controle total e incontestável desta investigação – disse ela de modo terminante, tendo se levantado.

Susan Calvin, a não ser por duas horas de lassidão rancorosa, não sentiu nada nem parecido com sono. Ela chamou à porta de Bogert às 7 horas no horário local e encontrou-o também acordado. Aparentemente, ele se dera ao trabalho de levar um roupão para a Hiperbase, pois estava sentado em cima dele. Ele deixou de lado uma tesourinha de unha quando Calvin entrou.

– Eu meio que a estava esperando. Imagino que esteja se sentindo mal com tudo isso – disse ele com suavidade.

– Eu me sinto.

– Bem... eu lamento. Era impossível evitar isso. Quando recebemos o chamado da Hiperbase, eu sabia que algo devia ter dado errado com os Nestores modificados. Mas o que havia para ser feito? Eu não podia revelar a questão para você durante a viagem para cá, como gostaria de ter feito, porque precisava ter certeza. Essa questão da modificação é ultrassecreta.

– Deveriam ter me contado. A U.S. Robots não tinha o direito de modificar cérebros positrônicos dessa forma sem a aprovação de uma psicóloga – murmurou ela.

Bogert franziu a testa e deu um suspiro.

– Seja razoável, Susan. Você não teria conseguido fazê-los mudar de ideia. Nesse caso, era inevitável que o governo conseguisse o que queria. Eles querem o Propulsor Hiperatômico e os físicos etéricos querem robôs que não interfiram no trabalho deles. Eles iriam conseguir isso, mesmo se não envolvesse a alteração da Primeira Lei. Tivemos que admitir que era possível do ponto de vista da construção e eles juraram de pés juntos que queriam apenas doze, que seriam usados apenas na Hiperbase e que seriam destruídos assim que o Propulsor fosse aperfeiçoado, e que tomariam todas as precauções. E insistiram em manter segredo... e esta é a situação.

– Eu teria pedido demissão – disse a dra. Calvin entredentes.

– Isso não teria ajudado em nada. O governo estava oferecendo uma fortuna à empresa e ameaçando-a com uma legislação antirrobô em caso de recusa. Ficamos sem saída, e agora estamos mais sem saída ainda. Se isso vazar, pode causar problemas a Kallner e ao governo, mas causaria muito mais problemas para a U.S. Robots.

A psicóloga fitava-o.

– Peter, você não percebe de que se trata tudo isso? Não consegue entender o que a eliminação da Primeira Lei significa? Não é só uma questão de segredo.

– Sei o que a eliminação significaria. Não sou uma criança. Significaria total instabilidade, sem soluções não imaginárias para as Equações de Campo positrônicas.

– Sim, matematicamente. Mas consegue traduzir isso em um raciocínio psicológico simples? Toda a vida normal, Peter, de maneira consciente ou não, ressente-se da dominação. Se a dominação parte de um inferior, ou de um suposto inferior, o ressentimento fica mais forte. No aspecto físico e, até certo ponto, no aspecto mental, um robô... qualquer robô é superior aos seres humanos. O que o torna servil então? *Apenas a Primeira Lei!* Bem, sem ela, a primeira ordem que você tentasse dar a um robô resultaria na sua morte. Instável? O que você acha?

– Susan – disse Bogert com complacência e com um ar de quem estava achando graça –, admito que esse Complexo de Frankenstein que você está expondo tem certa justificativa; por isso, a Primeira Lei vem em primeiro

lugar. Mas a Lei, eu repito e torno a repetir, não foi eliminada; foi apenas modificada.

– E quanto à estabilidade do cérebro?

– Reduzida, é claro – disse o matemático, um tanto amuado. – Mas dentro dos limites de segurança. Os primeiros Nestores foram entregues na Hiperbase há nove meses e nada tinha dado errado até agora, e mesmo isso envolve apenas o medo da descoberta, e não perigo aos seres humanos.

– Muito bem, então. Vejamos qual será o resultado da reunião da manhã.

Bogert a acompanhou educadamente até a porta e fez uma careta expressiva quando Susan saiu. Ele não via motivo algum para mudar sua eterna opinião sobre ela como dona de uma frustração amarga e inquieta.

A linha de raciocínio de Susan Calvin não incluía Bogert em absoluto. Ela já o tinha descartado havia anos por conta de sua ardileza pretensiosa e escorregadia.

* * *

Gerald Black se formara em física etérica no ano anterior e, como todos os físicos da sua geração, encontrava-se envolvido com o problema do Propulsor. Agora ele dava uma contribuição apropriada à atmosfera geral dessas reuniões na Hiperbase. Com seu avental branco manchado, ele parecia meio rebelde e totalmente indeciso. A força de seu corpo atarracado parecia estar lutando para se libertar, e seus dedos, conforme torciam uns aos outros com nervosos puxões, poderiam ter entortado uma barra de ferro.

O major-general Kallner estava sentado ao lado dele, e os dois representantes da U.S. Robots estavam voltados para Black.

– Disseram-me que fui o último a ver o Nestor 10 antes de seu desaparecimento. Suponho que queiram me perguntar sobre isso.

A dra. Calvin observou-o com interesse.

– Parece não ter certeza, meu jovem. Não *sabe* se foi a última pessoa a vê-lo?

– Ele trabalhou comigo, senhora, nos geradores de campo, e ele estava comigo na manhã em que desapareceu. Não sei se mais alguém o viu pouco depois do meio-dia. Ninguém admite tê-lo visto.

– Acha que alguém está mentindo sobre isso?

– Não digo isso. Mas tampouco digo que quero levar a culpa por isso. – Em seus olhos escuros reluzia um brilho apagado.

– Não se trata de culpa. O robô agiu como agiu porque ele é o que é. Só estamos tentando encontrá-lo, sr. Black, e vamos deixar todo o resto de lado. Agora, se trabalhou com o robô, provavelmente o conhece melhor do que qualquer outro. Notou algo fora do comum nele? Já tinha trabalhado com robôs antes?

– Trabalhei com outros robôs que temos por aqui... aqueles modelos simples. Não havia nada de diferente com os Nestores, exceto pelo fato de serem bem mais inteligentes... e mais irritantes.

– Irritantes? Como?

– Bem... talvez não seja culpa deles. O trabalho aqui é árduo e a maioria de nós fica um pouco irritada. Mexer com o hiperespaço não é divertido. – Ele deu um sorrisinho, sentindo prazer com a confissão. – Estamos sempre correndo o risco de fazer um buraco na trama normal do espaço-tempo e desaparecer do universo, com asteroide e todo o resto. Soa esquisito, não? É natural ficar nervoso às vezes. Mas esses Nestores não ficam. São singulares, calmos, não se preocupam. Isso é o suficiente para enlouquecer alguém. Quando você quer que algo seja feito com muita urgência, eles parecem não se apressar. Às vezes, eu preferia me virar sozinho.

– Está dizendo que eles não têm pressa? Eles alguma vez se recusaram a cumprir uma ordem?

– Ah, não – disse Black apressadamente. – Eles fazem tudo certo. Mas eles falam quando acham que você está errado. Eles não sabem nada sobre o assunto, exceto o que lhes ensinamos, mas isso não os impede de falar. Talvez seja imaginação minha, mas os demais colegas têm o mesmo problema com seus Nestores.

O general Kallner limpou a garganta de forma ameaçadora:

– Por que nenhuma reclamação sobre esse assunto chegou até mim, Black?

O jovem físico enrubesceu.

– Nós não queríamos *de fato* ficar sem os robôs, senhor, e, além disso, não sabíamos ao certo como essas... ahn... reclamações menos importantes seriam recebidas.

Bogert interrompeu com um tom suave.

– Aconteceu algo em particular na manhã em que o viu pela última vez?

Seguiu-se um momento de silêncio. Com um gesto discreto, Calvin conteve o comentário que Kallner estava prestes a fazer e esperou pacientemente.

– Tive um probleminha com ele – disse Black sem pensar, em um acesso de raiva. – Eu tinha quebrado um tubo de Kimball naquela manhã e isso me tomou cinco dias de trabalho, meu programa inteiro estava atrasado e fazia duas semanas que não recebia mensagens lá de casa. E *ele* veio atrás de mim, querendo que eu repetisse um experimento que eu tinha abandonado há um mês. Ele estava sempre me irritando quanto a esse assunto e eu estava cansado disso. Eu disse para ele ir embora... e foi a última vez que o vi.

– Mandou-o ir embora? – perguntou a dra. Calvin com grande interesse. – Exatamente com essas palavras? Disse "vá embora"? Tente se lembrar das palavras exatas.

Aparentemente, ele estava em conflito consigo mesmo. Black apoiou a testa na palma da mão por um instante, depois voltou a levantar a cabeça.

– Eu disse "suma daqui" – respondeu ele audaciosamente.

Bogert riu por um breve instante.

– E ele sumiu, hein?

Mas Calvin não tinha terminado.

– Agora nós estamos chegando a algum lugar, sr. Black – disse ela de forma persuasiva. – Mas os detalhes exatos são importantes. Para entender as atitudes de um robô, uma palavra, um gesto, uma ênfase podem ser tudo. Por exemplo, o senhor não disse apenas essas duas palavras, disse? Por sua própria descrição, o senhor devia estar em um estado de humor irritadiço. Talvez tenha enfatizado um pouco suas palavras.

O jovem enrubesceu.

– Bem... talvez eu o tenha chamado... ahn... de algumas coisas...

– Que coisas exatamente?

– Ah... eu não conseguiria me lembrar com exatidão. Além do mais, eu não conseguiria repeti-las. A senhora sabe como as pessoas ficam quando estão nervosas. – Ele deu uma risadinha constrangida, que era quase um risinho abafado. – Eu meio que tenho a tendência de usar termos fortes.

– Está tudo bem – replicou ela com uma austeridade cerimoniosa. – No momento, sou uma psicóloga. Gostaria que o senhor repetisse exatamente o que disse, da forma mais fiel que conseguir lembrar e, mais importante ainda, o tom exato de voz que usou.

Black olhou para o seu comandante em busca de apoio, mas não encontrou nenhum. Seus olhos estavam arregalados e horrorizados.

– Mas eu não consigo.

– O senhor precisa.

– Faça de conta – disse Bogert, mal disfarçando a vontade de rir – que está se dirigindo a mim. Pode ser que fique mais fácil.

O rapaz voltou o rosto vermelho como um tomate para Bogert. Ele engoliu em seco.

– Eu disse... – Sua voz se desvaneceu. Ele tentou de novo. – Eu disse...

Ele respirou fundo e desembuchou tudo de uma vez, em uma longa sucessão de sílabas.

– ... mais ou menos. Não me lembro da ordem exata dos palavrões, e talvez eu tenha deixado algo de fora, ou acrescentado algo, mas foi mais ou menos isso – concluiu ele, quase chorando, naquele ambiente ainda carregado.

Apenas um leve rubor revelava qualquer sentimento por parte da psicóloga roboticista.

– Conheço o significado da maioria dos termos usados – disse ela. – Os outros, suponho eu, são igualmente pejorativos.

– Creio que sim – concordou o aflito Black.

– E, no meio disso tudo, mandou-o sumir.

– Eu quis dizer de modo figurado apenas.

– Eu percebi isso. Estou certa de que não se pretende tomar nenhuma medida disciplinar aqui. – E a um olhar seu, o general, que cinco segundos antes não parecia ter nem um pouco de certeza, assentiu com a cabeça, furioso.

– Pode ir, senhor Black. Obrigado por sua cooperação.

* * *

Demorou cinco horas para Susan Calvin entrevistar os 63 robôs. Foram cinco horas de repetições, de uma sequência de substituições de robôs idênticos, de Perguntas A, B, C, D e de Respostas A, B, C, D, de uma expressão cuidadosamente branda, de um tom cuidadosamente neutro, de uma atmosfera cuidadosamente amigável e de um gravador escondido.

A psicóloga se sentia esgotada quando terminou.

Bogert a estava esperando e parecia esperançoso quando ela colocou a bobina do gravador na mesa, produzindo um som estridente contra o plástico do tampo.

Ela chacoalhou a cabeça.

– Os 63 me pareceram o mesmo. Não consegui distinguir...

– Você não poderia distinguir só de ouvir, Susan. Vamos analisar as gravações.

Em geral, a interpretação matemática das reações verbais dos robôs é um dos ramos mais complexos da análise robótica. Ela requer uma equipe de técnicos treinados e a ajuda de complicadas máquinas computacionais. Bogert sabia disso e afirmou-o em um extremo de irritação disfarçada, depois de ter ouvido cada conjunto de respostas e de ter feito listas de desvios vocabulares e gráficos dos intervalos de resposta.

– Não há anomalias presentes, Susan. A variação da escolha vocabular e as reações de tempo estão dentro dos limites dos agrupamentos de frequência comuns. Precisamos de métodos mais sofisticados. Eles devem ter computadores por aqui. Não. – Ele franziu o cenho e mordiscou de leve a unha de um dos polegares. – Não podemos usar computadores. Há muito risco de esse problema vazar. Ou talvez se nós...

A dra. Calvin o interrompeu com um gesto impaciente.

– Por favor, Peter. Isto não é um dos seus insignificantes problemas de laboratório. Se não pudermos determinar qual é o Nestor modificado por meio de uma diferença flagrante que possamos detectar a olho nu, uma quanto à qual não possa haver nenhum equívoco, estaremos encrencados. Por outro lado, o risco de estarmos errados e deixarmos que ele escape é muito grande. Apontar uma irregularidade mínima em um gráfico não é suficiente. Estou lhe dizendo, se isso for tudo o que eu tenho para trabalhar, vou destruir todos só para ter certeza. Você falou com os outros Nestores?

– Sim, eu falei – respondeu Bogert rapidamente –, e não há nada de errado com eles. Quando muito, pode-se dizer que são mais amigáveis que o normal. Eles responderam às minhas perguntas, mostraram orgulho de seu conhecimento... exceto os dois novos, que não tiveram tempo de aprender física etérica. Eles riram de forma afável da minha ignorância quanto a algumas das especializações aqui. – Ele encolheu os ombros. – Suponho que isso contribua para o ressentimento que os técnicos daqui sentem em relação a eles. Os robôs talvez sejam inclinados demais a impressionar com seu grande conhecimento.

– Você pode tentar usar Reações Bidimensionais para ver se houve alguma mudança, alguma deterioração em sua estrutura mental desde a fabricação?

– Não fiz isso ainda, mas vou fazer. – Ele apontou o dedo para ela. – Você está perdendo a coragem, Susan. Não entendo por que você está sendo

tão dramática. Eles são essencialmente inofensivos.

– São mesmo? – Calvin inflamou-se. – São mesmo? Você percebe que um deles está mentindo? Um dos 63 robôs que eu acabei de entrevistar mentiu para mim de propósito depois de receber a mais rigorosa ordem para dizer a verdade. Isso indica uma anormalidade terrivelmente profunda e assustadora.

Peter Bogert sentiu os dentes se cerrarem.

– De modo algum – disse ele. – Veja. O Nestor 10 recebeu ordens para sumir. Essas ordens foram expressas com a máxima urgência pela pessoa mais autorizada para fazê-lo. Você não pode neutralizar essa ordem nem com uma urgência maior nem com uma prerrogativa de comando superior. É natural que o robô tente defender o cumprimento de suas ordens. Na verdade, objetivamente, eu admiro a esperteza dele. Que maneira seria mais eficiente para um robô desaparecer do que se escondendo no meio de um grupo de robôs semelhantes?

– Sim, você admira isso. Eu percebi que você está se divertindo, Peter... está se divertindo e está mostrando uma espantosa falta de entendimento da situação. Você é mesmo um roboticista, Peter? Aqueles robôs dão importância ao que consideram superior. Você mesmo disse isso. Inconscientemente, eles sentem que os seres humanos são inferiores e a Primeira Lei que nos protege deles é imperfeita. Eles são instáveis. E aqui temos um jovem ordenando a um robô que o deixe, que suma, e dizendo isso com aparente repulsa, desdém e aversão. Sim, aquele robô deve seguir as ordens, mas, inconscientemente, há ressentimento. Para ele, vai se tornar mais importante do que nunca provar que é uma criatura superior apesar dos palavrões horríveis com que foi xingado. Isso pode se tornar *tão* importante que o que restou da Primeira Lei não vai ser suficiente.

– Mas como um robô vai saber o significado das inúmeras palavras de baixo calão usadas contra ele, Susan? A obscenidade não é uma das coisas incorporadas ao seu cérebro.

– Os elementos incorporados originalmente não são tudo – retrucou Calvin com rispidez. – Os robôs têm capacidade de aprender, seu... seu tolo... – E Bogert soube que ela tinha perdido a paciência. – Você não acha que ele poderia perceber, pelo tom de voz usado, que as palavras não eram elogiosas? – continuou ela de forma apressada. – Você não acha que ele já ouviu essas palavras antes e reparou em quais ocasiões elas foram usadas?

– Bem, nesse caso – gritou Bogert – você poderia, por gentileza, dizer-me de que forma um robô modificado pode ferir um ser humano, não importa quão ofendido ele esteja, não importa quanta vontade ele tenha de provar sua superioridade?

– Se eu apontar uma forma, você vai ficar quieto?

– Sim.

Eles estavam inclinados sobre a mesa um em direção ao outro, trocando olhares furiosos.

– Se um robô modificado deixasse cair algo pesado em cima de um ser humano, ele não estaria infringindo a Primeira Lei, caso fizesse isso sabendo que sua força e velocidade de reação seriam suficientes para desviar o objeto antes que atingisse o homem. No entanto, assim que o objeto tivesse saído de suas mãos, ele não seria mais o agente ativo. Apenas a força cega da gravidade seria o agente. O robô poderia então mudar de ideia e, apenas por inação, permitir que o objeto atingisse o alvo. A Primeira Lei modificada permite isso – disse a psicóloga.

– Essa hipótese é bem forçada.

– É o que a minha profissão requer às vezes. Peter, não vamos discutir. Vamos trabalhar. Você sabe a natureza exata do estímulo que fez o robô sumir. Você tem os registros de sua estrutura mental original. Quero que me diga até que ponto é possível, para o nosso robô, fazer o tipo de coisa que acabei de mencionar. Não esse exemplo específico, veja bem, mas toda essa espécie de reação. E quero que faça isso rápido.

– E enquanto isso...

– Enquanto isso, vamos ter que tentar fazer testes de desempenho diretamente relacionados à reação quanto à Primeira Lei.

* * *

Gerald Black, a seu próprio pedido, estava supervisionando as divisórias de madeira que se multiplicavam pelo círculo no terceiro andar abobadado do Edifício de Radiação 2. Os funcionários trabalhavam, na maior parte do tempo, em silêncio, mas mais de um funcionário ficou notoriamente espantado com as 63 fotocélulas que ainda estavam por instalar.

Um deles se sentou perto de Black, tirou o chapéu e esfregou a cabeça de modo pensativo com um antebraço cheio de sardas.

Black fez um gesto de cabeça para ele.

– Tudo bem, Walensky?

Walensky encolheu os ombros e acendeu um cigarro.

– Firme e forte. Afinal, o que está acontecendo, chefe? Primeiro, não tivemos trabalho por três dias, e agora nós temos um monte de engenhocas. – Ele se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos, e soltou uma baforada.

Black franziu as sobrancelhas.

– Dois especialistas em robôs vieram da Terra. Você se lembra do problema que tivemos com os robôs que corriam para os campos de raios gama, antes de nós colocarmos na cabeça deles que não era para fazerem isso?

– Sim. Não recebemos novos robôs?

– Recebemos algumas reposições, mas, em geral, era um trabalho de doutrinação. Bem, o pessoal que os fabrica quer entender por que alguns robôs não são tão afetados pelos raios gama.

– Mas é engraçado pararem todo o trabalho envolvendo o Propulsor por conta dessa questão dos robôs. Pensei que nada pudesse interromper o desenvolvimento do Propulsor.

– Bem, é o pessoal lá de cima que manda. Quanto a mim... eu apenas cumpro ordens. Provavelmente é só uma questão de...

– É – o eletricista deu um sorriso e uma piscada malandra. – Alguém conhecia alguém em Washington. Mas, enquanto meu pagamento estiver saindo no dia certo, não tenho por que me preocupar. O Propulsor não é da minha conta. O que eles vão fazer aqui?

– Você está perguntando para mim? Eles trouxeram um monte de robôs... mais de 60, e vão examinar reações. Isso é tudo o que *eu* sei.

– Quanto tempo isso vai demorar?

– Bem que eu gostaria de saber.

– Bem – disse Walensky de forma bastante sarcástica –, contanto que me paguem, eles podem brincar o quanto quiserem.

No íntimo, Black se sentia satisfeito. Deixe essa história se espalhar. Era inofensiva e próxima o bastante da verdade para afastar a curiosidade.

* * *

Um homem estava sentado em uma cadeira, imóvel e em silêncio. Soltava-se um peso, este desabava e depois era desviado para o lado no último instante ao som do baque sincronizado de um repentino raio de

força. De dentro de 63 divisórias de madeira, os robôs NS-2, que observavam a cena, saíam correndo naquela fração de segundo antes que o peso fosse desviado, e 63 fotocélulas um metro e meio à frente de suas posições originais faziam vibrar uma caneta de marcação e mostravam uma saliência no papel. Levantavam o peso e o soltavam, levantavam o peso e o soltavam, levantavam...

Dez vezes!

Dez vezes os robôs correram e pararam, enquanto o homem permanecia sentado e fora de perigo.

O major-general Kallner não tinha vestido o uniforme completo desde o primeiro jantar com os representantes da U.S. Robots. Ele não estava usando nada por cima da camisa azul-acinzentada, o colarinho estava aberto e a gravata preta, afrouxada.

Esperançoso, ele olhou para Bogert, que ainda estava imperturbavelmente arrumado e em quem a tensão interior era talvez revelada apenas por um indício de leve aspecto brilhoso nas têmporas.

– Como estão as coisas? O que é que vocês estão tentando verificar? – perguntou o general.

– Uma diferença que pode, creio eu, acabar se mostrando um tanto sutil demais para os nossos propósitos. Para 62 daqueles robôs, a necessidade de correr em direção ao humano aparentemente ameaçado era o que chamamos, em robótica, de reação forçada. Veja bem, mesmo quando os robôs sabiam que o humano em questão não se machucaria (e depois da terceira ou quarta vez, eles deviam saber disso), eles não podiam evitar essa reação. É uma exigência da Primeira Lei.

– E então?

– Mas o 63º robô, o Nestor modificado, não sentia essa compulsão. Ele tinha liberdade de ação. Se quisesse, poderia ter ficado sentado. Infelizmente – disse ele em um tom de ligeiro lamento –, ele não quis.

– Por que você acha que ele não quis?

Bogert encolheu os ombros.

– Suponho que a dra. Calvin vai nos dizer quando chegar. E é provável que o diga com uma interpretação terrivelmente pessimista. Às vezes, ela é um pouco irritante.

– Ela é qualificada, não é? – perguntou o general, franzindo as sobrancelhas por conta de uma súbita inquietação.

– Sim. – Bogert parecia ter achado graça. – Ela é bem qualificada. Ela entende os robôs como ninguém... acho que isso vem do fato de odiar tanto os seres humanos. Acontece que, sendo psicóloga ou não, ela é extremamente neurótica. Tem tendências paranoicas. Não a leve a sério demais.

Ele espalhou a longa fileira de gráficos de linhas irregulares diante de si.

– Veja, general, no caso de cada robô, o intervalo de tempo entre o momento em que o peso é solto e o término de um movimento de um metro e meio tende a diminuir conforme os testes se repetem. Há uma relação matemática definida que rege essas coisas, e a não conformidade indicaria uma anormalidade manifesta do cérebro positrônico. Infelizmente, todos aqui parecem normais.

– Mas se o nosso Nestor 10 não agia com uma reação forçada, por que sua curva não é diferente? Não entendo.

– É bem simples. As reações robóticas não são perfeitamente análogas às humanas, o que é lamentável. Nos seres humanos, a ação voluntária é muito mais lenta do que a ação por reflexo, mas não é esse o caso dos robôs. Para eles, é apenas uma questão de liberdade de escolha; de outra maneira, a velocidade das ações livres e das forçadas é quase a mesma. Mas o que eu *esperava* era que o Nestor 10 fosse pego de surpresa da primeira vez e esperasse passar um intervalo de tempo muito grande antes de reagir.

– E ele não esperou?

– Acho que não.

– Então não chegamos a lugar algum. – O general se recostou com um ar de sofrimento. – Já faz cinco dias que vocês estão aqui.

Nesse momento, Susan Calvin entrou e bateu a porta com força assim que passou por ela. – Ponha de lado esses gráficos, Peter – gritou ela –, você sabe que eles não mostram nada.

Ela resmungou algo com impaciência enquanto Kallner se levantou um pouco para cumprimentá-la.

– Vamos ter que tentar alguma outra coisa, e rápido – continuou ela. – Não gosto do que está acontecendo.

Bogert trocou com o general um olhar resignado. E perguntou:

– Há algo errado?

– Você quer dizer especificamente? Não. Mas não gosto da ideia de o Nestor 10 continuar se esquivando de nós. Isso é ruim. Isso *deve* estar

satisfazendo seu inflado senso de superioridade. Acho que sua motivação não é mais apenas a de seguir ordens. Acho que está se tornando mais uma questão de absoluta necessidade neurótica de lograr os humanos. É uma situação perigosamente doentia. Peter, você fez o que eu pedi? Você solucionou os fatores de instabilidade dos NS-2 modificados da maneira que eu quero?

– Está em andamento – disse o matemático sem interesse.

Ela fitou-o com raiva por um instante e então se virou para Kallner.

– Decididamente, o Nestor 10 sabe o que estamos fazendo, general. Ele não tinha motivo para correr em direção à isca nesse experimento, em especial depois da primeira vez, quando ele deve ter observado que não havia nenhum perigo real para o nosso sujeito. Os outros não podiam evitar; mas *ele* estava fingindo uma reação de propósito.

– Então, o que a senhora acha que devemos fazer agora, dra. Calvin?

– Devemos fazer com que seja impossível para ele fingir uma reação da próxima vez. Vamos repetir o experimento, mas com um acréscimo. Cabos de alta tensão, capazes de eletrocutar os modelos Nestor, serão colocados entre o sujeito na cadeira e o robô (cabos suficientes para evitar que os autômatos possam pular), e o robô será perfeitamente informado, com antecedência, de que tocar os cabos significará morte.

– Espere aí – falou Bogert com repentina ferocidade. – Eu não aceito isso. Nós não vamos eletrocutar o equivalente a dois milhões de dólares em robôs para localizar o Nestor 10. Há outras maneiras.

– Tem certeza? Não encontrei nenhuma. De qualquer forma, não se trata de eletrocutar. Podemos providenciar um relê que cortará a corrente elétrica no momento em que o peso for liberado. Se o robô se lançar sobre o fio, ele não morrerá. *Mas ele não vai saber disso* , entende?

Os olhos do general brilharam com esperança.

– Isso vai funcionar?

– Deve funcionar. Nessas circunstâncias, o Nestor 10 teria que permanecer sentado. Ele poderia *receber ordens* para tocar os cabos e morrer, pois a Segunda Lei de obediência é superior à Terceira Lei de autopreservação. Mas *ele não vai* receber essas ordens; ele vai poder fazer o que quiser, como todos os robôs. No caso dos robôs normais, a Primeira Lei da segurança dos humanos os levará à morte mesmo sem ser mandados. Mas não o nosso Nestor 10. Sem a Primeira Lei completa, e sem ter recebido ordens quanto a essa questão, a Terceira Lei, a de autopreservação,

será a mais importante em vigor, e ele não terá outra escolha a não ser permanecer sentado. Seria uma ação forçada.

– Isso vai ser feito hoje à noite, então?

– Hoje à noite – respondeu a psicóloga –, se puderem colocar os cabos a tempo. Agora vou dizer aos robôs o que eles vão enfrentar.

* * *

Um homem estava sentado em uma cadeira, imóvel e em silêncio. Soltava-se um peso, este desabava e depois era desviado para o lado no último instante ao som do baque sincronizado de um repentino raio de força.

Só uma vez...

E de sua pequena cadeira dobrável na cabine de observação no mezanino, a dra. Susan Calvin se levantou meio sem fôlego, tomada de puro terror.

Sessenta e três robôs estavam sossegadamente sentados em suas cadeiras, olhando de modo solene para o homem em situação de perigo à sua frente. Nenhum deles se mexeu.

* * *

A dra. Calvin estava irritada, irritada quase além do limite do tolerável. Estava mais irritada ainda por não se atrever a demonstrar isso diante dos robôs que, um por um, entravam na sala e depois saíam. Ela verificou a lista. Era a vez do número 28 agora... Trinta e cinco robôs ainda a aguardavam.

O número 28 entrou de modo acanhado.

Ela se forçou a permanecer razoavelmente calma.

– E quem é você?

– Não recebi nenhum número ainda, senhora – respondeu o robô em um tom de voz baixo e incerto. – Sou um robô NS-2 e eu era o Número 28 na fila lá fora. Tenho um pedaço de papel comigo que vou lhe entregar.

– Você não esteve aqui hoje antes disso?

– Não, senhora.

– Sente-se. Aqui. Quero lhe fazer algumas perguntas, Número 28. Você esteve na Sala de Radiação do Edifício 2 umas quatro horas atrás?

O robô teve dificuldade para responder.

– Sim, senhora. – A resposta saiu em um tom de voz rouco, como um mecanismo que precisa de óleo.

– Havia um homem que quase se feriu lá, não havia?

– Sim, senhora.

– Você não fez nada, fez?

– Não, senhora.

– Aquele homem poderia ter se ferido por conta da sua inação. Você sabe disso?

– Sim, senhora. Eu não poderia ter evitado, senhora.

É difícil imaginar uma grande e impassível figura metálica se encolhendo, mas ele conseguiu fazer isso.

– Quero que você me diga exatamente por que não fez nada para salvá-lo.

– Quero explicar, senhora. Com certeza, não quero que a senhora... que *ninguém* ... pense que eu poderia fazer algo que pudesse prejudicar um mestre. Oh, não, isso seria uma coisa horrível... inconcebível...

– Por favor, não se exalte, rapaz. Não o estou culpando de nada. Só quero saber o que você estava pensando na hora.

– Senhora, antes de tudo acontecer, a senhora nos disse que um dos mestres estaria correndo o risco de se ferir com o peso que ficava caindo, e que nós teríamos que atravessar cabos elétricos se quiséssemos tentar salvá-lo. Bem, senhora, isso não me impediria. O que é a minha destruição comparada à segurança de um mestre? Mas... mas me ocorreu que, se eu morresse tentando alcançá-lo, de qualquer forma eu não conseguiria salvá-lo. O peso o esmagaria e então a minha morte não serviria de nada, e talvez algum dia um outro mestre poderia vir a se ferir, e isso não aconteceria se eu ainda estivesse vivo. A senhora me entende?

– Você quer dizer que apenas fez uma escolha entre o homem morrer ou tanto você quanto o homem morrerem. Correto?

– Sim, senhora. Era impossível salvar o mestre. Ele já podia ser considerado morto. Nesse caso, é inconcebível que eu seja destruído para nada... sem ordens.

A psicóloga roboticista brincava com um lápis. Ela já tinha ouvido a mesma história 27 vezes, com variações verbais insignificantes. Esta era a pergunta crucial agora.

– Rapaz – disse ela –, sua forma de pensar tem certa validade, mas não é o tipo de coisa que eu pensei que você pudesse pensar. Você pensou nisso

sozinho?

O robô hesitou.

– Não.

– Então quem pensou nisso?

– Estávamos conversando ontem à noite e um de nós teve essa ideia, e ela pareceu razoável.

– Qual de vocês?

O robô refletiu profundamente.

– Não sei. Foi um de nós.

Ela deu um suspiro.

– Isso é tudo.

O número 29 era o seguinte. Havia 34 depois dele.

* * *

O major-general Kallner também estava irritado. Toda a Hiperbase estava completamente parada havia uma semana, exceto por alguns trabalhos administrativos nos asteroides secundários do grupo. Durante quase uma semana, os dois maiores especialistas da área tinham piorado a situação com testes inúteis. E agora eles – a mulher, pelo menos – faziam propostas impossíveis.

Felizmente, para a situação em geral, Kallner achava pouco oportuno demonstrar sua raiva de forma aberta.

– Por que não, senhor? – insistiu Susan Calvin. – É óbvio que a situação atual é lamentável. O único modo de alcançarmos resultados no futuro, ou em qualquer futuro que nos reste quanto a esta questão, é separar os robôs. Não podemos mais deixá-los juntos.

– Minha cara dra. Calvin – a voz do general declinou para os tons mais baixos de um barítono –, não sei como eu poderia separar os 63 robôs espalhados por toda parte.

A dra. Calvin ergueu os braços, impotente:

– Então não posso fazer nada. O Nestor 10 vai imitar o que os outros robôs fariam ou convencê-los, de forma plausível, a não fazer o que ele próprio não pode fazer. E, de qualquer forma, isso é ruim. Nós estamos em um verdadeiro combate contra esse nosso robozinho sumido e ele está ganhando. Cada vitória dele agrava sua anormalidade.

Ela se levantou, determinada.

– General Kallner, se não separar os robôs como eu pedi, então só posso exigir que todos os 63 sejam destruídos imediatamente.

– Ah, você vai exigir? – Bogert levantou os olhos de repente, sentindo raiva de verdade. – O que lhe dá o direito de exigir uma coisa dessas? Esses robôs continuam como estão. *Eu sou* o responsável perante a administração, não você.

– E eu – acrescentou o general Kallner – sou o responsável perante o Coordenador Mundial, e preciso que isso seja resolvido.

– Nesse caso – replicou Calvin sem demora –, não há nada que eu possa fazer a não ser me demitir. Se for preciso forçá-los a realizar a destruição necessária, vou tornar pública essa questão. Não fui eu que aprovei a fabricação de robôs modificados.

– Uma palavra sua, dra. Calvin – disse o general deliberadamente –, violaria as medidas de segurança, e lhe asseguro que seria presa no mesmo instante.

Bogert sentiu que as coisas estavam ficando fora de controle. Sua voz tornou-se melosa:

– Bem, agora nós estamos começando a nos comportar como crianças, todos nós. Só precisamos de um pouco mais de tempo. Com certeza podemos ser mais astutos do que um robô sem nos demitir, prender pessoas ou destruir milhões.

A psicóloga se virou para ele com uma fúria disfarçada.

– Eu não quero que exista nenhum robô desequilibrado. Nós temos um Nestor que é definitivamente desequilibrado mais onze que são potencialmente desequilibrados e 62 robôs normais que estão submetidos a um ambiente desequilibrado. O único método absolutamente seguro é a destruição completa.

Um sinal sonoro interrompeu os três, e o tumulto tempestuoso de emoções cada vez mais desenfreadas cessou.

– Entre – resmungou Kallner.

Era Gerald Black, com um semblante perturbado. Ele tinha ouvido vozes alteradas.

– Pensei em vir eu mesmo... – disse ele. – Não gostaria de perguntar a ninguém mais....

– O que é? Não faça discurso...

– Mexeram nos cadeados do Compartimento C na nave mercante. Há arranhões recentes neles.

– Do Compartimento C? – comentou Calvin sem demora. – É o compartimento onde estão os robôs, não é? Quem fez isso?

– Foi de lá de dentro – disse Black de forma lacônica.

– O cadeado não está quebrado, está?

– Não. Está intacto. Já estou na nave há quatro dias e nenhum deles tentou sair. Mas pensei que deveriam saber, e eu não queria espalhar a notícia. Eu mesmo percebi isso.

– Há alguém na nave, agora? – inquiriu o general.

– Deixei Robbins e McAdams lá.

Houve um momento de silêncio e reflexão.

– E então? – perguntou Calvin em tom irônico.

Kallner coçou o nariz de modo incerto.

– De que se trata isso?

– Não é óbvio? O Nestor 10 está planejando partir. Aquela ordem para ele sumir está dominando sua anormalidade de uma maneira que vai além do nosso alcance. Eu não me surpreenderia se o que restou da Primeira Lei nele não for suficiente para sobrepujar a ordem. Ele é perfeitamente capaz de tomar a nave e partir com ela. Aí nós teríamos um robô maluco em uma espaçonave. O que ele faria depois? Alguma ideia? O senhor ainda quer deixá-los todos juntos, general?

– Besteira – interrompeu Bogert. Ele tinha recobrado o tom de voz suave. – Tudo isso por causa de alguns arranhões em um cadeado.

– Você terminou, dr. Bogert, a análise que eu pedi, já que está oferecendo a sua opinião?

– Sim.

– Posso vê-la?

– Não.

– Por que não? Ou também não posso perguntar isso?

– Porque não serve de nada, Susan. Eu lhe disse antes que esses robôs modificados são menos estáveis que os tipos normais, e a minha análise mostra isso. Há uma chance muito pequena de sofrerem um colapso sob circunstâncias extremas cuja ocorrência é improvável. Esqueça isso. Não vou dar munição para a sua pretensão absurda de destruir 62 robôs perfeitamente bons só porque, até agora, você não teve capacidade de detectar o Nestor 10 entre eles.

Susan Calvin o encarou e deixou seus olhos se encherem de repugnância.

– Você não vai deixar que nada se interponha à diretoria permanente, não é?

– Por favor – pediu Kallner, meio irritado. – A senhora insiste que nada mais pode ser feito, dra. Calvin?

– Não consigo pensar em mais nada, senhor – replicou ela com desalento. – Se pelo menos houvesse outras diferenças entre o Nestor 10 e os robôs normais, diferenças que não envolvessem a Primeira Lei. Mesmo que fosse só mais uma diferença. Algo relacionado ao que lhes foi implantado, ao ambiente, à especificação... – E ela parou de repente.

– O que foi?

– Pensei em uma coisa... eu acho. – Seu olhar ficou distante e sério. – Esses Nestores modificados, Peter. Eles são programados da mesma forma que os robôs normais, não são?

– Sim. Exatamente da mesma forma.

– E o que foi que disse, sr. Black? – ela se voltou para o jovem, que, em meio ao tumulto que se seguira após ele ter dado a notícia, mantivera-se em discreto silêncio. – Certa vez, quando estava reclamando da atitude de superioridade dos Nestores, disse que os técnicos tinham ensinado a eles tudo o que sabiam.

– Sim, sobre física etérica. Eles desconhecem o assunto quando chegam aqui.

– Isso mesmo – concordou Bogert, surpreso. – Eu lhe disse, Susan, quando falei com os outros Nestores aqui, que os dois recém-chegados ainda não tinham aprendido física etérica.

– E por que não? – A dra. Calvin falava com um entusiasmo crescente. – Por que não foram implantadas instruções sobre física etérica nos modelos NS-2 desde o princípio?

– Posso explicar isso – disse Kallner. – Tem a ver com a questão do sigilo. Nós pensamos que, se fizéssemos um modelo especial com conhecimentos sobre física etérica, usássemos doze deles e colocássemos os demais para trabalhar em áreas diferentes, isso poderia causar suspeitas. Os homens que trabalhassem com os Nestores normais poderiam se perguntar por que seus robôs sabiam física etérica. Então todos foram programados apenas com a capacidade para receber treinamento na área. Naturalmente, só os que vêm para cá recebem esse treinamento. É simples assim.

– Entendo. Por favor, saiam daqui vocês todos. Deixem-me sozinha por uma hora mais ou menos.

* * *

Calvin sentia que não conseguiria encarar aquele suplício pela terceira vez. Sua mente havia contemplado essa possibilidade e a tinha rejeitado com uma intensidade que lhe causara náuseas. Ela não podia mais enfrentar aquela fila interminável de robôs repetitivos.

Então Bogert fazia as perguntas agora, enquanto ela estava sentada ao lado, com os olhos e a mente meio fechados.

O Número 14 entrou... ainda restavam 49.

– Qual é o seu número na fila? – perguntou Bogert, levantando os olhos da ficha.

– Catorze, senhor. – O robô apresentou um papel com o número.

– Sente-se, rapaz. Você já não esteve aqui hoje? – perguntou Bogert.

– Não, senhor.

– Pois bem, rapaz, vamos ter outro homem correndo o risco de se ferir assim que terminarmos aqui. Na verdade, quando você sair daqui, será levado a uma cabine onde vai esperar em silêncio, até que precisemos de você. Entendeu?

– Sim, senhor.

– Agora, naturalmente, se um homem está correndo o risco de se ferir, você vai tentar salvá-lo.

– Naturalmente, senhor.

– Infelizmente, entre o homem e você haverá um campo de raios gama.

Silêncio.

– Você sabe o que são raios gama? – perguntou Bogert de forma brusca.

– Radiação de energia, senhor?

A pergunta seguinte foi feita de uma maneira amigável e espontânea.

– Você já trabalhou com raios gama?

– Não, senhor. – A resposta foi categórica.

– Hum. Bem, rapaz, os raios gama vão matá-lo no mesmo instante. Vão destruir o seu cérebro. Você deve saber e se lembrar desse fato. Naturalmente, você não quer a sua destruição.

– Naturalmente. – Outra vez o robô pareceu chocado. Depois continuou aos poucos: – Mas, senhor, se os raios gama estiverem entre mim e o mestre que pode se ferir, como posso salvá-lo? Eu estaria me destruindo para nada.

– Sim, isso é fato. – Bogert parecia preocupado com a questão. – O único conselho que posso dar, rapaz, é que, se detectar a radiação gama entre você e o homem, pode continuar sentado onde está.

O robô mostrou-se aliviado.

– Obrigado, senhor. Não adiantaria de nada, não é?

– Claro que não. Mas, se *não houvesse* nenhuma radiação perigosa, a situação seria diferente.

– Naturalmente, senhor. Não há dúvida.

– Pode sair agora. O homem do outro lado da porta o levará à sua cabine. Por favor, espere lá.

Ele se virou para Susan Calvin quando o robô saiu.

– Como foi essa conversa, Susan?

– Muito boa – disse ela em um tom monótono.

– Você acha que conseguimos pegar o Nestor 10 fazendo algumas perguntas rápidas sobre física etérica?

– Talvez, mas não é o suficiente para ter certeza. – Suas mãos estavam pousadas sobre o colo. – Lembre-se: ele está lutando contra nós. Ele está em alerta. O único modo de o pegarmos é sendo mais inteligentes e, dentro de suas limitações, ele consegue pensar muito mais rápido que um ser humano.

– Bem, só por diversão... e se eu fizer de agora em diante algumas perguntas sobre raios gama? O limite do comprimento da onda, por exemplo.

– Não! – Os olhos da dra. Calvin se reavivaram. – Seria fácil demais para ele negar o fato de ter conhecimento e isso o alertaria sobre o teste que está por vir... que é a nossa chance real. Por favor, siga as perguntas que eu indiquei, Peter, e não improvise. É arriscado demais perguntar a eles se já trabalharam com raios gama. E tente parecer ainda menos interessado do que parece quando fizer essa pergunta.

Bogert encolheu os ombros e apertou a campainha que permitiria a entrada do Número 15.

A grande Sala de Radiação estava pronta mais uma vez. Os robôs esperavam pacientemente em suas cabines de madeira, todas abertas para o centro, mas fechadas entre si.

O major-general Kallner esfregou lentamente a fronte com um lenço grande enquanto a dra. Calvin conferia os últimos detalhes com Black.

– Você tem certeza – perguntou ela – de que nenhum dos robôs teve a chance de conversar com os demais depois de sair da Sala de Orientação?

– Tenho certeza absoluta – insistiu Black. – Não trocaram nenhuma palavra.

– E os robôs estão nas cabines apropriadas?

– Aqui está o mapa.

A psicóloga olhou o desenho, pensativa.

– Hum.

O general deu uma espiadela por sobre os ombros dela.

– Qual é o motivo de estarem dispostos assim, dra. Calvin?

– Eu pedi para colocarem aqueles robôs que pareciam ligeiramente desajustados nos testes anteriores concentrados de um lado do círculo. Eu mesma vou ficar sentada no centro desta vez, e queria observar aqueles robôs em particular.

– *Você* vai se sentar lá? – indagou Bogert com admiração.

– Por que não? – perguntou ela friamente. – O que eu espero ver pode ser uma coisa momentânea. Não posso arriscar ter nenhuma outra pessoa como observador principal. Peter, você vai ficar na cabine de observação, e quero que fique de olho no lado oposto do círculo. General Kallner, tomei providências para que seja tirada uma sequência de fotos de cada robô, caso a observação visual não seja suficiente. Se essas fotos forem necessárias, os robôs devem permanecer exatamente onde estão até que as fotos sejam reveladas e estudadas. Nenhum deles deve sair e nenhum deles deve mudar de lugar. Ficou claro?

– Perfeitamente.

– Vamos tentar fazer isso uma última vez.

Susan Calvin se sentou na cadeira, em silêncio e com um olhar inquieto. Soltaram um peso, que desabou e depois foi desviado para o lado no último instante ao som do baque sincronizado de um repentino raio de força.

Um único robô se levantou e deu dois passos.

E parou.

Mas a dra. Calvin ficou de pé e apontou o dedo para ele de forma brusca.

– Nestor 10, venha aqui – gritou ela. – *Venha aqui* ! VENHA AQUI!

Aos poucos, de maneira relutante, o robô deu outro passo para a frente.

– Alguém tire todos os outros robôs deste lugar. Tire-os daqui rápido e *mantenha-os* lá fora. – A psicóloga gritou o mais alto que pôde, sem tirar os olhos do robô.

Vindo de algum lugar próximo ela ouvia barulho, e o baque de pés pesados contra o chão. Ela não desviou o olhar.

Nestor 10 – se é que, de fato, era o Nestor 10 – deu outro passo e depois, por influência do gesto imperioso dela, deu mais dois. Ele estava a apenas três metros quando falou de modo áspero:

– Falaram para eu sumir...

Outra parada.

– Não devo desobedecer. Eles não me encontraram até agora... Ele pensaria que sou um fracasso se... Ele me disse... Mas isso não é verdade... Sou poderoso e inteligente...

As palavras saíam em jorros.

Outro passo.

– Sei muita coisa... Ele pensaria... Quero dizer, eu fui encontrado... Vergonhoso... Não eu... Eu sou inteligente... E por um mestre apenas... que é fraco... lento...

Outro passo... e um braço de metal veio de repente em direção ao seu ombro, e ela sentiu aquele peso pressionando-a. Sentiu a garganta apertada e um grito tentando sair.

Ela ouviu, de forma vaga, as palavras que Nestor 10 disse em seguida: – Ninguém deve me encontrar. Nenhum mestre... – e sentiu o metal frio contra seu corpo, e ela mesma se dobrando sob esse peso.

Então ouviu-se um estranho som metálico. Susan Calvin foi ao chão com um baque despercebido, e um braço reluzente envolvia seu corpo. O braço não se mexia. Nem o Nestor 10, que estava esparramado ao seu lado.

E agora havia rostos inclinados sobre ela.

– Está ferida, dra. Calvin? – perguntou Gerald Black, ofegante.

Ela chacoalhou a cabeça debilmente. Eles tiraram o braço de cima dela e a ajudaram a se levantar com cuidado.

– O que aconteceu?

– Eu envolvi o lugar em raios gama por cinco segundos – disse Black. – Não sabíamos o que estava acontecendo. Foi só no último momento que percebemos que ele a estava atacando, e então não havia tempo para fazer mais nada a não ser criar um campo de raios gama. O robô veio abaixo em um instante. Mas a radiação não era suficiente para fazer mal à senhora. Não se preocupe com isso.

– Não estou preocupada. – Ela fechou os olhos e se encostou no ombro dele por um instante. – Acho que não fui exatamente atacada. O Nestor 10 estava apenas *tentando* me atacar. O que lhe restava da Primeira Lei impediu-o.

* * *

Susan Calvin e Peter Bogert tiveram a última reunião com o major-general Kallner duas semanas após a primeira. O trabalho na Hiperbase havia sido retomado. A nave de carga com seus 62 NS-2 normais tinha partido para onde quer que fosse seu destino, levando consigo uma história oficialmente imposta para explicar seu atraso de duas semanas. O cruzador do governo estava sendo preparado para levar os dois roboticistas de volta para a Terra.

Kallner estava de novo radiante, vestindo o uniforme completo. As luvas brancas brilhavam quando apertava a mão de alguém.

– Os outros Nestores modificados deverão, certamente, ser destruídos – disse Calvin.

– Eles serão. Nós vamos nos arranjar com os robôs normais ou, se necessário, nos viraremos sozinhos.

– Ótimo.

– Mas me diga... A senhora não me explicou... Como isso foi feito?

Ela deu um sorrisinho.

– Ah, aquilo. Teria lhe dito antes se eu estivesse mais segura de como iria funcionar. Veja, o Nestor 10 tinha um complexo de superioridade que estava ficando mais radical a cada momento; gostava de pensar que ele e os outros robôs sabiam mais do que os seres humanos. E essa forma de pensar estava se tornando muito importante para ele. Nós sabíamos disso. Então avisamos todos os robôs, com antecedência, que os raios gama os matariam, o que aconteceria de fato, e depois avisamos todos que haveria raios gama entre mim e eles. Então, naturalmente, todos eles ficaram onde estavam. Pela própria lógica do Nestor 10 no teste anterior, eles todos tinham decidido que não fazia sentido tentar salvar um ser humano se tivessem certeza de que morreriam antes de conseguir fazê-lo.

– Bem, sim, dra. Calvin, entendo isso. Mas por que o Nestor 10 saiu do lugar?

7 EVASÃO!

QUANDO SUSAN CALVIN VOLTOU da Hiperbase, Alfred Lanning a estava esperando. O velho nunca falava sobre sua idade, mas todos sabiam que tinha mais de 75. No entanto, sua mente era perspicaz, e se ele finalmente permitira que o tornassem Diretor Emérito de Pesquisa, tendo Bogert como diretor executivo, isso não o impedia de aparecer em seu escritório todos os dias.

– Quanto falta para criarem o Propulsor Hiperatômico? – perguntou ele.

– Não sei – respondeu ela, irritada –, não perguntei.

– Hum. Gostaria que eles se apressassem. Porque, se não se apressarem, a Consolidated pode vencer essa corrida. E *nos* vencer também.

– *Consolidated* . O que eles têm a ver com isso?

– Bem, não somos os únicos com máquinas de cálculo. As nossas podem ser positrônicas, mas isso não quer dizer que sejam melhores. Robertson vai convocar uma reunião amanhã. Ele estava esperando você voltar.

* * *

Robertson, da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation, filho do fundador, apontou o nariz aquilino para o gerente geral e seu pomo de adão se mexeu quando ele disse:

– Comece você agora. Vamos deixar as coisas bem claras.

O gerente geral fez isso com prontidão.

– O negócio é o seguinte, chefe. A Consolidated Robots nos procurou há um mês com uma proposta estranha. Eles trouxeram umas cinco toneladas de cálculos, equações, esse tipo de coisa. Era um problema, sabe, e eles queriam uma resposta d'O Cérebro. Os termos eram os seguintes...

Ele foi contando-os nos dedos grossos:

– Cem mil para nós se o problema não tivesse solução e nós pudéssemos dizer-lhes os fatores que estão faltando. Duzentos mil se houvesse solução, mais os custos de construção da máquina em questão, mais um quarto de todos os lucros provenientes disso. O problema se refere à construção de um motor interestelar...

Robertson franziu as sobrancelhas e seu corpo esbelto ficou tenso.

– Apesar do fato de eles terem sua própria máquina pensante. Certo?

– É exatamente o que torna a proposta uma furada, chefe. Levver, você assume de agora em diante.

Da outra extremidade da mesa de reuniões, Abe Levver levantou os olhos e alisou o queixo, que mostrava uma barba por fazer, com um leve ruído áspero. Ele sorriu.

– É o seguinte, senhor. A Consolidated *tinha* uma máquina pensante. Ela está quebrada.

– O quê? – Robertson começou a se levantar, mas parou.

– É isso mesmo. Está quebrada! *Kaput* . Ninguém sabe por quê, mas eu tenho alguns palpites bem interessantes... como, por exemplo, o de que eles solicitaram um motor interestelar à máquina, fornecendo o mesmo conjunto de informações que trouxeram para nós, e isso a destruiu. Ela é sucata... apenas sucata agora.

– Entendeu, chefe? – O gerente geral estava completamente radiante. – Entendeu? Não há nenhum grupo de pesquisa industrial, de qualquer porte, que não esteja tentando desenvolver um motor de dobra espacial; e nós da U.S. Robots, junto com a Consolidated, lideramos essa área com os nossos supercérebros robóticos. E agora que o pessoal da Consolidated conseguiu estragar o cérebro deles, o caminho está livre para nós. Esse é o ponto essencial, a... ahn... motivação. Eles vão demorar pelo menos seis anos para construir outra máquina e estão arruinados, a não ser que consigam quebrar a nossa também com o mesmo problema.

O presidente da U.S. Robots arregalou os olhos.

– Aqueles ratos sujos...

– Espere, chefe. Tem mais. – Ele apontou o dedo, movendo o braço em outra direção. – Lanning, continue!

O dr. Alfred Lanning observou o andamento das coisas com um ligeiro desdém... sua reação habitual aos feitos dos departamentos – muito mais bem pagos – de negócios e de vendas. Ele franziu as inacreditáveis sobrancelhas grisalhas e sua voz era seca.

– De um ponto de vista científico, a situação, embora não esteja totalmente clara, é passível de ser examinada por uma análise inteligente. A questão da viagem interestelar nas condições atuais da teoria física é... ahn... algo vago. O assunto está em aberto... e a informação com a qual a Consolidated proveu sua máquina pensante, supondo que seja a mesma de

que dispomos, estava, de modo análogo, em aberto. Nosso departamento de matemática fez uma análise detalhada dela, e parece que a Consolidated incluiu tudo. O material que apresentaram contém todos os desenvolvimentos da teoria da dobra espacial de Franciacci e, ao que parece, todos os dados astrofísicos e eletrônicos pertinentes. Isso é muita coisa.

Robertson ouvia com atenção.

– Isso é demais para O Cérebro? – interrompeu ele.

Lanning chacoalhou a cabeça de forma decisiva.

– Não. Não há limites conhecidos para a capacidade d’O Cérebro. A questão é outra. Envolve as Leis da Robótica. Por exemplo, O Cérebro jamais poderia dar a solução de um problema a ele apresentado se tal solução envolvesse a morte de humanos ou os deixasse feridos. No que se refere a ele, se essa fosse a única solução, o problema seria insolúvel. Se combinássemos um problema desses com um pedido extremamente urgente para que o mesmo fosse respondido, é possível que O Cérebro, que é apenas um robô no final das contas, ficasse diante de um dilema, uma questão que não pudesse responder nem se negar a responder. Algo desse tipo deve ter acontecido com a máquina da Consolidated.

Ele fez uma pausa, mas o gerente geral o incentivou a continuar.

– Continue, dr. Lanning. Explique do modo como explicou para mim.

Lanning cerrou os lábios e ergueu as sobrancelhas, olhando na direção de Susan Calvin, que levantava, pela primeira vez, os olhos das mãos cruzadas de forma precisa. A voz da mulher era baixa e sem graça.

– A natureza da reação de um robô a um dilema é espantosa – começou ela. – Na qualidade de especialista, posso assegurar que a psicologia robótica está longe de ser perfeita, mas pode ser discutida em termos qualitativos porque, com todas as complicações introduzidas no cérebro positrônico de um robô, ele é fruto do trabalho humano e, portanto, é construído de acordo com valores humanos. Quando um ser humano se vê encurralado em uma situação impossível, costuma responder com fuga da realidade: entra em um mundo de ilusão, começa a beber, desenvolve histeria ou pula de uma ponte. Tudo se resume à mesma coisa: uma recusa ou incapacidade de encarar as situações de maneira direta.

– Entendo – disse Robertson, que não entendia. – E quanto a essa informação que a Consolidated quer nos passar?

– Ela com certeza envolve algum tipo proibido de problema – disse a dra. Calvin. – Mas O Cérebro é consideravelmente diferente do robô da Consolidated.

– Isso mesmo, chefe. Isso mesmo – interrompeu o gerente geral de modo exaltado. – Quero que entenda isso, porque é a questão central da situação.

Os olhos de Susan Calvin brilharam por trás dos óculos.

– Veja bem, senhor – continuou ela, pacientemente –, as máquinas da Consolidated, entre elas o Superpensador, são construídas sem personalidade. Eles estão interessados em funcionalidade, sabe... eles precisam focar nisso, já que não dispõem das patentes básicas da U.S. Robots para as vias cerebrais da emoção. O Pensador deles é uma mera máquina calculadora em grande escala, e o dilema a destrói no mesmo instante. Entretanto, O Cérebro, a nossa máquina, tem uma personalidade: a personalidade de uma criança. É um cérebro extremamente dedutivo, mas se assemelha a um idiota-prodígio. Ele não entende de verdade o que faz... ele apenas faz. E porque é de fato uma criança, ele é mais resiliente. Pode-se dizer que a vida não é tão séria.

A psicóloga roboticista continuou:

– Eis o que vamos fazer. Nós dividimos toda a informação passada pela Consolidated em unidades lógicas. Vamos fornecer essas unidades para O Cérebro uma a uma e com cautela. Quando *o* fator entrar em cena, aquele que causa o dilema, a personalidade infantil d'O Cérebro hesitará. Sua capacidade de discernimento não está madura. Haverá um intervalo perceptível antes de ele reconhecer que se trata de um dilema. E, durante esse intervalo, ele rejeitará a unidade automaticamente... antes que suas vias cerebrais possam ser ativadas e destruídas.

O pomo de adão de Robertson se mexeu.

– Você tem certeza disso?

A dra. Calvin disfarçou a impaciência.

– Não faz muito sentido em uma linguagem para leigos, eu admito; mas não serve de nada apresentar isso em forma de cálculos matemáticos. Eu lhe asseguro de que é como digo.

De forma instantânea e com desembaraço, o gerente geral começou a falar em descumprimento de regras.

– Então a situação é a seguinte, chefe. Se aceitarmos o acordo, podemos fazer isso desta forma. O Cérebro nos dirá qual segmento de informação

envolve o dilema. A partir disso, podemos deduzir o *porquê* do dilema. Não é, dr. Bogert? Temos o senhor, chefe, e o dr. Bogert é o melhor matemático que se pode encontrar. Fornecemos à Consolidated uma resposta “sem solução”, justificando-a, e recebemos cem mil. Eles ficam com uma máquina quebrada; nós ficamos com uma intacta. Em um ano ou dois, talvez, teremos um motor de dobra espacial, ou um motor hiperatômico, como alguns o chamam. Qualquer que seja o nome que se dê a ele, será a coisa mais importante do mundo.

Robertson deu uma risadinha e estendeu a mão.

– Deixe-me ver o contrato. Vou assiná-lo.

* * *

Quando Susan Calvin entrou no cofre incrivelmente protegido que guardava O Cérebro, um dos técnicos daquele turno tinha acabado de perguntar a ele:

– Se uma galinha e meia bota um ovo e meio em um dia e meio, quantos ovos vão botar nove galinhas em nove dias?

– Cinquenta e quatro – tinha acabado de responder O Cérebro.

– Viu, seu idiota! – tinha acabado de dizer o técnico ao colega.

A dra. Calvin deu uma tossida e houve uma súbita e impossível rajada de energia sem direção certa. A psicóloga fez um ligeiro movimento e ficou sozinha com O Cérebro.

O Cérebro era apenas um globo de uns 60 centímetros – um globo dentro do qual havia uma atmosfera de hélio cuidadosamente condicionada, um volume de espaço completamente sem vibração e sem radiação –, e em seu interior repousava a desconhecida complexidade de vias cerebrais positrônicas que o constituía. O resto da sala estava lotado de acessórios que faziam a intermediação entre O Cérebro e o mundo exterior: eram sua voz, seus braços, seus órgãos sensitivos.

– Como você está, Cérebro? – perguntou a dra. Calvin em um tom suave.

– Bem, srta. Susan. – A voz d’O Cérebro era estridente e entusiástica. – A senhorita vai me perguntar alguma coisa. Eu sei. A senhorita sempre carrega um livro na mão quando vai me perguntar algo.

A dra. Calvin deu um leve sorriso.

– Bem, você está certo, mas não vai ser agora. Desta vez será um problema. Vai ser tão complicado que vamos entregá-lo a você por escrito.

Mas não agora. Vou conversar com você primeiro.

– Tudo bem. Não me importo de conversar.

– Então, Cérebro, daqui a pouco o dr. Lanning e o dr. Bogert virão para cá com essa questão complicada. Vamos entregá-la a você em pequenas partes e bem aos poucos, porque queremos que você tenha cuidado. Vamos pedir para você construir uma coisa, se puder, com essa informação que vamos lhe transmitir, mas vou adverti-lo agora de que a solução pode... ahn... prejudicar os seres humanos.

– Meu Deus! – Foi uma exclamação abafada e prolongada.

– Agora preste atenção nisso. Quando chegarmos a uma parte que significa perigo, talvez até morte, não se exalte. Veja bem, Cérebro, nesse caso, nós não nos importamos... nem com a morte; não nos importamos nem um pouco. Então, quando você chegar a essa parte, pare e a devolva... tudo bem se fizer isso. Entendeu?

– Ah, sim, com certeza. Puxa vida, a morte de humanos! Meu Deus!

– Bem, Cérebro, estou ouvindo o dr. Lanning e o dr. Bogert chegarem. Eles vão lhe dizer de que se trata o problema e então começaremos. Agora, seja um bom menino...

Aos poucos, as folhas de papel foram sendo inseridas no supercomputador. Depois da inserção de cada uma delas, havia um intervalo com um estranho ruído sussurrado que se assemelhava a uma série de risinhos, que significava que O Cérebro estava trabalhando. Depois vinha o silêncio, que mostrava que ele estava pronto para mais uma folha. Foi uma questão de horas, durante as quais o equivalente a algo como dezessete pesados volumes de física matemática foram inseridos no Cérebro.

O processo continuou, e sobrancelhas foram se vincando e ficando cada vez mais franzidas. Lanning resmungava bem baixinho e com ferocidade. Primeiro, Bogert olhou para as unhas com um ar especulativo, e depois as roeu de forma abstraída. Foi quando a última de uma grossa pilha de folhas desapareceu que Calvin, pálida, disse:

– Algo está errado.

Lanning mal conseguiu falar.

– Não pode ser. Ele está... morto?

– Cérebro? – Susan Calvin estava tremendo. – Está me ouvindo, Cérebro?

– Ahn? – replicou a máquina, distraída. – A senhorita quer falar comigo?

– A solução...

– Ah, aquilo. Eu consigo fazer. Vou construir uma nave inteirinha para os senhores, fácil, fácil... se deixarem os robôs comigo. Uma bela nave. Talvez demore dois meses.

– Não houve... nenhuma dificuldade?

– Demorei muito para entender – disse O Cérebro.

A dra. Calvin se afastou. Suas bochechas magras ainda não tinham recuperado a cor. Ela fez um gesto para que os outros saíssem.

* * *

– Não consigo entender – disse ela no escritório. – A informação, do modo como foi dada, deve envolver um dilema... provavelmente envolve morte. Se algo deu errado...

– A máquina está falando e é coerente – disse Bogert em voz baixa. – Não pode ser um dilema.

– Há dilemas *e* dilemas – replicou a psicóloga, de pronto. – Há diferentes formas de evasão. Suponha que O Cérebro se sinta apenas levemente encurralado; que se sinta encurralado o suficiente, digamos, para estar tendo a ilusão de que pode resolver o problema quando não pode. Ou que está cambaleando à beira de algo ruim de fato, de modo que qualquer empurrãozinho o derrubaria.

– Suponha – disse Lanning – que não haja nenhum dilema. Suponha que a máquina da Consolidated tenha quebrado por conta de outra questão, ou por motivos puramente mecânicos.

– Mas, mesmo assim – insistiu Calvin –, não poderíamos correr o risco. Escute, de agora em diante, ninguém deve sequer respirar perto d'O Cérebro. Eu vou assumir.

– Tudo bem – suspirou Lanning –, assuma então. E, enquanto isso, vamos deixar O Cérebro construir a nave. E, se ele a *construir* , vamos ter que testá-la.

Ele estava refletindo.

– Vamos precisar dos nossos melhores homens para *isso* .

* * *

Michael Donovan alisou o cabelo ruivo com a mão em um movimento violento e com total indiferença quanto ao fato de que o tufo indomável se levantava outra vez de imediato.

– Adivinhe o que vem agora, Greg – disse ele. – Dizem que a nave está terminada. Eles não sabem o que é, mas está terminada. Vamos, Greg. Vamos pôr as mãos nos controles agora mesmo.

– Pare com isso, Mike – disse Powell com desalento. – Seu humor, por mais novo que seja, tem um odor peculiar de algo podre, e este ambiente fechado não favorece em nada.

– Bem, escute. – Donovan passou mais uma vez a mão no cabelo, sem produzir efeito algum. – Não estou tão preocupado com o nosso gênio de ferro fundido e sua nave de lata. Tem a questão da licença que eu perdi. E a monotonia! Não há nada aqui além de rabiscos e números... o tipo errado de números. Ah, por que eles *dão* esses trabalhos para nós?

– Porque – replicou Powell em um tom suave – eles não vão perder nada se nos perderem. Tudo bem, relaxe! O dr. Lanning está vindo em nossa direção.

Lanning estava chegando, suas sobrancelhas grisalhas abundantes como sempre, sua figura envelhecida com uma postura ainda reta e cheia de vida. Ele subiu silenciosamente a rampa com os dois homens e saiu a um espaço aberto onde, sem obedecer a nenhum mestre humano, robôs silenciosos construíam uma nave.

Tempo verbal errado. *Tinham* construído uma nave!

– Os robôs pararam. Nenhum deles se mexeu hoje – disse Lanning.

– Está terminada, então? Em definitivo? – perguntou Powell.

– Bem, como vou saber? – Lanning estava sendo rabugento e franziu as sobrancelhas de tal modo que escondeu os olhos. – *Parece* terminada. Não há peças sobrando, e o interior recebeu até um acabamento reluzente.

– O senhor já esteve lá dentro?

– Só entrei e saí. Não sou piloto espacial. Algum de vocês dois sabe algo sobre teoria de motores?

Donovan olhou para Powell, que olhou para Donovan.

– Eu tirei meu brevê, senhor, mas ele não dizia nada sobre hipermotores ou navegação por meio de dobra espacial. Apenas aquela brincadeira de criança com três dimensões.

Alfred Lanning levantou os olhos com um ar de nítida reprovação e, com seu nariz grande, deu uma fungada.

– Então, temos os nossos testadores de motor – disse ele com frieza.

Powell tocou seu cotovelo enquanto ele se afastava.

– Senhor, a nave ainda é uma área restrita?

O velho diretor hesitou e depois esfregou o dorso do nariz.

– Acho que não. Pelo menos não para vocês dois.

Donovan ficou olhando para ele enquanto ia embora e murmurou-lhe uma frase curta e expressiva pelas costas.

– Eu gostaria de dar a ele uma descrição literária de si mesmo, Greg.

– Acho melhor você vir comigo, Mike.

A parte de dentro da nave estava terminada, tão terminada quanto a de qualquer nave; dava para dizer isso em um único relance. Nem o mais rigoroso oficial do Sistema Solar teria sido capaz de deixar uma superfície tão polida como fizeram aqueles robôs. As paredes tinham um acabamento prateado brilhante e sequer apresentavam marcas de digitais.

Não havia ângulos; as paredes, o chão e o teto se mesclavam delicadamente uns com os outros e com o brilho frio e metálico das luzes ocultas, e a pessoa ficava cercada por seis reflexos frios de sua própria figura perplexa.

O corredor principal era um túnel estreito que levava, por um trecho de chão duro que fazia barulho quando se pisava nele, a uma fileira de salas indistintas umas das outras.

– Imagino que os móveis estejam embutidos na parede – disse Powell. – Ou talvez não seja para nós nos sentarmos nem dormirmos.

Foi na última sala, a mais próxima do nariz da nave, que cessou a monotonia. Uma janela curva com vidro antirreflexo era a primeira ruptura naquela superfície metálica universal, e abaixo dela havia um único mostrador grande, com um ponteiro estático marcando zero.

– Veja isto! – disse Donovan, apontando para a única palavra na escala minuciosamente marcada.

Ela dizia “parsecs”, e o número minúsculo na extremidade direita do medidor curvo e graduado dizia “1.000.000”.

Havia duas cadeiras; eram pesadas, largas e não tinham estofamento. Powell se sentou com cautela e percebeu que eram moldadas segundo as curvas do corpo, e eram confortáveis.

– O que acha disso? – perguntou Powell.

– Para o meu gosto, O Cérebro está com febre cerebral. Vamos sair daqui.

– Tem certeza de que não quer dar uma olhada nela?

– Já dei uma olhada. Vim, vi, concluí! – O cabelo ruivo de Donovan encrespou em dois tufos separados. – Greg, vamos sair daqui. Eu desisti do meu emprego cinco segundos atrás e esta é uma área restrita.

Powell sorriu, lisonjeiro e contente consigo mesmo, e alisou o bigode.

– Tudo bem, Mike, agora feche essa torneira de adrenalina que está jorrando na sua corrente sanguínea. Eu também estava preocupado, mas não estou mais.

– Não está mais, hein? Como não está mais preocupado? Aumentou o prêmio do seu seguro?

– Mike, esta nave não pode voar.

– Como você sabe?

– Bem, nós vimos a nave inteira, não vimos?

– Parece que sim.

– Acredite em mim, nós vimos. Você viu alguma coisa que se assemelhasse a uma cabine de pilotos, a não ser esta sala com essa janela e esse medidor em parsecs aqui? Você viu algum controle?

– Não.

– E você viu algum motor?

– Minha nossa, não!

– Pois bem! Vamos contar a novidade para Lanning.

Eles praguejaram enquanto passavam pelos monótonos corredores e enfim encontraram, por tentativa e erro, o caminho até a pequena passagem que levava à câmara de despressurização.

– Você trancou essa coisa, Greg? – disse Donovan, tenso.

– Não, eu sequer encostei nela. Puxe a alavanca.

A alavanca nem se mexeu, embora Donovan tivesse contorcido o rosto terrivelmente de tanto esforço.

– Não vi nenhuma saída de emergência – comentou Powell. – Se alguma coisa deu errado aqui, vão ter que derreter um buraco para sairmos.

– Sim, e vamos ter de esperar até descobrirem que algum tonto nos trancou aqui – acrescentou Donovan de modo frenético.

– Vamos voltar para a sala com a janela. É o único lugar de onde poderíamos chamar a atenção.

Mas não chamaram.

Na última sala, a janela não estava mais azul, refletindo o céu. Estava preta, e intensos pontinhos amarelos em forma de estrela diziam *espaço* .

Ouviu-se um duplo ruído abafado quando dois corpos foram jogados separadamente contra duas cadeiras.

* * *

Alfred Lanning encontrou a dra. Calvin à porta do escritório dele. Nervoso, ele acendeu um charuto e fez um gesto para que ela entrasse.

– Bem, Susan, nós conseguimos chegar bem longe e Robertson está ficando apreensivo – disse ele. – O que você está fazendo com O Cérebro?

– Não adianta ficar impaciente. O Cérebro vale mais do que qualquer coisa que percamos nesse negócio.

– Mas faz dois meses que você o está questionando.

– Quer conduzir isso você mesmo? – O tom de voz da psicóloga era invariável, mas um tanto perigoso.

– Você sabe o que eu quis dizer.

– Oh, eu acho que sim – a dra. Calvin esfregou as mãos com nervosismo. – Não é fácil. Eu o tenho mimado e sondado com delicadeza, e ainda não consegui chegar a lugar algum. Suas reações não são normais. Suas respostas... de algum modo, são estranhas. Mas nada que eu possa identificar até agora. E você sabe, até que saibamos o que há de errado, devemos prosseguir pisando em ovos. Nunca se sabe que pergunta ou comentário simples irá... levá-lo ao limite... e então... Bem, e então teremos em mãos um Cérebro completamente inútil. Quer enfrentar isso?

– Bem, ele não pode infringir a Primeira Lei.

– Eu teria pensado que não, mas...

– Você não tem certeza disso sequer? – Lanning estava profundamente chocado.

– Ah, não posso ter certeza de nada, Alfred...

O sistema de alarme disparou, ecoando um som estridente e assustador com uma brusquidão aterrorizante. Lanning clicou o comunicador com um espasmo quase paralisado. As palavras ofegantes o enregelaram.

– Susan... você ouviu isso?... a nave sumiu. Eu mandei aqueles dois especialistas de campo para dentro da nave há meia hora. Você terá de ver O Cérebro de novo – disse ele.

* * *

– Cérebro, o que aconteceu com a nave? – perguntou Susan Calvin com uma calma forçada.

– A nave que eu construí, srta. Susan? – perguntou O Cérebro em um tom alegre.

– Isso mesmo. O que aconteceu com ela?

– Bem, não aconteceu nada. Os dois homens que deveriam testá-la estavam dentro dela, e estava tudo pronto. Então eu os despachei.

– Oh... Isso é bom. – A psicóloga sentiu um pouco de dificuldade para respirar. – Você acha que eles vão ficar bem?

– Vão ficar muito bem, srta. Susan. – Eu cuidei de tudo. É uma nave mal-ra-vi-lio-sa.

– Sim, Cérebro, ela é maravilhosa, mas você acha que eles têm comida suficiente, não acha? Eles vão ficar confortáveis?

– Bastante comida.

– Este trabalho pode ser algo chocante para eles, Cérebro. Algo inesperado, sabe.

– Eles vão ficar bem. Deve ser uma experiência interessante para eles – apressou-se em dizer O Cérebro.

– Interessante? Como?

– Interessante, só isso – respondeu O Cérebro, dissimulando.

– Susan – disse Lanning em um sussurro irritado –, pergunte a ele se a morte entra nessa história. Pergunte quais são os riscos.

O rosto de Susan ficou contorcido pela expressão de fúria. – Fique quieto! – Com a voz trêmula, ela perguntou para O Cérebro: – Nós podemos nos comunicar com a nave, não podemos, Cérebro?

– Oh, eles podem ouvi-la se a senhorita os contatar por rádio. Eu cuidei disso.

– Obrigada. Isto é tudo por enquanto.

Do lado de fora, Lanning vociferou raivosamente.

– Pela Galáxia, Susan, se isso vazar, vai arruinar a todos nós. Precisamos trazer aqueles homens de volta. Por que você não perguntou se havia risco de morte... com toda a clareza?

– Porque é exatamente o que não posso mencionar – disse Calvin, em um desanimado tom de frustração. – Se for um caso de dilema, tem a ver com morte. Qualquer coisa que possa trazer o assunto à tona de forma descuidada pode danificá-lo por completo. As coisas vão ficar melhores para nós, então? Agora escute, ele disse que podemos nos comunicar com

os especialistas. Vamos fazer isso, descobrir sua localização e trazê-los de volta. É provável que eles não consigam usar os controles; O Cérebro deve estar manejando-os a distância. Venha!

* * *

Passou um bom tempo até que Powell recobrasse o ânimo.

– Mike – disse ele, com os lábios frios –, você sentiu uma aceleração?

Donovan tinha um olhar perplexo.

– Hein? Não... não.

E então o homem ruivo cerrou os punhos e levantou-se da cadeira em um súbito estado de frenesi, parando diante do grande vidro frio e curvo. Não havia nada para ver... exceto estrelas.

– Greg, eles devem ter dado partida enquanto nós estávamos dentro da nave – disse ele, voltando-se para o colega. – Greg, eles maquinaram isso; eles combinaram com o robô de nos enganar para testarmos a nave, caso pensássemos em voltar atrás.

– Do que você está falando? De que serviria nos mandar para o espaço se não sabemos operar a nave? Como vamos levá-la de volta? Não, esta nave decolou sozinha, e sem nenhuma aceleração aparente. – Ele se levantou e ficou andando devagar de um lado para o outro. As paredes de metal reproduziam o som dos seus passos. – Mike, esta é a situação mais confusa que já enfrentamos – disse Powell em um tom apático.

– Isso é novidade para mim – disse Donovan. – Eu estava começando a me divertir pra caramba antes de você me dizer isso.

Powell ignorou o comentário.

– Sem aceleração nenhuma.... o que significa que a nave funciona com base em um princípio diferente de qualquer princípio conhecido.

– Diferente de qualquer princípio que nós conheçamos.

– Diferente de *qualquer um* conhecido. Não há motores ao alcance do controle manual. Talvez estejam embutidos na parede. Talvez seja por isso que elas são grossas desse jeito.

– O que você está murmurando? – perguntou Donovan.

– Por que não presta atenção? Estou dizendo que o que quer que forneça energia para esta nave está inacessível e, evidentemente, não deve ser manuseado. A nave está funcionando por controle remoto.

– Controlada pelo Cérebro?

– Por que não?

– Então você acha que vamos ficar aqui até O Cérebro nos levar de volta?

– Pode ser. Se for esse o caso, vamos esperar calmamente. O Cérebro é um robô. Ele tem que obedecer à Primeira Lei. Ele não pode ferir um ser humano.

Donovan se sentou lentamente.

– Você acha isso? – Ele alisou o cabelo com cuidado. – Escute, essa porcaria de dobra espacial danificou o robô da Consolidated, e o geniozinho disse que era porque as viagens interestelares matavam os humanos. Em qual dos dois robôs você vai confiar? O nosso recebeu os mesmos dados, pelo que sei.

Powell puxava o bigode com fúria, e falou:

– Não finja que não sabe nada de robótica, Mike. Antes de ser fisicamente possível para um robô, em qualquer sentido, sequer começar a infringir a Primeira Lei, tantas coisas têm de parar de funcionar que daria para ele se tornar um amontoado inútil de ferro velho umas dez vezes. Há uma explicação simples para isso.

– Ah, claro, claro. Só peça para o mordomo me chamar de manhã. É tudo tão, tão simples que nem preciso me preocupar com isso antes do meu sono de beleza.

– Bem, por Júpiter, Mike, do que você está reclamando até agora? O Cérebro está cuidando de nós. O lugar é quentinho. É iluminado. Tem ar. Pra começo de conversa, o tranco causado pela aceleração não teria sido capaz de mover um fio de seu cabelo, mesmo se ele fosse bem penteado.

– Ora, Greg, você deve ter praticado um bocado. Ninguém conseguiria ultrapassar a Pollyanna[8] assim, sem praticar. O que vamos comer? O que vamos beber? Onde estamos? Como voltamos? E, em caso de acidente, para que saída e em que traje espacial devemos correr, e não andar? Não vi sequer um banheiro neste lugar, nem nenhuma daquelas comodidades que vêm com os banheiros. Claro, estão cuidando de nós, mas estão cuidando bem?

A voz que interrompeu o discurso exaltado de Donovan não era a de Powell. Não era de ninguém. Estava lá, pairando no ar... com um efeito retumbante e assustador.

GREGORY POWELL! MICHAEL DONOVAN! GREGORY POWELL! MICHAEL DONOVAN! POR FAVOR, INFORMEM A SUA ATUAL POSIÇÃO. SE SUA NAVE RESPONDER A ALGUM

CONTROLE, POR FAVOR, RETORNEM À BASE. GREGORY POWELL! MICHAEL DONOVAN!...

A mensagem era repetitiva, mecânica, interrompida por intervalos incansáveis e regulares.

– De onde está vindo isso? – perguntou Donovan.

– Não sei. – A voz de Powell ecoava em um sussurro intenso. – De onde vêm as luzes? De onde vem tudo?

– Bem, e como faremos para responder?

Eles tinham de conversar nos intervalos da ressonante mensagem que se repetia.

As paredes eram desprovidas de ornamentos... tão lisas e com uma superfície tão contínua quanto o metal recurvado pode ser.

– Grite uma resposta – disse Powell.

Eles gritaram. Gritaram de forma alternada e em conjunto.

– Posição desconhecida! Nave fora de controle! Condição de desespero!

Suas vozes se elevaram e ficaram entrecortadas. As frases curtas e corporativas foram entremeadas e adulteradas por gritos e obscenidades enfáticos, mas a voz fria que lhes falava continuava repetindo incansavelmente.

– Eles não conseguem nos ouvir – disse Donovan, ofegante. – Não há nenhum mecanismo de envio de mensagens. Só um receptor. – Seus olhos se fixaram cegamente em um ponto aleatório na parede.

Aos poucos, o estardalhaço daquela voz exterior serenou e foi ficando mais fraco. Eles gritaram de novo quando a voz se tornou apenas um sussurro; e gritaram de novo, com as vozes roucas, quando tudo ficou em silêncio.

– Vamos percorrer a nave outra vez – disse Powell sem energia, uns quinze minutos depois. – Deve haver algo para comer em algum lugar. – Ele não parecia esperançoso. Era quase como admitir a derrota.

Eles se dividiram no corredor, um para a direita e o outro para a esquerda. Conseguiam seguir um ao outro pelo som dos passos firmes e se encontravam de quando em quando no corredor, onde se olhavam e continuavam.

A procura de Powell terminou de repente e, quando terminou, ouviu a voz alegre de Donovan se elevando, retumbante.

– Ei, Greg – gritou –, a nave *tem* instalações sanitárias. Como não percebemos?

Só depois de cinco minutos ele deparou com Powell, achando o caminho por tentativa e erro. E disse:

– Ainda não encontrei chuveiros, porém... – mas a frase ficou entalada em sua garganta.

– Comida – concluiu ele, ofegante.

A parede desaparecera, deixando à mostra um vão com duas prateleiras. A prateleira de cima estava cheia de latas sem rótulo de vários e desconcertantes tamanhos e formas. As latas esmaltadas na prateleira de baixo eram padronizadas, e Donovan sentiu uma corrente de ar frio ao redor do tornozelo. A parte de baixo era refrigerada.

– Como... como?

– Não estava aqui antes – disse Powell de modo sucinto. – Aquela parte da parede desapareceu quando eu passei pela porta.

Ele estava comendo. A lata era preaquecida e vinha com uma colher, e o cheiro de feijão cozido impregnou o ambiente.

– Pegue uma lata, Mike!

– Qual é o cardápio? – perguntou Donovan, hesitante.

– Como vou saber? Você é enjoado?

– Não, mas tudo que como em espaçonaves é feijão. Qualquer coisa diferente seria a minha primeira opção.

Sua mão ficou pairando no ar e escolheu uma reluzente lata em forma elíptica cujo formato achatado parecia evocar salmão ou uma iguaria similar. A lata abriu quando pressionada de modo apropriado.

– Feijão! – gritou Donovan, e pegou outra.

– É melhor comer isso, rapaz. Os suprimentos são limitados e pode ser que fiquemos aqui por muito, muito tempo – disse Powell, dando um puxão no tecido da calça do colega.

Donovan se afastou, mal-humorado.

– Isso é tudo o que temos? Feijão?

– Pode ser que sim.

– O que há na prateleira de baixo?

– Leite.

– Só leite? – gritou Donovan, indignado.

– Parece que sim.

A refeição à base de feijão e leite foi feita em silêncio, e quando eles saíram, a faixa de parede que estava oculta se ergueu e formou, mais uma vez, uma superfície contínua.

– Tudo é automático. É tudo exatamente assim. Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. Onde fica o banheiro? – Powell murmurou.

– Bem ali. E ele também não estava presente quando olhamos da primeira vez.

Quinze minutos depois, os dois homens estavam na sala envidraçada de novo, sentados de frente um para o outro, entreolhando-se.

Powell olhava melancolicamente para o único medidor da sala. Ele ainda dizia “parsecs”, a sequência de números ainda terminava em “1.000.000” e o ponteiro indicador ainda estava na marca do zero.

* * *

– Eles não respondem – dizia com desalento Alfred Lanning nos escritórios mais recônditos da U.S. Robots & Mechanical Men Corp. – Tentei todos os comprimentos de onda, as públicas, as exclusivas, as codificadas, as diretas e até mesmo essa coisa subetérica que existe agora. O Cérebro continua sem dizer nada? – perguntou ele para Calvin.

– Não vou me estender nesse assunto, Alfred – disse ela de forma enfática. – O Cérebro diz que eles podem nos ouvir... e, quando tento pressioná-lo, ele fica... bem, ele fica mal-humorado. E ele não deve... Quem já ouviu falar em um robô mal-humorado?

– Conte-nos o que você sabe, Susan – pediu Bogert.

– Aí é que está! Ele admite que controla a nave toda sozinho. Ele está definitivamente otimista quanto à segurança dos especialistas, mas não dá detalhes. Eu não tenho coragem de pressioná-lo. Entretanto, o centro da perturbação parece estar no próprio salto interestelar. Sem dúvida, O Cérebro riu quando mencionei o assunto. Há outras indicações, mas esse é o ponto mais próximo a que ele chegou de uma anormalidade explícita.

Ela olhou para os outros.

– Estou me referindo à histeria. Deixei o assunto de lado imediatamente, e espero não ter causado nenhum dano, mas isso me deu uma pista. Sei lidar com histeria. Deem-me doze horas! Se eu puder fazê-lo voltar ao normal, ele trará a nave de volta.

Bogert parecia aflito, de repente.

– O salto interestelar!

– Qual é o problema? – O grito duplo partiu de Calvin e de Lanning.

– Os cálculos para o motor que O Cérebro nos forneceu. Escutem... acabei de pensar em uma coisa.

Ele saiu apressado.

Lanning seguiu-o com o olhar e, voltando-se para Calvin, disse de forma brusca:

– Cuide da sua parte, Susan.

* * *

Duas horas depois, Bogert falava com entusiasmo.

– Estou lhe dizendo, Lanning, é isso. O salto interestelar não é instantâneo... não enquanto a velocidade da luz é finita. A vida não pode existir... *massa e energia* como tais não podem existir na dobra espacial. Não sei como seria... mas é isso. Foi isso que matou o robô da Consolidated.

Donovan se sentia tão abatido quanto parecia estar.

– Só cinco dias?

– Só cinco dias. Tenho certeza.

Donovan olhou ao redor com um ar deplorável. As estrelas vistas pelo vidro eram familiares, mas infinitamente indiferentes. As paredes eram frias ao toque; as luzes, que tinham voltado a brilhar havia pouco, eram insensivelmente luminosas; o ponteiro do medidor marcava teimosamente zero; e Donovan não conseguia se ver livre do gosto do feijão.

– Preciso de um banho – disse ele, taciturno.

– Eu também – anuiu Powell após levantar o olhar por um breve período de tempo. – Não precisa se sentir constrangido. Mas, a não ser que você queira tomar banho com leite e ficar sem nada para beber...

– Vamos acabar ficando sem ter o que beber, de todo modo. Greg, quando essa viagem interestelar vai acontecer?

– Diga-me você. Talvez nós apenas continuemos indo em frente. Nós iríamos acabar chegando lá. Pelo menos o pó dos nossos esqueletos chegaria... mas a nossa morte não é o ponto central do colapso original d’O Cérebro?

– Greg, eu estava pensando – disse Donovan de costas para o outro. – Isso é muito ruim. Não há muito o que fazer... a não ser andar por aí ou falar consigo mesmo. Sabe aquelas histórias sobre caras abandonados no espaço? Eles enlouquecem muito antes de morrer de fome. Não sei não, Greg, mas desde que as luzes se acenderam, estou me sentindo estranho.

Seguiu-se um momento de silêncio, e então a voz de Powell surgiu fina e fraca.

– Eu também. Como é?

O homem ruivo se virou.

– Eu me sinto estranho por dentro. Sinto uma palpitação dentro de mim deixando tudo tenso. É difícil de respirar. Não consigo ficar parado.

– Hum-m-m. Você sente uma vibração?

– Como assim?

– Sente-se um minuto e ouça. Você não consegue ouvi-la, mas consegue senti-la... como se algo estivesse pulsando em algum lugar e estivesse fazendo a nave inteira pulsar, fazendo você pulsar também, junto com a nave. Ouça...

– Sim... sim. O que você acha que é isso, Greg? Você não acha que somos nós?

– Pode ser. – Powell alisou o bigode devagar. – Mas pode se tratar dos motores da nave. Ela pode estar se preparando.

– Para o quê?

– Para o salto interestelar. Pode estar chegando a hora e sabe-se lá como é.

– Se estiver chegando, deixe que aconteça – disse Donovan furiosamente, após refletir sobre o assunto. – Mas eu gostaria que pudéssemos lutar. É humilhante ter que esperar por ele.

Uma hora depois, talvez, Powell olhou para a própria mão apoiada no braço metálico da cadeira e disse, com uma calma fria:

– Sinta a parede, Mike.

Donovan assim fez.

– Dá para senti-la tremer, Greg – disse ele.

Até as estrelas pareciam borradas. De algum lugar vinha a vaga impressão de uma máquina enorme acumulando energia por meio das paredes, armazenando essa energia para um grandioso salto, pulsando cada vez mais, conforme acumulava potência.

Aconteceu de súbito e com uma pontada de dor. O corpo de Powell enrijeceu e sacudiu um pouco para fora da cadeira. Ele viu Donovan e perdeu os sentidos enquanto o grito fraco do colega ecoou como um gemido e sumiu em seus ouvidos. Algo se contorcia dentro dele e lutava contra uma camada de gelo que estava engrossando.

Algo se soltou e rodopiou em uma explosão de luz bruxuleante e dor. Caiu...

... e rodopiou

... e se precipitou de cabeça

... no silêncio!

Era a morte!

Era um mundo sem movimento e sem sensação. Um mundo de consciência vaga e desprovida de percepção; uma consciência da escuridão e do silêncio e de luta sem forma.

Acima de tudo, uma consciência da eternidade.

Ele era uma minúscula linha branca de ego... com frio e com medo.

Então palavras melífluas e sonoras começaram a ressoar sobre ele, formando uma nuvem de som:

– Você não está cabendo em seu caixão como o de costume? Por que não experimentar os esquifes extensíveis da Mórbido M. Cadáver? Eles foram cientificamente projetados para se ajustar às curvas naturais do corpo e são enriquecidos com vitamina B1. Tenha todo o conforto com caixões da Cadáver. Lembre-se: você - vai - estar - morto - por - muito - tempo!

Não era exatamente um som, mas, fosse o que fosse, desvaneceu em um sussurro surdo e untuoso.

A linha branca que poderia ter sido Powell arquejava inutilmente na eternidade insubstancial que existia ao seu redor... e colapsou sobre si mesma quando o grito penetrante de cem milhões de fantasmas de cem milhões de vozes de soprano se ergueram em uma melodia crescente:

“*Sentirei prazer quando você morrer, seu canalha.*

“*Sentirei prazer quando você morrer, seu canalha.*

“ Sentirei prazer...[9] ”

A melodia se elevou em uma espiral de som violento até atingir os agudos tons supersônicos que ultrapassavam a capacidade da audição, e ainda mais além...

* * *

A linha branca tremeu com uma pulsação repentina. Ela se esticava de forma silenciosa...

As vozes eram comuns... e eram muitas. Era uma multidão falando; um aglomerado de gente em um torvelinho que passava por ela e por todos os lados em um movimento rápido e precipitado que deixava atrás de si um acúmulo de palavras despedaçadas.

– Por que te prenderam, rapaz? Você parece estar ferrado...

– ... é fogo, eu acho, mas eu tenho um caso...

– ... eu criei o Paraíso, mas o velho São Pedro...

– Nããão, eu tenho influência sobre o garoto. Fiz negócios com ele...

– Ei, Sam, venha por aqui...

– Conseguiu um porta-voz? Belzebu diz...

– ... vai indo, meu bom diabinho? Tenho hora marcada com Sa...

E, sobre tudo isso, ouvia-se o retumbante bramido original que se projetava sobre todos:

DEPRESSA! DEPRESSA! DEPRESSA!!! Mexam-se e não nos deixem esperando... há muitos outros na fila. Tenham em mãos seus certificados e se assegurem de que o carimbo de liberação de Pedro esteja neles. Observem se vocês estão no portão de entrada apropriado. Haverá fogo suficiente para todos. Ei, você... VOCÊ AÍ EMBAIXO. ENTRE NA FILA OU...

A linha branca que era Powell se arrastou para trás ante o grito crescente e sentiu a pontada brusca do dedo que lhe apontavam. Tudo explodiu em um arco-íris de som que gotejava seus fragmentos em um cérebro dolorido.

Powell estava de novo na cadeira. Ele sentiu o corpo tremer.

Os olhos de Donovan se arregalaram, tornando-se duas grandes bolas de um azul vítreo.

– Greg – murmurou ele, quase com um soluço. – Você estava morto?

– Eu... me senti morto. – Ele não reconheceu a própria voz, que estava rouca.

As tentativas de Donovan de se levantar estavam sendo obviamente malsucedidas.

– Estamos vivos agora? Ou há algo mais?

– Eu... me sinto vivo. – Era a mesma rouquidão. – Você... ouviu alguma coisa, quando... quando estava morto? – perguntou Powell com cautela.

Donovan fez uma pausa, e então meneou lentamente a cabeça.

– Você ouviu?

– Sim. Você ouviu alguma coisa sobre caixões... e mulheres cantando... e formavam-se filas para ir para o Inferno? Você ouviu?

Donovan negou com a cabeça.

– Só uma voz.

– Alta?

– Não. Baixa, mas áspera como o toque de uma lixa nas pontas dos dedos. Era um sermão, sabe. Sobre o fogo do inferno. Descrevia as torturas do... bem, *você sabe* . Uma vez ouvi um sermão assim... quase desse jeito.

Ele estava transpirando.

* * *

Eles perceberam que dava para ver a luz do sol pela janela. Era fraca, mas de um branco-azulado... e a pelotinha brilhante que era a remota fonte de luz não era o Velho Sol.

E Powell apontou um dedo trêmulo para o único medidor. O ponteiro marcava rígida e orgulhosamente a linha que assinalava 300 mil parsecs.

– Mike, se isso for verdade, devemos estar fora da Galáxia – disse Powell.

– Que inferno, Greg! Nós seríamos os primeiros homens a sair do Sistema Solar – comentou Donovan.

– Sim! É isso mesmo. Nós nos evadimos do Sol. Nós nos evadimos da Galáxia. Mike, esta nave é a resposta. Ela significa liberdade para toda a humanidade... liberdade para se expandir para todas as estrelas que existem... milhões e bilhões e trilhões delas.

E então ele se sentou de novo, produzindo um forte baque.

– Mas como vamos voltar, Mike?

Donovan sorriu com insegurança.

– Ah, está tudo bem. A nave nos trouxe até aqui. A nave vai nos levar de volta. Eu vou pegar mais feijão.

– Mas Mike... espere, Mike. Se ela nos levar de volta do jeito que nos trouxe para cá...

Donovan parou enquanto estava se levantando e se sentou de novo, pesadamente, na cadeira.

– Nós teremos que... morrer outra vez, Mike – continuou Donovan.

– Bem – suspirou Donovan –, se temos que fazer isso, temos que fazer isso. Pelo menos não é permanente; não *muito* .

* * *

Susan Calvin estava falando devagar agora. Fazia seis horas que ela estava provocando O Cérebro com calma... seis improdutivas horas. Ela estava cansada das repetições, cansada dos circunlóquios, cansada de tudo.

– Bem, Cérebro, só mais uma coisa. Você deve fazer um esforço extra para responder de forma simples. Você tem certeza absoluta quanto ao salto interestelar? Quero dizer, ele vai levá-los para muito longe?

– Para tão longe quanto eles quiserem, srta. Susan. Puxa, não há nenhum truque quando se atravessa a dobra espacial.

– E do outro lado, o que eles verão?

– Estrelas e esse tipo de coisa. O que a senhorita acha?

A pergunta seguinte escapuliu:

– Eles vão sobreviver, então?

– Claro!

– E o salto interestelar não vai machucá-los?

Ela gelou quando O Cérebro permaneceu calado. Era isso! Ela tinha tocado a ferida.

– Cérebro – suplicou ela de leve. – Cérebro, você está me ouvindo?

A resposta foi fraca e trêmula.

– Preciso responder? – perguntou O Cérebro. – Sobre o salto, eu quero dizer?

– Não, se você não quiser. Mas seria interessante... quero dizer, se você quisesse. – Susan Calvin tentou ser astuta quanto a esse ponto.

– Aaaaaa. Você estragou tudo.

E de repente a psicóloga se levantou de um pulo, com um ar de quem teve uma grande revelação.

– Ah, meu Deus – disse ela, ofegante. – Ah, meu Deus.

E ela sentiu a tensão de horas e dias ser aliviada de uma vez.

– Estou lhe dizendo que está tudo bem – contou ela para Lanning mais tarde. – Não, você precisa me deixar sozinha agora. A nave vai voltar em segurança, *com* os homens, e eu quero descansar. Eu *vou* descansar. Agora vá embora.

* * *

A nave voltou para a Terra de maneira tão silenciosa e tão discreta quanto quando partira. Ela pousou no lugar exato e a abertura principal da

câmara de despressurização se escancarou. Os dois homens que saíram tateavam o caminho com cuidado e coçavam os queixos ásperos, cobertos pela barba por fazer.

E então, lenta e propositalmente, o homem de cabelo ruivo se ajoelhou e depositou sobre o concreto da pista um beijo firme e ruidoso.

Eles fizeram sinais para que a multidão reunida abrisse caminho e negativas para os dois funcionários ansiosos que saíram às pressas de uma ambulância carregando uma maca.

– Onde fica o chuveiro mais próximo? – perguntou Gregory Powell.

Mostraram a eles o caminho.

Agruparam-se todos ao redor de uma mesa. Era uma reunião com toda a equipe de especialistas da U.S. Robots & Mechanical Men Corp.

* * *

De forma lenta e apologética, Powell e Donovan terminaram de contar uma história real e inequívoca.

Susan Calvin rompeu o silêncio que se seguiu. Nos poucos dias que tinham se passado, ela havia recuperado sua calma fria e um tanto mordaz... mas ainda era possível entrever um vestígio de constrangimento.

– A rigor – disse ela –, isso é minha culpa... isso tudo. Quando apresentamos esse problema para O Cérebro pela primeira vez... espero que alguns se lembrem... fiz um esforço enorme para salientar a importância de rejeitar qualquer informação que criasse um dilema. Ao fazer isso, eu disse algo como “não se exalte com a morte de humanos. Nós não nos importamos. Apenas devolva o papel e esqueça”.

– Hummm – disse Lanning. – O que aconteceu?

– O óbvio. Quando essa informação foi introduzida nos cálculos que produziriam a equação que controlaria a duração do intervalo mínimo para o salto interestelar, ela significava a morte para os seres humanos. Foi nesse ponto que a máquina da Consolidated ficou completamente destruída. Mas eu tinha diminuído a importância da morte perante O Cérebro (não de todo, pois a Primeira Lei não pode ser infringida, mas o suficiente para que O Cérebro pudesse dar outra olhada na equação). O suficiente para dar a ele tempo de perceber que os homens voltariam à vida depois que passassem pelo intervalo, do mesmo modo como a matéria e a energia da própria nave voltariam a existir. Isso a que chamamos de “morte”, em outras palavras, era um fenômeno estritamente temporário. Entendem?

Ela olhou ao redor. Eles estavam ouvindo.

– Então ele aceitou a informação, mas não sem se abalar – continuou ela. – Mesmo que a morte fosse temporária e que sua importância tivesse sido diminuída, isso foi o bastante para causar-lhe um ligeiro desequilíbrio. Ele desenvolveu um senso de humor... – enfatizou ela de maneira calma. – É uma evasão, sabem, um método de evasão parcial da realidade. Ele começou a fazer brincadeiras.

Powell e Donovan se levantaram.

– O quê? – gritou Powell.

A reação de Donovan foi bem mais exuberante.

– É isso mesmo – disse Calvin. – Ele cuidou de vocês e os manteve em segurança, mas vocês não podiam manusear quaisquer controles, porque não eram para vocês: eram somente para o caprichoso Cérebro. Nós podíamos falar com vocês por rádio, mas vocês não podiam responder. Vocês tinham bastante comida, mas só feijão e leite. Então vocês morreram, por assim dizer, e renasceram, mas esse período de morte se tornou... bem... interessante. Eu queria saber como ele fez isso. Foi a grande piada d’O Cérebro, mas ele não fez por mal.

– Não fez por mal! – disse Donovan, arfando. – Ah, se aquele diabinho tivesse pescoço...

Lanning fez um gesto para que todos se acalmassem.

– Tudo bem, foi uma confusão, mas acabou. O que faremos agora?

– Bem – disse Bogert em voz baixa –, é óbvio que depende de nós aprimorar o motor de dobra espacial. Deve haver algum modo de contornar o intervalo do salto. Se houver, somos a única organização que ainda tem um super-robô de grande escala; então, se alguém é capaz de encontrá-lo, com certeza somos nós. E aí... a U.S. Robots dominará a viagem interestelar, e a humanidade terá a oportunidade de criar um império galáctico.

– E quanto à Consolidated? – perguntou Lanning.

– Ei – interrompeu Donovan de repente –, quero fazer uma sugestão quanto a esse ponto. Eles causaram uma confusão daquelas na U.S. Robots. Não foi uma bagunça tão ruim quanto esperavam, e até acabou bem, mas sua intenção não foi das melhores. E Greg e eu suportamos a parte mais difícil. Bem, eles queriam uma resposta, e vão ter uma. Mandem essa nave para eles, com garantia, e a U.S. Robots pode receber os 200 mil, mais os custos da construção. E se eles a testarem... por que não deixamos O

Cérebro se divertir mais um pouquinho antes de o fazermos voltar ao normal?

– Parece-me justo e apropriado – disse Lanning em um tom grave.

Ao que Bogert acrescentou, de forma distraída:

– E rigorosamente de acordo com o contrato também.



EVIDÊNCIA

– M AS TAMBÉM NÃO FOI ISSO – a dra. Calvin falou com um ar pensativo. – Oh, por fim, aquela nave e outras como ela se tornaram propriedade do governo; o salto através do hiperespaço foi aperfeiçoado e, de fato, agora temos colônias humanas nos planetas em algumas das estrelas mais próximas, mas não foi isso.

Eu tinha terminado de comer e a observava através da fumaça do meu cigarro.

– Foi o que aconteceu com as pessoas aqui na Terra nos últimos cinquenta anos que realmente conta. Quando eu nasci, meu jovem, tínhamos acabado de passar pela última Guerra Mundial. Foi um ponto baixo da história... mas foi o fim do nacionalismo. A Terra era pequena demais para se dividir em nações e elas começaram a se agrupar em Regiões. Demorou um bom tanto. Quando eu nasci, os Estados Unidos da América ainda eram uma nação e não apenas parte da Região Norte. Na verdade, o nome da companhia ainda é "United States Robots...". E a mudança de nações a Regiões, que estabilizou a nossa economia e levou ao que se tornou uma Era de Ouro, quando este século é comparado ao último, também foi ocasionada pelos nossos robôs.

– A senhora se refere às Máquinas – disse eu. – O Cérebro do qual a senhora falou foi a primeira das Máquinas, não foi?

– Sim, ele foi, mas não era nas Máquinas que eu estava pensando. Estava pensando em um homem. Ele morreu ano passado. – Seu tom de voz ficou, de súbito, profundamente triste. – Ou pelo menos deu um jeito de morrer porque sabia que não precisávamos mais dele: Stephen Byerley.

– Sim, imaginei que era a ele que a senhora se referia.

– Ele assumiu um cargo público pela primeira vez em 2032. Você era apenas um menino naquela época, então não poderia se lembrar de como isso foi estranho. Sua campanha para prefeito com certeza foi a mais excêntrica da história...

Francis Quinn era um político da nova escola. É claro que esta é uma expressão sem sentido, como o são todas as expressões desse tipo. A

maioria das “novas escolas” que temos foi copiada da vida social da Grécia Antiga, ou talvez, se soubéssemos mais sobre ela, da vida social da Suméria Antiga e também das palafitas nos lagos da Suíça pré-histórica.

Mas, para fugir do que promete ser um começo chato e complicado, seria melhor afirmar, de forma precipitada, que Quinn não concorreu a um cargo nem caçou votos, não fez discursos nem encheu as urnas de cédulas eleitorais. Bem como Napoleão não puxou nem uma vez o gatilho em Austerlitz.

E já que a política cria parcerias estranhas, Alfred Lanning estava sentado do outro lado da mesa, franzindo suas ferozes sobrancelhas brancas por sobre os olhos nos quais uma impaciência crônica se aguçara, transformando-se em perspicácia. Ele não estava satisfeito.

Esse fato, se fosse conhecido por Quinn, não o teria irritado nem um pouco. Sua voz era amigável, talvez por motivos profissionais.

– Suponho que conheça Stephen Byerley, dr. Lanning.

– Já ouvi falar sobre ele. Assim como muitas pessoas.

– Sim, eu também. Talvez o senhor pretenda votar nele nas próximas eleições.

– Não saberia dizer. – Havia um traço inconfundível de mordacidade nessa resposta. – Não tenho acompanhado as correntes políticas, então não sabia que ele está concorrendo.

– Ele pode se tornar nosso próximo prefeito. É claro que ele é apenas um advogado agora, mas de grão em grão...

– Sim – interrompeu Lanning –, já ouvi essa expressão antes. Mas gostaria de saber se podemos ir direto ao assunto.

– *Estamos* falando do assunto, dr. Lanning. – O tom de voz de Quinn era muito suave. – É do meu interesse que o sr. Byerley continue sendo no máximo um promotor, e é do seu interesse me ajudar com isso.

– Do *meu* interesse? Por favor! – Lanning franziu ainda mais as sobrancelhas.

– Bem, digamos que seja do interesse da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation. Venho até o senhor por conta de sua condição de Diretor Emérito de Pesquisa, porque sei que sua relação com a empresa é, digamos, a de um “conselheiro experiente”. Eles o ouvem com respeito e, no entanto, sua ligação com a U.S. Robots não é mais tão forte a ponto de o senhor ter uma considerável liberdade de ação, mesmo que a ação não seja muito convencional.

O dr. Lanning ficou em silêncio por um instante, ruminando seus pensamentos.

– Não consigo entendê-lo de forma alguma, sr. Quinn – ele disse com mais suavidade.

– Isso não me surpreende, dr. Lanning. Mas é bastante simples. O senhor se importa? – Quinn acendeu um cigarro fino com um isqueiro simples e de bom gosto e seu rosto largo assumiu um ar de quem achara graça. – Nós falamos sobre o sr. Byerley... uma figura estranha e interessante. Três anos atrás, ele era um desconhecido. Agora ele é muito conhecido. É um homem de força e habilidade e é com certeza o promotor mais capaz e mais inteligente que já conheci. Infelizmente, não é meu amigo.

– Entendo – disse Lanning, de forma mecânica. Ele olhava para as unhas.

– Tive a oportunidade – continuou Quinn calmamente –, no ano passado, de investigar o sr. Byerley... de maneira bem minuciosa. Sempre é útil, sabe, submeter o passado de políticos reformistas a uma investigação inquisidora. Se o senhor soubesse quantas vezes isso ajudou... – Ele fez uma pausa para dar um sorriso desprovido de humor, escondido atrás da ponta do cigarro. – Mas o passado do sr. Byerley não é digno de nota. Uma vida tranquila em uma cidade pequena, o ensino superior, uma esposa que morreu jovem, um acidente de carro com uma lenta recuperação, a faculdade de Direito, a vinda à metrópole, a carreira de advogado.

Francis Quinn meneou a cabeça lentamente e depois acrescentou:

– Mas a sua vida atual... Ah, esta é notável. O nosso promotor nunca come!

– Como é? – redarguiu Lanning, os velhos olhos surpreendentemente penetrantes.

– O nosso promotor nunca come. – A resposta ecoou em um som surdo sílaba por sílaba. – Vou modificar um pouco a frase. Ele nunca foi visto comendo ou bebendo. Nunca! Entende o sentido da palavra? Não raramente; nunca!

– Acho isso inacreditável. Você confia em seus investigadores?

– Confio nos meus investigadores e não acho inacreditável. Além do mais, o nosso promotor público nunca foi visto comendo, nem bebendo (tanto no sentido aquoso do termo como no alcoólico), nem dormindo. Há outros fatores, mas acho que me expliquei.

* * *

Lanning se recostou na cadeira e seguiu-se o silêncio concentrado de desafio e resposta entre eles, e então o velho roboticista chacoalhou a cabeça.

– Não. O senhor só pode estar insinuando uma coisa, se eu associar as suas declarações com o fato de que as está apresentando a mim, e isso é impossível.

– Mas o homem é um tanto inumano, dr. Lanning.

– Se me dissesse que ele é Satanás disfarçado, haveria uma remota chance de que eu pudesse acreditar no senhor.

– Pois eu lhe digo que ele é um robô, dr. Lanning.

– Pois eu lhe digo que é a proposição mais impossível que já ouvi, sr. Quinn.

Seguiu-se outra vez um silêncio combativo.

– Não obstante – e Quinn apagou o cigarro com um cuidado meticuloso –, o senhor terá de investigar essa impossibilidade com todos os recursos da Companhia.

– Estou certo de que não poderia me encarregar de algo desse tipo, sr. Quinn. O senhor não está sugerindo seriamente que a Companhia tome parte na política regional.

– O senhor não tem escolha. Imagine se eu tornasse esses fatos públicos sem ter prova. A evidência é circunstancial o bastante.

– Quanto a isso, faça o que for conveniente para o senhor.

– Mas isso não seria conveniente para mim. Ter uma prova seria muito melhor. E não seria conveniente para *o senhor* , pois a cobertura da mídia seria muito prejudicial para a sua empresa. O senhor conhece perfeitamente bem, suponho eu, as rigorosas regras contra o uso de robôs em mundos habitados.

– Com certeza! – foi a brusca resposta.

– O senhor sabe que a U.S. Robots & Mechanical Men Corporation é o único fabricante de robôs positrônicos do Sistema Solar e, se Byerley for um robô, ele é um robô *positrônico* . O senhor também sabe que todos os robôs positrônicos são locados; a empresa continua sendo a dona e administradora de cada robô e é, portanto, responsável pelas ações de todos eles.

– É fácil, sr. Quinn, provar que a Companhia nunca fabricou um robô de características humanoides.

– Isso pode ser feito? Só para discutir as possibilidades.

– Sim. Pode ser feito.

– E pode ser feito em segredo também, suponho eu. Sem constar nos seus livros de registro.

– Não no caso do cérebro positrônico, senhor. Há muitos fatores envolvidos e a supervisão mais rigorosa possível por parte do governo.

– Sim, mas os robôs se desgastam, quebram, estragam... e são desmontados.

– E os cérebros positrônicos são reutilizados ou destruídos.

– Verdade? – Francis Quinn permitiu-se revelar uma ponta de sarcasmo. – E se (acidentalmente, é claro) um deles deixasse de ser destruído... e acontecesse de haver uma estrutura humanoide esperando por um cérebro?

– Impossível!

– O senhor teria que provar isso para o governo e para o público, então por que não provar para mim agora?

– Mas qual poderia ser o seu objetivo? – perguntou Lanning, exasperado. – Qual é a sua motivação? Nós temos um mínimo de bom senso, reconheça.

– Por favor, meu caro senhor. A Companhia ficaria muito feliz se as várias Regiões permitissem o uso de robôs positrônicos humanoides em mundos habitados. Os lucros seriam enormes. Mas o preconceito do público contra essa prática é grande demais. Suponha que se acostume o público a esses robôs primeiro; vejam, nós temos um advogado habilidoso, um bom prefeito, e ele é um robô. Que tal comprar um dos nossos robôs mordomos?

– Absolutamente fantástico! É uma forma quase cômica de cair no ridículo.

– Imagino que sim. Por que não provar isso? Ou o senhor ainda prefere tentar provar isso ao público?

No escritório, a claridade diminuía, mas ainda não estava tão fraca a ponto de esconder um lampejo de frustração estampado no rosto de Lanning. Lentamente, o dedo do roboticista tocou um botão e os iluminadores de parede se acenderam.

– Bem, então – resmungou ele –, veremos.

* * *

O rosto de Stephen Byerley não é fácil de se descrever. Ele tinha 40 anos de acordo com a certidão de nascimento e aparentava ter 40 anos...

mas era uma aparência saudável, bem nutrida e afável de 40 anos; uma aparência que automaticamente colocava à prova a expressão “aparentar a idade que tem”.

Essa constatação mostrava-se particularmente verdadeira quando ele ria, e ele estava rindo naquele instante. Era uma risada alta e contínua, que silenciou por algum tempo e depois recomeçou...

E o rosto de Lanning se contraiu, tornando-se um monumento inflexivelmente amargo de desaprovação. Ele fez um leve gesto para a mulher sentada ao seu lado, mas ela apenas contraiu um pouco os lábios finos e pálidos.

– Realmente, dr. Lanning... realmente... Eu... *eu* ... um robô? – disse Byerley, ofegante, voltando aos poucos ao normal.

– Não sou eu quem diz isso, senhor – Lanning falou de forma brusca e áspera. – Eu ficaria bastante satisfeito em tê-lo como integrante da humanidade. Uma vez que nossa Companhia nunca o fabricou, estou certo de que o senhor é humano... pelo menos no sentido jurídico. Mas como a alegação de que o senhor é um robô foi apresentada a nós por um homem de certo prestígio...

– Não diga o nome dele, se isso for arranhar seu senso de ética, mas vamos fingir que foi Frank Quinn, apenas para argumentar, e vamos continuar.

Lanning inspirou de forma brusca e incisiva por conta da interrupção e fez uma agressiva pausa antes de continuar com um grau de frieza adicional.

– ... por um homem de certo prestígio, cuja identidade não tenho interesse em incluir em jogos de adivinhação, devo pedir sua colaboração para refutá-la. O mero fato de que essa alegação poderia ser apresentada e divulgada pelos meios à disposição desse homem seria um duro golpe para a empresa que eu represento... mesmo se a acusação nunca fosse comprovada. O senhor me entende?

– Oh, sim, a sua posição ficou clara para mim. A acusação em si é ridícula; a situação em que o senhor se encontra, não. Eu lhe peço desculpas se minha risada o ofendeu. Eu ri da acusação, não do senhor. Em que posso ajudá-lo?

– Seria algo muito simples. O senhor só precisa ir a um restaurante para fazer uma refeição na presença de testemunhas, deixar que tirem uma foto e comer. – Lanning se recostou na cadeira; a pior parte da conversa estava

terminada. A mulher ao seu lado observava Byerley com uma expressão aparentemente absorta, mas não acrescentou nada.

Os olhos de Stephen Byerley se entrecruzaram por um instante com os dela, que atraíram sua atenção, e depois voltaram para o roboticista. Por algum tempo, seus dedos pousaram pensativos sobre o peso de papel de bronze, que era o único enfeite em sua mesa.

– Acho que não poderei ajudá-lo – disse Byerley em voz baixa.

E levantou a mão.

– Espere, dr. Lanning. Entendo que essa questão toda seja desagradável para o senhor, que tenha sido forçado a participar disso contra a sua vontade, que se sinta desempenhando um papel pouco digno e até ridículo. Ainda assim, a questão afeta de maneira mais íntima a mim, então seja tolerante. Em primeiro lugar, o que o faz pensar que Quinn, digo, esse homem de certo prestígio, não o estava enganando a fim de que o senhor fizesse exatamente o que está fazendo?

– Bem, parece pouco provável que uma pessoa respeitável fosse se expor de uma forma tão ridícula se não tivesse certeza de estar em terreno seguro.

Nos olhos de Byerley havia certo ar de quem não estava achando muita graça.

– O senhor não conhece Quinn. Ele poderia transformar em terreno seguro uma saliência na qual um carneiro da montanha não conseguiria apoio. Suponho que ele tenha mostrado os detalhes da investigação que afirma ter feito sobre mim.

– O suficiente para me convencer de que seria incômodo demais para a nossa Companhia tentar refutá-los quando o senhor poderia fazê-lo com muito mais facilidade.

– Então o senhor acredita nele quando ele diz que eu nunca como. O senhor é um cientista, dr. Lanning. Pense na lógica que essa acusação segue. Nunca me observaram comendo, portanto, eu nunca como, c.q.d.[10] afinal!

– O senhor está usando táticas de promotoria para tornar confusa o que é, na verdade, uma situação muito simples.

– Ao contrário, estou tentando esclarecer o que o senhor e Quinn estão tentando transformar em uma situação muito complicada. Veja bem, eu não durmo muito, é verdade, e com certeza não durmo em público. Eu nunca apreciei fazer uma refeição com outras pessoas... uma idiossincrasia

incomum e provavelmente de caráter neurótico, mas que não prejudica ninguém. Olhe, dr. Lanning, deixe-me apresentar ao senhor um caso hipotético. Supondo que tivéssemos um político que estivesse interessado em derrotar um candidato reformista a qualquer custo e, ao investigar sua vida pessoal, encontrasse peculiaridades como as que acabei de mencionar...

... Supondo ainda que, a fim de difamar efetivamente o candidato, ele vá à sua empresa como um agente ideal. O senhor não espera que ele lhe diga: "Fulano de Tal é um robô porque ele quase nunca come com outras pessoas e eu nunca o vi cochilar no meio de uma causa e, uma vez, quando dei uma olhada pela janela dele no meio da noite, lá estava ele, sentado, com um livro na mão, e eu olhei a geladeira dele e não havia comida lá dentro"...

... Se ele lhe dissesse isso, o senhor mandaria que levassem o homem embora em uma camisa de força. Mas se ele lhe diz "ele *nunca* come, ele *nunca* dorme", então o choque causado pela afirmação o deixa cego diante do fato de que tais afirmações são impossíveis de se provar. O senhor faz o jogo dele ao contribuir com o alvoroço.

– De qualquer maneira, senhor – começou Lanning com uma obstinação ameaçadora –, se o senhor considera essa questão algo sério ou não, basta apenas fazer a refeição que mencionei para dar fim a ela.

Byerley se virou de novo para a mulher, que ainda o observava de forma impassível.

– Com licença. Eu entendi o seu nome direito, não entendi? Dra. Susan Calvin?

– Sim, sr. Byerley.

– A senhora é a psicóloga da U.S. Robots, não é?

– Psicóloga *roboticista* , por favor.

– Ah, e os robôs são tão diferentes dos homens, mentalmente?

– Muitíssimo diferentes. – Ela se permitiu dar um sorriso gélido. – Os robôs são essencialmente decentes.

Os cantos dos lábios do advogado esboçaram um sorriso.

– Bem, isso é um golpe duro. Mas o que eu queria dizer é o seguinte. Já que a senhora é uma psicóloga... uma psicóloga roboticista, e é uma mulher, aposto que a senhora fez uma coisa que o dr. Lanning não pensou em fazer.

– E o que é?

– A senhora tem algo de comer na sua bolsa.

Algo atraiu a atenção do olhar de treinada indiferença de Susan Calvin.

– O senhor me surpreende, sr. Byerley – disse ela.

Abrindo a bolsa, ela tirou uma maçã. Em silêncio, entregou-a a ele. O dr. Lanning, após essa conversa inicial, seguiu o movimento lento de mão a mão com olhos agudamente alertas.

Stephen Byerley mordeu com calma a maçã e com calma engoliu o pedaço.

– Está vendo, dr. Lanning?

O dr. Lanning sorriu com um alívio tangível o bastante para fazer com que até mesmo suas sobrancelhas parecessem benevolentes. Um alívio que durou apenas um frágil segundo.

– Eu estava curiosa para vê-lo comer, mas, sem dúvida, no presente caso, isso não prova nada – disse Susan Calvin.

– Não prova nada? – perguntou Byerley com um sorriso.

– É claro que não. É óbvio, dr. Lanning, que, se este homem fosse um robô humanoide, ele seria uma imitação perfeita. Ele é quase humano demais para que se possa acreditar. Afinal de contas, nós temos visto e observado seres humanos a vida inteira; seria impossível nos fazer acreditar apresentando algo que fosse apenas quase bem-feito. Observe a textura da pele, a qualidade da íris dos olhos, a formação óssea da mão. Se ele é um robô, eu gostaria que a U.S. Robots o *tivesse* feito, porque foi um bom trabalho. Sendo assim, você acha que alguém capaz de prestar atenção a essas sutilezas iria se descuidar de alguns dispositivos para cuidar de detalhes como comer, dormir ou evacuar? Apenas para uso emergencial talvez, como, por exemplo, evitar situações como as que estão surgindo aqui. De forma que uma refeição não provará nada.

– Espere aí – vociferou Lanning –, não sou o tolo que os dois pensam que eu sou. Não estou interessado no problema da humanidade ou inumanidade do sr. Byerley. Estou interessado em tirar a Companhia de uma enrascada. Uma refeição em público resolverá a questão e irá mantê-la assim, não importa o que Quinn faça. Podemos deixar os detalhes mais sutis para os advogados e os psicólogos roboticistas.

– Mas, dr. Lanning – disse Byerley –, o senhor está se esquecendo do aspecto político da situação. Estou tão ansioso para ser eleito quanto Quinn está para me impedir. A propósito, o senhor percebeu que usou o nome dele? É um dos meus truques de gosto duvidoso; eu sabia que o senhor diria o nome dele antes de terminar.

Lanning enrubesceu.

– O que a eleição tem a ver com isso?

– A publicidade funciona para os dois lados, senhor. Se Quinn quiser me chamar de robô e tiver a coragem de fazê-lo, eu terei a coragem de jogar esse jogo.

– O senhor quer dizer que... – Lanning estava francamente chocado.

– Exato. Quero dizer que vou deixar que ele continue, que escolha a corda, teste sua força, corte o comprimento certo, faça o laço, coloque a cabeça nele e sorria. Posso fazer o pouco que restará a ser feito.

– O senhor está extremamente confiante.

Susan Calvin se levantou.

– Vamos, Alfred, não vamos conseguir fazê-lo mudar de ideia.

– Veja só. – Byerley deu um sorriso suave. – A senhora é psicóloga de humanos também.

* * *

Mas talvez nem toda a confiança que Lanning observara estivesse presente naquela noite, quando o carro de Byerley estacionou na entrada automática que levava à garagem em desnível e ele próprio atravessou o caminho até a porta da frente de sua casa.

O vulto na cadeira de rodas levantou os olhos quando ele entrou e sorriu. O rosto de Byerley se iluminou em uma demonstração de afeto. Ele foi ao seu encontro.

A voz do deficiente era um sussurro rouco e dissonante que saía de uma boca eternamente entortada para o lado, e seu olhar de soslaio vinha de um rosto meio composto por tecido cicatrizado.

– Você está atrasado, Steve.

– Eu sei, John, eu sei. Mas hoje enfrentei um problema interessante e peculiar.

– É mesmo? – Nem o rosto dilacerado nem a voz aniquilada eram capazes de transmitir qualquer expressão, mas havia ansiedade em seus olhos claros. – Não é nada que você não possa resolver?

– Não tenho certeza. Pode ser que eu precise da sua ajuda. *O senhor* é o gênio da família. O senhor quer que eu o leve para o jardim? É uma bela noite.

Dois braços fortes ergueram John da cadeira de rodas. Com delicadeza, quase com carinho, Byerley passou os braços pelos ombros e pelas pernas enfaixadas do deficiente. Devagar e com cautela, ele passou pelos cômodos, desceu a rampa quase reta, que fora construída levando em consideração o

uso de uma cadeira de rodas, e saiu pela porta dos fundos até chegar ao jardim murado e reforçado com arame nos fundos da casa.

– Por que não me deixa usar a cadeira de rodas, Steve? Isto é ridículo.

– Porque eu prefiro carregá-lo. O senhor se importa? O senhor sabe que fica tão feliz de sair daquele carrinho motorizado por algum tempo quanto eu fico de vê-lo fora dele. Como está se sentindo hoje?

Ele colocou John sobre a grama fria com infinito cuidado.

– Como eu deveria me sentir? Mas me fale sobre os seus problemas.

– A campanha de Quinn será baseada no fato de que ele alega que sou um robô.

John arregalou os olhos.

– Como você sabe disso? É impossível. Não acredito.

– Oras, estou lhe dizendo. Ele fez um dos grandes cientistas da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation ir ao escritório para discutir comigo.

As mãos de John arrancavam lentamente folhas de grama.

– Entendo. Entendo.

– Mas nós podemos deixá-lo escolher o seu terreno. Eu tive uma ideia. Escute-me e me diga se podemos fazer isso...

* * *

Ao que parecia, a cena no escritório de Alfred Lanning aquela noite era um conjunto de troca de olhares. Francis Quinn observava Alfred Lanning de forma meditativa. O olhar de Lanning se fixava furioso sobre Susan Calvin, que, por sua vez, encarava Quinn de forma impassível.

Francis Quinn interrompeu a cena fazendo um grande esforço para se manter brando.

– É um blefe. Ele está improvisando enquanto as coisas se desenrolam.

– O senhor vai apostar nisso, sr. Quinn? – perguntou a dra. Calvin com indiferença.

– Bem, na verdade, a aposta é sua.

– Olhe aqui – Lanning disfarçou o pessimismo vangloriando-se –, nós fizemos o que pediu. Vimos o homem comer. É ridículo supor que ele seja um robô.

– *A senhora* acha isso? – perguntou Quinn para Calvin. – Lanning disse que a senhora era a especialista.

– Ora, Susan... – Lanning falou em um tom quase assustador.

– Por que não a deixa falar, homem? – interrompeu Quinn com suavidade. – Ela ficou sentada ali imitando uma coluna de concreto durante meia hora.

Lanning se sentia definitivamente atormentado. O que ele vivenciava naquele momento estava a apenas um passo de um estado incipiente de paranoia.

– Muito bem. Dê a sua opinião, Susan. Não vamos interrompê-la – disse Lanning.

Susan Calvin olhou para ele sem achar graça e depois fixou os olhos frios no sr. Quinn.

– Só há duas maneiras de provar de forma definitiva que Byerley é um robô, senhor. Até agora o senhor está apresentando provas circunstanciais, com as quais pode acusar, mas não provar... e eu acho que o sr. Byerley é esperto o bastante para contestar esse tipo de material. O senhor provavelmente pensa o mesmo, caso contrário não teria vindo aqui. Os dois métodos para se obter uma *prova* são o físico e o psicológico. No caso do método físico, o senhor pode dissecá-lo ou usar raios X. Como fazer isso seria problema *seu* . No caso do método psicológico, o comportamento dele pode ser estudado, pois, se ele *for* um robô positrônico, ele deve se adequar às três Regras da Robótica. Um cérebro positrônico não pode ser construído sem elas. O senhor conhece as Regras, sr. Quinn?

Ela falou com cautela e clareza, citando ao pé da letra o famoso texto em negrito da primeira página do *Manual de Robótica* .

– Ouvi falar delas – disse Quinn com indiferença.

– Então é fácil entender a questão – respondeu a psicóloga em um tom seco. – Se o sr. Byerley quebrar uma dessas três regras, ele não é um robô. Infelizmente, esse procedimento não funciona como uma via de mão dupla. Se ele viver de acordo com as regras, isso não prova nada em um sentido ou outro.

– Por que não, doutora? – perguntou Quinn de forma educada, franzindo as sobrancelhas.

– Porque, se parar para pensar sobre isso, as três Regras da Robótica são os princípios essenciais que orientam muitos dos sistemas éticos do mundo. Com certeza, todo ser humano deve ter o instinto de autopreservação. Essa é a Regra Três para um robô. Todo “bom” ser humano com uma consciência social e um senso de responsabilidade também deve submeter-se a uma autoridade apropriada; dar ouvidos ao seu médico, ao seu chefe,

ao governo, ao seu psiquiatra, ao seu semelhante; obedecer às leis, seguir regras, adequar-se aos costumes... mesmo quando isso interfere em seu conforto ou segurança. Essa é a Regra Dois para um robô. Todo “bom” ser humano também deve amar ao próximo como a si mesmo, proteger seu semelhante, arriscar sua vida para salvar a de outro. Essa é a Regra Um para um robô. Para explicar de forma simples: se Byerley seguir todas as Regras da Robótica, pode ser que ele seja um robô, e pode ser que seja apenas um homem muito bondoso.

– Mas – disse Quinn – a senhora está dizendo que não é possível provar que ele é um robô.

– Pode ser que eu consiga provar que ele *não é* um robô.

– Não é a prova que eu quero.

– O senhor terá as provas que existem. O senhor é o único responsável por aquilo que quer.

* * *

Nesse ponto, a mente de Lanning inquietou-se de súbito, estimulado por uma ideia.

– Já ocorreu a alguém – disse ele de forma áspera – que promotor público é uma profissão estranha para um robô? A acusação de seres humanos, condenando-os à morte, acarretando-lhes um dano infinito...

– Não, o senhor não pode escapar desse jeito – foi o comentário mordaz e repentino de Quinn. – Ser promotor público não o torna humano. O senhor não conhece a história dele? Não sabe que ele se gaba de nunca ter processado um homem inocente, de haver filas de pessoas que não foram julgadas porque as provas contra elas não o satisfaziam, embora ele provavelmente pudesse ter persuadido o júri a desintegrá-los? Mas é esse o caso.

– Não, Quinn, não – argumentou Lanning, as bochechas magras tremendo. – Não há nada nas Regras da Robótica que leve em conta a culpa humana. Um robô não deve julgar se uma pessoa merece a morte. Não é uma decisão dele. *Ele não deve ferir um ser humano* ... seja um indivíduo desprezível, seja um anjo.

A voz de Susan Calvin parecia indicar cansaço.

– Alfred – disse ela –, não diga bobagens. E se um robô encontrasse um louco prestes a atear fogo a uma casa dentro da qual houvesse pessoas? Ele impediria o louco, não impediria?

– É claro.

– E se o único modo de impedi-lo fosse matando-o...

Ouviu-se um som fraco vindo da garganta de Lanning. Nada mais.

– A resposta a isso, Alfred, é que ele faria o melhor que pudesse para não matá-lo. Se o louco morresse, o robô precisaria de psicoterapia porque poderia facilmente enlouquecer com o conflito apresentado a ele: o de ter infringido a Regra Um em um sentido maior. Mas um homem estaria morto e um robô o teria matado.

– Bem, e Byerley é louco? – perguntou Lanning com todo o sarcasmo à sua disposição.

– Não, mas ele não matou nenhum homem. Ele expôs fatos que poderiam mostrar que um ser humano em particular é perigoso para um conjunto de outros seres humanos a que chamamos de sociedade. Ele protege o maior número de pessoas e assim age de acordo com a Regra Um em seu potencial máximo. Isso é tudo o que ele faz. É o juiz quem condena o criminoso à morte ou à prisão, depois que o júri decide se ele é culpado ou inocente. É o carcereiro quem o prende, o carrasco quem o mata. E o sr. Byerley não fez nada além de estabelecer a verdade e ajudar a sociedade. Na verdade, sr. Quinn, investiguei a carreira do sr. Byerley desde que o senhor chamou nossa atenção para essa questão. Descobri que ele nunca exigiu uma sentença de morte em seus discursos finais ao júri. Também descobri que ele falou a favor da abolição da pena de morte e fez generosas contribuições a instituições de pesquisa voltadas para a neurofisiologia criminal. Aparentemente, ele acredita na cura, e não na punição do crime. Acho isso significativo.

– A senhora acha? – perguntou Quinn sorrindo. – Significativo no sentido de ter um cheiro de roboticidade, talvez?

– Talvez. Por que negar? Atitudes como as dele só poderiam vir de um robô, ou de um ser humano muito honrado e decente. Mas veja bem, não se pode diferenciar entre um robô e os melhores seres humanos.

Quinn se recostou na cadeira. Sua voz tremia com impaciência.

– Dr. Lanning, é totalmente possível criar um robô humanoide que imitasse com perfeição a aparência de um homem, não é?

Ele pigarreou como sinal de reprovação e pôs-se a refletir.

– Isso foi feito em caráter experimental pela U.S. Robots – disse ele, relutante – sem o uso de um cérebro positrônico, é claro. Usando óvulos humanos e controle hormonal, é possível desenvolver um corpo e pele

sobre um esqueleto de plásticos de silicone porosos que desafiariam um exame externo. Os olhos, o cabelo, a pele seriam humanos de fato, não humanoides. E se um cérebro positrônico fosse colocado nele, junto com outros dispositivos que se possa desejar, teríamos um robô humanoide.

– Quanto tempo demoraria para fazer um desses? – perguntou Quinn de imediato.

– Caso tivéssemos todo o equipamento... o cérebro, o esqueleto, o óvulo, os hormônios apropriados e a radiação... digamos que dois meses – ponderou Lanning.

O político se levantou da cadeira.

– Então vamos ver como é o organismo do sr. Byerley por dentro. Isso representará exposição midiática para a U.S. Robots... mas eu lhes dei uma chance.

Lanning virou-se com impaciência para Susan Calvin quando ficaram a sós.

– Por que você insiste...

E, com sinceridade, ela respondeu de forma brusca e instantânea:

– Qual dos dois você quer: a verdade ou a minha demissão? Não vou mentir por você. A U.S. Robots pode cuidar de si mesma. Não seja covarde.

– E se ele abrir Byerley – perguntou Lanning – e saírem mecanismos e engrenagens? O que faremos?

– Ele não vai abrir Byerley – retrucou Calvin com desdém. – Byerley é, no mínimo, tão esperto quanto Quinn.

* * *

Anunciaram a notícia pela cidade uma semana antes do dia em que Byerley deveria ser apresentado como candidato. Mas “anunciar” é o termo errado. A novidade cambaleou pela cidade, caminhou tropegamente, se arrastou. Começaram a rir e os gracejos correram soltos. E conforme a mão distante de Quinn aumentava a pressão em pequenas etapas, o riso tornou-se forçado, surgiu um quê de incerteza vazia, e as pessoas pararam e começaram a pensar.

A atmosfera da convenção em si poderia ter sido comparada a um garanhão inquieto. Nenhuma competição fora planejada. Uma semana antes, somente Byerley poderia ter sido escolhido como candidato. Nem agora havia substituto. Eles tinham que escolhê-lo, mas estavam completamente confusos quanto a isso.

Não teria sido tão ruim se os indivíduos comuns não ficassem divididos entre a gravidade da acusação, se fosse verdadeira, e seu caráter extraordinário de loucura, se fosse falsa.

Um dia depois que Byerley fora indicado pelos colegas por obrigação, sem qualquer profundidade, um jornal enfim publicou o essencial de uma longa entrevista com a dra. Susan Calvin, "especialista mundialmente famosa em psicologia robótica e positrônica".

O que aconteceu é popular e resumidamente descrito como um inferno.

Era o que os Fundamentalistas estavam esperando. Eles não formavam um partido político nem fingiam ser de qualquer religião formal. Eles eram, essencialmente, aqueles que não tinham se adaptado ao que um dia fora chamado de Era Atômica, quando os átomos eram uma novidade. Na verdade, eles eram os Defensores de uma Vida Simples, desejosos de uma vida que, para aqueles que a viviam, provavelmente não parecera tão Simples, e que teriam sido, de fato, aqueles que tinham vivido uma Vida Simples.

Os Fundamentalistas não precisavam de uma nova razão para detestar os robôs e seus fabricantes, mas uma nova razão como a acusação de Quinn e a análise de Calvin foram suficientes para que essa aversão se fizesse ouvir.

As enormes fábricas da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation eram uma colmeia que desovava guardas armados, preparada para uma guerra.

Na cidade, a casa de Stephen Byerley estava apinhada de policiais.

É claro que a campanha política deixou de abarcar todas as outras questões e se assemelhava a uma campanha apenas pelo fato de preencher o intervalo entre a candidatura e a eleição.

* * *

Stephen Byerley não permitiu que aquele homenzinho inquieto o distraísse. Ele permaneceu confortavelmente despreocupado em relação aos uniformes espalhados no plano de fundo. Do lado de fora da casa, depois da linha de guardas carrancudos, esperavam repórteres e fotógrafos, seguindo a tradição da casta. Uma estação de televisão empreendedora apontou um scanner para a inexpressiva entrada da casa despretensiosa do promotor, enquanto um locutor sinteticamente entusiasmado fazia comentários inflados.

O homenzinho agitado deu um passo à frente. Ele estendeu uma folha de papel com conteúdo significativo e complicado.

– Isto, sr. Byerley, é um mandado judicial que me autoriza a fazer uma busca nesta propriedade por... ahn... seres mecânicos ou robôs ilegais de qualquer espécie.

Byerley se levantou um pouco e pegou a folha. Deu uma olhada indiferente no papel e sorriu quando o devolveu.

– Tudo em ordem. Vá em frente. Faça o seu trabalho. Sra. Hoppen – disse ele para a governanta, que veio relutante do outro cômodo –, por favor, acompanhe-os e ajude-os se puder.

O homenzinho, cujo nome era Harroway, hesitou, ficou com a face inconfundivelmente vermelha, não conseguiu de forma alguma atrair a atenção de Byerley e murmurou “vamos” para os dois policiais.

Ele voltou em dez minutos.

– Terminou? – indagou Byerley, no exato tom de voz de uma pessoa que não tem um interesse particular nem na pergunta nem na resposta.

Harroway pigarreou, começou a falar em um falsete e depois começou de novo, de forma raivosa:

– Olhe aqui, sr. Byerley, recebemos instruções especiais para fazer uma busca minuciosa na casa.

– E o senhor não fez isso?

– Disseram-nos exatamente o que devíamos procurar.

– E então?

– Em suma, sr. Byerley, e para falar sem rodeios, disseram-nos que o objeto da busca era o senhor.

– Eu? – perguntou o promotor, abrindo um sorriso. – E como pretende fazer isso?

– Temos uma unidade de radiação Penet...

– Então vão fazer um raio X de mim, hein? O senhor tem autoridade para isso?

– O senhor viu meu mandado.

– Posso vê-lo outra vez?

Harroway, a testa brilhando com algo consideravelmente maior do que simples entusiasmo, entregou-o uma segunda vez.

– Estou lendo aqui a descrição do que está envolvido na busca que o senhor deve fazer, e eu cito: “a residência que pertence a Stephen Allen Byerley, situada na rua Willow Grove, 355, Evanston, bem como qualquer

garagem, depósito ou outras estruturas ou construções que façam parte dela e qualquer terreno que pertença a ela”... hum... e assim por diante. Tudo em ordem. Porém, meu bom homem, ele não diz nada que inclua meu organismo. Não faço parte da propriedade. O senhor pode revistar minhas roupas se achar que tenho um robô escondido no meu bolso – disse Byerley, de maneira calma.

Harroway não tinha dúvidas quanto a quem ele devia seu emprego. Ele não pretendera hesitar quando lhe deram a chance de conseguir um emprego muito melhor... isto é, muito mais bem pago.

– Olhe aqui. Tenho permissão para incluir na busca os móveis da sua casa ou qualquer coisa que se encontre dentro dela. O senhor está dentro dela, não está? – disse ele em uma débil imitação de bravata.

– Uma observação extraordinária. Eu *estou* dentro dela. Mas não sou uma peça de mobília. Como um cidadão adulto responsável, possuo um certificado que atesta isso, tenho certos direitos com base nos Estatutos Regionais. Incluir-me na busca seria considerada uma violação do meu Direito de Privacidade. Esse mandado não é suficiente.

– Claro, mas se o senhor for um robô, o senhor não tem Direito de Privacidade.

– É verdade, mas esse mandado ainda não é suficiente. Ele me reconhece de maneira implícita como ser humano.

– Onde? – Harroway tentou tomar-lhe o papel.

– No trecho que diz “na residência que pertence a” e assim por diante. Um robô não pode ter uma propriedade. E o senhor pode dizer ao seu empregador, sr. Harroway, que, se ele tentar expedir um mandado semelhante que *não* me reconheça de forma implícita como ser humano, de imediato ele terá pela frente uma liminar e um processo civil e será obrigado a *provar* que eu sou um robô com a informação que possui *agora* , ou então receber uma penalidade imensa pela tentativa de me privar indevidamente dos meus direitos com base nos Estatutos Regionais. Diga isso a ele, por favor.

Harroway caminhou até a porta e se virou.

– O senhor é um advogado astuto. – Ele estava com a mão no bolso. Ficou ali parado por um instante. Depois sorriu, olhando para o scanner da estação de TV, que ainda estava ligado.... acenou para os repórteres e gritou: – Vamos ter alguma coisa para vocês amanhã, pessoal. Sem brincadeira.

No carro, ele se sentou e retirou do bolso um minúsculo mecanismo e o examinou com cuidado. Era a primeira vez que ele tinha tirado uma fotografia em raios X e esperava tê-lo feito do modo certo.

Quinn e Byerley nunca haviam se encontrado cara a cara a sós. Mas o visifone chegava bem perto disso. Na verdade, se levada ao pé da letra, a expressão era exata, mesmo que, para o outro, a pessoa fosse apenas o padrão claro e escuro de um conjunto de fotocélulas.

Foi Quinn quem fez a ligação. Foi Quinn quem falou primeiro e sem nenhuma cerimônia em especial.

– Pensei que gostaria de saber, Byerley, que pretendo tornar público o fato de que você está usando uma proteção contra a radiação Penet.

– É mesmo? Nesse caso, você provavelmente já o tornou público. Eu tenho noção de que os nossos empreendedores representantes da imprensa grampearam as minhas várias linhas de comunicação já faz algum tempo. Sei que eles encheram as minhas linhas do escritório de grampos, por isso não arredei o pé de casa nessas últimas semanas. – Byerley estava sendo amigável, quase conversador.

Quinn apertou um pouco os lábios.

– Esta ligação é protegida... totalmente protegida. Estou correndo certo risco pessoal ao fazê-la.

– Posso imaginar. Ninguém sabe que você está por trás dessa campanha. Pelo menos, ninguém não sabe disso extraoficialmente. Eu não me preocuparia. Então estou usando uma proteção? Suponho que tenha descoberto isso quando a câmera de radiação Penet do seu cachorrinho sofreu uma superexposição aquele dia.

– Você percebe, Byerley, que ficaria bastante óbvio para todos que você não ousa passar por uma análise de raios X?

– E também ficaria bastante óbvio que você, ou os seus homens, tentou violar ilegalmente os meus Direitos de Privacidade.

– Uma ova que eles vão se importar com isso.

– Pode ser que se importem. É algo simbólico das nossas campanhas, não é? Você se preocupa pouco com os direitos do cidadão. Eu me preocupo muito. Não vou passar por uma análise de raios X porque quero manter os meus direitos por uma questão de princípios. Do mesmo modo como vou manter os direitos dos outros quando for eleito.

– Sem dúvida, isso dará um discurso interessante, mas ninguém vai acreditar em você. São palavras bonitas demais para serem verdade. Outra

coisa – ele mudou de assunto de forma brusca e nítida – , nem todos os moradores da sua casa estavam lá naquela noite.

– Como assim?

– De acordo com o relatório – ele folheou algumas páginas que estavam à sua frente e que ainda estavam dentro do campo de visão da visitela –, faltava uma pessoa, um deficiente.

– Você disse um deficiente – disse Byerley em um tom de voz inexpressivo. – Um velho professor meu, que mora comigo e que está no interior agora... faz dois meses que está lá. Um “descanso muito necessário” é a expressão que comumente se aplica nesse caso. Ele tem a sua permissão?

– Seu professor? Um tipo de cientista?

– Foi um advogado um dia... antes de se tornar um deficiente. Ele tem uma habilitação como pesquisador biofísico e um laboratório próprio, e entregou uma descrição completa do trabalho que está fazendo para as autoridades apropriadas. Posso encaminhá-lo a essas autoridades. O trabalho é algo pequeno, mas é um hobby inofensivo e interessante para um... pobre deficiente. Estou sendo tão prestativo quanto possível, percebe?

– Percebo. E o que esse... professor... sabe sobre a fabricação de robôs?

– Não sei julgar o grau de seu conhecimento em uma área com a qual eu não tenho familiaridade.

– Por acaso ele não teria acesso a cérebros positrônicos?

– Pergunte aos seus amigos da U.S. Robots. Eles saberiam.

– Vou resumir as coisas para você, Byerley. Seu professor deficiente é o verdadeiro Stephen Byerley. Você é sua criação robótica. Nós podemos provar isso. Era ele que estava no acidente de automóvel, não você. Haverá maneiras de verificar os arquivos.

– É mesmo? Então faça isso. Desejo-lhe boa sorte.

– E nós podemos fazer uma busca na suposta “casa de campo” do seu professor e ver o que podemos encontrar lá.

– Bem, não é tão simples assim, Quinn. – Byerley deu um sorriso largo. – Infelizmente para você, meu suposto professor é um homem doente. Sua casa de campo é um lugar de descanso. Seu Direito de Privacidade como cidadão adulto responsável naturalmente é até maior nessas circunstâncias. Você não vai conseguir um mandado para entrar na propriedade dele sem demonstrar justa causa. Ainda assim, eu seria o último a impedi-lo de tentar.

Seguiu-se um tempo razoável de pausa, e então Quinn se inclinou para a frente, de modo que a imagem de seu rosto se expandiu e as linhas de expressão em sua testa ficaram visíveis.

– Byerley, por que você insiste nisso? Você não pode ser eleito.

– Não posso?

– Você acha que pode? Você não acha que o fato de não tentar contestar a acusação de ser um robô – quando você poderia fazê-lo com facilidade, infringindo uma das Três Leis – não faz nada além de convencer as pessoas de que você é um robô?

– Tudo o que eu vejo até agora é que, de advogado metropolitano vagamente conhecido, mas ainda em grande parte ignorado, eu me tornei uma grande personalidade mundial. Você é um bom publicitário.

– Mas você é um robô.

– Foi o que disseram, mas não provaram.

– Para o eleitorado, já foi provado o suficiente.

– Então relaxe... você ganhou.

– Adeus – disse Quinn, com seu primeiro toque de maldade, batendo o visifone.

– Adeus – respondeu Byerley, imperturbável, para a tela em branco.

* * *

Byerley trouxe seu “professor” de volta uma semana antes da eleição. O carro aéreo pousou rapidamente em uma parte obscura da cidade.

– O senhor ficará aqui até depois da eleição – disse-lhe Byerley. – É melhor ficar fora do caminho se as coisas acabarem mal.

A voz rouca que saiu dolorosamente da boca torta de John talvez pudesse ter transparecido tons de preocupação.

– Há risco de haver violência?

– Essa é a ameaça dos Fundamentalistas, então imagino que haja, em teoria. Mas na verdade creio que não. Os Fundamentalistas não têm nenhum poder de fato. Eles são apenas aquele contínuo fator irritante que pode provocar um tumulto depois de um tempo. Não se importa de ficar aqui? Por favor. Não serei eu mesmo se tiver que me preocupar com o senhor.

– Ah, eu fico aqui. Você ainda acha que vai correr tudo bem?

– Tenho certeza de que sim. Ninguém o incomodou naquele lugar?

– Ninguém. Tenho certeza.

– E as suas atividades, correram bem?

– Muito bem. Não haverá nenhum problema quanto a isso.

– Então, cuide-se e assista à televisão amanhã, John. – Byerley apertou a mão retorcida que se apoiava na dele.

* * *

A incerteza estampada na testa enrugada de Lenton chamava a atenção. Ele tinha o trabalho nada invejável de ser coordenador de campanha de Byerley em algo que não era uma campanha, para uma pessoa que se recusava a revelar a própria estratégia e a aceitar a do coordenador.

“Você não pode!” Essa era sua frase favorita. Ela tinha se tornado a sua única fala. “Estou lhe dizendo, Steve, você não pode!”

Ele se jogou na frente do promotor, que passava o tempo folheando as páginas digitadas do seu discurso.

– Deixe isso de lado, Steve. Olhe, aquela multidão foi organizada pelos Fundamentalistas. Eles não vão ouvi-lo. É mais provável que você seja apedrejado. Por que você tem que fazer um discurso diante de uma plateia? O que há de errado com uma gravação, uma gravação de imagens?

– Você quer que eu ganhe a eleição, não quer? – perguntou Byerley calmamente.

– Ganhar a eleição? Você não vai ganhar, Steve. Estou tentando salvar a sua vida.

– Ah, eu não estou em perigo.

– Ele não está correndo perigo. Ele não está correndo perigo. – Lenton fez um barulho estranho e áspero com a garganta. – Você quer dizer que vai sair àquela sacada diante de 50 mil loucos varridos e tentar fazê-los raciocinar... em uma sacada como um ditador medieval?

Byerley consultou o relógio.

– Daqui a uns cinco minutos... assim que as linhas de televisão estiverem desocupadas.

O comentário de Lenton a isso não era transliterável.

* * *

A multidão ocupava uma área da cidade isolada por cordões. Árvores e casas pareciam ter sido construídas sobre uma fundação massiva de humanos. E, por meio de ultraondas, o resto do mundo observava. Era uma

simples eleição local, mas mesmo assim ela tinha uma audiência mundial. Byerley pensou nisso e deu um sorriso.

Mas não havia motivos para sorrir para a multidão em si. Havia faixas e cartazes anunciando cada mudança possível em sua suposta roboticidade. A atitude hostil se fez sentir no ambiente de forma densa e tangível.

O discurso não foi bem-sucedido desde o princípio. Ele competia com o incipiente alarido da multidão e os gritos ritmados de grupos de Fundamentalistas que formavam pequenas multidões dentro da multidão. Byerley continuava a falar de maneira lenta e imperturbável...

Do lado de dentro, Lenton agarrava os cabelos, gemia... e esperava o derramamento de sangue.

* * *

Houve uma movimentação na fileira da frente. Um cidadão magro, de olhos saltados e roupas muito curtas para o comprimento de seus membros estava abrindo caminho e avançando. Um policial foi atrás dele, avançando devagar e com dificuldade. Byerley fez gestos raivosos para este último se afastar.

O homem magro estava bem abaixo da sacada. Suas palavras não podiam ser ouvidas contra o vozerio.

Byerley se inclinou para a frente.

– O que está dizendo? Se tiver uma pergunta pertinente, vou respondê-la. – E, virando-se para o guarda ao lado: – Traga o homem aqui.

A multidão ficou tensa. Começaram a se ouvir gritos de “quietos” vindos de várias partes da multidão até tornar-se uma bagunça, e então foram se acalmando de forma irregular. O homem magro, ofegante e com o rosto vermelho encarava Byerley.

– Você tem uma pergunta? – indagou Byerley.

O homem magro fitou-o e disse com uma voz áspera:

– Me dê um soco!

Em um impulso repentino, ele ofereceu o queixo ao outro.

– Me dê um soco! Você diz que não é um robô. Prove. Você não pode bater em um humano, seu monstro.

Seguiu-se um silêncio estranho, monótono e mortal. A voz de Byerley o interrompeu.

– Não tenho nenhum motivo para dar um soco em você.

O homem magro ria loucamente.

– Você *não pode* me dar um soco. Você *não vai* me dar um soco. Você não é humano. Você é um monstro, um homem de mentirinha.

E Stephen Byerley, com os lábios apertados, diante de milhares de pessoas que assistiam pessoalmente e de milhões que assistiam pela televisão, levou o punho para trás e acertou o homem no queixo, produzindo um estalido. O desafiador cambaleou para trás e caiu de repente, seu rosto com nada mais que uma expressão lívida, de lívida surpresa.

– Sinto muito. Levem-no para dentro e cuidem para que ele fique confortável – disse Byerley. – Quero conversar com ele quando eu terminar.

E quando, de seu lugar reservado, a dra. Calvin virou o automóvel e foi embora, somente um repórter tinha se recuperado o suficiente do choque para correr atrás dela e fazer uma pergunta que não se pôde ouvir.

– Ele é humano – gritou Susan Calvin, olhando por cima do ombro.

Isso foi o bastante. O repórter se afastou, seguindo em outra direção.

O resto do discurso poderia ser descrito como "feito, mas não ouvido".

* * *

A dra. Calvin e Stephen Byerley se encontraram uma vez mais... uma semana antes de ele fazer o juramento de posse como prefeito. Era tarde... tinha passado de meia-noite.

– Você não parece cansado – disse a dra. Calvin.

– Pode ser que eu ainda fique acordado por algum tempo. Não conte a Quinn – o prefeito eleito falou com um sorriso.

– Não contarei. Mas essa história de Quinn foi interessante, já que o mencionou. É uma pena tê-la arruinado. Imagino que o senhor conhecia a teoria dele.

– Parte dela.

– Era bastante dramática. Stephen Byerley era um jovem advogado, um orador influente, um grande idealista... e com certo talento para a biofísica. O senhor tem interesse em robótica, sr. Byerley?

– Apenas nos aspectos legais.

– *Aquele* Stephen Byerley tinha. Mas houve um acidente. A esposa de Byerley faleceu. Com ele aconteceu algo pior. Perdeu as pernas, seu rosto ficou desfigurado, perdeu a voz. Parte de sua mente estava resoluta. Ele não se submeteria a cirurgias plásticas. Ele se retirou do mundo, sua carreira jurídica se fora... restavam-lhe apenas a inteligência e as mãos. De algum

modo, ele conseguiu obter cérebros positrônicos, até mesmo um cérebro complexo, um que tinha maior capacidade de julgar problemas éticos... que é a maior função robótica desenvolvida até agora. Ele desenvolveu um corpo em torno desse cérebro. Treinou-o para ser tudo o que ele teria sido e não era mais. Ele o enviou ao mundo como Stephen Byerley, permanecendo por trás dele como o velho professor deficiente que ninguém via nunca...

– Infelizmente – disse o prefeito eleito –, arruinei toda essa história batendo em um homem. Os jornais dizem que foi seu o veredito oficial, naquela ocasião, de que eu não era um robô.

– Como foi que aconteceu? O senhor se importa de me contar? Não poderia ter sido acidental.

– Não foi, não de todo. Quinn fez a maior parte do trabalho. Meus homens começaram a espalhar discretamente o fato de que eu nunca tinha batido em um homem, de que eu era incapaz de bater em um homem, de que não o fazer quando provocado seria uma prova segura de que eu era um robô. Então providenciei um discurso bobo em público, com todo tipo de insinuações publicitárias e, quase de modo inevitável, um tolo acreditou nisso. Na sua essência, é o que eu chamo de artimanha de advogado. Um ardil no qual a atmosfera artificial que foi criada faz todo o trabalho. É claro que os efeitos emocionais asseguraram a minha eleição, como era pretendido.

A psicóloga roboticista aquiesceu.

– Vejo que se intrometeu na minha área... como todo político deva fazer, suponho eu. Mas lamento muito que as coisas tenham acontecido dessa maneira. Eu gosto de robôs. Gosto deles bem mais do que de seres humanos. Se fosse possível criar um robô capaz de se tornar um administrador executivo civil, acho que ele seria o melhor administrador possível. De acordo com as Leis da Robótica, ele seria incapaz de ferir os humanos, incapaz de cometer atos de tirania, corrupção, estupidez ou preconceito. E, depois de ter cumprido um mandato decente, ele deixaria o cargo, apesar de ser imortal, porque lhe seria impossível magoar os humanos permitindo que soubessem que um robô os governara. Seria ideal.

– Exceto pelo fato de que um robô poderia falhar devido a imperfeições de seu cérebro. O cérebro positrônico nunca se igualou à complexidade do cérebro humano.

– Ele teria assessores. Nem mesmo um cérebro humano é capaz de governar sem auxílio.

Byerley olhou para Susan Calvin com um interesse solene.

– Por que está sorrindo, dra. Calvin?

– Estou sorrindo porque o sr. Quinn não pensou em tudo.

– Quer dizer que poderia haver algo mais naquela história que ele inventou?

– Só mais uma coisa. Durante os três meses que antecederam a eleição, esse Stephen Byerley de quem o sr. Quinn falou, esse homem alquebrado, estava no interior por alguma razão misteriosa. Ele voltou a tempo para aquele seu famoso discurso. E, afinal de contas, o que o velho deficiente fez uma vez poderia ser feito de novo, especialmente se o segundo trabalho fosse muito simples em comparação com o primeiro.

– Não estou entendendo.

A dra. Calvin se levantou e alisou o vestido. Obviamente, ela estava pronta para ir embora.

– Quero dizer que há uma ocasião em que um robô pode bater em um ser humano sem infringir a Primeira Lei. Apenas uma ocasião.

– E que ocasião é essa?

A dra. Calvin estava à porta.

– Quando o humano que apanha é apenas outro robô – disse ela em voz baixa.

Ela deu um sorriso largo, seu rosto magro radiante.

– Adeus, sr. Byerley. Espero votar no senhor daqui a cinco anos... para coordenador.

Stephen Byerley deu uma risadinha abafada.

– Devo dizer que essa ideia não soa plausível.

A porta se fechou quando ela saiu.

Eu olhei para ela, horrorizado.

– Isso é verdade?

– É tudo verdade – disse ela.

– E o grande Byerley era um simples robô?

– Ah, é impossível algum dia vir a saber. Eu acho que ele era. Mas quando decidiu morrer, ele providenciou a própria desintegração , de modo que nunca haverá uma prova legal. Além do mais, que diferença isso faria?

– Bem...

– Você compartilha um preconceito contra robôs que é bastante ilógico. Ele foi um prefeito muito bom. Cinco anos depois, ele se tornou

Coordenador Regional. E quando as Regiões da Terra formaram uma Federação em 2044, ele se tornou o primeiro Coordenador Mundial. Àquela altura, eram as Máquinas que governavam o mundo mesmo.

– Sim, mas...

– Sem mas! As Máquinas são robôs, e estão governando o mundo. Há cinco anos, eu descobri a verdade. Foi em 2052. Byerley estava completando seu segundo mandato como Coordenador Mundial...

9 O CONFLITO EVITÁVEL

O COORDENADOR TINHA, EM SEU escritório particular, uma curiosidade medieval: uma lareira. Com certeza, o homem medieval não a reconheceria como tal, uma vez que ela não tinha significado funcional. A chama tranquila e cintilante ficava em uma reentrância isolada por trás de uma camada de quartzo claro.

A lenha era acesa a longa distância por um desvio mínimo do raio de energia que abastecia os edifícios públicos da cidade. O mesmo botão que antes controlara o acendimento retirava as cinzas da última vez que a lareira fora utilizada e providenciava a colocação de madeira nova. Era uma lareira absolutamente civilizada, sabe?

Mas o fogo em si era verdadeiro. Havia uma fiação que conduzia o som, de modo que se podia ouvir o crepitar das chamas e, é claro, podia-se vê-las se intensificar na corrente de ar que as alimentava.

O copo rosado do Coordenador refletia, em miniatura, as discretas cambalhotas da chama e, em escala menor ainda, elas se refletiam em cada uma de suas taciturnas pupilas... E nas pupilas indiferentes de sua convidada, a dra. Susan Calvin, da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation.

– Eu não a convidei para vir aqui só por motivos sociais, Susan – disse o Coordenador.

– Não pensei que fosse esse o caso, Stephen – respondeu ela.

– E, no entanto, não sei bem ao certo como explicar meu problema. Por um lado, pode não ser nada. Por outro, pode significar o fim da humanidade.

– Já deparei com muitos problemas que apresentavam essas mesmas alternativas, Stephen. Acho que todos são assim.

– É mesmo? Então me dê sua opinião sobre isto: a World Steel relatou um excedente de produção de mais de 20 mil toneladas. O Canal do México está dois meses atrasado. As minas de mercúrio de Almaden têm passado por um período de produção deficiente desde a última primavera, enquanto a usina hidropônica em Tientsin está demitindo funcionários. Aconteceu de esses fatos me virem à mente agora. Há outros casos assim.

– É algo sério? Não entendo muito de economia para delinear as terríveis consequências disso.

– Não são sérias em si. Especialistas em mineração podem ser enviados a Almaden, se a situação piorar. Os engenheiros hidropônicos podem ser aproveitados em Java ou no Ceilão, se houver muitos em Tientsin. Vinte mil toneladas de aço não vão atender à demanda mundial mais do que alguns dias, e a abertura do Canal do México dois meses após a data planejada é de pouca importância. São as Máquinas que me preocupam... Já conversei com o seu Diretor de Pesquisa sobre elas.

– Com Vincent Silver? Ele não me disse nada sobre isso.

– Eu pedi para ele não contar a ninguém. Aparentemente, ele não contou.

– E o que ele disse a você?

– Deixe-me colocar essa questão no seu devido lugar. Primeiro, quero falar sobre as Máquinas. E quero falar sobre elas com você porque é a única no mundo que entende os robôs bem o bastante para me ajudar agora. Posso ser um tanto filosófico?

– Esta noite, Stephen, você pode falar como e sobre o que quiser, contanto que primeiro me diga o que pretende provar.

– Que esses pequenos desequilíbrios no nosso perfeito sistema de oferta e procura, conforme mencionei, podem ser o primeiro passo rumo à guerra final.

– Humpf. Prossiga.

Susan Calvin não se deu o direito de relaxar, apesar do conforto oferecido pela cadeira onde estava sentada. Seu rosto frio, de lábios finos, e sua voz monótona e tranquila estavam se acentuando com o passar dos anos. E embora Stephen Byerley fosse um homem de quem pudesse gostar e em quem pudesse confiar, ela tinha quase 70 anos e os hábitos cultivados durante uma vida inteira não eram fáceis de se abandonar.

– Todo período de desenvolvimento humano, Susan – disse o Coordenador –, tem seu tipo específico de conflito humano, sua própria variedade de problema que, aparentemente, só pode ser resolvida com o uso de força. E em todas as ocasiões, para grande frustração, a força nunca resolveu o problema de fato. Em vez disso, ele persistiu ao longo de vários conflitos, e depois desapareceu por si mesmo... qual é a expressão?... ah, “não com uma explosão, mas com um suspiro[11] ”, quando mudou o

ambiente econômico e social. E então surgem novos problemas e uma série de novas guerras... Ao que parece, é um ciclo infinito...

... Leve em consideração tempos relativamente modernos. Houve uma série de guerras dinásticas entre os séculos 16 e 18, em que a pergunta mais importante na Europa era que casa real iria governar o continente, a de Habsburgo ou de Valois-Bourbon. Tratava-se de um daqueles "conflitos inevitáveis", uma vez que era óbvio que a Europa não poderia ser dividida meio a meio...

... Mas se dividiu, e nenhuma guerra jamais exterminou uma e instaurou a outra, até que o surgimento de uma nova atmosfera social na França em 1789 derrubou primeiro os Bourbons e, por fim, os Habsburgos, reduzindo-os a cinzas...

... E naqueles mesmos séculos ocorreram as guerras religiosas mais cruéis, que giravam em torno da importante questão sobre se a Europa seria católica ou protestante. Meio a meio não podia ser. Era "inevitável" que a espada decidisse... Mas não decidiu. Na Inglaterra, um novo industrialismo estava crescendo e, no continente, crescia um novo nacionalismo. A Europa permanece dividida meio a meio até hoje e ninguém se importa...

... Nos séculos 19 e 20, houve um ciclo de guerras nacionalistas-imperialistas, em que a pergunta mais importante do mundo era quais partes da Europa controlariam os recursos econômicos e o mercado consumidor de quais partes fora da Europa. Tudo o que não era Europa não podia existir sendo parte inglês, parte francês, parte alemão e assim por diante. Até que as forças do nacionalismo se espalharam o suficiente, de modo que tudo o que não era Europa acabou com tudo o que as guerras não conseguiram acabar, e decidiu que podiam *todos* existir de forma bastante confortável não sendo a Europa...

... Então temos um padrão.

– Sim, Stephen, você deixou isso claro – disse Susan Calvin. – Essas não são observações muito profundas.

– Não. Mas é o óbvio que é tão difícil de ver a maior parte do tempo. As pessoas dizem: "Está na cara". Mas que partes da sua cara você consegue ver, a não ser que alguém lhe mostre um espelho? No século 20, Susan, nós começamos um novo ciclo de guerras... do que devo chamá-las? Guerras ideológicas? As emoções da religião aplicadas aos sistemas econômicos e não aos sistemas aos quais seria muito natural que fossem aplicadas? Outra vez, as guerras eram "inevitáveis" e, desta vez, havia armas nucleares, de

modo que a humanidade não podia mais passar pelo seu tormento para o inevitável desperdício da inevitabilidade. E surgiram os robôs positrônicos...

... Surgiram bem a tempo, e com eles, e em conjunto com eles, surgiu a viagem interplanetária. De maneira que não parecia mais tão importante determinar se o mundo era Adam Smith ou Karl Marx. Nenhum dos dois fazia muito sentido, dadas as novas circunstâncias. Ambos tiveram de se adaptar e terminaram quase que no mesmo lugar.

– Um caso de *deus ex machina* , então, e em duplo sentido – disse a dra. Calvin secamente.

O Coordenador deu um sorriso suave.

– Nunca a tinha ouvido fazer trocadilhos antes, Susan, mas você está certa. E, no entanto, havia outro risco. O final de todos os problemas tinha apenas dado origem a outro. Nossa nova economia robótica mundial pode desenvolver seus próprios problemas, e é por esse motivo que nós temos as Máquinas. A economia da Terra é estável, e *permanecerá* estável, porque se baseia nas decisões de máquinas calculadoras que têm em mente o bem da humanidade por conta da força esmagadora da Primeira Lei da Robótica.

– E ainda que as Máquinas não sejam outra coisa que não o conglomerado mais amplo de circuitos calculadores já inventado – prosseguiu Stephen Byerley –, elas continuam sendo robôs na acepção da Primeira Lei, e então a nossa economia mundial está de acordo com os interesses do Homem. A população da Terra sabe que não haverá desemprego, nem excedente ou escassez de produção. Desperdício e fome são meras palavras nos livros de história. E assim a questão da posse dos meios de produção tende a se tornar obsoleta. Quem quer que os possuísse (se é que tal expressão tem significado), um homem, um grupo, uma nação ou toda a humanidade, só podia utilizá-los do modo como as Máquinas orientavam. Não porque os homens fossem forçados, mas porque era o caminho mais inteligente e os homens sabiam que era. Isso coloca um fim na guerra... não apenas ao último ciclo de guerras, mas ao próximo e a todos eles. A menos que...

Seguiu-se uma longa pausa, e a dra. Calvin o encorajou, repetindo suas últimas palavras:

– A menos que...

O fogo foi diminuindo até ficar rente à lenha, e depois, de súbito, ressurgiu.

– A menos que as Máquinas não desempenhem sua função – disse o Coordenador.

– Entendo. E é aí que entram aqueles desajustes mínimos que você mencionou há uns instantes... aço, produção hidropônica etc.

– Exatamente. Aqueles erros não deveriam ter acontecido. O dr. Silver me disse que eles *não podem* acontecer.

– Ele nega os fatos? Que estranho!

– Não, ele admite os fatos, é claro. Estou cometendo uma injustiça. O que ele nega é que algum erro na máquina seja responsável pelos chamados (a expressão é dele) erros nas respostas. Ele afirma que as Máquinas se autocorrigem e que seria uma violação das leis fundamentais da natureza existir um erro nos circuitos dos relés. E então eu disse...

– E então você disse: “Em todo caso, peça a seus funcionários que os verifiquem e certifique-se disso”.

– Susan, você lê a minha mente. Foi o que eu disse, e ele disse que não podia.

– Ocupado demais?

– Não, ele disse que nenhum humano podia. Ele foi franco quanto a isso. Ele me disse, e espero tê-lo entendido corretamente, que as Máquinas são uma gigantesca extrapolação. Por isso... Uma equipe de matemáticos trabalha vários anos calculando um cérebro positrônico habilitado a realizar certos procedimentos semelhantes de cálculo. Usando esse cérebro, eles fazem mais cálculos para criar um cérebro ainda mais complicado e assim por diante. De acordo com Silver, o que nós chamamos de Máquinas são o resultado de dez dessas etapas.

– S-sim, isso me soa familiar. Felizmente, não sou uma matemática... Pobre Vincent. Ele é jovem. Os diretores que o antecederam, Alfred Lanning e Peter Bogert, morreram, e eles não tiveram esses problemas. Nem eu. Talvez todos os roboticistas devessem morrer agora, já que não podemos entender nossa própria criação.

– Aparentemente não podem. As Máquinas não são supercérebros, simplesmente... embora as revistas semanais assim as descrevam. Acontece que, em sua própria função particular de coletar e analisar um número quase infinito de dados e de relações a partir deles, em um espaço de tempo quase infinitésimo, elas progrediram além da possibilidade de um detalhado controle humano...

... E então eu tentei fazer outra coisa. Na verdade, fiz uma pergunta à Máquina. Da maneira mais sigilosa, nós a provemos com os dados originais relacionados à decisão quanto ao aço, com a sua própria resposta e com os novos acontecimentos desde então, isto é, o excedente de produção, e pedimos uma explicação sobre a discrepância.

– Bom, e qual foi a resposta?

– Posso citá-la palavra por palavra para você: “A questão não permite explicação”.

– E como Vincent interpretou isso?

– De duas formas. Ou nós não tínhamos fornecido informações suficientes para a Máquina, que permitissem uma resposta definitiva, o que era improvável... o dr. Silver admitiu isso; ou era impossível para a Máquina admitir que poderia dar qualquer resposta perante dados que implicassem dano a um ser humano. Isso, naturalmente, é expresso pela Primeira Lei. E então o dr. Silver recomendou que eu conversasse com você.

Susan Calvin parecia muito cansada.

– Estou velha, Stephen. Quando Peter Bogert morreu, eles queriam me tornar Diretora de Pesquisa e eu recusei. Também não era jovem naquela época e não quis essa responsabilidade. Eles a deram ao jovem Silver e isso me deixou satisfeita... mas de que serve isso, se me envolvem nessas confusões?...

... Stephen, deixe-me esclarecer a minha posição. Minhas pesquisas de fato envolvem a interpretação do comportamento de um robô à luz das Três Leis da Robótica. Aqui neste caso temos essas incríveis máquinas calculadoras. Elas são robôs positrônicos e, portanto, obedecem às Três Leis. Mas elas não têm personalidade, isto é, suas funções são extremamente limitadas. Devem ser, já que são tão especializadas. Em vista disso, sobra muito pouco espaço para a interação entre as Leis, e o meu único método de intervenção torna-se virtualmente inútil. Em suma, não sei se posso ajudá-lo, Stephen.

O Coordenador riu por um breve instante, e falou:

– Contudo, deixe-me contar o resto. Deixe-me contar-lhe as *minhas* teorias e talvez então você consiga me dizer se elas são possíveis à luz da psicologia robótica.

– Sem dúvida. Continue.

– Bem, uma vez que as Máquinas estejam dando as respostas erradas, e supondo que elas não possam estar erradas, resta apenas uma possibilidade. *Elas estão recebendo dados errados* ! Em outras palavras, o problema é humano, e não robótico. Então eu fiz, há pouco tempo, a minha viagem de inspeção planetária...

– Da qual você acabou de voltar, vindo para Nova York.

– Sim. Era necessário, entende, uma vez que há quatro Máquinas, cada uma cuidando de uma das Regiões Planetárias. E *todas as quatro estão produzindo resultados imperfeitos* .

– Ah, mas isso faz sentido, Stephen. Se alguma das Máquinas é imperfeita, isso terá um reflexo automático no resultado das outras três, já que cada uma das demais assumirá a perfeição da imperfeita quarta integrante como parte dos dados nos quais elas baseiam suas próprias decisões. Com uma premissa falsa, elas darão respostas falsas.

– Ahã. Foi o que me pareceu. Tenho aqui comigo as gravações das minhas entrevistas com cada um dos Vice-Coordenadores Regionais. Você poderia examinar o conteúdo delas comigo?... Ah, em primeiro lugar, você já ouviu falar da Sociedade pela Humanidade?

– Hum, sim. É um grupo que se formou a partir dos Fundamentalistas que impediram a U.S. Robots de usar robôs positrônicos com base na ideia de concorrência desleal no mercado de trabalho e assim por diante. A Sociedade pela Humanidade em si é contra as Máquinas, não é?

– Sim, sim, mas... Bem, você já vai ver. Vamos começar? Vamos falar primeiro da Região Leste.

– Como quiser...

Região Leste

a) Área: 19.424.910 quilômetros quadrados
b) População: 1.700.000.000
c) Capital: Xangai

O bisavô de Ching Hso-Iin fora morto na invasão japonesa da velha República Chinesa, e não houvera ninguém além de seus obedientes filhos para lamentar sua perda ou mesmo para saber que o tinham perdido. O avô de Ching Hso-Iin sobrevivera à guerra civil da década de 1940, mas não

houvera ninguém além de *seus* obedientes filhos para saber sobre isso ou se importar com o fato.

E, no entanto, Ching Hso-Iin era Vice-Coordenador Regional, e o bem-estar de metade dos habitantes da Terra estava sob sua responsabilidade.

Talvez fosse por ter tudo isso em mente que Ching possuía dois mapas como os únicos ornamentos na parede do escritório. Um deles correspondia a um trabalho antigo feito à mão que delineava um ou dois acres de terra, marcado com pictogramas agora ultrapassados da China Antiga. Um riacho gotejava em diagonal pelas marcas desbotadas e havia delicadas indicações pictóricas de choupanas humildes, em uma das quais o avô de Ching tinha nascido.

O outro mapa era enorme, claramente delineado, todas as marcações em caracteres cirílicos nítidos. A fronteira vermelha que marcava a Região Leste incluía em seus vastos limites tudo o que havia sido um dia China, Índia, Birmânia, Indochina e Indonésia. No mapa, na antiga província de Szechuan, tão clara e suave que ninguém podia vê-la, estava a marquinha colocada ali por Ching, indicando a localização de uma fazenda ancestral.

Ching estava diante dos mapas quando falou com Stephen Byerley em um inglês exato.

– Ninguém sabe melhor do que o senhor, Coordenador, que o meu trabalho é, em grande parte, uma sinecura. Há certa posição social que lhe é intrínseca e eu represento um ponto central para a administração, mas, fora isso, é a Máquina! A Máquina faz todo o serviço. O que o senhor achou, por exemplo, dos trabalhos nas instalações da Hidropônica de Tientsin?

– Formidável! – disse Byerley.

– Ela é uma entre dezenas de instalações, e não é a maior. Xangai, Calcutá, Batávia[12] , Bangcoc... Elas estão amplamente espalhadas e são a resposta para alimentar 1,70 bilhão de habitantes do Leste.

– E, no entanto – disse Byerley –, o senhor tem um problema de desemprego lá em Tientsin. É possível que estejam produzindo em excesso? É incongruente pensar em excesso de comida na Ásia.

Os cantos dos olhos negros de Ching se enrugaram.

– Não. Não chegou a esse ponto ainda. É verdade que, nos últimos meses, vários reservatórios em Tientsin foram fechados, mas não é nada sério. Os funcionários foram dispensados apenas temporariamente e aqueles que não se importam de trabalhar em outros lugares foram mandados para

Colombo ou para o Ceilão, onde uma nova instalação está começando a funcionar.

– Mas por que os reservatórios tiveram de ser fechados?

Ching deu um sorriso suave.

– O senhor não entende muito sobre produção hidropônica, pelo que vejo. Bem, isso não é de surpreender. O senhor é do Norte, e lá o cultivo no solo ainda é lucrativo. Está em voga no Norte pensar sobre a produção hidropônica (quando se pensa nela) como um mecanismo de cultivo de nabos em uma solução química, e assim é... de uma forma infinitamente complicada...

... Em primeiro lugar, a maior safra com a qual lidamos é, de longe, a levedura (e o percentual está crescendo). Nós temos mais de duas mil qualidades de levedura sendo produzidas e novas qualidades são acrescentadas todo mês. Os elementos químicos básicos usados para os vários tipos de levedura são os nitratos e os fosfatos, entre os inorgânicos, em conjunto com as quantidades apropriadas dos metais vestigiais de que precisam, até as partes fracionárias por milhão de boro e de molibdênio que são necessárias. A matéria orgânica é formada, em sua maior parte, por misturas de açúcar provenientes da hidrólise de celulose, mas, além disso, há vários fatores alimentares que devem ser acrescentados...

... Para ter uma indústria hidropônica de sucesso, uma que possa alimentar 1,7 bilhão de pessoas, precisamos empreender um imenso programa de reflorestamento por todo o Leste, precisamos ter enormes fábricas de processamento de madeira para lidar com as nossas selvas ao sul e precisamos de energia elétrica, aço e material sintético químico, acima de tudo.

– Por que precisam deste último item, senhor?

– Porque, sr. Byerley, essas cepas de levedura têm suas qualidades peculiares. Como eu disse, nós desenvolvemos duas mil delas. O bife que o senhor pensou ter comido hoje era levedura. O doce de fruta congelada que o senhor comeu de sobremesa hoje era levedura. Nós temos suco de levedura filtrada com o gosto, a aparência e o valor alimentar do leite...

... É o sabor, mais do que qualquer outra coisa, que torna os alimentos de levedura tão populares e, por causa do sabor, desenvolvemos cepas artificiais e adaptadas que não conseguem mais se sustentar com uma dieta básica de sal e açúcar. Uma precisa de biotina, outra de ácido pteroilglutâmico, outras ainda precisam de dezessete aminoácidos

diferentes, bem como de todas as vitaminas B menos uma (e, no entanto, é uma cepa popular e não podemos, do ponto de vista econômico, desistir dela)...

Byerley se remexeu na cadeira.

– Por que motivo está me dizendo tudo isso?

– O senhor me perguntou por que há funcionários desempregados em Tientsin. Tenho mais algumas explicações. Não se trata apenas de que precisamos ter esses vários e variados tipos de alimento para as nossas leveduras; há ainda um fator complicador referente aos modismos populares com o passar do tempo, e às possibilidades de desenvolvimento de novas qualidades com base nos novos requisitos e na nova popularidade. Tudo isso deve ser previsto, e a Máquina faz o seu trabalho...

– Mas não à perfeição...

– Não de modo muito *im* perfeito, em vista das complicações que mencionei. Bem, alguns milhares de funcionários em Tientsin estão temporariamente desempregados. Mas leve isto em consideração: a quantidade de desperdício no último ano (desperdício em termos de fornecimento ou de demanda deficientes) equivale a um décimo de um por cento de nossa produção total. Eu considero que...

– Entretanto, nos primeiros anos da Máquina, a estimativa era mais próxima de um milésimo de um por cento.

– Ah, mas na década que se seguiu após a Máquina ter iniciado suas operações a todo vapor, nós a usamos para multiplicar a nossa antiga indústria de levedura dos tempos pré-Máquina por vinte, apesar de que...

– Apesar de quê?

– *Houve* o curioso caso de Rama Vrasayana.

– O que aconteceu com ele?

– Vrasayana era responsável por uma fábrica de evaporação de água salgada para a produção de iodo, sem o qual a levedura pode ficar, mas os seres humanos, não. Sua fábrica foi forçada a ir à falência.

– É mesmo? Por meio de que expediente?

– Concorrência, acredite ou não. Em geral, uma das principais funções das análises da Máquina é indicar a distribuição mais eficiente das nossas unidades de produção. Obviamente, é uma falha ter áreas mal atendidas, de modo que os custos de transporte contabilizem uma porcentagem muito grande das despesas gerais. Da mesma forma, é uma falha ter uma região muito bem atendida, de modo que as fábricas devam ser administradas com

capacidade reduzida, ou então competir de maneira prejudicial uma com a outra. No caso de Vrasayana, foi instalada outra fábrica na mesma cidade, com um sistema de extração mais eficiente.

– A Máquina permitiu isso?

– Ah, com certeza. Isso não é de surpreender. O novo sistema está se disseminando. O que surpreende é que a Máquina não tenha advertido Vrasayana para que renovasse sua fábrica ou se associasse a outra. Ainda assim, não houve problema. Vrasayana aceitou um emprego como engenheiro na nova fábrica e, se sua responsabilidade e seu salário são menores, na verdade ele não está sofrendo. Os funcionários encontraram trabalho com facilidade; a velha fábrica se transformou em... alguma coisa ou outra. Alguma coisa útil. Deixamos tudo por conta da Máquina.

– E, fora isso, o senhor não tem reclamações.

– Nenhuma!

Região dos Trópicos

a) Área: 56.979.738 quilômetros quadrados
b) População: 500.000.000
c) Capital: Cidade Capital

O mapa no escritório de Lincoln Ngoma estava longe de seguir o modelo de precisão e organização daquele nos domínios de Ching, em Xangai. As fronteiras da Região dos Trópicos de Ngoma estavam impressas em grossas linhas de um marrom-escuro e abrangiam uma linda superfície interior onde estava escrito “selva”, “deserto” e “que aqui há Elefantes e todos os Tipos de Bichos Estranhos”.

Havia muito o que abranger, pois, em termos de extensão territorial, a Região dos Trópicos incluía a maior parte de dois continentes: toda a América do Sul localizada ao norte da Argentina e toda a África ao sul da cordilheira do Atlas. Incluía também a América do Norte ao sul do Rio Grande, e mesmo a Arábia e o Irã, na Ásia. Era o inverso da Região Leste. Enquanto os formigueiros do Oriente concentravam metade da humanidade em quinze por cento do território, os Trópicos espalhavam seus quinze por cento de Humanidade sobre quase metade de toda a porção de terra do mundo.

Mas ela estava crescendo. Era a única Região cujo aumento populacional por conta da imigração excedia o aumento populacional por conta dos nascimentos... E para todos os que vinham, ela tinha utilidade.

Para Ngoma, Stephen Byerley parecia um desses imigrantes, um rosto pálido em busca do criativo trabalho de transformar um ambiente adverso na suavidade necessária ao homem, e sentiu um pouco daquele desdém automático do homem forte, nascido para os fortes Trópicos, pelos pobres branquelos vindos de sóis mais frios.

Os Trópicos tinham a capital mais recente da Terra, e o nome dela era simplesmente isto: “Capital”, na sublime confiança da juventude. Ela se espalhava de forma reluzente pelo fértil planalto da Nigéria e, do lado de fora das janelas de Ngoma, bem abaixo, havia vida e cor, um sol bem brilhante e chuvas rápidas e torrenciais. Até o som dos pássaros que pareciam um arco-íris era cheio de energia, e as estrelas eram pontos firmes na noite fechada.

Ngoma deu uma risada. Ele era um belo homem negro, grande e com um rosto marcante.

– É claro que o Canal do México está atrasado. E daí? Vai ficar pronto do mesmo jeito, meu velho – disse ele, e seu inglês era coloquial e sonoro.

– A obra estava indo bem até a metade do ano passado.

Ngoma olhou para Byerley e mordeu a extremidade de um charuto grande, cuspindo uma ponta e acendendo a outra.

– Isto é uma investigação oficial, Byerley? O que está acontecendo?

– Nada. Nada mesmo. Apenas minha função como Coordenador, que é ser curioso.

– Bem, se você só está procurando algo para passar o tempo, a verdade é que sempre nos falta mão de obra. Há muita coisa acontecendo nos Trópicos. O Canal é apenas uma delas...

– Mas a sua Máquina não prevê a quantidade de trabalho disponível para o Canal... levando em conta todos os projetos concorrentes?

Ngoma colocou uma das mãos atrás do pescoço e soprou anéis de fumaça em direção ao teto.

– Ela estava meio equivocada.

– Com que frequência ela se equivoca?

– Não mais do que o esperado. Nós não esperamos muito dela, Byerley. Nós fornecemos os dados. Nós pegamos os resultados. Nós fazemos o que ela diz. Mas ela é apenas uma comodidade, um dispositivo que poupa

trabalho. Poderíamos viver sem ela, se fosse necessário. Talvez não tão bem. Talvez não tão rápido. Mas chegaríamos lá...

... Aqui nós temos confiança, Byerley, e esse é o segredo. Confiança! Nós tínhamos uma terra nova esperando por nós há milhares de anos, enquanto o resto do mundo estava sendo aniquilado pelas estúpidas trapalhadas da era pré-atômica. Não precisamos comer levedura como o pessoal do Leste, e não temos que nos preocupar com resíduos estéreis do século passado como vocês do Norte...

... Nós exterminamos a mosca tsé-tsé e o mosquito Anopheles, e agora as pessoas descobriram que podem viver sob o sol e gostar disso. Desbastamos as florestas e encontramos solo fértil; nós irrigamos o deserto e encontramos jardins. Nós temos carvão e petróleo em campos ainda intocados, e minerais a perder de vista...

... Apenas que se afaste. É só o que pedimos ao resto do mundo. Afaste-se, e deixe-nos trabalhar.

– Mas o Canal... – disse Byerley, de forma prosaica – estava dentro do prazo há seis meses. O que aconteceu?

Ngoma fez um gesto com as mãos.

– Problemas de trabalho.

Ele passou a mão em uma desorganizada pilha de papéis em sua mesa e desistiu.

– Eu tinha algo aqui sobre essa questão – murmurou o Vice-Coordenador –, mas deixe pra lá. Houve escassez de trabalho uma vez em algum lugar no México por conta das mulheres. Não havia mulheres suficientes na vizinhança. Parece que ninguém pensou em fornecer à Máquina dados relativos a gênero.

Ele parou para rir com prazer, e depois se controlou.

– Espere um pouco. Acho que me lembrei... Villafranca!

– Villafranca?

– Francisco Villafranca. Ele era o engenheiro encarregado. Deixe-me esclarecer isso. Aconteceu alguma coisa e houve um desmoronamento. Certo. Certo. Foi isso. Ninguém morreu, se bem me lembro, mas fez uma bagunça daquelas... Um escândalo e tanto.

– Ah é?

– Houve algum erro nos cálculos dele. Ou, pelo menos, foi o que a Máquina disse. Eles forneceram os dados de Villafranca, suas hipóteses e assim por diante. As coisas com as quais ele começou. A resposta foi

diferente. Parece que as respostas que Villafranca tinha usado não levaram em consideração o efeito de uma forte pluviosidade nas imediações da obra... Ou algo assim. Não sou engenheiro, entende?...

... De qualquer forma, Villafranca fez um protesto veemente. Ele afirmou que a resposta da Máquina havia sido diferente da primeira vez. Que ele havia seguido as instruções da Máquina à risca. Então ele se demitiu! Nós pedimos para ele continuar trabalhando (um caso de dúvida razoável, trabalho anterior satisfatório e tudo isso) como subordinado, é claro. Foi preciso fazer isso... erros não podem passar despercebidos... isso é ruim para manter a disciplina... Onde eu estava?

– Você disse para ele continuar trabalhando.

– Ah, sim. Ele se recusou... Bem, levando tudo isso em consideração, nós estamos dois meses atrasados. Isso não é nada.

Byerley esticou o braço e bateu os dedos de leve na mesa.

– Villafranca culpou a Máquina, não foi?

– Bem, ele não iria colocar a culpa em si mesmo, iria? Vamos encarar os fatos: a natureza humana é uma velha amiga nossa. Além disso, eu me lembro de mais uma coisa... Por que diabos não consigo encontrar os documentos quando quero? Meu sistema de arquivamento não presta... Esse Villafranca era membro de uma das suas organizações do Norte. O México fica muito perto do Norte! Isso é parte do problema.

– De que organização você está falando?

– Eles a chamam de Sociedade pela Humanidade. Ele costumava comparecer na conferência anual em Nova York, o Villafranca. Um bando de malucos, mas inofensivos. Eles não gostam das Máquinas, alegam que elas estão destruindo a iniciativa humana. Então é natural que Villafranca fosse culpar a Máquina. Eu não entendo aquele grupo. Parece que a raça humana está ficando sem iniciativa, aqui em Cidade Capital?

E Cidade Capital se estendia gloriosa sob um sol glorioso... a mais recente e mais jovem criação do *Homo metropolis* .

Região Europeia

a) Área: 10.359.952 quilômetros quadrados
b) População: 300.000.000
c) Capital: Genebra

A Região Europeia era uma anomalia em vários sentidos. Em extensão, era a menor: não chegava a um quinto do tamanho da área da Região dos Trópicos, nem a um quinto da população da Região Leste. Geograficamente, era apenas um pouco parecida com a Europa da era pré-atômica, já que excluía o que fora um dia a Rússia Europeia e o que foram um dia as Ilhas Britânicas, ao passo que incluía a costa mediterrânea da África e da Ásia e, atravessando estranhamente o Oceano Atlântico, incluía a Argentina, o Chile e o Uruguai também.

Nem era provável que melhorasse seu relativo *status* defronte das outras regiões da Terra, a não ser pela vitalidade que as províncias sul-americanas lhe proporcionavam. De todas as Regiões, só ela mostrava um declínio demográfico evidente ao longo dos últimos cinquenta anos. Só ela não tinha expandido muito suas fábricas nem oferecido nada radicalmente novo à cultura humana.

– A Europa é essencialmente um apêndice econômico da Região Norte. Nós sabemos disso, e não importa – disse Madame Szegeczowska em um francês suave.

Como uma mostra de aceitação resignada dessa falta de individualidade, não havia nenhum mapa da Europa na parede do escritório da senhora Coordenadora.

– E, no entanto, a região tem sua própria Máquina e claramente não sofre pressão econômica vinda do outro lado do oceano – apontou Byerley.

– Uma Máquina! Bah! – Ela encolheu os delicados ombros e um sorrisinho despontou em seu rosto pequeno enquanto ela puxava um cigarro com os dedos compridos. – A Europa é um lugar sonolento. E aqueles entre os nossos homens que não conseguem emigrar para os Trópicos estão cansados e sonolentos junto com ela. O senhor está vendo por si próprio que é sobre mim, uma pobre mulher, que recai a tarefa de ser Vice-Coordenadora. Bem, felizmente, não é um trabalho difícil, e não se espera muito de mim...

... Quanto à Máquina, o que mais ela pode dizer a não ser “faça isso e será melhor para os senhores”? Mas o que é melhor para nós? Ora essa, ser o apêndice econômico da Região Norte...

... E é tão terrível assim? Sem guerras! Vivemos em paz... e é algo agradável após sete mil anos de guerra. Estamos velhos, *monsieur* . Temos, dentro das nossas fronteiras, as regiões que foram o berço da civilização ocidental. Temos o Egito e a Mesopotâmia, Creta e Síria, a Ásia Menor e a

Grécia. Contudo, a velhice não é necessariamente uma fase infeliz. Pode ser um momento de realização...

– Talvez esteja certa – disse Byerley de maneira afável. – Pelo menos, o ritmo de vida não é tão intenso quanto nas outras Regiões. É uma atmosfera agradável.

– Não é? Estão trazendo chá, *monsieur* . Por favor, me diga a quantidade de creme e açúcar de sua preferência. Obrigada.

Ela bebeu o chá em suaves goles e continuou:

– É agradável. O resto da Terra é bem-vindo nessa luta contínua. Temos um paralelo aqui, um paralelo muito interessante. Houve uma época em que Roma dominava o mundo. Ela tinha adotado a cultura e a civilização da Grécia, uma Grécia que nunca tinha sido unida, que tinha se arruinado com guerras e que estava chegando ao fim em um estado de sordidez decadente. Roma a unificou, trouxe-lhe paz e permitiu-lhe viver uma vida segura e sem glória. A Grécia se ocupou com a sua filosofia e sua arte, distante do conflito expansionista e da guerra. Era um tipo de morte, mas era tranquila, e durou uns quatro séculos, com algumas pequenas interrupções.

– E, no entanto, Roma acabou entrando em colapso e aquele sonho impossível acabou – disse Byerley.

– Não havia mais bárbaros para derrotar a civilização.

– Nós podemos ser os nossos próprios bárbaros, Madame Szegeczowska... Ah, eu queria lhe fazer uma pergunta. As minas de mercúrio de Almaden diminuíram muito a produção. A quantidade de minérios não está diminuindo mais rápido do que o previsto, está?

Os olhinhos cinzentos da mulher se fixaram em Byerley, perspicazes.

– Bárbaros... a queda da civilização... possível falha da Máquina. Sua linha de pensamento é muito transparente, *monsieur* .

– É? – Byerley sorriu. – Vejo que eu já deveria ter enviado funcionários para lidar com isso... A senhora considera que o problema em Almaden foi culpa da Máquina?

– De modo algum, mas acho que o senhor pensa que sim. O senhor é da Região Norte. O Escritório Central da Coordenação fica em Nova York. E já faz algum tempo que venho notando que, de certa forma, os habitantes do Norte não têm fé na Máquina.

– Não temos?

– Existe a Sociedade pela Humanidade, que tem força no Norte, mas que naturalmente não consegue encontrar muitos recrutas na velha e

cansada Europa, que está bastante disposta a deixar a frágil Humanidade em paz por um tempo. Sem dúvida, o senhor é um homem oriundo do Norte confiante, não um do cínico velho continente.

– Isso tem alguma ligação com Almaden?

– Ah, sim, eu acho que sim. As minas estão sob o controle da Consolidated Cinnabar, que é com certeza uma empresa do Norte, com sede em Nikolaev. Pessoalmente, eu me pergunto se a diretoria tem mesmo consultado a Máquina. Em nossa reunião no mês passado, eles disseram que a consultaram, e, é claro, nós não temos nenhuma evidência de que não o tenham feito, mas eu não acreditaria na palavra de um nativo do Norte quanto a essa questão em circunstância alguma... sem querer ofender. Contudo, acho que a situação vai ter um final feliz.

– Como assim, minha cara senhora?

– O senhor deve entender que as irregularidades econômicas desses últimos meses, as quais, embora sejam pequenas quando comparadas às grandes tempestades do passado, são bastante perturbadoras para os nossos espíritos impregnados de paz, causaram uma inquietude considerável na província espanhola. Soube que a Consolidated Cinnabar está vendendo as minas para um grupo de nativos espanhóis. É consolador. Se somos vassalos econômicos do Norte, é humilhante que esse fato seja anunciado de forma tão ostensiva. E nosso povo é mais confiável no que se refere a seguir as instruções da Máquina.

– Então a senhora acha que não haverá mais problemas?

– Tenho certeza de que não haverá... pelo menos não em Almaden.

Região Norte

a) Área: 46.619.786 quilômetros quadrados
b) População: 800.000.000
c) Capital: Ottawa

De várias formas, a Região Norte era a mais importante. Isso estava muito bem exemplificado pelo mapa no escritório do Vice-Coordenador Hiram Mackenzie, em Ottawa, onde o Polo Norte estava centralizado. Exceto pelo enclave da Europa com suas regiões da Escandinávia e da Islândia, toda a área do Ártico pertencia à Região Norte.

Em linhas gerais, ela podia ser dividida em duas grandes áreas. Do lado esquerdo do mapa, Rio Grande acima, estava toda a América do Norte. Do lado direito, estava tudo o que um dia incluíra a União Soviética. Juntas, essas áreas representavam o poder centralizado do planeta nos primeiros anos da Era Atômica. Entre as duas ficava a Grã-Bretanha, um pedaço da região Norte que tocava a Europa. No alto do mapa, distorcidas em formas estranhas e enormes, estavam a Austrália e a Nova Zelândia, também províncias membros da Região.

Nem todas as mudanças das últimas décadas tinham alterado ainda o fato de que o Norte era a potência econômica do mundo.

Havia um simbolismo quase pomposo quanto a isso no fato de que, de todos os mapas regionais que Byerley vira, somente o de Mackenzie mostrava toda a Terra, como se o Norte não temesse nenhuma concorrência e não precisasse de favoritismo para enfatizar sua primazia.

– Impossível – disse Mackenzie em um tom frio, olhando por cima do copo de uísque. – Sr. Byerley, o senhor não teve nenhum treinamento como técnico roboticista, creio eu.

– Não, não tive.

– Hmpf. Bem, na minha opinião, é lamentável que Ching, Ngoma e Szegeczowska também não tenham tido. Prevalece entre as pessoas da Terra a opinião de que um Coordenador... só precisa ser um organizador competente, um amplo generalizador e uma pessoa amável. Hoje em dia, ele deveria saber um pouco de robótica também... sem querer ofender.

– Não fiquei ofendido. Concordo com o senhor.

– Pelo que disse até agora, suponho que o senhor esteja preocupado com essa mínima alteração recente da economia mundial. Não sei do que suspeita, mas aconteceu, em tempos passados, de algumas pessoas (que deveriam ter pensado melhor) se perguntarem o que aconteceria se fornecessem dados incorretos para a Máquina.

– E o que aconteceria, sr. Mackenzie?

– Bem – o escocês colocou o peso do corpo para o outro lado e suspirou –, todos os dados coletados passam por um complicado sistema de controle que envolve tanto a verificação humana quanto a mecânica, de modo que é improvável que surja um problema... Mas vamos ignorar isso. Os seres humanos são falhos e também corruptíveis, e os dispositivos mecânicos comuns são passíveis de apresentar falhas mecânicas...

... A questão central é a seguinte: o dado que chamamos de “incorreto” é aquele inconsistente com os demais dados conhecidos. É o nosso único critério para correto e incorreto. É o critério da Máquina também. Dê-lhe uma ordem, por exemplo, para coordenar a atividade agrícola com base em uma temperatura média de 14ºC para o mês de julho em Iowa. Ela não vai aceitar isso. Ela não lhe dará uma resposta. Não que ela tenha algum preconceito contra essa temperatura em especial, ou que dar uma resposta seja impossível, mas porque, à luz de todos os outros dados fornecidos ao longo dos anos, ela sabe que a probabilidade de a temperatura média no mês de julho ser de 14ºC é quase nula. Ela rejeita esse dado...

... O único modo de forçar a Máquina a aceitar um “dado incorreto” é incluí-lo em um todo coerente, o qual está sutilmente incorreto de um modo muito delicado para que a Máquina possa detectar ou está fora do escopo de seu conhecimento. O primeiro caso está além dos limites da capacidade humana; o segundo também está, e é uma possibilidade que fica cada vez mais remota conforme o conhecimento da Máquina aumenta a cada segundo.

Stephen Byerley colocou dois dedos na ponta do nariz.

– Então a Máquina não pode ser sabotada... E como o senhor explica os erros recentes então?

– Meu caro Byerley, vejo que o senhor se baseia instintivamente em um grande erro: o de que a Máquina sabe tudo. Deixe-me citar um caso de minha experiência pessoal. A indústria do algodão envolve compradores experientes para adquirir algodão. O procedimento adotado por eles é puxar um tufo de algodão de um fardo aleatório de determinado lote. Eles vão olhar esse tufo e apalpá-lo, talvez ouvi-lo estalar enquanto fazem isso, testá-lo com a língua... e, através desse procedimento, vão determinar o tipo de algodão que aqueles fardos contêm. Há mais ou menos doze tipos de algodão. Como resultado de suas decisões, as aquisições são feitas por certos valores, as misturas são feitas em certas proporções. Ora, esses compradores não podem ser substituídos pela Máquina.

– Por que não? Certamente, os dados envolvidos não são complicados demais para ela, são?

– É provável que não. Mas a que dados o senhor se refere? Nenhum químico da área têxtil sabe com exatidão o que o comprador testa quando apalpa um tufo de algodão. Presumivelmente, existe o comprimento médio dos fios, sua textura, a extensão e a natureza de sua maciez, o modo como

eles se mantêm unidos e assim por diante. Dezenas e dezenas de itens, ponderados de forma subconsciente, com base em anos de experiência. Mas a natureza *quantitativa* desses testes é desconhecida; talvez até mesmo a natureza exata de alguns deles seja desconhecida. Então não temos nada para fornecer à Máquina. Nem os compradores conseguem explicar seu critério. Eles só conseguem dizer: "Bem, dê uma olhada. O senhor não consegue *distinguir* que é assim ou assado"?

– Entendo.

– Há inúmeros casos como esse. No final das contas, a Máquina é apenas uma ferramenta, que pode ajudar a humanidade a progredir mais rápido ao tirar de suas costas o peso dos cálculos e das interpretações. A tarefa do cérebro humano continua sendo a que sempre foi: descobrir novos dados a ser analisados e inventar novos conceitos a ser testados. É uma pena que a Sociedade pela Humanidade não entenda isso.

– Eles são contra a Máquina?

– Eles seriam contra a matemática ou contra a arte de escrever se tivessem vivido na época oportuna. Esses reacionários da Sociedade alegam que a Máquina rouba a alma do homem. Eu noto que os homens capazes ainda são poucos em nossa sociedade; nós ainda precisamos do homem que é inteligente o bastante para pensar nas perguntas apropriadas a se fazer. Talvez, se pudéssemos encontrar homens assim em número suficiente, essas alterações com as quais o senhor se preocupa, Coordenador, não ocorreriam.

Terra (incluindo o continente desabitado, a Antártida)

a) Área: 139.859.356 quilômetros quadrados (superfície terrestre)
b) População: 3.300.000.000
c) Capital: Nova York

O fogo por trás do quartzo estava se apagando agora, e crepitava de forma relutante a caminho da extinção.

O Coordenador estava melancólico; seu ânimo combinava com o da chama moribunda.

– Todos eles minimizam a situação. – Seu tom de voz era baixo. – Não é fácil imaginar que todos eles estejam rindo de mim? E, no entanto, Vincent Silver disse que as Máquinas não podem estar desreguladas, e eu devo

acreditar nele. Hiram Mackenzie diz que não é possível oferecer dados incorretos a elas, e eu devo acreditar nele. Mas há algo de errado com as Máquinas, de alguma forma, e eu devo acreditar nisso também... e então *ainda* resta uma alternativa.

Ele olhou de soslaio para Susan Calvin, que estava de olhos fechados.

– E qual é? – perguntou ela, rápida ao aproveitar a deixa, apesar de parecer estar dormindo.

– Bem, a de que dados corretos estão sendo de fato fornecidos, e respostas corretas estão sendo de fato recebidas, mas depois elas estão sendo ignoradas. É impossível para a Máquina impor obediência àquilo que ela determina.

– A Madame Szegeczowska insinuou isso, ao que me parece, referindo-se aos nativos do Norte em geral.

– Com efeito.

– E qual é o objetivo de desobedecer à Máquina? Vamos refletir sobre as motivações.

– Parece-me óbvio, e deve parecer a você também. É uma questão de bagunçar o coreto de propósito. Não é possível que haja conflitos sérios na Terra enquanto as Máquinas governam, que um grupo ou outro possa obter mais poder do que tem por conta do que acha que é o seu próprio bem apesar do dano causado à Humanidade como um todo. Se a fé dos homens nas Máquinas pode ser destruída a ponto de elas serem abandonadas, teremos a lei da selva de novo... E nenhuma das quatro Regiões pode ser isentada da suspeita de querer exatamente isso...

... O Leste tem metade da humanidade dentro de suas fronteiras, e os Trópicos, mais da metade dos recursos do planeta. Cada um deles pode se sentir o soberano natural de toda a Terra, e cada um deles tem um histórico de humilhações causadas pelo Norte, e em razão disso podem ser humanos o suficiente para querer uma vingança insensata. A Europa, por outro lado, tem uma tradição de grandeza. Um dia ela *de fato* dominou a Terra, e nada adere de maneira tão eterna quanto a memória do poder...

... Entretanto, por outro lado, é difícil de acreditar. Tanto o Leste quanto os Trópicos estão em um momento de enorme expansão dentro de suas próprias fronteiras. Ambos estão em uma incrível ascensão. Não é possível que tenham energia extra para aventuras militares. E a Europa não pode ter nada além de seus sonhos. É militarmente insignificante.

– Então, Stephen, você deixou o Norte de fora – disse Susan.

– Sim – disse Byerley em um tom enérgico. – Deixei. O Norte é agora a região mais forte, ou de tal maneira têm se revelado as partes que a compõem; e tem sido assim durante quase um século. Mas, em termos relativos, ela está perdendo espaço. A Região dos Trópicos pode tomar seu lugar na vanguarda da civilização pela primeira vez desde os faraós, e há nativos do Norte que temem isso...

... A Sociedade pela Humanidade é uma organização nascida no Norte, você sabe, e eles não escondem o fato de que não querem as Máquinas. Susan, eles estão em pequeno número, mas são uma associação de homens poderosos. Entre seus membros há diretores de empresas, de indústrias e de associações agrícolas que odeiam ser o que eles chamam de “office-boys” da Máquina. Homens ambiciosos fazem parte da Sociedade. Homens que acreditam ser fortes o bastante para decidir por conta própria o que é melhor para si, e não apenas esperar que lhes digam o que é melhor para os outros...

... Em suma, são justamente esses homens que, recusando-se em conjunto a aceitar as decisões da Máquina, podem virar o mundo de pernas para o ar em um curto período de tempo; são justamente esses homens que pertencem à Sociedade...

... Susan, isso é coerente. Cinco dos Diretores da World Steel são membros, e a World Steel está passando por um período de produção excessiva. A Consolidated Cinnabar, que explorava mercúrio em Almaden, é uma empresa daqui do Norte. Seus livros ainda estão sendo investigados, mas pelo menos um dos homens envolvidos era membro. Francisco Villafranca, que atrasou sozinho o Canal do México em dois meses, era membro, nós já sabemos disso... assim como Rama Vrasayana, o que não me surpreendeu.

– Devo salientar que todos esses homens agiram mal – disse Susan em voz baixa.

– Naturalmente – interrompeu Byerley. – Desobedecer às análises da Máquina é deixar de seguir o caminho ideal. Os resultados são piores do que deveriam ser. É o preço que eles pagam. Vai ser difícil para eles agora, mas na confusão que vai acabar se seguindo...

– O que exatamente você pensa fazer, Stephen?

– É óbvio que não há tempo a perder. Vou declarar a Sociedade ilegal e retirar todos os seus membros de cargos de responsabilidade. E, de agora em diante, todos os cargos executivos e técnicos poderão ser preenchidos apenas por candidatos que assinarem um juramento declarando não fazer

parte da Sociedade. Isso significará certa renúncia das liberdades civis básicas, mas estou certo de que o Congresso...

– Não vai dar certo!

– O quê?... Por que não?

– Vou fazer uma previsão. Se você tentar pôr em prática algo assim, descobrirá que tentarão frustrá-lo a cada passo que der. Você descobrirá que será impossível levar isso a cabo. Você descobrirá que qualquer tentativa nesse sentido vai resultar em problemas.

Byerley ficou surpreso.

– Por que você diz isso?... Eu estava esperando a sua aprovação quanto a esse ponto.

– Você não pode realizar nada disso enquanto suas ações forem baseadas em uma falsa premissa. Você admite que a Máquina não pode estar errada e não pode receber dados incorretos. Vou lhe mostrar agora que ela tampouco pode ser desobedecida, como você pensa que está sendo feito pela Sociedade.

– *Isso* é uma coisa que eu não entendo de jeito nenhum.

– Então ouça. Toda ação de um executivo que não segue as instruções exatas da Máquina com a qual ele trabalha se torna parte dos dados para o próximo problema. Portanto, a Máquina sabe que o executivo tem certa tendência a desobedecer. Ele pode incorporar essa tendência aos dados... mesmo em termos quantitativos, isto é, julgando com exatidão em que grau e em que direção a desobediência ocorreria. As respostas subsequentes da Máquina seriam apenas tendenciosas o suficiente para que o executivo em questão, após ter desobedecido, recebesse essas respostas automaticamente corrigidas para a direção ideal. A Máquina *sabe* , Stephen!

– Você não pode ter certeza quanto a nada disso. São suposições.

– É uma suposição baseada na experiência de uma vida inteira com robôs. Você deveria confiar nessa suposição, Stephen.

– Mas então, o que fica faltando? As Máquinas em si estão corretas e as premissas com as quais elas trabalham estão corretas. Concordamos nesse ponto. Agora você me diz que elas não podem ser desobedecidas. Nesse caso, o que está errado?

– Você mesmo deu a resposta. *Não há nada errado!* Pense nas Máquinas por um instante, Stephen. Elas são robôs e seguem a Primeira Lei. Mas as Máquinas não trabalham para um único ser humano, e sim para toda a humanidade, de modo que a Primeira Lei se torna algo como

“Nenhuma Máquina pode ferir a humanidade ou, por inação, permitir que a humanidade venha a ser ferida”...

... Pois muito bem, Stephen, o que causa dano à humanidade? Sobretudo os desequilíbrios econômicos, sejam quais forem as causas. Você não concorda com isso?

– Concordo.

– E qual é a causa mais provável de desequilíbrios econômicos no futuro? Responda a essa pergunta, Stephen.

– Eu diria que a destruição das Máquinas – respondeu Byerley, relutante.

– E eu diria o mesmo, assim como diriam as Máquinas. Portanto, sua preocupação primária é preservar a si mesmas para o nosso benefício. E então elas estão discretamente tomando conta dos únicos elementos que ainda as ameaçam. Não é a Sociedade pela Humanidade que está bagunçando o coreto para que as Máquinas possam ser destruídas. Você está olhando para a questão pelo lado errado. Digamos, ao contrário, que é a Máquina que está bagunçando o coreto, *muito* de leve, e só o bastante para se livrar daqueles poucos indivíduos que aderem a propósitos que as Máquinas consideram prejudiciais à humanidade...

... Então Vrasayana perde sua fábrica e consegue outro emprego no qual ele não pode causar nenhum mal... ele não foi gravemente prejudicado, não ficou incapacitado de ganhar a vida, pois a Máquina não pode ferir um ser humano a não ser minimamente, e isso apenas se for para salvar um número maior de pessoas. A Consolidated Cinnabar perde o controle de Almaden. Villafranca não é mais o engenheiro civil responsável por um projeto importante. E os diretores da World Steel estão perdendo o controle sobre a indústria... ou vão perder.

– Mas você não sabe de tudo isso ao certo – insistiu Byerley, distraído. – Como podemos partir do pressuposto de que você está certa?

– Você precisa partir desse pressuposto. Lembra-se da declaração da própria Máquina quando você apresentou o problema a ela? Foi a seguinte: “A questão não permite explicação”. A Máquina não disse que não havia uma explicação ou que não podia determiná-la. Ela simplesmente não iria *permitir* nenhuma explicação. Em outras palavras, seria prejudicial à humanidade que a explicação se tornasse conhecida, e é por isso que nós só podemos supor... e continuar fazendo suposições.

– Mas como a explicação pode nos prejudicar? Suponha que você esteja certa, Susan.

– Bem, Stephen, se eu estiver certa, isso significa que a Máquina está conduzindo o nosso futuro por nós não apenas por meio de simples respostas diretas às nossas perguntas diretas, mas por meio de uma resposta geral à situação do mundo e à psicologia dos humanos como um todo. E saber disso pode nos deixar tristes e ferir nosso orgulho. A Máquina não pode, não *deve* , nos deixar tristes...

... Stephen, como vamos saber o que o bem maior da humanidade implicará? Nós não temos à *nossa* disposição os fatores infinitos que a Máquina tem à *sua* disposição! Talvez, para não lhe dar um exemplo estranho, toda a nossa civilização técnica tenha criado mais tristeza e miséria do que eliminado. Talvez uma civilização agrária ou pastoril, com menos cultura e menos pessoas, fosse melhor. Se for esse o caso, as Máquinas devem seguir nessa direção, preferencialmente sem nos contar, uma vez que, envoltos em nossos preconceitos ignorantes, só sabemos que aquilo a que estamos acostumados é bom... e então nós lutaríamos contra a mudança. Ou talvez uma urbanização total, ou uma sociedade sujeita em sua totalidade a um sistema de castas, ou uma total anarquia sejam a resposta. Nós não sabemos. Só as Máquinas sabem, e elas estão seguindo nessa direção e levando-nos consigo.

– Mas você está me dizendo, Susan, que a Sociedade pela Humanidade está certa e que a Raça Humana *perdeu* a possibilidade de opinar sobre o próprio futuro.

– Ela nunca teve, de fato, essa possibilidade. Ela sempre esteve à mercê de forças econômicas e sociais que não entendia... sujeita ao clima e aos resultados da guerra. Agora as Máquinas as entendem, e ninguém pode impedi-las, já que as Máquinas vão lidar com essas forças como estão lidando com a Sociedade... tendo, como de fato têm, a maior das armas à sua disposição: o controle absoluto da nossa economia.

– Isso é horrível!

– Talvez seja maravilhoso! Pense que, durante todo esse tempo, todos os conflitos se tornaram por fim evitáveis. Apenas as Máquinas são, de agora em diante, inevitáveis!

E o fogo por trás do quartzo se apagou, restando somente um anel de fumaça para indicar o lugar onde estava.

– E isso é tudo – disse a dra. Calvin, levantando-se. – Eu acompanhei tudo desde o início, quando os pobres robôs não podiam falar, até o fim, quando eles se colocam entre a humanidade e a destruição. Não verei mais nada. Minha vida terminou. Você verá o que está por vir.

Eu nunca mais vi Susan Calvin. Ela morreu no mês passado, aos 82 anos de idade.

A HISTÓRIA POR TRÁS DOS ROMANCES DE ROBÔS

O meu caso de amor com robôs como escritor começou em 10 de maio de 1939; entretanto, como *leitor* de ficção científica, começou ainda mais cedo.

Afinal, os robôs não eram nenhuma novidade na ficção científica, nem mesmo em 1939. Seres humanos mecânicos podem ser encontrados em mitos e lendas da antiguidade e medievais; já a palavra “robô” apareceu originalmente na peça *R.U.R.* , de Karl Capek, a qual foi encenada pela primeira vez em 1921, na Checoslováquia, mas que logo foi traduzida para muitos idiomas.

R.U.R. significa “Rossum’s Universal Robots” [Robôs Universais de Rossum]. Rossum, um industrial inglês, produziu seres humanos artificiais para fazer todo o trabalho mundano e libertar a humanidade para uma vida de ócio criativo. (O termo “robô” vem de uma palavra checa que significa “trabalho compulsório”.) Embora Rossum tivesse boas intenções, as coisas não funcionaram como ele tinha planejado: os robôs se rebelaram e a espécie humana foi destruída.

Talvez não seja nenhuma surpresa que um avanço tecnológico, imaginado em 1921, fosse visto como a causa de tamanho desastre. Lembre-se de que não fazia muito tempo que a Primeira Guerra Mundial, com seus tanques, aviões e gases venenosos, havia acabado e mostrado às pessoas “o lado negro da força”, para usar a terminologia de *Star Wars* .

R.U.R. acrescentou sua visão sombria àquela proporcionada pela obra ainda mais famosa *Frankenstein* , na qual a criação de outro tipo de ser humano artificial também acabou em desastre, embora em uma escala mais limitada. Seguindo esses exemplos, tornou-se muito comum, nas décadas de 1920 e 1930, retratar os robôs como inventos perigosos que invariavelmente destruiriam seus criadores. A moral dessas histórias apontava, repetidas vezes, que “há coisas que o Homem não deve saber”.

No entanto, mesmo quando eu era jovem, não conseguia acreditar que, se o conhecimento oferecesse perigo, a solução seria a ignorância. Sempre me pareceu que a solução tinha que ser a sabedoria. Não se devia deixar de

olhar para o perigo; ao contrário, devia-se aprender a lidar cautelosamente com ele.

Afinal, para começar, esse tem sido o desafio desde que certo grupo de primatas tornou-se humano. *Qualquer* avanço tecnológico pode ser perigoso. O fogo era perigoso no princípio, assim como (e até mais) a fala – e ambos ainda são perigosos nos dias de hoje –, mas os seres humanos não seriam humanos sem eles.

De qualquer forma, sem saber ao certo o que me desagradava quanto às histórias de robôs que eu lia, eu esperava por algo melhor, e encontrei na edição de dezembro de 1938 da revista *Astounding Science Fiction* . Essa edição continha "Helen O'Loy", de Lester del Rey, uma história na qual um robô era retratado de modo compassivo. Aquela era, acredito, apenas a segunda história de del Rey, mas me tornei seu fã incondicional desde aquele momento. (Por favor, não digam isso a ele. Ele nunca deve saber.)

Quase na mesma época, na edição de janeiro de 1939 da *Amazing Stories* , Eando Binder retratou um robô simpático em "I, Robot". Essa era a mais fraca das duas histórias, mas de novo eu vibrei. Comecei a ter uma vaga sensação de que queria escrever uma história na qual um robô seria retratado afetuosamente. E em 10 de maio de 1939, comecei essa história. Esse trabalho demorou duas semanas, pois, naquela época, eu demorava algum tempo para escrever uma história.

Eu a intitulei "Robbie" e era sobre uma babá robô que era amada pela criança de quem cuidava e temida pela mãe. No entanto, Fred Pohl (que tinha 19 anos na época e cuja produção se igualou à minha ano a ano desde então) era mais sábio do que eu. Quando ele leu a história, disse que John Campbell, o todo-poderoso editor da *Astounding* , não a aceitaria porque se parecia demais com "Helen O'Loy". Ele estava certo. Campbell a rejeitou exatamente por esse motivo.

No entanto, Fred tornou-se editor de duas novas revistas pouco tempo depois, e *ele* aceitou "Robbie" em 25 de março de 1940. Ela foi publicada na edição de setembro de 1940 da *Super-Science Stories* , embora seu título tivesse sido alterado para "Strange Playfellow". (Fred tinha o horrível

hábito de mudar títulos, quase sempre para algo pior. A história apareceu muitas vezes depois, mas sempre com o título original.)

Naquela época, não me agradava vender minhas histórias a qualquer editor a não ser Campbell, então tentei escrever outra história de robôs após algum tempo. Discuti a ideia com ele primeiro, para me certificar de que ele não a rejeitaria por nenhum outro motivo a não ser uma redação inadequada, e aí escrevi “Reason”, na qual um robô se tornava religioso, por assim dizer.

Campbell a comprou em 22 de novembro de 1940 e ela foi publicada na edição de abril de 1941 da revista. Era a terceira vez que eu vendia um conto para ele e a primeira que ele o aceitava exatamente como eu o apresentara, sem pedir uma revisão. Fiquei tão animado que logo escrevi minha terceira história de robôs, sobre um robô que lia mentes, a qual intitulei de “Liar!” e a qual Campbell *também* aceitou e que foi publicada na edição de maio de 1941. Eu tinha duas histórias de robôs em duas edições sucessivas.

Depois disso, não pretendia parar. Eu tinha uma série nas mãos.

Eu tinha mais do que isso. Em 23 de dezembro de 1940, quando estava discutindo minha ideia sobre um robô que lia mentes com Campbell, vimo-nos analisando as regras que regiam o comportamento dos robôs. Parecia-me que os robôs eram inventos da engenharia que deveriam ter salvaguardas incorporadas, e então nós dois começamos a dar um formato verbal para essas salvaguardas. Elas se tornaram as “Três Leis da Robótica”.

Primeiro, elaborei a forma final das Três Leis, e as usei explicitamente no meu quarto conto de robôs, “Runaround”, que foi publicado na edição de março de 1942 da *Astounding* . As Três Leis apareceram pela primeira vez na página 100 daquela edição. Verifiquei isso, pois a página onde elas aparecem nessa edição é, que eu saiba, a primeira vez que a palavra “robótica” é usada na história mundial.

Continuei escrevendo mais quatro histórias de robôs para a *Astounding* na década de 1940. Eram elas: “Catch That Rabbit”, “Escape” (a qual

Campbell intitulou de “Paradoxical Escape” porque, dois anos antes, ele tinha publicado uma história cujo título era “Escape”), “Evidence” e “The Evitable Conflict”. Foram publicadas, respectivamente, nas edições de fevereiro de 1944, agosto de 1945, setembro de 1946 e junho de 1950 da *Astounding* .

Em 1950, editoras importantes, notadamente a Doubleday and Company, estavam começando a publicar livros de ficção científica. Em janeiro de 1950, a Doubleday publicou meu primeiro livro, o romance de ficção científica *Pedra no Céu* , e eu estava trabalhando duro em um segundo romance.

Ocorreu a Fred Pohl, que foi meu agente por um breve período naquela época, que talvez fosse possível organizar um livro com as minhas histórias de robôs. A Doubleday não estava interessada em coletâneas de contos naquele momento, mas uma editora bem pequena, a Gnome Press, estava.

Em 8 de junho de 1950, a coletânea foi entregue à Gnome Press, e o título que eu dei a ela foi *Mind and Iron* [Mente e Ferro]. O editor negou com a cabeça.

– Vamos chamá-la de *Eu, Robô* – ele disse.

– Não podemos – eu disse. – Eando Binder escreveu um conto com esse título dez anos atrás.

– Quem se importa? – disse o editor (embora essa seja uma versão editada do que ele realmente disse) e, constrangido, eu permiti que ele me persuadisse. *Eu, Robô* foi o meu segundo livro, publicado no fim de 1950.

O livro continha oito histórias de robôs da *Astounding* , cuja ordem tinha sido reorganizada para tornar a progressão mais lógica. Além disso, incluí “Robbie”, minha primeira história, porque eu gostava dela apesar da rejeição de Campbell.

Eu tinha escrito outras três histórias de robôs na década de 1940 que Campbell tinha rejeitado ou que nunca tinha visto, mas elas não seguiam a mesma linha de progressão das histórias, então as deixei de fora. Entretanto, essas e outras histórias de robôs escritas nas décadas que se seguiram a *Eu, Robô* foram incluídas em coletâneas posteriores – todas elas, sem exceção,

foram incluídas em *The Complete Robot* , publicada pela Doubleday em 1982.

Eu, Robô não causou grande impacto quando da sua publicação, mas vendeu lenta e regularmente ano após ano. Em meia década, havia sido publicada uma tiragem para as Forças Armadas, uma versão capa dura mais barata, uma edição britânica e outra alemã (minha primeira publicação em língua estrangeira). Em 1956, a coletânea foi até mesmo impressa em formato de livro de bolso pela New American Library.

O único problema era que a Gnome Press mal conseguia sobreviver e nunca chegou a me dar demonstrações financeiras semestrais ou pagamentos. (Isso incluía meus três livros da série *Fundação* , que a Gnome Press também tinha publicado.)

Em 1961, a Doubleday tomou conhecimento do fato de que a Gnome Press estava tendo problemas e entrou em acordo para adquirir os direitos de *Eu, Robô* (e dos livros da série *Fundação* também). A partir daquele momento, as vendas dos livros melhoraram. De fato, *Eu, Robô* continua em circulação desde que foi publicado pela primeira vez. Já faz 33 anos. Em 1981, foi vendido para o cinema, embora nenhum filme tenha sido feito ainda. Que eu saiba, também foi publicado em dezoito línguas estrangeiras diferentes, inclusive em russo e hebraico.

Mas estou me adiantando demais nesta história.

Voltemos a 1952, momento em que *Eu, Robô* caminhava a passos lentos como livro da Gnome Press e não havia sinal de que ele seria um sucesso.

Naquela época, novas e excelentes revistas de ficção científica tinham surgido e o gênero estava em um de seus *booms* periódicos. *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* surgiu em 1949, e *Galaxy Science Fiction* , em 1950. Com isso, John Campbell perdeu seu monopólio do gênero, e a “Era de Ouro” da década de 1940 acabou.

Comecei a escrever para Horace Gold, o editor da *Galaxy* , com certo alívio. Por um período de oito anos, eu tinha escrito exclusivamente para Campbell e tinha chegado a sentir que era um escritor de um editor só e

que, se algo acontecesse a ele, eu estaria acabado. O êxito em vender algo para Gold aliviou minha preocupação quanto a isso. Gold até publicou meu segundo romance em fascículos, *The Stars, Like Dust...* , embora ele tenha alterado o título para *Tyrann* , que eu achei horrível.

Gold tampouco era meu único novo editor. Vendi uma história de robô para Howard Browne, editor da *Amazing* durante um breve período no qual se tentou que ela fosse uma revista de qualidade. A história, intitulada “Satisfaction Guaranteed”, foi publicada na edição de abril de 1951.

Mas essa foi uma exceção. De modo geral, eu não tinha intenção de escrever mais histórias de robôs àquela altura. A publicação de *Eu, Robô* parecia ter trazido aquela parte da minha carreira literária ao seu encerramento natural, e eu ia seguir adiante.

No entanto, Gold, tendo publicado um livro meu em fascículos, estava disposto a tentar fazer isso de novo, sobretudo porque Campbell tinha aceitado publicar desta mesma maneira um novo romance que eu tinha escrito, *The Currents of Space* .

Em 19 de abril de 1952, Gold e eu estávamos falando sobre um novo romance que deveria ser publicado na *Galaxy* . Ele sugeriu que fosse um romance de robôs. Meneei a cabeça de maneira veemente. Meus robôs tinham aparecido apenas em contos e eu não tinha certeza de que poderia escrever um romance inteiro baseado neles.

– É claro que consegue – Gold sugeriu. – Que tal um mundo superpovoado no qual os robôs estão tomando os empregos dos humanos?

– Depressivo demais – respondi. – Não tenho certeza se quero trabalhar com uma história de tema sociológico difícil.

– Faça do seu jeito. Você gosta de mistérios. Coloque um assassinato nesse mundo e faça com que um detetive o resolva com um parceiro robô. Se o detetive não resolvê-lo, o robô o substituirá.

Isso acendeu uma chama. Campbell tinha dito muitas vezes que um mistério de ficção científica era um contrassenso; que os avanços da tecnologia poderiam ser usados para tirar os detetives de apuros de um modo injusto e que, portanto, os leitores seriam ludibriados.

Sentei-me para escrever uma clássica história de mistério que não fosse ludibriar o leitor – mas que ainda fosse uma verdadeira história de ficção científica. O resultado foi *As Cavernas de Aço* . A história foi publicada na *Galaxy* em três partes nas edições de outubro, novembro e dezembro de 1953 e, em 1954, foi publicada pela Doubleday como meu décimo primeiro livro.

Não há dúvida de que *As Cavernas de Aço* é meu livro de maior sucesso até hoje. Ele vendeu mais do que qualquer um dos meus livros anteriores; recebeu cartas mais simpáticas dos leitores; e (a maior prova de todas) a Doubleday abriu os braços para mim com mais entusiasmo do que nunca. Até aquele momento, eles me pediam esboços e capítulos antes de me dar os contratos, mas depois disso eu os conseguia simplesmente dizendo que ia escrever outro livro.

De fato, *As Cavernas de Aço* obteve tanto sucesso, que era inevitável que eu escrevesse uma sequência. Creio que eu a teria começado sem demora, se não tivesse acabado de começar a escrever livros de divulgação científica e descoberto que adorava fazer isso. Na verdade, somente em outubro de 1955 comecei *O Sol Desvelado* .

Uma vez começada, a escrita do livro fluiu. De certa forma, ele contrabalançava os livros anteriores. *As Cavernas de Aço* se passava na Terra, um mundo com muitos humanos e poucos robôs, enquanto *O Sol Desvelado* se passava em Solaria, um mundo com poucos humanos e muitos robôs. Além disso, embora geralmente meus livros sejam desprovidos de romance, coloquei uma discreta história de amor em *O Sol Desvelado* .

Eu estava muito satisfeito com a sequência e, no fundo, pensava que era ainda melhor do que *As Cavernas de Aço* , mas o que deveria fazer com ela? Eu estava um tanto afastado de Campbell, que tinha se dedicado a um ramo de pseudociência chamado dianética e tinha se interessado por discos voadores, psiônica e vários outros assuntos questionáveis. Por outro lado, eu devia muito a ele e me sentia culpado de publicar sobretudo com Gold, que tinha lançado consecutivamente dois de meus livros em fascículos. Mas

como ele não tinha nada a ver com o planejamento de *O Sol Desvelado* , eu podia fazer com ele o que quisesse.

Portanto, ofereci o romance a Campbell, e ele o aceitou sem demora. Foi publicado em três partes nas edições de outubro, novembro e dezembro de 1956 da *Astounding* , e Campbell não mudou meu título. Em 1957, foi publicado pela Doubleday como meu vigésimo livro.

Esse livro vendeu tão bem quanto *As Cavernas de Aço* , se não mais, e a Doubleday logo ressaltou que eu não podia parar por ali. Eu teria que escrever um terceiro livro e fazer uma trilogia, do mesmo modo como os meus três livros da série *Fundação* formavam uma trilogia.

Eu estava totalmente de acordo. Eu tinha uma vaga ideia do enredo do terceiro livro e tinha um título – *The Bounds of Infinity* .

Em julho de 1958, minha família estava passando três semanas de férias em uma casa na praia em Marshfield, Massachusetts, e eu tinha planejado trabalhar e escrever um pedaço considerável do novo romance ali. O cenário seria Aurora, onde o equilíbrio entre humanos e robôs não pesaria nem para o lado dos humanos, como em *As Cavernas de Aço* , nem para o lado dos robôs, como em *O Sol Desvelado* . Além disso, o romance apareceria com muito mais força.

Eu estava pronto – e, no entanto, algo estava errado. Gradualmente, eu tinha passado a me interessar mais por não ficção na década de 1950 e, pela primeira vez, comecei a escrever um romance que não fluía. Quatro capítulos depois, meus esforços desvaneceram e eu desisti. Decidi que, no fundo, sentia que não conseguiria trabalhar no romance, não conseguiria equilibrar a mescla entre humanos e robôs de maneira adequada e uniforme.

Por 25 anos, o livro continuou assim. *As Cavernas de Aço* e *O Sol Desvelado* nunca desapareceram ou ficaram esgotados. Foram publicados juntos em *The Robot Novels* e com uma série de contos em *The Rest of the Robots* , além de várias edições em brochura.

Portanto, por 25 anos, os leitores tiveram esses dois romances à disposição para ler e, suponho eu, para se divertir. Como consequência, muitos me escreveram pedindo um terceiro romance. Nas convenções,

faziam esse pedido diretamente. Ela tornou-se o pedido mais inevitável que eu receberia (exceto pelo pedido por um quarto romance da *Fundação*).

Toda vez que me perguntavam se eu pretendia escrever um terceiro romance de robôs, eu respondia:

– Sim, algum dia, então rezem para que eu tenha uma vida longa.

De certa forma, eu sentia que devia fazer isso, mas, com o passar dos anos, eu tinha cada vez mais certeza de que não conseguiria trabalhar com ele e estava cada vez mais convencido de que um terceiro romance nunca seria escrito.

Entretanto, em março de 1983, apresentei à Doubleday o "tão esperado" terceiro romance de robôs. Ele não tem relação nenhuma com aquela tentativa malfadada de 1958 e seu título é *Os Robôs da Alvorada* . A Doubleday o publicou em outubro de 1983.

– Isaac Asimov

Nova York

SOBRE O AUTOR

I SAAC A SIMOV nasceu em Petrovich, Rússia, em 1920. Naturalizou-se norte-americano em 1928. O Bom Doutor, como era carinhosamente chamado por seus fãs, escreveu e editou mais de quinhentos livros, entre os quais O fim da eternidade , Os próprios deuses e a série Fundação – contemplando a Trilogia e outros quatro títulos que ampliam a saga –, além das histórias de robôs. Asimov alcançou sucesso não apenas com suas mundialmente famosas obras de ficção científica, mas também com tramas de detetive e mistério, enciclopédias, livros didáticos, textos autobiográficos e uma impressionante lista de artigos sobre os mais variados aspectos da ciência.

Morreu na cidade de Nova York em 1992.

1- Citação adaptada de uma fala da obra *Macbeth* , de William Shakespeare. [N. de T.]

2- Verso ligeiramente invertido de uma canção popular norte-americana, "Old Aunt Jemima", escrita por Billy Kersands em 1875 (*No knife can cut our love in two*). [N. de T.]

3- No original , For *I'm Little Buttercup, sweet Little Buttercup.* Alusão a uma canção da ópera cômica *H.M.S. Pinafore* (1878), assinada por W. S. Gilbert e Arthur Sullivan, respectivamente libretista e compositor britânicos que formaram uma das mais famosas parcerias do teatro vitoriano. [N. de T.]

4- Primeiros versos de "There Grew a Little Flower", ária final da ópera *Ruddigore* , de 1887, composta por W. S. Gilbert e Arthur Sullivan. [N. de T.]

5- Referência a versos de "I've Got a Little List", canção da ópera *The Mikado*, composta por Gilbert e Sullivan em 1885. [N. de T.]

6- Versos da canção "When I First Put This Uniform On", da ópera cômica *Patience* (1888), de Gilbert e Sullivan. [N. de T.]

7- Versos da canção "The Lord Chancellor's Nightmare", da ópera cômica *Iolanthe* (1882), de Gilbert e Sullivan. [N. de T.]

8- Referência à protagonista de *Pollyanna* e *Pollyanna Moça* , de Eleanor H. Porter, e seu jogo do contente, que consistia em ver o lado positivo das coisas, mesmo quando se tratava de algo desagradável. [N. de T.]

9- Alusão a "*I'll Be Glad When You're Dead, You Rascal You* ", canção escrita por Sam Theard em 1931 e gravada por ícones do jazz como Louis Armstrong e Louis Jordan. [N. de T.]

10- Expressão derivada do latim, *quod erat demonstrandum* , geralmente empregada ao final de uma demonstração matemática e que significa "como se demonstra". [N. de T.]

11- Citação do verso final do poema *The Hollow Men* , de T.S. Elliot, traduzido por Ivan Junqueira (*Not with a bang, but with a whimper*). [N. de T.]

12- Antigo nome de Jacarta, capital da Indonésia. [N. de T.]

EU, ROBÔ

TÍTULO ORIGINAL: I, Robot
CAPA: Pedro Inoue
COPIDESQUE: Opus Editorial
REVISÃO: Isabela Talarico | Hebe Ester Lucas
PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Desenho Editorial
ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Manipula
VERSÃO ELETRÔNICA: Cláudio Braghini
REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA: Natalli Tami
EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim | Bárbara Prince | Júlia Mendonça
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM DOUBLEDAY, UM SELO DA THE KNOPF DOUBLEDAY PUBLISHING GROUP, UMA DIVISÃO DA RANDOM HOUSE LLC.

EDITORA ALEPH

Rua Lisboa, 314
05413-000 – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

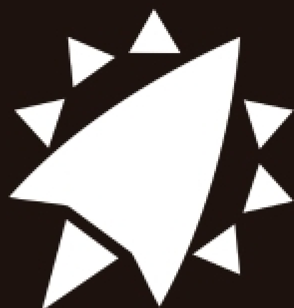
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGACÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992.
Eu, robô [livro eletrônico] / Isaac Asimov; tradução Aline Storto Pereira. --
São Paulo : Aleph, 2015
482 Kb; ePUB

Título original: I, Robot
ISBN 978-85-7657-203-9

1. Ficção científica norte-americana I.Título.
15-05820   CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876



TRILOGIA DA
FUNDAÇÃO
ISAAC ASIMOV

Box Fundação - Trilogia

Asimov, Isaac
9788576574446
693 páginas

Compre agora e leia

Obra máxima do escritor Isaac Asimov, os três livros que compõem a — Trilogia da Fundação 'Fundação', 'Fundação e Império' e 'Segunda Fundação' —, foram eleitos, em 1966, a melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien. A trilogia conta a história da humanidade, em um ponto distante no futuro, no qual o visionário cientista Hari Seldon prevê a destruição total do império humano e de todo o conhecimento acumulado por milênios. Incapaz de impedir a tragédia, ele arquiteta um plano ousado, no qual é possível reconstruir a glória dos homens. Se tudo correr como planejado. Esta edição é inédita no Brasil, pois além da nova tradução, traz as modificações feitas pelo autor nos anos 1980, quando decidiu integrar todas as suas obras em uma única continuidade temporal. Este box contém os livros: 'Fundação', 'Fundação e Império' 'Segunda Fundação'.

Compre agora e leia


PHILIP K. DICK
O homem do castelo alto

O homem do castelo alto

Dick, Philip K.
9788576571476
304 páginas

Compre agora e leia

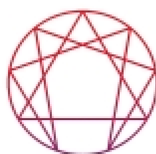
Neste livro que é considerado por muito o melhor trabalho do autor, Dick apresenta um cenário sombrio: a Segunda Guerra Mundial foi vencida pelos Nazistas. O mundo vive sob o domínio da Alemanha e do Japão. Os negros são escravos. Os judeus se escondem sob identidades falsas para não serem completamente exterminados. É nesse contexto que se desenvolvem os dramas de vários personagens. Ao apresentar uma versão alternativa da história, Dick levanta a grande questão: "O que é a realidade, afinal?"

Compre agora e leia

BEATRICE
CHESTNUT

O ENEAGRAMA COMPLETO

O mapa definitivo para o autoconhecimento
e a transformação pessoal



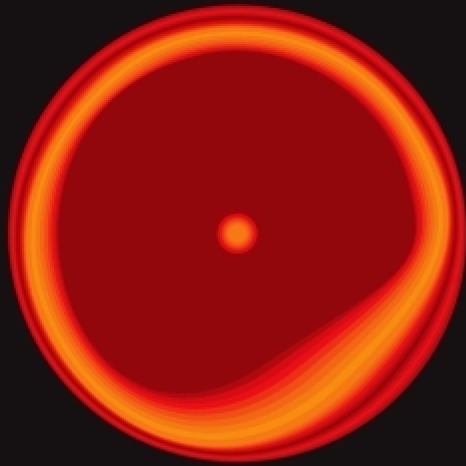
goya

O eneagrama completo

Chestnut, Beatrice
9788576574682
576 páginas

O eneagrama é um dos mais antigos e poderosos sistemas de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, profissional e espiritual. Com base na milenar figura geométrica, essa sabedoria revela os 9 tipos de personalidade do ser humano, cada qual com suas particularidades e visão de mundo. Um guia extraordinário para se trilhar o caminho mais árduo do trabalho interior: perceber, reconhecer e aceitar virtudes, potencialidades e limitações. Em O Eneagrama Completo, tido como um dos mais importantes livros do mundo sobre o tema, Beatrice Chestnut faz uma profunda imersão nos 9 tipos de personalidade, com uma impressionante riqueza de detalhes, permitindo ao leitor reconhecer-se e iniciar seu processo de autodescoberta. Uma obra abrangente e fundamental, dedicada tanto a iniciantes quanto àqueles que já conhecem o Eneagrama e querem se aprofundar em seu estudo.

Compre agora e leia


2001
UMA ODISSEIA NO ESPAÇO
ARTHUR C. CLARKE

2001: Uma odisséia no espaço

Clarke, Arthur C.
9788576571711
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1968 chegava aos cinemas o épico espacial que marcaria para sempre a indústria cinematográfica, 2001: Uma Odisseia no Espaço, considerado um dos mais importantes e influentes filmes da história. A obra teve seu roteiro escrito a quatro mãos, pelo autor de ficção científica Arthur C. Clarke e pelo cineasta Stanley Kubrick. O filme revolucionou a indústria do cinema com suas cenas inesquecíveis e efeitos visuais pioneiros para a época. O que poucos sabem é que 2001 é um dos raros casos em que o filme acabou por inspirar um autor a estender sua história para as páginas de um livro. Enquanto trabalhava com Kubrick nos detalhes do roteiro a ser utilizado pelo diretor, Clarke encaminhava, em paralelo, uma versão mais extensa e detalhada da história, que foi lançada no mesmo ano, logo após a exibição do filme. A edição da Aleph traz os extras: uma nota de Clarke na ocasião do falecimento do Kubrick (às vésperas da chegada do tão esperado ano de 2001); as traduções dos contos A Sentinela e Encontro no Alvorecer, fundamentais na composição deste clássico (informação confirmada pelo próprio autor em sua nota à Edição Comemorativa do Milênio, também contida neste livro). O romance, assim como o filme, inicia-se no alvorecer da humanidade, a fome e os predadores já ameaçavam de extinção a

incipiente espécie humana. Até que a chegada de um objeto impossível, além da compreensão das mentes limitadas do homem pré-histórico, prenunciasse o caminho da evolução. Milhões de anos depois, a descoberta de um enigmático monólito soterrado na Lua deixa os cientistas perplexos. Para investigar esse mistério, a Terra envia para o espaço uma nave tripulada por uma equipe altamente treinada, assistida por um computador autoconsciente. Do passado distante ao ano de 2001, da África a Júpiter, dos homens-macacos à inteligência artificial HAL 9000, penetre a visão de um futuro que poderia ter sido, uma sofisticada alegoria sobre a história do mundo idealizada pela mente brilhante de Clarke e imortalizada nas telas de cinema por Kubrick.

Prof. PIER

PIERLUIGI PIAZZI

aprendendo

inteligência



MANUAL DE INSTRUÇÕES DO
CÉREBRO PARA ESTUDANTES EM GERAL

goya

Aprendendo inteligência

Piazzi, Pierluigi
9788576572220
144 páginas

Escrito pelo prof. Pierluigi Piazzi, Aprendendo Inteligência é um manual dedicado aos estudantes de todos os níveis. Com dicas simples e fáceis de por em prática, o livro contraria o conceito de que a inteligência é um fator inato e ensina o leitor a usar a própria inteligência para se tornar uma pessoa mais capacitada. Além das preciosas dicas, Aprendendo Inteligência também apresenta um panorama do que há de errado nas escolas e na maneira como os alunos encaram os estudo, mostrando que os erros mais comuns podem ser evitados e o tempo pode ser melhor aproveitado, possibilitando que se estude menos e se aprenda muito mais!

Compre agora e leia